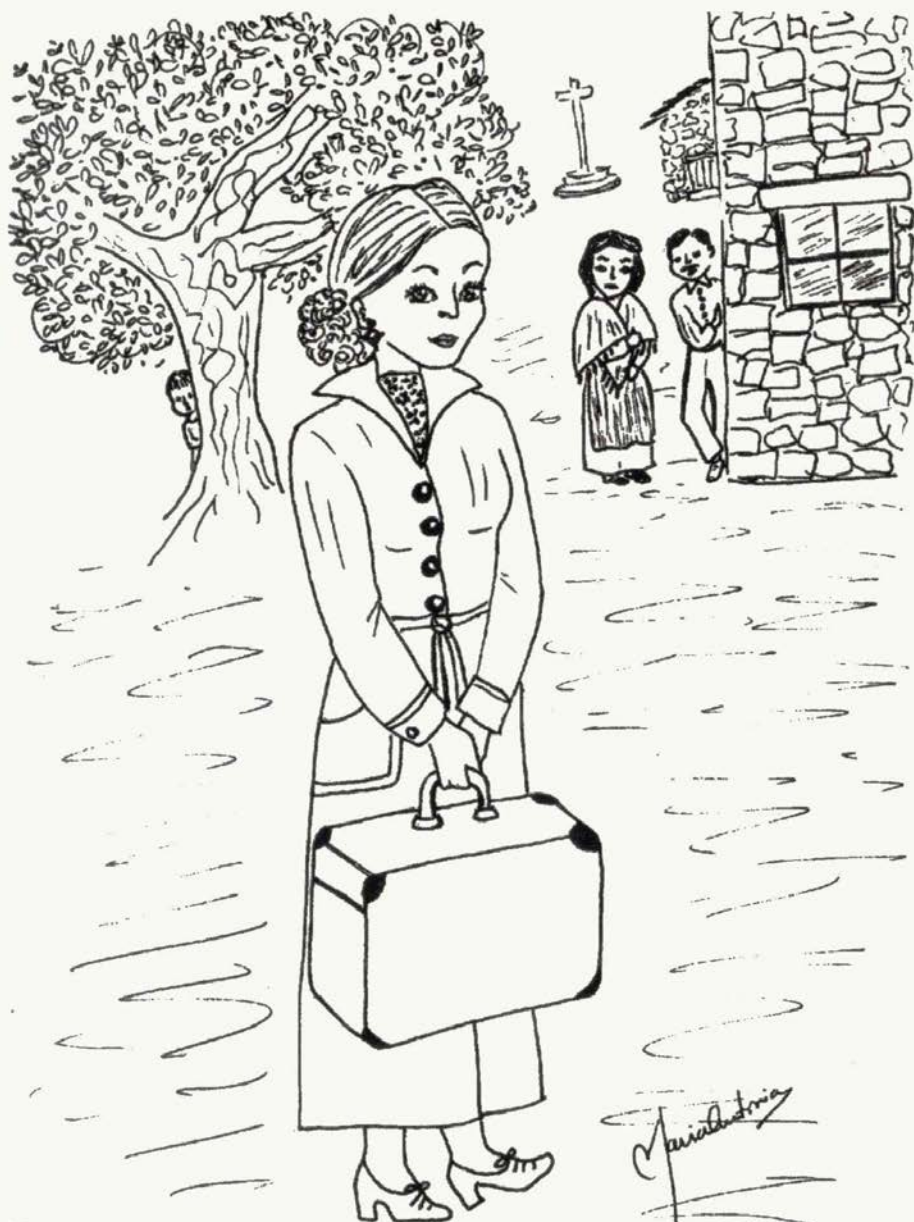


António dos Santos Vicente



PROFESSORES MISTERIOSOS

Professores Misteriosos

Professores Misteriosos é uma obra que irá abrir a mente de quantos viveram esses tempos difíceis, e mostrará às novas e vindouras gerações o quão duro e sacrificado foi a vida dos seus antepassados; mesmo para obterem a luz da instrução.

As narrações aqui escritas são na maioria baseadas em histórias reais, ornadas e compostas pela imaginação do autor. E as figuras nelas inseridas são também fictícias, tal como os lugares e aldeias, à exceção dos concelhos.

Penedais é o nome que o autor deu a uma terra, algures em Pampilhosa da Serra, com algumas ampliações imaginárias para melhor realçar os episódios que constam nesta obra. As histórias aqui relatadas, e seus autores, são de diferentes lugares desta zona beirã.

E, tal como Hollywood serrano, Penedais foi o lugar escolhido para realizar este trabalho, que não diz só respeito aos beirões das aldeias isoladas das beiras, mas a tantos outros portugueses, do Minho à Madeira, e dos Açores ao Algarve, que viveram estas e tantas outras dificuldades.

Penedais uma das mais lindas terras
Mas só na imaginação do autor...
Rodeada de arvoredos e altas serras
Mãe dum povo tão digno e sofrido.

Difíceis caminhos, montes magestais!
Onde a natureza era um cenário...
Crianças, que enfrentavam temporais
Quando iam aprender o abecedário.

Hoje... tem luz... água e estradas...
Casas grandes, com conforto desabitadas
Outrora pequenas... e sempre cheias!

Se não houver quem escreva do passado!
A esponja do tempo terá o cuidado...
De apagar... até o nome das aldeias.

Composição: Autor
Impressão e Encadernação: J. Santos
Tiragem: 500 ex.
N.º de Depósito Legal 167712/04

António dos Santos Vicente

PROFESSORES MISTERIOSOS

2004

PREFÁCIO

Todo o cidadão que se preza, deve ter orgulho da sua Pátria, da sua terra, das suas tradições, sua gente, mesmo que pobre e humilde. É nesse torrão sagrado que estão as suas raízes, que repousam as cinzas dos seus antepassados. Esta é a sua cultura!

O lugar onde se nasce e cresce, é sempre recordado com saudade e até com alguma nostalgia. Foram tempos áureos da nossa juventude, que já não voltam mais. E mesmo que dela existam algumas amargas recordações, são lembranças sedutoras, que nunca morrem na mente de cada um.

Não é fácil esquecer-se a aldeia onde ingerirmos os primeiros alimentos, demos os primeiros passos, aprendemos as letras do alfabeto, e também a dizer a palavra “mãe”. É ali onde estão as mais lindas recordações dos nossos primeiros amores.

Mocidade.... Mocidade!

Que já tão distante vais...

Dela só resta a saudade

Vieste uma vez, e não mais!

A gente rural sentia mais pela sua terra que os nascidos nas cidades. Isso deve-se às muitas dificuldades e sacrifícios dos meios aldeãos, sobretudo nas terras da Beira Interior. Talvez pelas circunstâncias climatéricas, pelo seu isolamento e pobreza.

Aqui se nascia, vivia e morria, sem se conhecer outro mundo, e assim se perderam tantas inteligências, por não terem uma oportunidade. Excepto pelos que conseguiram quebrar os grilhões do isolamento e arriscaram uma aventura emigratória. Destes, foram poucos os que não tiveram sucesso.

Quantos voltaram às escolas, em adultos, para conseguirem uma melhor posição social? Alguns, iriam mesmo até aos bancos das universidades. Muitos beirões se destacaram nos seus trabalhos, como no caso da Polícia, onde chegaram aos mais altos postos hierárquicos daquela instituição.

Outros, evidenciaram-se em lugares diferentes, como no ramo comercial. Na sua maioria, subiram a pau e corda, na ânsia do querer vencer. Foram estes aventureiros que mais tarde deram às suas terras o grande valor regionalista, criando colectividades, como as chamadas “ligas de melhoramentos”.

Estas colectividades - que eu saiba - só existiam nos três concelhos vizinhos de Pampilhosa, Arganil e Góis. Nos do concelho do Fundão, e até do Distrito de Castelo Branco, desconheciam-se estes métodos de progresso.

Guiado pelo orgulho de ser beirão, o autor põe nesta obra a ênfase do que foi o viver desses povos, no passado. Do seu isolamento, cujo mundo era apenas o que os olhos alcançavam no horizonte em redor, dos hábitos e costumes seculares, assim como das tradições regionais, que eram por todos respeitados. Cada terra tinha a sua própria linguagem, que só eles percebiam na totalidade. Eram os autores dos seus divertimentos, e de tantas canções, que cantavam na sua faina diária, quer nos montes, quer nos campos, tanto nas alegrias, como para espantar as tristezas. Muitas dessas melodias eram assobiadas em todos os lugares e caminhos, mesmo nas suas casas, a qualquer hora. Era o folclore duma mocidade pobre, mas alegre e sadia.

Eram eles os inventores da maioria dos remédios que usavam para curarem os seus males e mazelas. E, como que independentes dum governo que os desconhecia e desprezava, tinham algumas leis próprias, a que todos obedeciam e respeitavam. Assim, cada aldeia tinha a sua própria cultura.

De tudo, o que esta gente beirã mais temia, eram as leis da Natureza. Sobretudo as climatéricas, das quais muito dependiam as suas produções agrícolas de cada ano. O tempo era o seu rei, umas vezes benévolo, dando o pão em abundância, outras severo e cruel, punindo-os com a miséria e a fome.

Muitas destas povoações do interior, a cada dia que passa, estão a esvaziar-se de vida humana. Já não se vê o fumo nas lareiras das cozinhas, a sair pelos telhados. Já não se ouvem os animais domésticos a berrar pelas suas crias, nem o sino da igreja a bater as horas, ou a anunciar o doce som das trindades.

Vêem-se é casas fechadas, muitas a caírem em ruínas, já sem haver alguém que possa contar as vivências do passado. E todo esse folclore colorido que fazia a cultura dum povo, perder-se-á nas trevas da solidão, sem deixar vestígios dessa civilização em miniatura. Sem nada haver escrito, que sirva de roteiro do passado. Essa é a razão porque o autor escreveu este livro.

Esta obra não se refere apenas às aldeias, mas também à vida citadina, no tempo dos pregões matinais: os aguadeiros, as casas de malta, os

banhos municipais, a sopa dos pobres, as sentinas públicas, e tantas coisas mais que foram a vivência do passado.

É um texto cheio de coincidências e factos reais, que marcam a era dum povo humilde, mas digno, pobre, mas honesto, iletrado, mas inteligente, forte, mas pacífico, palrador, mas duma só palavra. Um “sim”, de mão apertada, tinha o valor duma escritura.

Lavacolhos (Fundão), Outono de 2003

David Carvalho Garcia

Gosto muito do meu torrão
De Portugal, de lés-a-lés
Eu adoro o meu Fajão
Mesmo pobre como és

Quem não ama a sua terra
Também não ama o seu País
As belezas que nela encerra
É coisa que muito nos diz.

Sou da Beira, sou beirão
Pelas Beiras tenho amor
Sou um português cidadão
Seja onde quer que for.

Não tenho vergonha em falar
Da miséria que ali passei
E à escola ter que voltar
Nesse mundo por onde andei.

Tirei tanto proveito dela!
Essa luz me ensinou...
Que não há terra mais bela
Que aquela que me germinou.

O NAMORO DA CLARINDA

Era já lusco-fusco quando Clarinda pegou na rodilha e tirou da cantareira o cântaro para ir à fonte. Não bem pela necessidade da água, mas para falar com Justino, com quem começara a namorar, ainda em segredo, e que agora se encontrava de férias na aldeia.

A fonte não ficava muito longe da sua casa e, das três existentes na povoação, todas conhecidas pelo seu próprio nome, esta era a fonte de baixo.

Ficava ao fundo da terra, num local rodeado por algumas árvores frondosas, cuja sombra facilitava os namoricos, em dias de Sol ardente, mas que também servia para esconder, em noites de luar. O caminho serpenteava por uma quelha, com dois elevados muros de cada lado. Mesmo com o cântaro à cabeça, só se viam quando chegavam à rua principal.

Nos dias de Verão - mais quando a mocidade ali estava de férias - quase sempre ao alardear, na quelha, a caminho da fonte, encontrava-se, aqui e ali, um par de namorados. Uns que iam, outros já de volta, com os cântaros cheios à cabeça, falando por tempos sem fim. Elas iam ouvindo com algum entusiasmo – ou simplesmente ouvindo – as promessas que eles faziam: umas verdades, outras meias verdades, e tantas outras falsas e enganosas.

Nesse fim do dia, com a claridade solar a desfalecer no poente, esta ia dando lugar ao escuro da noite, que em pouco ficaria como breu, quase sem darem por isso.

Durante a noite, essa estreita viela quase só era usada pelos que iam à fonte, razão pela qual, mesmo ainda com alguma claridade, os namorados estavam mais ou menos à vontade. Dessa vez, apenas o Justino esperava a Clarinda – a moça mais linda da aldeia – tal como tinha sido combinado.

Quando a rapariga chegou, e depois de algumas palavras amorosas, o Justino aproveitou a boa ocasião daquele silêncio humano, para convencer a jovem namorada, de dezassete anos, a irem para o milheiral. A sua versão era a de estarem mais à vontade. Mas, a moça, firmemente, recusou. Com um forte aviso de não mais tentar a ideia, nem fazer tais convites, pois isso seria o fim do recente namoro. E, assim, a Clarinda foi encher o cântaro, sem que houvesse mais conversa.

Mas quem eram Clarinda, e Justino?

Clarinda era a mais bela rapariga da aldeia, não apenas em formosura, como inteligência, bondade, qualidades de trabalhado e esperteza. O pai morrera tuberculoso quando tinha trinta e seis anos, deixando a mãe viúva, com trinta e três e dois filhos órfãos: ela, com oito e o irmão, com doze.

A sua mãe, Ti-Amália Tecedeira - este o epíteto pelo qual era conhecida em toda a freguesia, e não só - era bastante jovem quando enviuvou e, ainda que bonita e atraente, nunca mais quis casar. Não por lhe faltarem oportunidades, pois apareceram-lhe algumas, e boas, mas ela sempre as rejeitou. Usava dizer: - Não quero dar padrasto aos meus filhos! E assim se manteve, no celibato, para o resto da vida.

Com o seu tear - o único que havia por aquelas redondezas - não lhe faltava trabalho. A sua maior actividade era no linho, cultivado por quase todas as famílias, naquele tempo. Mais adiante explicarei um pouco, aos meus leitores, as voltas que levava este herbáceo, até chegar aos teares. Também se ocupava, em parte, nas chamadas mantas de trapos, feitas de fitas, que se rasgavam das roupas velhas, que já não tinham mais utilidade. As mulheres guardavam-nas, em rolos, para quando chegassem os serões do Inverno.

O filho sempre viveu na terra, com a mãe e a irmã, até ir para a vida militar. Agora residia em Lisboa, e era agente da PSP. A mãe lembrava-se de ele lhe dizer, numa carta, que andava na escola de adultos, para aprender algo mais, o que não conseguira em criança. Mas, mesmo esse pouco, fora mais do que o da irmã, que ficara quase analfabeta, por falta de professores.

A casa da Ti-Amália, além de ser a maior da aldeia, era também a que já tinha melhores condições de higiene, sendo ali que os professores ficavam a cada ano.

Os anos de escolaridade de Clarinda, tal como tantos outros, passaram ao lado, por falta de mestres de ensino, ficando assim condenados às trevas da ignorância. Mas tiveram a sorte de uma mestra que ali ensinou por duas épocas e dava aulas aos adultos, na sua residência. Fazia-o à noite, depois da ceia e muitos tiraram proveito desta caridade. Clarinda foi uma delas.

Este mal continuou a perdurar na aldeia, assim como em quase todas as terras vizinhas. Os mestres de ensino eram ali colocados no início do ano escolar, mas poucos meses depois davam baixa, e já não apareciam mais. As crianças ficavam sem escola, pois muito raro eram substituídos por outros professores. Isto repetia-se ano após ano, o grande mal por estas freguesias e aldeias da Beira Interior.

Nestas terras isoladas, esquecidas e abandonadas, os únicos professores que por lá se conservavam eram os que dali eram naturais, habituados ao ambiente da Natureza, onde esta era rainha e mãe.

Mas, mesmo esses, não eram todos que aceitavam viver ali. Faltava-lhes o prazer e o conforto, nunca encontrado nos desterrados ermos desses lugares. Sem luz, sem estradas, sem água canalizada, com casas sem o mínimo conforto, em lugares frios e sem distrações, ou passatempos, eram um verdadeiro desterro.

Essa era a razão por que ali faltavam os professores, médicos, e muitos outros servidores públicos. Tanto nas aldeias, como até nas sedes concelhias.

Quem para ali fosse destacado, tentava escapar-se o mais breve possível. No caso dos professores, para não perderem os seus direitos, iam, mas logo davam baixa por doença, ao mesmo tempo que procuravam outras escolas com melhores condições. Sem desistirem dessas, às quais estavam ligados. Se uma outra lhes saísse, no ano seguinte, a anterior ficaria sem professor - visto que estava ali um atribuído. Se não calhasse, voltavam, no ano seguinte, repetindo-se a mesma façanha. Para as crianças, ainda sem o peso da responsabilidade, isso pouco as incomodava. O não haver aulas, era para elas uma festa. O mal viria depois e, assim, os anos escolares iam passando e os analfabetos aumentando.

Ainda hoje tal mal continua, em especial com os médicos e professores. Mesmo com a já pouca diferença entre as aldeias e cidades, quer no campo do conforto e divertimentos, como até em condições de vida. A que se juntam algumas regalias de deslocação, e ainda se esquivam de ali prestarem serviço.

Justino era o mais novo dos cinco irmãos, conhecido por aguadeiro. Essa alcunha vinha-lhe do pai, por ter sido distribuidor de água em Lisboa, nos tempos em que esta não chegava aos pontos mais altos da cidade.

Havia os chamados aguadeiros, aqueles cuja ocupação era acarretar água dos fontanários públicos, levando-a às pessoas desses locais, mediante um pagamento semanal, ou um tanto por cada barril. Estas casas só viriam a ter águas nas torneiras nos fins dos anos quarenta, quando a Companhia fez novos depósitos e criou novas tecnologias.

Por essa razão, quem vivia nas casas mais elevadas tinha que se fornecer de água dos fontanários públicos para todas as necessidades domésticas, tanto para a limpeza como para o uso culinário. E, como

muitas dessas pessoas não podiam, ou não queriam ter tal trabalho, havia os aguadeiros, que faziam disto o seu modo de vida e o seu ganha-pão. Era por isso que estes também faziam parte dos pregões de Lisboa: “Quem quer áauga?”, “Cá está o aguadeiro!”, ou “Olha a áauga, olha o barril!”

O pai do Justino emigrou para o Brasil quando os filhos ainda eram pequenotes. E, tal como tantos outros, por lá se perdeu. Ainda escreveu duas ou três vezes à mulher, mas acabou por não mais querer saber dos familiares que ficaram atrás.

Valeu a estes um tio, também aguadeiro, que levou os sobrinhos para junto de si, ao deixarem a escola. Ia-os buscar, e ajudava a mãe, com algum dinheiro. Como não tinha filhos, fez-lhes tudo o que pôde e estava ao seu alcance, para que não sentissem a falta do pai. Mais tarde, a esposa morreu, vindo ele a casar com a mãe dos sobrinhos, sua cunhada, agora viúva.

Quando Ti-Amália veio a saber do namoro da filha, ficou muito aborrecida com ela, porque não gostava daquele casamento. Não porque tivesse algo contra o rapaz, ou que ele fosse mau. Mas, segundo dizia, “os rebentos da mesma figueira dão todos figos iguais”. Por isso, tinha medo daquela ligação. Além disso, como ele não fora criado na aldeia, também nada conhecia, ou sabia, a seu respeito.

A mãe, em jeito de conselho, ia dizendo à rapariga: “Ainda és tão nova, e, com tantos rapazes que te procuram, e gostam de ti, capazes de te fazerem feliz, não sei porque os rejeitas e te viras para esse, só porque é um galã. Não esqueças, minha filha, que as aparências, por vezes, iludem. Queres-te prender por alguém que mal conheces, só porque está em Lisboa e aqui aparece, feito fidalgo. Ele é, sem dúvida, um rapaz perfeito, mas a beleza não é tudo na vida e por vezes engana. Todo ele é o pai, até no jeito de rir e de falar. Se o for também na maneira de proceder, será uma desgraça para ti. Era isso que não queria, e é isso que tanto temo. Não queria ver a minha filha, um espelho da sua mãe. Que além de tudo, ainda teve sorte, por ter um cunhado que foi para os sobrinhos mais do que um pai. Mas em tais circunstâncias não irás ter a mesma sorte:”

Clarinda ia ouvindo as palavras sinceras da sua mãe, que ela, sem dar resposta, ouvia como que uma lengalenga e ia pensando para consigo: “Também não será tanto assim...” E, já depois de muito ouvir e nada escutar, pronunciou, em tom de respeito e humildade:

- A mãe também costuma dizer que dum mau ninho nasce um bom passarinho, e vice-versa...

- É verdade eu dizer isso, minha filha! Mas não penso que seja para ti um bom passo...

- Não podemos pensar assim, minha mãe! Lá porque o pai tenha feito o que fez, que culpa tem o rapaz? É muito bem-falante, e penso ser até respeitador. Ao dizer estas palavras, Clarinda lembrou-se daquela vez, na fonte, quando ele a quisera levar para dentro do milheiral, para abusar de si. Mas logo pensou para consigo: "Os rapazes são todos iguais e qualquer outro faria o mesmo..."

Quanto mais conselhos a mãe lhe dava, mais forte era a sua atracção por ele. A mãe acabou por se render àquela luta de avisos e recusas, e lembrou outro conhecido adágio à filha: "Quem bem fizera a cama... nela se há-de deitar!"

A pobre tecedeira foi vencida pela teimosia da rapariga, mas nunca convencida de ser um bom casamento. Contrariada, lá se foi habituando àquele namoro, e até já arrependida de tanto ter insistido para que tal não fosse avante. Mas só queria o bem da filha. Assim, ia pedindo a Deus pela sua felicidade, para que ele não fizesse o mesmo que o pai fizera.

A luz que o Sol expedita
Sobre os verdes milheirais
Fez Clarinda a mais bonita
Das moças dos Penedais.

Fez-se adulta e crescida
Duma beleza sem par
Era a mais apeteçada
Das raparigas do lugar.

Os jovens são todos iguais...
Em qualquer época ou lugar
Raro ouvem os seus pais
Só depois no seu penar.

A fantasia, própria da idade
Faz por vezes tanta asneira
Todos desejavam a cidade
Ninguém queria a aldeia

Esta jovem se enganou...
E muitas outras também
Bons rapazes desprezou
Que lhe queriam tanto bem.

Ao Justino se entregou
Por ser moço da cidade
Só que depois não a levou
Sendo vítima da falsidade

O CASAMENTO DA CLARINDA

O tempo não parou, e aquele namoro também não. Assim, o dia chegou, para mais um enlace matrimonial na aldeia dos Penedais.

Devido à consideração e estima que toda gente tinha pela mãe, filha e extensiva ao filho, este acto matrimonial foi acompanhado de muita amizade e carinho. Mesmo por pessoas das aldeias vizinhas. Isto pôs na mãe uma maior preocupação, pois quanto mais povo, maiores eram as suas dores de cabeça. Estava previsto ser um casamento dos mais concorridos de sempre, naquele lugar.

Como não havia supermercados no tempo, nem dinheiro disponíveis como hoje, sempre que os pais esperavam um casamento na família, iam-se preparando antecipadamente para esse evento. Às vezes com muitas semanas e meses de antecedência. As bodas na aldeia tinham sempre duração duma semana, com quase toda a gente do povo a conviver e ajudar.

Estes casamentos, celebrados nas igrejas e capelas das aldeias serranas - bem ao contrário dos das cidades - eram cheios de usos, costumes e tradições, que lhes davam um verdadeiro colorido de alegria e afecto.

Na parte eclesiástica, havia os chamados "pregões", em que o Padre lia na igreja para os fiéis - com duração de três domingos seguidos - os nomes dos que iam casar. Tal, era como que um alerta, em caso de haver alguém sexualmente lesado, que tinha o legítimo direito de impedir este acto.

Por esse trabalho dos pregões, era uso, em vésperas do casamento, os noivos levarem ao Vigário uma cesta cheia das primícias da boda, recebendo em troca uma palestra de bons conselhos. Estas e outras tradições, variavam de aldeia para aldeia, ou de padre para padre.

Também na semana do casamento, ele e ela teriam de se ir confessar – mas parece que tinha que ser ao padre que os casava – para, em caso de já ter havido algo entre eles, lhes ser perdoado e não comungarem em pecado mortal. Mas, segundo a versão de certos maldizentes – que não sei se corresponde à verdade - quando elas já não estavam virgens, havia uma certa vela que não era acesa no altar, no dia de núpcias. Será verdade? Não importa! Para Clarinda, todas elas foram acesas.

Duas coisas que nunca falhavam, eram a chamada fatia dada à miudagem, que constava de uma pequena moeda e confeitos, à saída da igreja e as filhós e vinho, que iam dando às pessoas que encontravam a caminho de casa.

Deixemos agora as tradições e voltemos às acções. Uma semana antes do casamento, iniciavam-se os preparativos da festa. A primeira coisa era acartar a lenha para assar a carne no forno, das rês que iriam matar, dependendo sempre do número de convidados.

As pessoas com mais experiência e habituadas a estas andanças, eram sempre as escolhidas para tomarem a liderança desta difícil tarefa. Estas, logo elaboravam uma lista das coisas a fazer, e quando deveriam ter lugar.

Uma grande parte da gente da aldeia ajudava nestes casamentos, quer em serviço, quer em dádivas. Ovos era o que geralmente mais ofereciam, e também o que mais era preciso, pelos muitos doces que eram feitos nestas ocasiões.

Assim, o enlace da Clarinda e Justino veio a ter lugar num lindo dia primaveril, sem necessidade de orquestra. A passarada, nos ramos das árvores ao longo da estrada, a caminho da igreja, se encarregou dessa missão, com diferentes melodias. Também as floristas não tiveram necessidade de fazer flores de papel, como era costume em outras ocasiões. A Primavera sempre teve muitas e variadas flores, para nos oferecer.

Com quase toda a gente da povoação, e outros familiares – de ambas as partes - vindos de Lisboa, e não só, o lugar dos Penedais assistiu ao casamento mais concorrido, nunca antes visto nas redondezas.

Estava-se na terceira semana do mês de Abril. Os sinos da igreja anunciavam, pela primeira vez nesse ano, o toque da união entre dois seres. O som nunca discriminava ninguém. Quer para ricos, quer para pobres, quer para bons, quer para maus, quer para bonitos ou feios, o seu tom tinha o símbolo da justiça, da fraternidade e da igualdade.

No acto da celebração, o Padre Coimas alvitrou o que era o casamento. As responsabilidades e deveres que cabiam a cada um, tanto no campo do respeito mútuo, como numa total compreensão de perdão. Em todas as falhas que devem ser abolidas e desculpadas.

E continuou:

- Estou crente que Deus vos irá abençoar com filhos, mas essa criação Divina que é o fruto desta união, é também a semente do vosso amor, a força do vosso sangue e a vontade do vosso ser. Recairá sobre vós a responsabilidade da disciplina, da educação, do respeito e tudo o que mais depende de vós. Sem esquecerem que o exemplo é o principal acto, pelo bom ou mau caminho dos vossos filhos. Um mau exemplo é algo detestável aos olhos de Deus e do mundo, que deve ser repudiado

e condenado! Mesmo que tal seja praticado por alguém que consideramos e nos diga respeito.

E o discurso continuou, sempre no mesmo tom. Depois da longa e bem adequada palestra, o Padre Coimas declarou-os casados e a porta principal da Igreja voltou a abrir-se, para agora saírem, já como marido e esposa.

Cá fora, no adro, junto da porta de saída, as floristas esperavam os nubentes para lhes atirarem as flores da boa sorte, ao mesmo tempo que os iam beijando e abraçando.

Os convidados e assistentes enchiam por completo o recinto da Igreja, e todos se aproximava da porta, para verem a Clarinda com o seu lindo vestido de linho branco, que a própria mãe tecera e fizera para o casamento da filha. De todos os cantos se ouviam palavras de felicitação ao jovem casal.

Às pessoas da terra, que por razões várias não puderam estar presentes nesta recepção festiva, foi-lhes levado parte da boda, mesmo antes de começar a festividade. Tal como era uso em Penedais e em muitos outros lugares.

Depois de alguns dias de muita alegria e animação, chegou a hora dos familiares e amigos voltarem às suas lides, que haviam deixado, para participarem neste evento. Apenas ficaram Justino e Clarinda, agora em plena lua de mel.

O PRIMEIRO DOS DOIS FILHOS

A mãe de Justino - que também estivera no casamento do filho e que prometera à comadre e à nora ali ficar por mais uns tempos, a fim de as ajudar nas tarefas da boda - era das mulheres mais entendidas no cultivo do linho, e na sua preparação, desde a estopa, até chegar a pano.

Esta cultura era então ainda muito usada e também muito trabalhosa. E, para os leitores ficarem com uma ideia do que era esta fibra, de que ainda tanto se fala, vou acrescentar uma pequena explicação.

O linho foi outrora muito cultivado em todo o país, mais nuns lugares que noutros, com relevância para os distritos de Castelo Branco, Coimbra, Guarda e também em Trás-os-Montes. Nos lugares do meu concelho, Pampilhosa, ainda conheci alguma gente a trabalhar no seu cultivo. As duas variedades mais conhecidas, nestes lugares, eram o galego e o mourisco.

Esta herbácea, muito semelhante ao trigo, era semeada em Outubro e colhida em Maio, quando já estivesse amarelado. Mas, ao contrário dos cereais, em vez de ceifado, era arrancado. Depois era ripado, para lhe tirarem a semente, ou "bagulha", da qual eram extraídos o óleo e a linhaça. Em seguida, era imerso em água, por cerca de duas semanas. E, uma vez tirado dali, era posto ao Sol. Depois de bem seco, era bem batido sobre uma pedra, com um instrumento de madeira rija.

De seguida, era passado pela grama, para lhe ser tirada a casca. Feita esta operação, era espadanado e batido, para ser cardado no sedeiro. O que daqui saía, era a estopa, enquanto o que restava era a fibra do linho puro.

Tanto o linho, como a estopa, iam depois para a roca, para serem fiados. O fio, que a tecedeira ia molhando com saliva, para facilitar a operação, era recolhido num fuso de madeira, onde se formavam os novelos, que iam para a dobadoira, donde saíam as meadas. Estas eram amassadas com cinza, molhadas e levadas ao forno, a uma certa temperatura. Ali estariam por alguns dias, sendo seguidamente lavadas, estendidas e expostas ao Sol, a corar, durante três dias, salpicadas frequentemente com água, para se manterem húmidas. Quando já brancas e enxutas, voltavam de novo à dobadoira, para se fazerem novelos.

E, finalmente, daqui iam para a urdideira, para estender o fio e ser posto no tear. O linho era para o pano fino; a estopa para um tecido mais ordinário.

É provável que esta explicação não esteja totalmente completa, mas

chega para dar uma ideia do quão trabalhoso era preparar esta fibra, até puder ser usada, em finas toalhas, ou como vestuário dos humanos.

Justino, que em namoro sempre prometera levar a Clarinda para Lisboa - sendo essa promessa o que a levava ao altar - tentava agora convencê-la de ser melhor ficar ali, por mais algum tempo, a fim de pôr as coisas em ordem, visto o alojamento para um casal ser bastante difícil. Tal como as despesas, que também seriam maiores. Clarinda, mesmo contrariada, não tinha outra opção que não fosse aceder.

Em casa, já todos sabiam que estava grávida, mas, o que ainda ninguém sabia, é que ela não iria para Lisboa. E era isso o que mais a incomodava, visto ser uma desilusão que não esperava. Justino não lhe fora sincero.

A filha da Ti-Tecedeira começou a ficar triste, e a pensar nas palavras ditas e repetidas pela mãe, sobre o seu casamento, com que ela tantas vezes se debatera. “As mães têm sempre razão”, pensava agora. “Nós é que somos estúpidas, em não lhes darmos ouvidos”. Mas talvez ela própria estivesse a levar as coisas longe demais. Era melhor esperar, para ver.

Ao fim da lua-de-mel, Justino voltara para a cidade. Iam já passadas três semanas desde que partira, sem ter uma carta dele. Perante tal estranheza, passou ela a escrever-lhe, a cada semana. Isso banhava-a em lágrimas, sem saber se por saudade, ou por revolta. Só ao fim de dois meses obteve a primeira resposta.

Chegou a altura da mãe de Justino voltar para Lisboa, e, como a rodovia ficava muito distante dos Penedais, para se sair daquele mundo teriam que andar uns bons quilómetros, a pé, feitos por caminhos de cabras, para apanharem a estrada de Castelo Branco, ou então a de Coimbra, onde já chegava a carreira.

Clarinda e a mãe foram acompanhá-la. Mas, nesse dia, em vez de esperarem no lugar que era costume, desceram a uma outra catraia, onde a camioneta passava e que tinha uma loja que vendia de tudo um pouco. A Ti-Amália precisava de algumas coisas para o seu tear.

No último adeus à sogra, a nora pediu-lhe para dizer ao filho que desse resposta às suas cartas, e que não procedesse daquela maneira. Também continuava à espera que ele a viesse buscar, tal como prometera. Para casar e estar afastada do marido, então seria melhor ter ficado solteira. Pelo menos, sempre era livre.

Lisboa era uma cidade feiticeira, que encantava as lindas donzelas destes lugares. Muitos namoros se quebravam com os rapazes da aldeia,

em favor dos das cidades. Alguns, a poucas horas do casamento. Não era porque fossem levianas, ou por falta de dignidade, mas sim para fugirem à escravidão da vida rural, dos carregos diários de mato e lenha, do frio, da chuva e do calor, dos trabalhos árduos do campo, juntamente com as privações e as necessidades. Tudo contribuía para que tal acontecesse, pois tantos eram os que não tinham uma alimentação eficaz, nem uma roupa decente, para vestirem aos domingos e nos dias de festa.

As pessoas das terras vizinhas, quando vinha à missa a Penedais, para não estragarem os sapatos, ou as botas, metiam-nos num saco, e só à entrada da aldeia os calçavam, deixando os tamancos escondidos, nos matos, para os voltarem a por nos pés no regresso a casa.

Era esta pobreza que fazia com que tantas raparigas tomassem, por vezes, atitudes pouco correctas e aceitáveis. Não se pode dizer que foi isso que Clarinda fez, mas antes que foi essa a razão porque escolhera um lisboeta.

A mãe de Justino deve-lhe ter dado o recado, pois a sua carta não se fez tardar, à qual Clarinda respondeu de imediato, com muita nostalgia e saudade. Ainda não tinha dezoito anos. Jovem demais para estar separada do marido. Mas o que havia de fazer? Só lhe restava esperar pelo tempo e confiar naquele que tomara por marido.

Clarinda escrevia logo que recebia a carta, e, durante algum tempo, ele foi dando resposta às mesmas. Mas começou por as tornar cada vez mais raras, com menos conteúdo escrito, e até menos amorosas. Também a ida da Clarinda para Lisboa era agora mais complicada e difícil. As desculpas eram as mais estranhas, cada vez mais difíceis de imaginar, palavras de quem não era cumpridor.

Mandar dinheiro para o sustento da mulher estava fora de questão. Desde que deixara a aldeia, apenas lhe enviara um vale do correio, com uma importância pouco avultada. Ela, como nunca se separara da mãe, valia-se desta, para não passar fome e poder defender-se por si só.

Os meses iam passando, e o peso da barriga da Clarinda era cada vez maior: A gravidez estava a aproximar-se do fim. Por tal razão, já há algum tempo ela nada fazia fora de casa. E, como estavam em pleno Inverno, era a Ti-Amália Tecedeira que fazia os trabalhos que a filha não podia.

Clarinda e a mãe usavam dormir juntas, mas, depois que casara, cada uma tinha a sua cama. Nessa manhã fria de Fevereiro, antes do romper da aurora, a Ti-Amália acordou sobressaltada pelos chamamentos da filha, ao encontrar-se molhada e com fortes dores no ventre. Era o sinal do parto.

Não foi preciso chamar ninguém, pois a parteira estava em casa para assistir a filha. Era ela quem na aldeia ajudava as outras mães, nos filhos que davam à luz. E, segundo diziam aquelas que já tinham recebido os seus préstimos; era dotada duma habilidade que certas diplomadas não possuíam. Mesmo para partos anormais, ela tinha sempre uma solução, sem cair em pânico. Nunca se constou que alguma mulher por si assistida viesse a morrer.

Uma hora depois das primeiras dores, Clarinda era mãe duma linda e forte mocinha, que nascia um dia antes da mãe completar os dezoito anos de vida.

Foi dada a notícia ao pai, ao mesmo tempo que lhe perguntavam qual o nome a dar à bebé, e combinar a data do baptizado.

Na resposta à carta do nascimento da filha, Justino não manifestou grande entusiasmo. O seu desejo era que fosse um rapaz. Assim, deu liberdade à mulher e à sogra para lhe escolherem o nome.

Quanto à vinda para o baptizado, era melhor esperarem para Abril, aquando do aniversário do casamento, e faziam as duas festas numa só. O nome da filha não foi problema. E, entre os vários que Clarinda e a mãe seleccionaram, optaram, por mútua concordância, em chamar-lhe Anabela.

Se o Justino não se mostrou muito feliz com o nascimento da filha, tão pouco Clarinda o ficou com a carta recebida dele. Sempre aceitara as suas ideias e opiniões, mas, pela primeira vez, ia ser directa e frontal, apontando-lhe aquilo com que não concordava.

Iam já passadas quatro semanas desde que Anabela fora registada, sem ainda terem marcado o dia do baptizado. É certo que a Igreja não tinha data específica, ou multas a pagar, mas estava em causa a lei de Deus, e o perigo da menina vir a morrer "moira" como já tinha acontecido tantas vezes. Isso, era o que mais preocupava Clarinda e a sua mãe.

Uma criança, naquela idade, podia contrair uma doença com facilidade, sem que houvesse tempo de receber este Santo Sacramento. Andavam com sorte, quando recebiam o do "borralho" - este era o nome que usavam dar, quando não havia tempo de levarem os recém-nascidos à pia baptismal. Tal podia ser feito em casa, por qualquer pessoa e, em última instância, até mesmo pelos pais.

Segundo as crenças da igreja católica e os ditos do povo, um bebé que morresse sem receber este acto, ia para o Limbo, lugar onde não havia gozo, nem sofrimento. Esta era a principal razão para baptizarem os filhos

com poucos dias de vida. E, mesmo que Anabela aparentasse boa saúde, havia sempre o imprevisto.

Assim, Clarinda, ao responder ao marido disse-lhe: “Não vamos esperar esse tempo para baptizar a filha, porque não se sabe o que pode vir a acontecer. Os pais são responsáveis pelos filhos, e eu estou cónsua do meu papel de mãe. Quanto a festejar o nosso aniversário conjugal, não vejo motivo que justifique essa celebração. Se tal pudesse ser desfeito...”

A jovem mãe tinha necessidade de desabafar com alguém de que não estava feliz com o seu casamento, sem que disso fosse dada notícia. Mas quem poderia ser tal pessoa? Apenas a sua mãe, concluiu. E como poderia ela lamentar-se, se nunca quisera escutar os seus conselhos? Agora, sim, compreendia que a mãe tinha razão. Só que já era tarde demais.

Clarinda, tal como tantas jovens inexperientes - o olhar cego da loucura cobre tudo cor de rosa – não vira os espinhos, sempre ofuscado por pétalas das rosas. Nada sabia da infância do marido e do seu presente modo de vida. A recusa em a levar para Lisboa, o facto de a direcção ser uma caixa postal, e não o lugar onde morava, o ele não lhe dar sustento, deixava-a cada vez mais confusa. Se contasse ao irmão, pensava, talvez este se encarregasse de averiguar tudo. Mas era melhor aguardar, para ver e crer.

Duas semanas depois de assim ter escrito ao marido, vinha ela da ribeira, de lavar alguma roupinha da bebé, passou pelo velho carteiro, que andava na sua distribuição, e deu-lhe a salvação:

- Bom dia, senhor Valério!

- Bom dia Clarinda! Tenho uma carta do teu marido.

- Do meu marido? Oh... muito obrigado!

Mal chegou a casa, pousou a roupa sobre a mesa e, com algum nervosismo, abriu o envelope e começou a ler:

Lisboa tantos de(...) de 19 (...)

Querida Clarinda, em primeiro de tudo está o desejo da tua saúde, da nossa menina, e da tua mãe. Eu estou bem assim como todos os nossos familiares.

Em relação à tua carta, deu-me a ideia que devemos ter uma filha muito esperta e activa, para ensinar a mãe a ser tão discreta e decisiva, pois nunca antes me tinhas falado assim. Mas vamos ao que segue.

Fala com o padre, para acertar o dia do baptismo e em duas semanas aí estarei.

Sem mais, aceita muitos beijinhos deste teu marido muito querido. Adeus!

Clarinda tinha de voltar à Ribeira e, de caminho, passaria pela casa do Padre, para acertar com ele o baptismo da filha. Só que ele não estava, tendo que voltar mais tarde.

No dia seguinte, foi mesmo a Ti-Amália quem foi falar com ele. E tudo ficou acertado para que aquele sacramento religioso tivesse lugar três domingos depois, no fim da missa.

Também o Justino não falhou, desta vez. Prometera vir em duas semanas, e ele aí estava. Mostrou-se muito feliz com a filha e a mulher, e esta esqueceu o passado, e voltou a olhar para ele com afecto e amizade.

Os baptizados eram feitos depois da missa dominical, e muito raro era haver um só. Nesse domingo, eram quatro. Além da Anabela, mais três, dois de cada sexo. Mas só Anabela era dos Penedais. Os restantes eram doutras terras da freguesia.

Depois da cerimónia religiosa todos deixaram a Igreja. Os outros foram levados para as suas aldeias e Anabela para casa, onde estava preparado o banquete para este festejo. O Padre Coimas, que era sempre um bom garfo, não faltou.

Os Casamentos e Baptizados eram a grande alegria do Padre e do Sacristão. Não só porque arrecadavam alguns escudos, como também enchiam a barriguinha com quanto podiam. O que nem sempre acontecia, por aqueles lugares.

Nesses tempos, quase todas as famílias, nas aldeias do interior, tinham muitos filhos. Apenas um ou outro, com uma vida melhor, e uma visão mais aberta e esclarecida, no campo da natalidade, se ficava por um, ou dois.

As restantes famílias eram aos rebanhos e, quanto mais pobres, mais filhos tinham. Assim, as aldeias eram verdadeiras creches, muitos sem agasalho e sem pão. Esta era a razão para tantos baptizados e casamentos, e também dos muitos funerais, quer de adultos, quer de crianças, por falta de assistência na saúde, ou por dificuldades na nutrição.

Eram estes lares pobres os produtores dos soldados que anualmente enchiam os quartéis militares de todo o país, dos marçanos escravizados pelos comerciantes sem escrúpulo das cidades e da maioria dos alunos dos

seminários, que estudavam para ser padres. Eram estes os que, mais tarde, vinham a ser alguém.

Foi destas crianças criadas como miseráveis, cujos pais nunca receberam um simples abono de família, que saíram grandes homens, espalhados por todas as camadas sociais. Também foram eles que, mais tarde, serviram de carne para canhão, em defesa dos interesses da elite e dos nobres.

Por estas aldeias rurais
Com gente tão necessitada
Quanto mais pobres eram os pais
Maior era a filharada.

UMA SEGUNDA MULHER

Uma semana após o batizado, Justino voltou para Lisboa, mas de novo a esposa ficou na terra. Ainda não seria desta que ela iria para a cidade. Fora uma promessa impossível. Como Clarinda nada sabia da mulher que estava metida na vida dele, ia acreditando em mais uma do marido, e mais outra, e outra ainda. E assim ele partiu, deixando mulher e filha atrás, e ela com mais outro na barriga.

Oito dias depois, Clarinda recebia carta do marido, com a promessa de que iria mandar algum dinheiro, assim que possível, para cobrir as muitas despesas feitas na festa. Mas só que, tal como sempre, isso era apenas música, que nunca acompanhava o compasso das notas.

O Justino trabalhava numa casa de pasto, como criado de mesa, desde que deixara a escola, sendo bastante estimado pelos patrões. Não ganhava mundos-e-fundos, mas, com as gorjetas que recebia dos clientes - tal como tantos outros seus colegas do ramo- era mais do que suficiente para ter a família a viver consigo. Mas se ele ali tinha uma mulher com quem há muito vivia, como poderia trazer a que tinha na aldeia?

A outra, de nome Naténia, com quem já há anos mantinha relações, só depois dele ter casado passara a viver com ele, em regime conjugal. Ainda que de maneira disfarçada, para evitar o pior e nada se vir a descobrir.

Mesmo em solteiro, Justino e Naténia tão depressa se amavam como se odiavam. Um dia, ela disse-lhe que tudo estava terminado entre ambos e, a partir daí, não mais lhe apareceu. Foi quando ele foi à terra e pediu namoro a Clarinda. E, como esta nada sabia, aceitou. Só que veio a ser vítima do amor e ódio existente em ambos.

Naténia, sabedora do seu casamento, foi na realidade má, em se voltar a unir a ele. E Justino não teve o mínimo senso de moral e respeito, quer pela esposa, quer consigo próprio.

Ela, sabendo que ele tinha casado, não o devia ter procurado e interferido no seu caminho. Até porque fora ela que decidira deixá-lo.

Por outro lado, ele, uma vez casado, deveria comportar-se como um homem responsável e adulto, e não lhe dar mais aceitação. Ela estava disposta a destruir a felicidade do casal, criando um ambiente triste e gélido no coração da jovem mãe.

Para conseguir o que queria dele, usava toda a espécie de chantagens, tendo como principal trunfo ameaçá-lo de escrever à mulher e falar-lhe do

seu viver conjugal. Opunha-se até mesmo ao envio de dinheiro para a esposa e filha. Justino estava a ser comandado não pela sua força e vontade, mas pelo intento e joguetes da amante. E, como lhe faltava a acção firme da dignidade, a sua vida estava cada vez mais complicada e comprometida.

No restaurante onde Justino trabalhava, usava ali vir comer um indivíduo madeirense, que tinha um irmão na Venezuela - por sinal um grande comerciante. O cliente falava-lhe muitas vezes do irmão e, sempre que este vinha a Portugal, não se ia embora, sem o vir ver a Lisboa.

O criado de mesa, sem nunca ter tido intenções emigratórias, começou a pensar ser essa a única saída para se ver livre da situação, cada vez mais embaraçosa e delicada, em que aquela mulher o metera. Encontrava-se em sérios apuros e, emigrar, não lhe saía do pensamento.

Assim, numa ocasião em que o ilhéu ali veio comer, Justino revelou-lhe o que lhe ia na ideia. O homem deu-lhe um certo conforto e alegria ao dizer-lhe que o irmão já tinha chegado à Madeira, onde iria estar, em gozo de férias. Mas viria passar duas semanas ao Continente e, então, falar-lhe-ia no assunto. Contudo, Justino pediu-lhe segredo sobre aquela conversa.

Três meses se tinham passado desde que chegara da aldeia, do baptizado da filha, e ainda só tinha escrito duas vezes. Também o dinheiro que mandara tinha sido só uma parte das gorjetas, o único que Naténia não conseguia controlar.

Ao Justino faltava-lhe a vontade de escrever, pois tinha que pôr no papel o que não lhe ia na alma. E, como não havia sinceridade no que dizia, as linhas do papel não lhe pareciam direitas, para nelas escrever as mentiras das palavras.

Sempre que começava a escrever para a mulher, até parecia que o aparo e a tinta não queriam mentir mais. Razão porque, tantas vezes, começava as cartas e não as terminava.

Ainda não tinha dado resposta àquela em que Clarinda lhe anunciava a segunda gravidez. Reconhecia não estar a actuar como um esposo responsável, com deveres a cumprir.

As promessas falhadas que sempre fizera, até já a si vibravam como insultos, de quem não tem vergonha, carácter ou moral. E começava a sentir remorso de enganar aquela que não era merecedora de tanta falsidade.

Era a sua legítima esposa, linda, pura e casta, sendo ele o único homem que conhecera. Não! Não era justo mentir-lhe mais, nem ignorar as necessidades que ele próprio criara. Mas Naténia logo lhe virava a cabeça, e o enfeitava de novo.

Depois de Clarinda ter escrito três cartas sem resposta, resolveu pedir ao irmão para ir saber o que se passava com o marido, o que ele fez com alguma presteza.

A vida de Mário era muito ocupada, pois trabalhava e estudava ao mesmo tempo. E, como o ordenado era pequeno, tinha que fazer uns gratificados para pagar os estudos. Razão porque raramente visitava o cunhado, ou quaisquer outros familiares. Mas pôs o pedido da irmã em primeiro lugar, e lá foi.

Sabia que, durante a hora do almoço, era quase impossível falar com ele. Por isso, esperou para depois das três, quando já tudo tinha desabellado.

O agente da ordem entrou no restaurante quando este já estava vazio. Apenas ali se via o caixeiro do balcão e, lá no fundo, um indivíduo sentado, de costas voltadas, que parecia estar a escrever.

- O senhor guarda deseja alguma coisa? - perguntou o empregado.
- Eu queria falar com o senhor Justino... mas estou a ver que não está!
- Está sim! É aquele senhor, acolá, sentado.
- Oh obrigado! - disse Mário.
- Por nada.

Mário dirigiu-se para junto do cunhado e deu-lhe uma palmadinha nas costas, o que o fez assustar. Ambos se abraçaram e foi Mário que abriu o diálogo:

- Então, como vais?
- Vou bem! Com bastante trabalho, pois, de momento, somos apenas três. O patrão ainda não substituiu o rapaz que foi para a tropa... De resto, está tudo bem!
- Pensava que estivesse doente. A minha irmã pediu-me para passar por cá e saber como ias. Mas, pelo que vejo, no que respeita a saúde, felizmente, não é de cuidados.
- Eu reconheço ser um pouco descuidado e, se não escrever assim que recebo, a coisa vai passando. Mas já era tempo de ela ter recebido a carta que lhe mandei...
- O propósito que me trouxe aqui, não é para saber se escreveste, ou se

vais escrever. Foi só para saber se estavas bom, ou não. Como já vi que estás bem, vou-te deixar.

Depois da curta conversa, os dois cunhados despediram-se e cada qual foi à sua vida.

Nesse mesmo instante, Justino pegou na caneta e no papel, escreveu à mulher e, sem qualquer demora, foi pôr a carta no correio. No conteúdo da carta não lhe falava da visita do irmão, para melhor a confundir.

Mário não era parvo, e há muito tinha a certeza de ele ter outra mulher. Mas não queria ser ele a levantar a lebre. A mãe deu-lhe muitos conselhos, ele também lhe deu alguns, e nunca ouviu ninguém. Agora, as coisas tinham que levar o seu tempo, para melhor, ou para pior.

Naquela noite, ao chegar a casa, Naténia veio esperá-lo à porta, como sempre fazia. Vinha-lhe dar o beijo do costume, e depois questioná-lo sobre isto e aquilo. O tema principal, e final, era a mulher e a filha. Só que, Justino, pela primeira vez, não se dispusera a aceitar isso.

Tal como era uso, começaria uma estéril discussão e, quando as palavras aumentavam de volume, era ele que ia ao seu encontro cobri-la com beijos e carícias. Tudo para evitar agravar a conversa entre os dois. Mas a chantagem era sempre a chave das suas algemas.

As palavras da companheira, ao ver que não obtinha a atenção usual, iam subindo de tom e de cólera, não perdendo a oportunidade para o ofender, e à mulher.

Desta vez, porém, Justino levantou-se do lugar e, decidido, foi junto dela, não para lhe dar o afecto que esperava, mas sim para a levantar no ar e a deixar cair estatelada no chão. Cheio de ira e revolta, pôs-lhe os pés sobre o pescoço e proibiu-a de voltar a falar da sua mulher. Fazê-lo, seria ter uma viagem do quarto andar para o saguão. O criado de mesa estava perdido.

Naténia não queria acreditar naquela reacção, e no que se estava a passar. Era impossível aquele ser o rapaz pacífico e bacoco que sempre conhecera, que em tudo lhe obedecia. Mas, não estando ainda segura daquela realidade, tentou reagir de novo, só que, desta vez, a coisa ia sendo mesmo grave. Ele pegou nela ao colo, para a mandar da janela abaixo, quando, nesse preciso momento, se sentiu agarrado pelas costas. Era o dono da casa, que se apercebera da cena, e interviera, para evitar o pior.

Depois da tempestade, Justino e o locatário foram para a cozinha falar sobre o incidente, enquanto Naténia e a senhora falavam na sala. Cada um

apresentava os seus argumentos, mas eles bem sabiam de que lado estava a razão. Os donos da casa há muito que esperavam por isso, e, se ainda nada se tinha dado, é por que o Justino era de muita calma e paciência, e também por gostar muito dela.

Naquela noite dormiram em camas separadas, para, no dia seguinte cada qual ir para seu lado, como já acontecera outras vezes, embora com menos gravidade. Mas, passado algum tempo, ela procurava-o de novo, e ele nunca a recusava.

Ela era elegante e atraente, à mistura com alguma presunção. E, como sabia que ele tinha ciúmes dela, valia-se desse fraco para fazer dele um criado mandado, como se se tratasse de um cachorro, sempre agarrado às saias da dona. Mas também ela tinha fortes ciúmes dele, a quem adorava como louca. Esta era a causa para tantas vezes se zangarem e se juntarem de novo.

Se a Naténia não faltava homens a querê-la conquistar, não era menos verdade que qualquer rapariga ou senhora se lavaria em água de rosas para apanhar Justino. Ele era um rapaz alto e elegante, bem parecido e de trato fino, com grande personalidade, o que atraía o sexo oposto.

Agora, ele jurava a pés juntos não mais querer ver mais aquela mulher, nem mesmo vestida de ouro, pois reconhecia ser ela a grande culpada do desprezo que tinha dado à esposa, e também a causadora de lhe ter estragado a felicidade.

O seu casamento nunca teria acontecido se ela não dissesse que não queria saber mais dele. Agora, não o largava, fazendo com que não cumprisse as obrigações de marido e pai. E o que aconteceria se a mulher viesse a saber? Isso, era o que Justino pensava, e temia.

Passaram-se alguns meses de paz, sem haver contactos entre ambos, quer físicos, quer verbais, contribuindo assim para um melhor relacionamento entre ele e a mulher. Foi o espaço de mais cordialidade já alguma vez vivido entre o jovem casal, até aquela data.

A cada duas semanas, uma carta chegava e outra partia, tanto da terra como de Lisboa. Passou a mandar-lhes dinheiro, amiudadamente e em maior quantidade. Clarinda parecia ter encontrado a felicidade em que sempre acreditara.

Anabela iria fazer um ano em poucos dias. Estava cada vez mais crescida e linda. Começava já a querer dizer as primeiras palavras e não tardariam os primeiros passos. Também em breve iria ter um mano. Isto dava a Clarinda maior maturidade como mulher e mãe.

A diferença de idades entre Justino e Clarinda era de seis anos. Ele ia a fazer vinte e cinco e ela dezanove. Era a idade mais apetecida para viverem juntos, e também a mais difícil e perigosa para uma vida separada.

Tanto para o homem, como para a mulher, o sexo é algo natural, que com salubridade deve estar sempre sintonizado no âmbito da vida conjugal. E, quando as relações sexuais não estão em paralelo, nada pode correr bem entre o casal. São estes desajustamentos a causa principal de tantas discórdias, divórcios e separações.

Não é fácil para um homem, em especial quando ainda jovem, viver afastado da sua esposa, sem ter uma companheira para o servir e o satisfazer nas suas emoções sexuais. Mas, como a Justino não faltavam mulheres, a esposa teria que viver na aldeia.

Nunca preparara as coisas para trazer Clarinda para Lisboa, e, mais agora, com uma filha e outro para nascer. Ela tão pouco estava em condições de viajar, ou fazer mudanças, razão porque tinham que continuar afastados um do outro, e sem um fim à vista.

A alegria da jovem esposa teve uma pequena interrupção, quando falhou de novo a correspondência e o dinheiro que ele usava mandar. Mas, pouco depois, viria o melhor período, desde que casara.

Justino, cheio de vigor, e com alguma ansiedade motivada pela abstinência sexual, logo tentou outras conquistas. Uma delas, de longe superior a Naténia. Feliz, julgou vir a ser a sua substituta. Mas só que esta ligara-se a si, não para ser sua amante, mas para outros fins, que ela tinha em vista e apenas por um curto período de tempo. Esta viria a ser o anjo protector de Clarinda.

Um dia, depois de servir o almoço aos clientes, Justino foi até ao Castelo de São Jorge, e ali encontrou uma jovem senhora, a rondar os trinta, com um perfil de mulher culta e digna, que parecia procurar algo que faltava à sua felicidade. Tinha aliança, o que a identificava como mulher casada, que era, mas andava só.

Justino sentara-se num banco, sem tirar os olhos dela e notou que ela também o olhava, com algum disfarce. Pouco depois, levantou-se, foi junto dela e perguntar-lhe:

- Desculpe! Mas penso que a conheço de algum lugar, só que não me recordo de onde...

Era apenas para meter conversa.

- Talvez sim! – respondeu ela.

Após este começo, ele pediu licença para se sentar no seu banco. Obtida a permissão, veio o amistoso cavaqueio, e tudo se tornou fácil para os intentos de cada um.

Ambos começaram a falar com alguma cautela, mas não tardou muito para mutuamente saberem um pouco das suas vidas. O marido dela era embarcado e andava meses seguidos fora de casa. E o apetite pelo sexo oposto não ataca só os homens, mas também as mulheres. Em especial quando são jovens. Ainda que não fosse bem o caso desta mulher, pois o seu fim era outro.

O passeio chegou ao fim, e um e o outro ficaram felizes por se terem conhecido. Um novo encontro foi marcado para o dia seguinte. Mas, desta vez, em ambiente diferente. O sítio escolhido foi o Jardim Botânico, bastante convidativo para estes romances amorosos.

Entre o almoço e o jantar, ou seja, das três às sete, era o tempo que Justino tinha para dar as suas voltas e resolver os seus problemas. Ainda que não fosse todos os dias. Assim, no dia seguinte, e tal como tinha ficado assente, nem um nem o outro faltaram. Primeiro chegou ele, e pouco depois apareceu ela, trajando chapéu branco e óculos escuros, confundindo-se com uma das muitas estrangeiras que por ali usavam passear.

Neste reencontro, que teve como cumprimento um aperto de mão, ele cobria também os olhos com lentes escuras. E ambos, bem disfarçados, lá seguiram para um lugar de pouca concorrência, para estarem mais à vontade, e melhor puderem saciar o desejo que ali os trouxera.

Não tardou que o calor da paixão incendiasse aqueles corações, e se transmitisse às mãos, como que movidas pelo desejo ardente de ambas as partes. De olhos nos olhos, não negavam o anseio que lhes ia na alma. Ela reconheceu estar a ser vencida por uma força mágica e a perder o controlo emocional, num lugar público.

Nervosa, levantou-se.

- Chega! – afirmou, com a voz entrecortada.

Ele levantou-se, também, reconhecendo não ser aquele o sítio ideal para duas pessoas com responsabilidades conjugais se excederem. Sem nada dizerem um ao outro, deixaram aquele lugar convidativo, mas onde não faltavam mirones, sempre à espreita de algo menos comum.

Justino vivia num quarto independente e não queria deixar fugir aquela oportunidade. Só que ela não lhe deu asas, naquele dia. Não porque não

tivesse desejo e necessidade. O marido já ia para dois meses que andava fora, e ela, jovem, sem trabalhar, bem alimentada e bem tratada, na presença de um rapaz simpático, nem era de esperar outra coisa. Mas a altura de iniciar uma relação, com ele, ainda não tinha chegado.

Para estas mulheres comprometidas, com a tentação em pecarem contra o sexto mandamento, são os homens casados que mais lhes interessam, por haver mais sigilo entre os dois. E, como não estão à espera de casarem, mas sim de viverem alguns momentos agradáveis, tudo é mais rápido e simples.

Justino, antes de voltar ao trabalho, tinha que ir a casa. Convidou Madalena - assim ela se chamava - a ir consigo. E ali não lhe escaparia. Mas ela rejeitou. O que ela pretendia não podia ser já, por isso teria que ter paciência e saber esperar.

Era uma mulher casada, que pertencia à classe alta, e nunca conhecera outro homem, além do marido. Mesmo com todas as suas carências - que tem qualquer senhora casada da sua idade, quando apartada do homem - não queria fazer as coisas ao acaso. O sentido não eram bem o prazer, ou leviandade, mas sim aquilo que trazia em mente. Queria manter a sua postura dentro dos princípios do respeito e da dignidade, com os vizinhos a verem-na todos os dias, em especial pelas noites e manhãs. Eles sabiam que o marido andava fora, e não queria que alguém lhe apontasse a mínima coisa. Assim, despediu-se do Justino, para voltarem a ver-se uma semana depois.

Madalena era uma senhora muito organizada e bastante responsável. Tudo fazia com mil cuidados, para que ninguém sonhasse deste seu encontro com Justino. Teria que saber mais dele, e se era a pessoa para o fim que tinha em vista.

O marido era engenheiro de máquinas, a quem não faltava trabalho em terra. Várias vezes discutiram esse assunto, mas ele parecia não a ouvir. Gostava do serviço do mar e de conhecer mundo, enquanto ela gostava de o ver junto de si, mostrando-lhe com frequência a necessidade de estarem juntos, e não afastados daquela maneira.

Não são apenas os homens que se deixam vencer pelos impulsos da sexualidade; também muitas mulheres não se conseguem libertar dessa tentação. Apesar de Madalena não ser uma doente sexual, não lhe faltava vontade de ter relações com Justino, a quem já amava. E os planos para se deitar com ele já estavam na sua agenda. Um dia chegaria a altura.

As relações entre Justino e Madalena foram-se tornando cada vez mais

amistosas, mesmo fora do âmbito sexual, coisa que muito veio a beneficiar Clarinda.

Madalena confundiu Justino com aquela que fora a grande paixão da sua vida, que vira partir para sempre. Isto trouxe-lhe o desejo de procriar, de ter um filho seu. Mas tal contacto não poderia ser de longa duração, e teria de merecer a concordância de ambos.

Sempre que o marido de Madalena regressava a casa, de mais uma viagem, para juntos passarem algumas semanas, ela era sempre extremosa e afável para com ele. Contudo, não faltava a constante insistência para deixar o mar. Até porque já tinha ouvido dizer que a água salgada reduzia a fertilidade.

Estavam casados havia oito anos, e sem terem filhos, sendo para ela o maior desgosto da sua vida. Não sabia se a deficiência era sua, se dele. Só que ele usava dizer, que tal problema não era seu, e disso tinha certeza. Ela não podia fazer tal afirmação. E isso mais triste a deixava.

Iria tentar saber. Era só esperar pelo tempo e uma oportunidade. Era saudável e regulada, como qualquer mulher normal, não fazendo sentido tal incapacidade. E, como a ciência médica ainda era pouco esclarecedora nesse sentido, Madalena vivia desgostosa, já pensando em adoptar uma criança.

Agora, quando estava na sua companhia, se possível, era ainda mais meiga e amistosa, sem mais lhe falar num trabalho em terra e deixar o mar.

Durante a permanência do marido, a esposa guardava para ele toda a atenção e respeito, sem nunca tentar qualquer contacto com Justino, quer pessoal quer por telefone, coisa que ele considerava lógico e justo.

Também em Penedais, as coisas para Clarinda passaram a correr melhor que nunca. Ele voltou a escrever com mais frequência e os vales do correio a serem mais frequentes e avultados.

Madalena além de ser professora do liceu, era filha única, e de gente rica, coisa que nunca lhe contara, como tão pouco a sua intenção. Ela própria insistia para que pusesse a família em primeiro lugar, deixando por vezes sobre a mesa algum dinheiro, para mandar à família.

Madalena e Naténia, só numa coisa eram muito similares: ambas eram lindas e esbeltas, com muito rigor no gosto e no vestir. No resto, em nada se comparavam.

Enquanto uma era arisca, agressiva, vingativa e odiosa, a outra era mansa, caridosa e indulgente, muito condoída pelo mal alheio. Se Naténia tudo fazia para causar um mau viver e criar dificuldades no lar de Justino,

Madalena tudo tentava para que ele tivesse paz com a esposa. Incitava-o, até, a pôr a família como uma prioridade na vida. Naténia era rude, sem moral nem dignidade, Madalena, por outro lado, era bem formada e culta, tudo fazendo pela paz e felicidade do seu semelhante.

Paco, marido de Madalena, ia partir para mais uma viagem de três meses. E, sempre que partia, dizia à esposa: “Desta vez é que vai ser! Vais mesmo ficar grávida!” E, quando se comunicava com ela, logo perguntava se havia alguns sinais de gravidez, mostrando alguma tristeza ao receber a resposta negativa. Mas, a dela, era ainda maior.

Nessa tarde, na vinda do cais, de se despedir do marido, como Justino àquela hora estava em casa, iria ter com ele. Sabia que estava desejoso por si, e ela também por ele. Assim, disfarçou-se o mais que pode, como sempre fazia, para não dar nas vistas, e tomou o eléctrico que passava mais perto da morada.

Pelo caminho, pensava naquilo que pretendia fazer, nos seus prós e contras. Mas via ser esta a melhor oportunidade da sua vida, para saber de quem era o problema: se seu, se do marido. As coisas todas se conjugavam para, em caso de ficar grávida - o seu grande desejo - o marido o aceitar como seu.

Ter um filho era coisa que sempre ansiara, e, no caso de agora ficar grávida, poderia conservar a gravidez à vontade, pois toda a gente a aceitaria como produto marital. Também o marido ficaria muito feliz, pensando ter sido concebido nas relações sexuais que tivera com a mulher. As contas batiam certinhas, sem poder haver falhas.

A partir daqui só poderia haver perigo, se um dia fosse fazer análises e estas o dessem como incapaz de reproduzir. Mas se ele dizia ter a certeza de não ser deficiência sua, tal coisa nunca iria acontecer. Esta era uma oportunidade a não perder. E, para os seus pais, que tanto desejavam um neto, o ser filho de Justino, ou do marido, seria a mesma coisa.

O sítio onde Justino morava era um lugar de passagem, num prédio antigo e bastante grande, em que nem todas as pessoas eram conhecidas. Seria o lugar ideal para estes conchegos. Justino sabia que o pacote partia nesse dia e ela ficaria livre de novo, por isso a esperava a qualquer ocasião.

Madalena, que já conhecia o lugar, subiu as escadas e, quando junto da porta, bateu levemente. Para não chamar a atenção dos vizinhos, que àquela hora poucos estariam em casa. Segundos depois abriu-se a porta, mesmo sem se ver quem batera. Ela entrou, e logo a fechou de novo. Só lá dentro se viram e cumprimentaram.

Para Justino, a última vez que tivera relações com uma mulher, fora com ela, em véspera do marido chegar, não o tendo feito com qualquer outra. Assim, perturbado com a sua presença, abraçou-a e beijou-a com alguma paixão e avidez. Mas logo ela o deteve, para antes lhe expor os seus intentos.

Ainda que ele já desconfiasse do seu desejo, ela declarou-lhe que pretendia uma gravidez, se possível naquele dia. O bom do empregado de mesa ouviu-a com atenção, para lhe dizer em seguida:

- Não! Não vou fazer isso! Não quero estragar mais a minha vida, fazendo filhos em mulheres estranhas. Já tenho uma filha e muito em breve virá outro. E se eu nem para aqueles tenho, o que faria depois? Dividir o pouco que ganho com mais um? Isso seria o fim do meu casamento. Por isso, não quero mais responsabilidades... E, tal como tu usas dizer, a família está em primeiro lugar!

Mesmo que ela lhe estivesse sempre a dar dinheiro para enviar à família, desconhecia as suas condições financeiras.

- Não terás responsabilidades... - disse-lhe Madalena - Essa será toda minha. Apenas te peço, em caso de ficar grávida, que o mais certo é não ficar, pois o problema pode até ser meu, que tudo fique entre nós... e apenas entre nós. As coisas estão planeadas para o meu marido o considerar como seu, visto ainda esta manhã termos tido relações.

E logo prosseguiu:

- Mesmo que não tivesse marido, não tinha problema algum em o criar, sem a ajuda do pai. Sou filha única e de pais bastante abastados, pelo que nada lhe vai faltar, quer na criação, quer na educação, sem que te seja exigido um centavo. Dar um neto ou neta aos meus pais, seria para eles a maior riqueza de sempre. E, para mim, a maior alegria da vida. Para eles, ser teu, ou ser do meu marido, será sempre um neto adorado.

- Se é essa a tua vontade... então não vamos perder a ocasião!

Os dois corpos se enlearam sofregamente, num ardente desejo, sendo para Madalena também a ânsia do querer ser mãe. E, pela primeira vez, ela teve a convicção de ter entrado nas suas entranhas o calor duma nova vida.

Com o lindo céu azul, o grande navio flutuava nas águas calmas do Oceano, na sua rota para mais uma viagem de quatro ou mais meses. Paco, certamente pensava na relação amorosa daquela manhã, e numa possível gravidez. Longe estava ele de pensar que a mulher o traía - mais por razão,

que por traição- e que, àquela hora, estava a ter relações com o amante, a fim de conseguir o filho desejado.

Paco adorava a mulher, não apenas pela sua formosura, como também pelo trato fino como lidava com toda a gente. A sua inteligência e cultura estavam sempre ao nível do seu humanismo, da sua gentileza e amizade. Condoía-se com o mal alheio, sempre pronta a minimizá-lo.

Não lhe conhecia defeitos, por isso confiava totalmente nela. Infidelidade, estava fora de questão. Sabia que apreciava o sexo, como qualquer mulher normal, mas isso era apenas consigo, razão porque sempre lhe pedia que deixasse a vida marítima. Ela mantinha na sua cabeça que o não ter filhos se devia ao pouco tempo que passavam juntos.

Paco nunca pensava nesse pormenor, nem no perigo das suas consequências. Deixar uma mulher jovem e atraente, por meses seguidos, na idade em que mais é apreciado o homem, era, na realidade, um perigo.

Estava crente, tal como ouvia falar aos colegas, que as mulheres, quando afastadas dos maridos por longos períodos de tempo, ao voltarem eram mais afáveis e carinhosas, dando mais apreço à sexualidade, mantendo o respeito e dignidade. E a amizade era mais sólida, como até mais forte a união conjugal. Só que isto não trabalhava com todas, apenas com algumas.

Agora martelavam-lhe nos ouvidos as palavras da mulher, sempre que partia: “Deixa essa vida marítima e procura outra, em terra, onde possamos viver juntos os melhores anos das nossas vidas. Este viver não é bom para nenhum de nós!” Paco, pela primeira vez, pensava a sério em tais palavras, e na possibilidade de não mais viajar.

O navio seguia o destino
Assim, deslizou lentamente
E logo foi ter com Justino
A fim do que tinha em mente.

O uso da infidelidade
Isto, em minha opinião,
É sempre uma falsidade
Não importa qual a razão

E quem sou eu, p'ra avaliar?
Se peço como ninguém
É Deus quem há-de julgar
Não importa onde, nem a quem.

Se o tal pecado conjugal
É fruto de alguma razão
Não se deve ajuizar o mal
Trata-se ou não traição

Mas, seja qual for o sentido
É sempre visto de mau porte
Podendo mesmo ser perigo
Com uma loucura de morte.

Porém, não o foi com Madalena
Mulher digna de amor e bem
Sobre o risco de qualquer pena
Fê-lo pelo prazer de ser mãe.

UMA GRAVIDEZ E UM NASCIMENTO

Quando Madalena deixou o lugar de Justino, faz a este dois pedidos: o primeiro, que, fossem quais fossem as suas relações no futuro, no caso de engravidar, tudo ficasse em segredo, entre ambos; o segundo: não haver mais relações amorosas entre eles, a partir duma certeza de gravidez, visto ser uma mulher com responsabilidades familiares e não querer perder a sua dignidade. Ficariam apenas amigos, e tudo o que ele necessitasse de si, estaria pronta para o servir. Justino prometeu, pela sua honra, ser fiel a tais pedidos. Nisto, ele era digno.

Disfarçada de maneira irreconhecível, ele e ela foram dar um passeio à beira-mar, para depois cada qual seguir o seu destino. Ele, voltar ao trabalho, que o esperava, e ela a casa, que deixara a meio da manhã.

Depois, já no seu lar, com cheiro de nobreza, onde nada faltava, Madalena pensou no marido e no amante, este, que tanto amava, mas que não poderia continuar com ele. A possível gravidez, era algo que não lhe saía do sentido, com quase a certeza de, em caso positivo, ser do Justino e não do marido.

Ao fim de poucas semanas começou a ter enjoos, o sinal mais evidente de uma gravidez tão desejada. Madalena sentia felicidade, não só porque iria ser mãe, como também por saber que nada existia de mal consigo. Iria dar a novidade a Justino, primeiro que a ninguém, e talvez ter com ele o último contacto amoroso. Mas só o faria depois de ter uma confirmação clínica, que teve lugar alguns dias depois.

O médico comprovou na realidade estar grávida e logo lhe marcou uma segunda visita. Depois outra, e sempre mais, durante o desenvolvimento do feto. Ela deixou o consultório com os olhos banhados de felicidade pela confirmação e, ainda nesse dia, foi ter com o seu amado, para lhe dar a novidade, em pessoa, que ele certamente também teria curiosidade em saber.

Não quis usar os transportes públicos, nesse dia. Pela meia tarde, apanhou um táxi e foi ter com ele, para lhe dar a boa-nova. Agora, ela já não tinha necessidade de bater à porta, pois ele dera-lhe uma chave para usar sempre que ali fosse. Assim, abriu a porta e entrou. Mas Justino não estava.

Madalena sentou-se numa cadeira e viu, junto do jarro das flores, uma carta que, pelo remetente, viu ser da esposa. Na sua curiosidade, abriu o sobrescrito e leu o seu conteúdo:

Penedais aos (...) de Julho de 19(...)

Querido genro, antes de mais estimo que esta te encontre de boa saúde, que é de tudo o que mais desejamos. Quanto a nós, isto não vai nada bem. A tua mulher está bastante doente que não sei se escapará. Acaba de dar à luz com muitas dificuldades o filho que esperava, e desta vez rapaz.

O parto foi muito difícil, e nem toda a minha experiência nestas lides, consegui evitar o que ia sendo... ou será o pior, visto se encontrar em perigo de vida. Ainda se pensou chamar o médico do Concelho, que como sabes, fica a cerca de quatro horas para cada lado, e quando cá chegasse, já estariam mortos mãe e filho.

Quando vimos tudo perdido, foi-se chamar o Barbeiro, que por sorte estava em casa, mas quase a partir para uma terra da freguesia. Ao vê-la naquele estado crítico, já condenada a morrer, deu-lhe uma injeção para lhe aliviar o sofrimento, para em seguida a rasgar e tirar o filho, e em seguida a coser. Se tudo estava perdido, nada havia a perder. Por isso era tentar... e ainda que entre a vida e a morte, na hora em que escrevo ela ainda está viva.

Após feita esta operação, o Tio Robalo disse que, mesmo que isso lhe viesse a custar a liberdade, estaria a bem com a sua consciência, pelo menos tinha salvado a criança, e agora iria tentar salvar a mãe.

O menino é são e escoreito, e aparentemente está bem, mas a mãe está por um fio. E até já podia estar morta, se não fosse a calma e a coragem do Ti-Barbeiro. Valeu-nos a graça de Deus, e as mãos deste Homem ainda estarem vivos nesta hora. Mas ela se não for levada daqui não vai escapar.

Se fosse numa maternidade assistida por parteiras e médicos, com os recursos necessários, não sofreria o que tem sofrido e está a sofrer, sem esperança de salvação. Mas é assim a vida de quem vive nestes lugares isolados e desertos, sem médicos, sem estradas, sem meios de comunicação. É sempre um risco viver-se por aqui. Razão porque algumas morrem de parto, como tantos mais por outros motivos.

O Barbeiro vem vê-la duas vezes por dia, e recomenda o máximo cuidado para não ter uma recaída. A sua vida depende de como reagir nas próximas semanas. Ele recomendou falar contigo, e virem-na buscar a fim de ser internada, numa clínica, para evitar o pior.

A menina mesmo tendo sido a primeira, foi mais fácil sem passar pelas

dores e dificuldades a que agora foi sujeita. Em nome dela agradeço o dinheiro que tens mandado regularmente, é o que nos tem valido para o pão de cada dia. Este ano as terras quase não produziram a semente. Por isso é um ano de fome. Se não fosse esse dinheirinho, muita fome teríamos passado, mesmo sem sermos os mais pobres.

Teria muitas coisas mais para te falar, mas de más novidades já chegam. Assim recebe abraços e beijinhos de todos nós. Adeus!

Ti-Amália

Madalena dobrou a carta e pô-la de novo dentro do envelope, no seu lugar primitivo. Removeu a cadeira para junto da janela, disfarçando ignorar a carta, caso ele chegasse, de repente.

Filha dum importante industrial, criada e educada na cidade, desconhecia por completo as palavras fome, miséria e dificuldades. Tudo isso, para si, eram lendas, e só agora confirmava a realidade. Apenas as ouvira falar à sua avó materna, que também descendia das Beiras.

Nunca pensara bem a sério naquelas palavras tão usuais, ouvidas à avó, que lhe pareciam histórias lendárias contadas aos meninos ricos, para adormecerem, depois do banhinho e da barriguinha cheia.

Agora lia com os seus próprios olhos a palavra fome, miséria e dificuldade. Ouvia, em imaginação, o eco do clamor feito a Deus - em vez de aos homens- pela gente humilde, que imploravam um auxílio, nas agruras das suas vidas e que os governantes sempre ignoravam. Pensava naquela jovem mãe e esposa, nas dificuldades do seu parto, no seu estado de saúde, mais para morrer que para viver. Nos cuidados a tomar pelo marido, para evitar uma recaída desastrosa e nos problemas em a poder trazer para uma clínica, com o filho recém-nascido.

Também ela sentia uma pontinha de culpa por se ter envolvido na vida do casal. Mas não lhe pesava a consciência, pois sempre o aconselhara a pôr a família acima de tudo. Fizera o que estava ao seu alcance para ele não faltar com as suas obrigações e agora tinha a certeza que isso era feito com regularidade, o que antes nunca acontecera.

Ainda com tudo isso a mexer-lhe no pensamento, ouviu o voltar da chave na fechadura. Era Justino que chegava. Ao encarar com Madalena, quase se assustou, por não a fazer ali aquela hora. Foi pousar sobre a mesa algumas coisas que trazia, para, em seguida, a vir cumprimentar. Ela já se mantinha de pé, para o abraçar.

Depois das saudações, menos longas do que era habitual, foi ela a primeira a falar:

- Sabes... quero dar-te a novidade, antes que a alguém... mesmo que aos meus pais... Estou grávida! Já foi confirmado pelo médico, de onde venho agora. Isto será uma grande alegria para os meus pais, quando lhes disser, e para o meu marido, que o julgará seu. E até pode ser... o que não acredito!

- Também eu estou muito feliz! - disse Justino.

Depois de a ter escutado, acrescentou:

- Eu também tenho uma novidade para te dar. Volto a ser pai... e desta vez é um rapaz. Mas parece que tudo correu mal. Numa carta que há pouco recebi da minha sogra, o parto foi muito mau, e a pobre está em perigo de vida, recomendado até o seu internamento - ao dizer isso, Justino puxou da carta e leu-lha, em voz alta...

Madalena, que já conhecia bem todo o conteúdo da missiva, perguntou-lhe:

- E tu... o que pensas fazer?

- E o que é que eu posso fazer? Só rezar por ela! Interná-la, aonde? Não há estrada para lá ir com um carro, mesmo sujeita a morrer no caminho. Além de não ter dinheiro para o fazer. E ainda com o problema de virem a prender o Barbeiro, que foi quem a tratou. Se ela morresse, para eles estava tudo certo... mas como fez tudo para a salvar, já são capazes de o chatearem. Não sei o que responder... e muito menos o que fazer! O problema não está só nela... mas também no filho. Assim como outras coisa mais que se podem tornar perigosas. A ser internada, só se fosse em Coimbra, ou em Lisboa, e não a iriam aceitar sem uma recomendação médica. Até porque foi cortada, para a criança nascer, e tentar salvá-la. E tudo isto foi serviço do pobre Barbeiro...

Terras pobres gente pura
De água fresca e cristalina
Nesta vida difícil e dura
Dos governos nada tinha.

Ali nasciam e morriam
Sem ao mundo ter ligação
Era o pão que só pediam
Não havia mais ambição.

Pediam a Deus clemência
Para alívio das agruras
Por não terem assistência
Tinham mortes prematuras.

Tal como esta jovem mãe,
Nesse mau parto, coitada
Era mais uma, também...
Que estava condenada.

Valeu-lhe o bom barbeiro
Nessa sua infelicidade
Esteve perto do coveiro
Aos dezanove anos de idade.

Foi um anjo desconhecido
Que apareceu, na ocasião
Sem tal não teria vivido
Não teria salvação...

CLARINDA É INTERNADA

Quem tinha assistido Clarinda fora a mãe, a mulher da terra mais entendida nestas coisas de natalidade, o que fazia por amorismo, às mães da aldeia. O mesmo se passava com o Barbeiro, o único entendido em saúde que existia na freguesia; servindo como clínico geral. Estes eram os únicos recursos que estavam ao alcance daquele povo. Ninguém queria saber daquela gente. Ali se nascia... e morria, no mais triste abandono, perante o desprezo dos governantes, através de séculos e gerações, sem qualquer acção para com estes infelizes.

Nunca nada fizeram por eles, quer no campo da saúde, quer na assistência social, ensino, etc. Mas, ao levar a mulher para um hospital, quer fosse em Coimbra, Lisboa, ou noutra parte, eles iriam querer saber quem a assistira, se estava autorizado... e assim por diante. Não iriam ter em conta que era alguém já condenado a morrer, e tudo fazerem para tentar salvar duas vidas: mãe e filho.

Justino estava sem saber o que fazer, sem ver uma possível saída para tal problema. A única que via, era confiar em Deus e esperar o resultado.

Madalena não era apenas culta e bela, era também humana, esperta e decidida. Sem entrar em pânico - dom que herdara da mãe - e sem o interromper, ouviu-o, para em seguida lhe dizer:

- Para grandes males... grandes remédios! Eu tenho vários amigos médicos, entre eles uma amiga que foi minha colega do liceu e faz serviço num Hospital de Lisboa. Vou falar com ela ainda esta noite, e creio que vai fazer tudo por mim. Mas se não estiver na sua mão... contactarei outros das minhas relações, e tudo se há-de resolver pelo melhor. Ainda hoje os vou contactar, e tudo se há-de resolver, sem se criarem problemas a ninguém. Deixa isso comigo! Eu te direi o resultado... Quanto aos custos que isto vai acarretar, não sei quanto será! Mas, por certo, não irá ser igual ou superior ao valor duma vida. Por essa razão, tudo se deverá fazer para a salvar. Pelo dinheiro, não vai deixar de ser tratada!

Depois de conversarem mais acerca deste imprevisto, ambos saíram. Ele tomou o caminho do restaurante e ela o de casa. Já na rua, despediram-se, como simples amigos, para se voltarem a contactar ainda essa noite.

O restaurante fechava às onze, mas ficava ali gente por horas, a ornamentar as coisas para o dia seguinte. E, tal como ficara assente, Justino teria que ali esperar pelo telefonema de Madalena.

Tal como prometera, assim que tudo estava tratado, logo ela o chamou,

para o informar do que tinha sido resolvido com a sua amiga médica. Esta ia marcar o internamento e a criança ficaria junto da mãe. Foi também tratada a ambulância, com uma enfermeira especializada em partos, para ir à terra e acompanhar a Clarinda até Lisboa.

Faltava agora informarem a família, para se prepararem e a virem trazer ao lugar indicado. Mas isto teria que ser feito o mais rápido possível, antes que algo desastroso acontecesse.

O marido da Clarinda estava sinceramente grato àquela mulher, tão bondosa e humana como nunca antes encontrara alguma. Não se julgava merecedor de tanto carinho e amizade, não apenas para si, mas mais pela esposa, que nem sequer a conhecia.

Depois de receber a informação e os conselhos dados por Madalena, falou com os patrões, que ainda se encontravam ali, a fim de obter uma dispensa, para ir à aldeia buscar a mulher e o filho, para serem internados em Lisboa.

Arrumado este assunto, e sem mais perdas de tempo, foi aos correios enviar um telegrama para Penedais, para alugarem uma mula e a virem trazer no dia seguinte, à hora determinada, à Cruz dos Castanhais, onde já podia chegar um automóvel. Ali a esperaria ele, com uma ambulância, para a levar para um hospital da capital.

Pela noite, no lugar dos Penedais, tal como em todas as terras das redondezas, não havia luz pública. No escuro, quando tinham que sair, mesmo a casa dum vizinho, tinham que levar consigo a velha candeia, de azeite ou petróleo, ou então uma pinha acesa.

As terras iluminadas eram poucas, além das sedes dos concelhos. E, mesmo estas, ainda havia algumas onde a iluminação pública não era electricidade.

Já no escuro da noite, um jovem, de bicicleta bateu à porta da Ti-Amália, a perguntar por Clarinda.

É a minha filha - disse a mulher - O que lhe deseja?

- É para lhe entregar um telegrama - respondeu o bofetineiro.

- Ela está de cama... doente... não o pode vir atender!

- Mas se a senhora é a mãe... pode-o receber por ela!

A Ti- Tecedeira recebeu o telégrafo e rascunhou a sua assinatura sobre um papel meio amachucado. O portador meteu-o no bolso e desapareceu no breu da noite.

De seguida, a mãe foi junto do leito da filha, para lhe transmitir o que recebera, de quem era, e o fim a que se destinava. Ao vê-la torcer-se com

dores hesitou, para voltar mais tarde.

Pouco depois chegou o Barbeiro, para fazer o curativo, e logo a cunhada lhe contou do telegrama, e lhe pediu o parecer sobre o risco que podia ocorrer naquela viagem. O estado em que a filha se encontrava era crítico, e também o que isto a poderia afectar, pelas leis da medicina.

- Isso tão pouco me incomoda, ou preocupa. Até gostava de ser chamado a um Tribunal, sobre este, ou outro caso idêntico. Teria o prazer de poder chamar os governantes de bandalhos, cruéis, brejeiros e bárbaros. São eles os castigadores deste humilde povo serrano, sem protecção, nem direitos.

Era a razão porque tanta gente era enterrada nos cemitérios daquelas aldeias, sem direito à vida. Esse era o testemunho do grande desprezo e abandono dos governantes, não importava se monárquicos ou republicanos, ditadores ou liberais.

- Eu sei que a Clarinda está mal... mas ainda está viva, assim como o filho! Mas, se não tomasse as medidas que tomei, estariam ambos enterrados, dentro dos muros à saída da aldeia. Até gostava que me levassem a tribunal...

O bom do "Clínico-Barbeiro" não só achou bem, como mesmo ordenou a sua partida, tanto mais que o marido a esperava com uma ambulância na Cruz dos Castanhais. Ficar em Penedais era correr um grande risco, por falta de meios necessários ao seu estado. Não morrera do parto, mas iria morrer da cura. E os pedidos aos santos nem sempre têm efeitos positivos.

O pior seria o trajecto, de mais de três horas, até lá chegar. A partir dali tudo seria mais fácil, até porque as ambulâncias têm gente especializada, com meios de prevenção para acudir às primeiras emergências.

Depois da Ti-Amália escutar tudo o que o bom homem tinha para dizer, tomou ela a palavra:

- Ainda esta noite tenho que procurar alguém que a possa levar, pela manhã, e tem que ser quem tenha umas cangalhas, para ela se poder sentar...

- Não se preocupe com isso. Não vai pedir a ninguém, porque eu mesmo o vou fazer. Já o tenho feito a tantos... porque é que o não hei-de fazer à sobrinha que mais adoro! E, acima de tudo, pelo receio do que lhe possa acontecer no caminho. Prepare as coisas que ela terá de levar consigo, que eu, pela manhã, bem cedo, cá estarei... com a graça de Deus.

Como já tudo estava assente, o Barbeiro foi ver Clarinda, para saber como se encontrava e lhe fazer o tratamento.

- Então como vai a nossa doentinha? - disse o Clínico, num ar de graça.

- Muito mal... tio Robalo! As dores são tantas que não me deixam em paz por um segundo. Nem mesmo quando dou a mama ao menino. Se não fossem os meus filhinhos, eu queria era morrer!

- Qual morrer... qual o quê! Uma jovem com dezanove anos a pedir a morte? Nem pensar! Tu vais ficar boa e hás-de ser uma grande mulher!

- Com a minha menina foi tão fácil... e com este está a ser tão difícil! Parece que a minha barriga e toda a parte baixa é uma fogueira, que não para de arder.

- Eu sei... mas tudo há-de passar... e vais ficar ainda mais rija e forte do que eras antes!

- Deus o ouça tio Robalo!

- Deixa-me ver como é que isso está?

A pobre, com alguma vergonha, pôs o lençol pela cara, enquanto o Clínico - sem diploma- a examinava. Depois de a ver cuidadosamente, o homem chamou a mãe e perguntou-lhe:

- Não chegaram a aviar a receita que passei?

- Olhe cunhado... eu pedi ao correio o favor de me trazer os remédios da Vila, mas como custavam mais que o dinheiro que lhes dei... ele não os pode trazer. E como não tinha mais dinheiro... estava à espera de alguma coisa que o meu genro mandasse...

- Eu já venho! - disse o Barbeiro. E, sem mais dizer, saiu.

Foi a casa, buscar um remédio que tinha para aliviar as dores. Pelo caminho, ia dizendo para consigo: “Ainda bem que segue já amanhã para um hospital. E Deus queira que ainda vá a tempo de a poderem salvar... o que não será muito fácil”.

Minutos depois, regressou, com um medicamento que deu à Clarinda para as dores. Chamou a mãe para lhe ordenar as horas a que lhe deveria dar aquele remédio. Desejou as melhoras à doente, deu as boas noites, e prometeu voltar pela manhã, com a mula, para a levar ao lugar onde era esperada.

Ainda não tinha rompido a manhã no horizonte, já o Barbeiro estava com o muar aparelhado junto da casa da Ti-Amália, para levar a filha àquela viagem com passaporte para a eternidade.

Também lá dentro já tudo estava em acção de partida. Clarinda, bastante débil, embrulhada num cobertor, esperava ordens, sentada numa cadeira da sala. Junto de si tinha o recém-nascido, que a iria acompanhar

na longa viagem para o hospital, ou para o cemitério.

Antes de sentarem Clarinda nas cangalhas, já colocadas na mula, o senhor Robalo chamou a Ti-Amália de parte, para lhe dizer que se fizesse acompanhar de alguns panos limpos, em caso duma possível hemorragia. Após esta recomendação, a senhora disse tudo estar pronto, da sua parte. Foram sentar a doente nas cangalhas sobre a besta, e o menino levá-lo-ia à avó. Anabela ficava com a cunhada, mulher do tio Robalo, tendo-a tirado dos olhares de Clarinda.

Depois de se acomodarem e bem segura na armação, deram o início a esse trajecto de mais de três horas, por caminhos alcantilados e de mau acesso. O senhor Robalo seguia à frente, com a arreata na mão, e a Ti-Amália à retaguarda, com o netinho ao colo.

Quando deixaram Penedais, era ainda noite. Os astros estavam totalmente cobertos por uma nuvem carregada, que, mesmo assim, deixava passar alguma luz da lua - que há dois dias tinha sido cheia - a descair no seu minguante.

Tinha passado hora e meia desde a saída de casa, iam já no alto das malhadinhas, a cerca do meio do caminho. A luz do dia começava a querer tomar o lugar da Lua, encoberta pela nebulosidade. Estas começavam a derramar algumas pingas grossas, movidas por um vento agreste, para complicar ainda mais a vida dos pobres viajantes.

Clarinda, de quem nada se tinha ainda ouvido, além dos ais constantes das suas dores, disse:

- Eu vou toda molhada! Não sei se é chichi... se sangue.

O Barbeiro mostrou a serenidade de sempre, mas apenas na aparência. No seu interior, o coração quase gelou, como nos tempos idos da guerra, quando via os colegas caírem mortos a seu lado. Ainda que já antecipasse tal acontecimento.

A chuva era agora mais densa e contínua, sem um lugar onde se pudessem acoitar. Olhou à sua volta e viu, a poucos metros do caminho, um penedo alapado, com uma grande copa, onde se podiam abrigar da chuva e tratar da Clarinda. E foi para ali que puxaram o muar.

O tio Robalo começou por desamarrar a corda que enleava Clarinda na cadeira das cangalhas, enquanto a mãe preparava, com certo cuidado, a caminha para o bebé. Ao remover o cobertor que enrolava as pernas da doente, viram-no encharcado em sangue, o que confirmava a hemorragia que tanto temia.

A Ti-Amália não se apercebera da gravidade do estado da filha, ocupada em resguardar o netinho debaixo da concavidade do penedo solitário, o único abrigo para a tempestade que pairava sobre aquele alto monte descampado.

O Barbeiro tentava aliviar o sofrimento da jovem mãe, começando por lhe dar uma injeção, junto com outros tratamentos, de acordo com o seu mal. Pouco depois, a enferma começou a sentir algumas melhoras.

A hemorragia cessou e Clarinda, amparada pela mão do homem, chegou-se junto do penedo onde estavam a mãe e o filhito, para se abrigar junto deles. Depois de se ajeitar, mesmo com algumas dificuldades, desabotoou os botões da blusa, para dar o peito à criança. Um peito farto, mas sem leite.

A chuva e o vento frio do norte - sempre temido pelos beirões pela sua crueldade - eram como que um alívio para o estado da doente. No rosto lia-se-lhe que o seu sofrimento tinha abrandado um pouco, com o alívio das dores, agora menos constantes e agressivas. Também dos seus olhos saíam raios de esperança, de alguém que queria viver, que nem a mãe, nem o Clínico amador, ainda tinham dado como perdida.

A tempestade começou a amainar a sua fúria, mostrando algumas abertas, à medida que o vento rasgava a acumulação nebulosa, tornando a atmosfera mais clara.

Como ainda faltavam alguns quilómetros para concluir a caminhada, e o tempo estava incerto, tinham de aproveitar essa aberta para mais uma etapa dessa corrida de vida ou de morte, por aqueles montes desertos, só com vida selvagem.

A saúde de Clarinda estava como o tempo, pelo que teriam de aproveitar as suas melhoras e o favor das condições climáticas. Ainda faltava mais duma hora para chegarem à Cruz dos Castanhais.

Era neste local - o único de toda esta grande zona - que já existia uma estrada, e em muito boas condições para a época. Era uma pequena aldeia de Ojafa, onde estavam ligados, ou dali descendiam, dois doutores, com grande influência nacional, no tempo da ditadura salazarista. Diziam ser esta bonita povoação, erguida num pequeno planalto, entre duas serras, perto do rio Raice, um dos lugares preferidos para as férias do então Presidente do Conselho português, o ditador Salazar.

O Sol já por tempo raiava, mas mostrava-se como que envergonhado. Via-se nos altos picotos das serras distantes, como que incentivando aquele grupo de quatro humanos e um animal a retomarem o caminho. E

assim fizeram.

Depois de Clarinda voltar à cadeira de cangalhas que a mula carregava para esse efeito - o transporte mais confortável para as pessoas doentes de então- e o bebé ter sido agasalhado devidamente, voltaram à jornada.

Por esses carreiros de cabras, a mula ia à frente, para sacudir as cantarinhas dos matos que cobriam o caminho por onde passavam. Quando o Sol raiava à distância sobre este verde manto, essas gotinhas de água que se mantinham nos raminhos da vegetação, brilhavam como verdadeiros cristais.

Agora, já no cimo dos montes, depois de subirem outeiros e vales, atravessavam os picos daquele lugar, com o coração na boca, receando voltar a ser fustigados pela chuva e pelo vento frígido da madrugada. Neste cenário, palco do sacrifício, doença e dor, o nevoeiro fora vencido pelo Sol, e a Natureza voltava a mostrar o seu esplendor.

A cerca de um quilómetro do lugar desejado, viram vir em sua direcção um homem, que, devido à distância que os separava, não puderam identificar. Só pouco depois o reconheceram. Era Justino. Vinha ao seu encontro, pois a ambulância já ali se encontrava.

Justino cumprimentou a sogra, para logo em seguida dar uma espreitadela ao filho que ia ao seu colo. Em seguida, dirigiu-se ao senhor Robalo, com uma palavra de agradecimento, por tudo o que ele estava a fazer pela mulher. Depois, foi a vez de Clarinda. Mas esta, sentada na cadeira de cangalhas sobre o muar, não pôde ir além de um beijo enviado por um aceno de mão.

Dali até ao lugar onde a ambulância esperava, o senhor Robalo foi explicando ao marido os detalhes do parto da esposa, e tudo o que fizera para lhe salvar a vida, assim como a do filho. Sabia que não estava boa, mas, felizmente ainda estava viva, tal como o menino. Mas ambos já estariam enterrados, se não tivesse tomado as medidas que tomara.

Este último quilómetro, o mais fácil de todos os que tinham feito, quase o andaram sem darem por isso. E, finalmente, chegaram ao lugar tão desejado, que ditaria o caminho da sorte daquela mãe.

A enfermeira que viera para acompanhar esta missão - por ordem da médica amiga de Madalena - foi ajeitar Clarinda no lugar a si reservado, e depois foi a vez do menino. Já com as coisas sob controlo, foi falar com o Barbeiro acerca da doente.

A jovem, mas competente, enfermeira, deu ordem à mãe para se despedir da filha, que fez os possíveis para conter o choro, movida pela

tristeza que lhe ia na alma. Enquanto o clínico-aldeão entregava àquela responsável da saúde a medicina que trazia para a doente, disse-lhe:

- Estes são os remédios que está a tomar, que eu lhe receitei, de acordo com o seu mal, dentro dos meus conhecimentos e a consciência me disse serem os apropriados.

De seguida, apontou para uma pequena caixa, dizendo conter duas injeções, para estancar as hemorragias, caso fosse necessário.

- Obrigado! Mas nós viemos preparados, já a pensar em tudo isso. Mas deixe-me ver! - disse a jovem enfermeira. - Oh! Mas são iguais às que trazemos! Olhe... leve-as consigo, para dar a alguém, em outra ocasião.

Finda a conversa sobre a doente e a sua medicina, o bom do Barbeiro tirou do bolso do colete um pequeno papel que continha o seu nome e morada, que entregou à enfermeira, afirmando:

- Também tem aqui o meu contacto, que pode entregar ao seu chefe, ou às autoridades que regem a saúde, para, em caso de me quererem prender pela minha ilegalidade, não perderem muito tempo a saberem onde estou... Pretendo facilitar-lhes a minha captura, para que não lhes seja tão difícil como foi a nossa viagem, desde Penedais até aqui. A partir de agora, a doente está nas vossas mãos, com a certeza de que está bem melhor do que nas minhas. Fiz tudo o que pude e a minha consciência está descarregada e limpa, porque, se não actuasse assim, ter-se-iam perdido duas vidas. Pelo que posso pagar caro...

Em breves palavras, a simpática moça, responsável por aquela missão, disse ao heróico montanhês:

- Prende-lo?... E, prender, porquê?! Eles deviam era condecorá-lo. Fazerem-lhe isso, seria a pior das crueldades e a mais descarada cobardia!

- Mas olhe que já não seria eu o primeiro! Por isso, não ponho de fora que tal não me aconteça... - disse o homem dos Penedais...

- Sim... eu conheço essa verdade! - respondeu-lhe a jovem - Como também conheço as dificuldades deste povo mártir, que vive nas zonas isoladas do interior. Fui nascida e criada em Lisboa, mas filha de pais desta região. A minha mãe é de uma aldeia de Arganil, e o meu pai do concelho de Pampilhosa. Aprendi da boca deles quão difícil é o viver destas gentes humildes e esquecidas, que têm como segurança médica e social a fé em Deus, e nos Santos das suas capelas ou igrejas. Só a eles recorrem nas situações aflitivas... em todos os dias e horas.

A jovem recusou aceitar o papel do senhor Robalo, despediu-se dele, e foi sentar-se junto da enferma, ao mesmo tempo que ordenava a partida.

Com a ambulância a fugir, à distância, a Ti-Amália tirou do bolso o lenço branco, para acenar um adeus à filha e ao neto, descarregando as lágrimas que sustivera junto da dela. Ali, no alto da serra, podia chorar à vontade, para aliviar a dor que lhe ia na alma.

Também o senhor Robalo sentia vontade de chorar. Fizera tudo para salvar o pai dela, seu irmão, da maldita silicose, que o levara ainda na flor da idade. Agora, tudo voltara a fazer para salvar a filha, sua sobrinha, e estava a ver tudo malogrado. A mãe tinha razão para manifestar a sua dor. Por isso a deixou só, esperando-a um pouco mais à frente.

Enquanto os olhos da pobre mulher acompanhavam o andamento da ambulância pelos torneados dos outeiros e vales, o bom do Barbeiro, com a rédea na mão, aguardava a chegada da Ti-Amália, na bifurcação de Laboce e Penedais.

Os passarinhos, nas suas constantes melodias, pareciam querer confortar a mulher naquele momento de aflição. O pranto que derramava era semelhante àquele com que acompanhara o marido à sepultura. Como que enlouquecida, não parava de desfraldar ao vento aquele pedaço de pano branco, mesmo depois de a ambulância ter já escapado do seu círculo visual.

De volta a Penedais, o senhor Robalo ordenou a Ti-Amália para montar a besta, pois não fazia sentido irem os dois a pé, e a mula sem nada. Até para, no caso de encontrarem alguém, não serem censurados, repetindo-se a história do velho, do rapaz e do burro.

Depois de se ter instalado na cadeira que servira para a filha, a mulher tirou do bolso da saia um rosário, começando a debulhar as contas, uma a uma, ao mesmo tempo que os lábios lhe buliam, sem cessar. Naquela reza constante, em que os dedos e lábios pareciam estar sincronizados pelo mesmo compasso, apenas havia tempo para uma paragem, aqui e além, para deixar sair um ai, que o coração expedia pela força da dor que lhe ia na alma. Só passado algum tempo, já cansada de rezar, a boa senhora fez uma pausa nas suas orações, para falar da sua filhinha e dos palpites trágicos que tanto a entristeciam, pensando não mais os ver.

Mas logo o silêncio se impôs entre os dois caminhantes, apenas interrompido pelas pegadas da mula, misturado com o zumbir álcree das abelhas e dos outros insectos, à procura do néctar das flores silvestres.

Já a viagem ia longa, a mulherzinha voltou a dar um ai, para em seguida perguntar ao cunhado:

- Você sabe a que horas eles chagarão a Lisboa... se ela não morrer no

caminho?

- Se não houver nenhuma paragem de maior, deixe-me ver... - tirou o relógio do bolso do colete, preso por uma corrente em ouro, abriu a caixa de protecção e viu os ponteiros - são onze da manhã... por volta das sete, já lá devem estar. Oito horas é o suficiente para fazer esta viagem. Mas esteja descansada! Se a sua filha não morreu até aqui, também não irá morrer no caminho, porque, tal como a enfermeira me disse, se virem que não aguenta a viagem, vão interná-la em Coimbra, ou em outro lugar que vejam ter condições. Ela pareceu-me uma jovem responsável e dedicada, que sabe bem o que faz...

- Não me diga, cunhado, que a minha filha vai morrer... e a vão enterrar no caminho! Oh, meu Deus... meu Deus!

- Não é enterrar... é internar! Quer dizer dar entrada num hospital. Não faça confusões, minha cunhada! Esteja descansada, que a sua filha, em menos tempo que espera, vai ficar boa. Na cidade as condições são outras que não aqui! Tantas mães morrem por estas aldeias, devido às anormalidades de darem à luz, o que nunca aconteceria se estivessem perto dum hospital... Por isso, não tenha medo, que ela está em boas mãos... e com recursos!

- Deus o ouça! - disse a pobre mãe, um pouco mais aliviada com aquelas palavras de conforto.

O clínico das serras, homem inteligente, bastante polido e rodado - um veterano da primeira grande guerra - quisera apenas desviar-lhe a atenção da filha da sua mente, e logo mudou de conversa, começando a falar da sua juventude, quando pastoreava naquelas serras o rebanho do seu amo, onde o pai o pusera a servir pela côdea - "comida" - e três alqueires de milho por ano, para amparar a vida dos irmãos mais novos.

Os lobos eram então mais frequentes, nos montes que os rodeavam. Toda a vigilância era pouca, para livrar o gado dos seus dentes devoradores. Ainda lhe comeram duas cabras: uma, quando ao serviço desse patrão; outra, quando pastor da casa paterna. E assim, conversando dos rebanhos e pastores, de lobos e patrões, chegaram a Penedais, quase sem darem por isso.

Ti-Amália e Clarinda eram muito estimadas e queridas na aldeia, por estarem sempre prontas a darem os seus préstimos a quem delas necessitasse. Este foi um problema muito sentido por todos, gente local e não só. A saída para Lisboa e pela razão que fora, deixou toda a gente consternada.

Quando o povo os viu, à Portela, tanto os que andavam nos campos como os que estavam em casa deixaram os seus trabalhos, para se juntarem no Adro da Matriz, a fim de saberem as últimas da Clarinda. Nem mesmo o padre Coimas faltou!

Ali foram explicados todos os detalhes da dura viagem e da tempestade que os fustigara por aquele caminho de cabras. Mas, com a graça de Deus, lá haviam chegado ao local onde a doente era esperada, para a levarem para o hospital. Restava agora aguardar pelas melhoras, o que era o desejo de todos.

Depois de nada mais haver para dizer, as pessoas foram-se afastando para as suas ocupações - mesmo a Ti-Amália, que estava em cuidados com a neta- ficando apenas o padre e o Barbeiro.

Entre estes dois homens havia uma certa amizade e até confiança. Por isso, às vezes, o Clínico usava contar ao cura algumas coisas mais íntimas, mesmo fora da confissão. E, naquela altura, tinha outra para lhe contar:

- Sabe padre! Eu tentei salvar duas vidas, que, por enquanto, ainda não estão salvas. Se tivesse ficado de braços cruzados, já estariam dentro daqueles quatro muros brancos, sem a necessidade de eu ter que sair com eles, esta madrugada. Mas não me surpreende que isso me venha a criar problemas... Como qualquer pessoa honesta e pacífica, não tenho prazer em ser incomodado. Mas, em parte, até gostava que me levassem a tribunal. Talvez então a voz deste povo se fizesse ouvir, para também olharem por nós. Por aqui, nestas terriolas, isoladas de tudo e de todos, temos que viver como aldeias comunitárias, contando apenas com os recursos que temos, e ajudarmo-nos mutuamente, como sempre temos feito.

Depois de uma curta pausa, para melhor apreciar o impacto que as suas palavras estavam a ter no sacerdote, prosseguiu:

- Não mandam para aqui médicos, nem tão pouco existem condições para eles cá se aguentarem. Infelizmente, os doentes são muitos, a juntar aos imprevistos, tal como o que estamos agora a viver. Mas há sempre acidentes, ou coisas que não se esperam, e alguém tem que ser médico de alguém. Mais ou menos qualificado... E o mesmo acontece no ensino. Veja só! Temos duas escolas, não temos? Mas diga-me lá onde estão os professores? Estes lugares de ensino são como duas árvores quase secas, mostrando umas folhas verdes no Outono, que caem antes do Natal, para não haver rebentos na Primavera da nossa juventude. Isto é o que acontece com as nossas escolas... No princípio do ano lectivo ainda aparecem os

professores, mas raros vêm depois do Natal. Ou seja, um ano escolar de apenas três nesses, não sendo possível assim acabar-se com o analfabetismo que há por estas aldeias. Os anos escolares vão passando, e os jovens a ficarem sem a luz da instrução! Se não houver alguém que alerte este mal a quem de direito, os nossos jovens, que são os homens do amanhã, encontrar-se-ão num mundo mais escuro e difícil de vencerem.

O padre escutou-o com toda a atenção, para lhe dizer em seguida:

- Meu bom amigo! Tudo o que acaba de apresentar, é um facto! Que eu tenho combatido a cada ano que passa, mas que mesmo eles têm dificuldade em resolver... Uma escola é dada a um professor, e esse lugar é seu... pelo menos durante esse ano. Se dele não gosta, e depois dá parte de doente, nem sempre têm substitutos para ocupar essas vagas. Outras vezes, concorrem a diferentes lugares, sem darem baixa daqueles onde estão colocados e que está dado como preenchido, ficando sem professor. Mal é de quem vive nas serras das Beiras...No que respeita à saúde, esses é que nem por três meses, nem por três dias, para aqui vem alguém. Por isso, legal ou ilegal... presos, ou em liberdade... temos que viver com o que temos. E, se porventura vier a ser incomodado...o que não vai acontecer... nós cá estaremos para o irmos defender. Todos juntos! Isso lhe garanto eu!

- Senhor padre - disse o Barbeiro! – Eu não desejo ser molestado. Quero é que me deixem em paz, para ir olhando pelos meus doentes. Mas, tal como já disse, em parte até gostava que me levassem a tribunal, para puder manifestar aos responsáveis deste país, a maneira como vivemos... como nos tratam, e como nos desprezam!

- Olhe, senhor Robalo! Eles sabem tudo... mas não ligam! Por isso não vamos encher a nossa cabeça com mais coisas que não prestam e só nos chateiam. O tempo mais mal empregado, e inútil, é aquele que gastamos a pensar em quem não pensa em nós. Tal como disse ainda há pouco, temos mas é que contar apenas connosco, e viver em comunidade.

Justino seguia na cabina, ao lado do condutor. No compartimento da ambulância, iam a doente e a enfermeira responsável por aquele serviço. Poucos quilómetros depois de terem deixado a Cruz dos Castanhais, esta ordenou ao motorista para fazer uma paragem, a fim de examinar o estado da doente e saber quais as medidas a tomar.

Levantou-lhe as roupas que a cobriam, para verificar o seu estado e a causa das hemorragias de que o Barbeiro lhe falara. Viu não serem provocadas pelo trabalho daquele, mas sim por problemas internos, o que

a deixou mais preocupada. O corte que ele fizera e cosera, estava com boa aparência, sem sinais de infecção, um serviço que faria inveja a alguns profissionais.

Elizabete - assim se chamava a enfermeira - preparou uma dose de sangue, em caso de ser necessário. Clarinda, ao tomar conhecimento do que ela estava a preparar, numa voz receosa, perguntou-lhe:

- Vai-me dar sangue?

- Por enquanto, ainda não... mas é bem possível que sim! Porque pergunta?

- É que eu não gostava de levar sangue! Mas se tiver que ser... É que na minha terra houve uma senhora que também levou sangue e ficou sempre a sofrer. E eu tenho medo que me venha a acontecer o mesmo. Dizem que o sangue não era igual ao dela.

- Sabes... eu não sei quanto já perdeste! E se te voltar a dar outra hemorragia, não terei outro remédio. Contudo, vamos esperar que tal não venha a suceder.

O menino tinha mamado pouco tempo antes de entrarem na ambulância. Como levava o estômago cheio e nada lhe doía, dormia que nem um santinho. Apenas veio a dar o aviso para a sua nova refeição junto a Condeixa.

Aqui, Elizabete disse ao condutor para pararem e, depois de verificar que nada de anormal se passava com Clarinda, trouxe-lhe o filho, para que o amamentasse. Depois de tudo estar em ordem, seguiram de novo a caminho de Lisboa.

Quando já iam perto de Santarém, Clarinda começou a sentir-se mal e com alguma humidade no baixo ventre, informando Elizabete, para ver o que se passava.

- Foi a maldita da hemorragia que apareceu de novo! - disse a simpática enfermeira.

Ao vê-la naquele estado, lembrou-se das palavras da doente sobre a vizinha, que levava sangue trocado. Tremeu... pois o que levava consigo também não sabia se era do mesmo tipo do de Clarinda. Assim, sem pensar duas vezes, deu ordens ao motorista para darem entrada nas emergências daquele Hospital Distrital.

Felizmente, as emergências não estavam muito ocupadas, podendo ela ser consultada de imediato. Cerca de hora e meia depois do internamento, o médico chefe deu-lhe alta daquele estabelecimento de saúde, debaixo de algumas recomendações. E, como eram horas para o menino ter mais uma

mamada, aproveitaram para fazê-lo naquela paragem, não sendo preciso voltar a parar para esse fim. Até ao fim da viagem, tudo correu sem incidentes.

A chegada a Lisboa deu-se por volta das oito na noite. Se não fosse a paragem que tiveram que fazer em Santarém, o percurso duraria o tempo que o Barbeiro previra.

Tal com era normal, deram entrada nas emergências, para fazerem o registo, e depois foram encaminhados para o departamento que tratava do seu mal. Mas já tudo estava à espera, sob a orientação da Elizabete.

Clarinda foi internada nos cuidados intensivos, pois havia hemorragias internas e os médicos tinham que descobrir as causas desse problema.

No dia seguinte pela manhã, chegou ali o professor, com alguns médicos internos, para observarem o estado de Clarinda. Depois de verem o corte feito, já com os pontos tirados e a cicatrizar muito bem, o professor perguntou à doente:

- Quem é que tratou de ti, neste parto?

- Foi a minha mãe, que usa fazer de parteira lá na aldeia. Mas, como tudo correu mal, teve que chamar o Barbeiro, o único Clínico que temos para nos tratar. Nós lá não temos médicos, nem parteiras, nem tão pouco maternidades. Por isso temos que recorrer ao que temos, e ainda são estes que nos valem... de contrário, tanto eu como o meu filho, teríamos morrido.

O professor voltou-se para os jovens médicos e disse-lhes:

- Temos na nossa frente um trabalho feito por alguém que é muito provável que nunca tenha entrado numa escola... Qual é a vossa opinião sobre o trabalho que estamos a ver?

Dos cinco, quatro encolheram os ombros, talvez receando dar uma resposta desfavorável à ideia do mestre. Apenas um se manifestou.

- Eu não penso que faria melhor... mesmo com condições que certamente ele não teve ao seu alcance! Não se põe em causa as dores que a pobre sofreu, nem se é ou não é legal. O certo é que salvou a vida da mãe e do filho. Este homem, para mim, tem muito valor, como tantos outros que fazem o mesmo que ele fez.

- Já algum de vós ouviu falar destes barbeiros, ou viu algum trabalho deles, além deste, que está em causa? - perguntou o Mestre:

- Eu conheço. - retorquiu o mesmo que antes falara. E, ao fazê-lo, afastou o cabelo sobre a parte superior da orelha direita e mostrou uma

cicatriz. - Isto foi o resultado duma queda, que levou vinte pontos, tratado por um barbeiro, quando apanhava cerejas na aldeia dos meus pais. Também num lugar da Beira, não muito longe do desta doente. Os tais barbeiros, são os únicos médicos de que a maioria dos povoados das beiras tem conhecimento.

Finalmente, o professor deu o seu parecer, afirmando:

- As hemorragias podem até acontecer em partos normais, devido ao esforço provocados pelas dores, em que os vasos mais sensíveis podem rasgar. E muito pior em partos anormais. Razão porque não se pode responsabilizar ninguém. Todos sabemos que estes curiosos da medicina estão fora da legalidade. Mas não pode haver nada mais ilegal, que é haver alguém doente e não haver quem o cure! Assim, vou enviar-lhe os parabéns, por ter salvados estas duas vidas.

Durante um período de três semanas, as visitas foram limitadas. Mas isso tão pouco afectava Clarinda. Não tinha muita gente que lhe fizesse visitas. Apenas o marido, o irmão - que era polícia naquela cidade - e Madalena, que depois viria a conhecer. Essa é que foi a sua segunda salvação, e agora a sua protectora.

Mas como aconteceu o contacto entre as duas senhoras? Madalena era licenciada em literatura românica, exercendo o professorado num Liceu de Lisboa. Sem estar a fazer conta de qualquer transferência, é nomeada para ensinar num Liceu recentemente construído, em certo lugar da província, pelo tempo de dois anos.

Como o marido era oficial da Marinha Mercante, andava quase sempre no Mar. E, quando vinha à terra, queria fazer-lhe companhia. Era muito agarrada aos pais e não os queria deixar, foi a desculpa apresentada aos seus chefes. Pela sua recusa, que eles não aprovaram, suspenderam-na por um período de dois anos. Tantos quantos os que lá tinha de servir.

Dionilde, mãe de Madalena, era pessoa bastante rica e, tal como a sua filha, muito bondosa e de uma beleza rara. Com os seus cinquenta e quatro anos, fazia ainda doer a cabeça aos que a olhavam com olhos de cobiça. Esta mulher tinha tanto de bela, como de humana. Mais adiante falaremos um pouco deste seu dom pessoal.

Esta senhora também fora professora liceal, mas encontrava-se já fora da actividade do ensino. Quase diariamente, usava ir visitar os enfermos, aos hospitais. Agora, que a filha não dava aulas, convidava-a para essas visitas de rotina. Madalena nunca dizia que não. Gostava muito de

acompanhar a mãe e, se esta tinha orgulho na filha, ela não sentia menos pela sua progenitora.

O que acontecera entre si e Justino era coisa passada e enterrada por ambos. Era algo secreto, que ninguém mais podia saber. Por essa razão, a sua mãe nada conhecia de tal ligação, nem da doença de Clarinda. Por isso, quando falou à filha para irem ao hospital, foi esta quem escolheu onde iriam naquele dia.

Madalena estava ao corrente do estado de Clarinda, por intermédio da sua amiga médica - a quem pedira por ela - sendo também esta quem estava a olhar pela sua recuperação. Mãe e filha meteram-se no carro, e deram ordens ao condutor, para as levar ao hospital indicado.

Mais a mãe que a filha, ambas eram muito queridas e respeitadas em quaisquer destes estabelecimentos de saúde, não apenas pelos doentes, mas também pelos médicos e enfermeiros, com quem conversavam assiduamente, motivo por que raramente iam na hora das visitas. Ou iam antes, ou depois. Mas, nesse dia, foram dentro dessa hora.

Madalena sabia que Clarinda estava nos cuidados intensivos. Depois de ver alguns enfermos, pediu licença ao responsável daquele lugar, se podia ver a doente da cama que lhe indicou.

- Pode, sim! - disse o enfermeiro.

Consentimento obtido, encaminharam-se as duas para junto da cama da enferma, que facilmente identificaram, por ter o filhito a seu lado.

Ambas a cumprimentaram, com uma certa cordialidade, dizendo andarem a fazer visitas aos doentes internados. Madalena conhecia melhor do que ninguém história da jovem mãe, tal como o seu nome, com o qual já estava bastante familiarizada, apesar de não a conhecer pessoalmente. Assim, apenas para disfarçar, fez-lhe algumas perguntas:

- Foi neste hospital que a senhora teve o seu filho?

- Com bastante dificuldade no falar ela respondeu:

- Não, minha senhora! Foi na aldeia, mas... isto é uma longa história. É o signo de quem é pobre e vive em lugares abandonados... - respondeu, com ar tímido, ao mesmo tempo que duas grossas lágrimas lhe rolavam pela face.

Clarinda olhou em seu redor, em busca de algo para limpar os olhos, mas logo Madalena tirou da sua mala um lenço, que lhe entregou, num gesto carinhoso. Condoídas, mãe e filha despediram-se da doente, com a promessa de voltarem noutra ocasião, para então lhes contar que dor era aquela, que tanto a magoava.

Já fora da sala, Madalena sentiu vontade de chorar. Ela bem sabia que aquelas lágrimas vinham dum sentimento ainda em actividade e que estava por detrás de tudo, e da sua protecção. Mas foi a mãe quem abriu o diálogo:

- Chocou-me tanto aquela jovem mãe!

- Também a mim! - disse Madalena. - Quem é pobre... é sempre pobre. Não importa onde!

No dia seguinte, D. Dionilde telefonou à filha para saber se queria voltar com ela, fazer outra visita aos doentes do Instituto de Oncologia? Mas Madalena logo deu uma desculpa qualquer, como recusa. O que ela desejava era ir ver a Clarinda, tal como lhe prometera no dia anterior. Não era bem pela história que ficara por contar - pois disso já ela sabia partes - mas para lhe dar um pouco de ânimo e também para conhecer melhor as suas carências e dificuldades.

De caminho, passou por uma pastelaria e comprou alguns bolos para lhe oferecer, pondo de parte uma nota de quinhentos escudos - o equivalente ao ordenado mensal de um caixeiro - para lhe entregar à saída.

As despesas da ambulância já ela as tinha liquidado, coisa que a doente desconhecia, e dificilmente viria a descobrir.

Depois do pedido de autorização, entrou na sala e viu que Clarinda estava só. Cumprimentou-a com a devida simpatia, para, segundos depois, entrarem em diálogo, sobre um qualquer assunto. Terminado este, Madalena adiantou:

- Você, hoje, já mostra estar com algumas melhoras, coisa que se pode ler nas suas faces.

Clarinda, junto daquela jovem senhora, tão culta e tão fina, sentia algum acanhamento em dialogar com ela, numa conversação longa. Assim, disse-lhe, com toda a humildade:

- A senhora vai-me desculpar, mas, para nós, pessoas que vivemos nas aldeias, sem contactos exteriores e quase analfabetas, é sempre um pouco difícil falar com as pessoas das cidades, mais cultas e esclarecidas. Por isso, não tome em conta a minha ignorância!

- Que ideia! Não se sinta inferiorizada junto de mim, porque nós somos iguais! E, se eu tenho um pouco mais de instrução, você, apesar de ser mais nova, tem mais experiência do que são as dificuldades da vida. Aqui, eu vou aprender mais de si, do que você aprenderá de mim. Cada qual fala como sabe... e não se sinta diminuída. Não há pessoas superiores às outras. Podem ser mais ou menos ricas, mais ou menos cultas e até mais ou menos boas, ou más.

- Então vou contar-lhe a tal história.

E Clarinda contou à sua ouvinte, não apenas os problemas que ela já conhecia - que Justino lhe contara - como outros, do triste viver dos aldeãos, onde tantos nascem e morrem sem nunca serem assistidos por um médico.

Valia àquele povo os Barbeiros, tal como o que a salvara, mais ao filho, mas viria a morrer do mesmo modo, se não a fossem buscar para ser tratada. E quem é que por ali tinha condições financeiras e conhecimentos para o poder fazer?

- Estou crente que isto vai custar um dinheirão, e não acredito que tenha sido iniciativa do meu marido, porque eu sei bem até onde ele é capaz de chegar... Também não penso que seja ideia do patrão. Isto é fruto de algum Anjo, que pôs a sua mão para me salvar. Mas, o mais difícil, em muitos casos, é a abreviação do tempo, em que num minuto se pode salvar ou morrer. O que não é possível nas aldeias sem condições de acesso rodoviário, e com o hospital mais perto a cerca de oitenta quilómetros.

E logo prosseguiu:

- Tome o meu caso por exemplo! O lugar mais próximo onde a ambulância pôde chegar, fica a doze quilómetros da minha aldeia e cerca de três horas a andar a pé, sempre a subir e a descer serras, por carreiros de gado. Se for alguém que não possa andar, o único meio é deitá-lo numa padiola e carregá-lo. Ou então, se houver muares, a cadeira de cangalhas, fazendo a adaptação sobre a albarda do animal. Foi esse o meu transporte... Mas, como se não bastasse o desprezo que o governo nos dá, ainda por vezes incomodam, por causa desses Barbeiros, que só nos tratam por amor. E é essa a minha preocupação, agora, que o vão prender, em troca de me salvar...

Madalena interrompeu-a, para sossegar Clarinda, e disse-lhe:

- Esteja descansada... por que tal coisa nunca iria acontecer!

Agora, pensava já nas palavras de Justino, para ela pedir à médica amiga, que nada de mal fosse feito ao Barbeiro. Depois desta paragem volto a dar-lhe a palavra.

- Na educação é o mesmo problema... Os professores não querem ali estar, por não existirem as condições a que estão acostumados. Estudaram e viverem nas cidades, onde não lhes faltava conforto, e divertimentos... Quem os pode segurar, em lugares destes? Nas aldeias não têm nada que os distraia e ali os prenda.

Madalena lembrava-se da sua rejeição, e dessa pura verdade. Mas, se

ninguém for para ali ensinar, como podem eles aprender?

Falou de tudo um pouco, mesmo das promessas feitas aos Santos, em troca de um milagre nas sus dificuldades e desaires. E da sua filhinha, que deixara entregue à avó, por quem sentia tantas saudades.

Finalmente, falou das grandes dificuldades que já vivera na sua curta vida conjugal. Sabia que o seu marido tinha algumas excelentes qualidades, mas era muito irresponsável e descuidado nos deveres familiares. Tanta vez lhe pedira para a levar para junto de si, mas ele arranjava sempre uma desculpa. Uma vez porque o salário era insuficiente para manter uma casa de família, outras pelas dificuldades em arranjar casa para morarem, e outras ficavam mesmo sem resposta.

Muitos meses se tinham passado sem o envio de um centavo, e nem mesmo uma letra, para dizer como estava de saúde.

- Só desde algum tempo para cá, ele escreve regularmente e me manda dinheiro, o que me deixa alegre, mas admirada por este comportamento, que nunca lhe conheci. Parece que algum anjo o tem orientado! Como isto de me ir buscar à aldeia, para não morrer ali...

Mas quem diria a Clarinda que esse anjo de quem ela falava, estava ali, junto de si.

Quanto mais ela falava, mais Madalena gostava de a ouvir. Por saber que tudo aquilo que dizia era verdadeiro. Via-a nos seus dezanove anos de vida, uma mãe já com dois filhos, sobre quem recaíam quase todas as responsabilidades da nutrição familiar. Era nas aldeias onde se tirava o mais valioso tirocínio da vida, esse, que o marido nunca tirara, por ter sido criado em Lisboa.

Como que por casualidade, Madalena olhou para o relógio e deixou sair:

Oh... já são cinco horas! Como o tempo corre depressa...

Levantou-se da cadeira, para sair, e, ao virar-se para o lado, viu o menino, de olhitos abertos e a olhar para si. Parecia estar a admirá-la e a mostrar uma gracinha para aquela bondosa senhora que para ali os trouxera.

Madalena pediu a Clarinda, se o podia ter nos braços?

- Com todo o prazer! - disse a mãe, com um aviso para ter cuidado, para ele não lhe fazer chichi nos braços.

Passados alguns segundos, voltou a pô-lo no lugar, para em seguida lhes dizer adeus, deixando na mão de Clarinda a nota que para ela estava reservada e prometendo voltar um outro dia.

Passava já das cinco, quando Madalena deixou o hospital. Estava a fazer-se tarde para o encontro que tinha marcado com a mãe. Por isso, em vez do eléctrico, apanhou um táxi e pediu ao condutor para a levar ao lugar desejado.

No percurso, vinha-lhe à mente a longa conversa que tivera com aquela dócil aldeã e dos cenários que ela lhe revelara. Por um lado, sentia uma meia culpa por ter pecado contra ela; por outro, sentia-se em paz com a sua consciência, ao saber que estava a contribuir para o bem daquela família. E, com tudo isso a mexer-lhe na mente, sem dar conta das voltas nem do tempo, o taxista parava o carro junto à vivenda dos seus pais.

Mãe e filha tinham combinado estarem juntas por volta das cinco da tarde, a fim de irem ver uma exposição de máquinas industriais, pois estavam a pensar em substituir algumas, mais antigas, na fábrica de que eram donos. Mas, como achassem já ser um pouco tarde, desistiram, marcando para o dia seguinte. É que, tanto o pai Amândio, como a mãe Dionilde, gostavam sempre de ouvir a opinião da filha.

No dia que se seguiu ao diálogo que tivera com Madalena, a única visita que Clarinda recebeu foi a do marido. Quando ele lá chegou, ao princípio da tarde, tanto a mãe como o filhito dormiam um sono descansado. Sinal de que não haveria padecimentos de maior. Sem dizer nada, Justino sentou-se numa cadeira, junto da cama, esperando que acordassem para ter companhia. O que não tardou a acontecer.

Clarinda abriu os olhos e, ao ver que o marido estava ali exclamou:

- Nem dei conta de tu chegares!
- Isso é que me alegra! É sinal que não tens dores e estás a melhorar.
- Sim.. esta noite já não tive tanta dor... E, felizmente, nem amostras de hemorragias.

Ambos começaram a conversar e, em dada altura, o marido perguntou-lhe:

- Ontem de tarde não foi possível vir-te ver... Tiveste alguma visita?
- Tive sim! Uma senhora desconhecida, que já no dia anterior por aqui passou, junta com outra. Devem ser irmãs! Toda a gente as conhece... desde os doutores, aos doentes, e dizem que são senhoras muito ricas e bondosas, que gostam de visitar os enfermos nos hospitais. A mais nova - que é também muito simpática e elegante - esteve toda a tarde a falar comigo. Ou melhor: eu é que estive a falar com ela. Mas que simpatia de senhora!

Clarinda apontou para a mesa e mostrou os bolos que ela ali deixara. Depois abriu a sua gaveta e tirou de lá a nota que ela lhe dera, cuja quantia nunca antes tinha visto. Era de quinhentos escudos!

E, ao dizer isso, entregou-a ao marido.

Justino soube logo de quem se tratava, mas mostrou uma certa admiração e surpresa, começando por fazer perguntas à esposa, sobre essa distinta senhora.

- Olha! - adiantou a mulher - Ela é tão simples, que até pegou no nosso filho ao colo, como faz qualquer pessoa de família.

- Por tudo o que me contas... tem que ser rica, bondosa e simples. Estou muito feliz por saber que ainda há gente boa. Gostava de a vir a conhecer, para lhe agradecer...

- Talvez um dia calhe... pois ela disse que voltaria mais vezes.

Esse Anjo desconhecido
Que se chamava Madalena
Foi de todos o mais querido
Tudo fez sem alarido
Porque dela teve pena.

Aceitou ser a madrinha
A pedido daquela mãe
Nunca mais esteve sozinha
Deu-lhe muita coisa que tinha
E fez de Clarinda alguém

OS PAIS DE MADALENA

Sua mãe, D. Dionilde, símbolo do mais perfeito amor, da justiça e compreensão, fora também professora dos liceus. Era filha de lavrador abastado, para quem diariamente trabalhava muita gente. Ainda que não fossem dos mais algozes patrões, também não eram flor de muito cheiro. A paga que davam aos serviçais estava sempre longe de compensar o trabalho exigido, e, quando havia pedido de mais salário, saía logo a respostas: “A produção, este ano, foi muito fraca! Por isso, não se pode dar mais...”

Dionilde, quando tinha quatro ou cinco anitos, usava fugir para o campo, para se juntar aos trabalhadores do seu pai. E ali se mantinha, a brincar com as flores e os insectos, ora conversando com um, ora com outro, fazendo-lhes as perguntas embaraçosas da inocência, mas sempre difíceis em dar resposta.

Havia um trabalhador, já velho e muito magrinho, com quem a petiz gostava muito de falar. Por vezes, o velhote fazia em casa uma flauta de cana, um pífaro, ou qualquer outra coisa cativante, para dar à criança no dia seguinte e assim a deixar mais contente e feliz.

Mas, sempre que o encarregado ali via a criança, ralhava com o homem, para que a mandasse para casa, coisa que ele nunca fez. Julgava que ela o empatava. Um dia, foi o próprio encarregado quem a agarrou e a levou à mãe, sempre debaixo de gritos e choros, para pouco tempo depois ela voltar a fugir para junto do homenzinho.

Numa certa ocasião, a criança perguntou ao pobre velho:

- Por que é que és tão magrinho? Trabalhas muito... e comes pouco? O ancião fez de conta que não ouvira... e não respondeu. Mas ela voltou à carga:

- É porque não tens dinheiro para comprar muita comida? O meu pai não te paga bem?

O velho trabalhador continuou calado. Teve medo de dizer que sim, não fosse ela contar-lhe e fosse despedido. Preferiu não responder. Mas a criança voltou a insistir:

- Ainda não me respondeste se o meu pai te dava pouco dinheiro!

- Olha, meu anjo... desculpa, mas não te posso responder a essa pergunta!

- E porque não?

- Tu tens apenas cinco anitos... mas quando tiveres outros cinco, com

a esperteza que tu tens, saberás porque te não respondi...

- Olha... olha! Mas eu já sei agora!

- Já sabes agora... o quê?

- Que tens medo que eu diga isso ao meu pai, e ele te mande embora, fazendo a tua miséria ainda maior!

- É isso mesmo, minha linda!

- Mas eu é que nunca vou dizer! Porque eu tenho muita pena do Ti-Zé... e de todas as pessoas magrinhas que não têm dinheiro para comprar comida.

- Que Deus te conserve sempre esse teu coraçãozinho de santa! - disse o velho, sem poder sustener algumas lágrimas, que se vieram juntar ao suor que lhe corria pelo rosto.

- Porque estás a chorar?

- Não! Eu não estou a chorar.

- Estás sim... eu estou a ver! Mas não chores... porque eu hei-de ser sempre tua amiguinha, e de todas as pessoas que não têm comida.

- Nilde! Nilde! Anda para casa!

- A minha mãe está a chamar-me... tenho que ir... mas olha que vou voltar! - disse a inocente criança.

A mente daquela cabecinha estava desenvolvida muito acima do normal. Gravou no seu jovem coração, a imagem do velho Ti-Zé, assim como a dor das suas lágrimas e as suas palavras; e tantas mais, ouvidas àqueles trabalhadores. Foram como que uma bússola posta no seu cérebro, que havia de a guiar na vida, em direcção ao porto do bem servir e amar.

Como o tempo não para, pouco depois entrou na escola, e assim deixou de fazer as frequentes visitas aos campos, como era seu hábito. Fazia-o a uma vez por semana - quase sempre aos sábados. Levava consigo um cãozinho pela trela, que os pais lhe tinham comprado como prenda dos seus sete anos.

Agora a sua volta era mais longa. Tinha sempre uma palavra amiga e um cumprimento para deixar em cada trabalhador que passava, e queria que o cachorrinho fizesse o mesmo. Depois de completar a volta, que demorava cerca de duas horas, voltava para casa, umas vezes feliz, outras revoltada com o que via e observava nesse passeio.

Como a Natureza era linda, pensava: o verde manto dos campos, com as variantes cores das espécies cultivadas, as águas, correndo nos riachos, onde as rãs entoavam os seus “riás”... “riás”, nas árvores o chilrear da passarada, a saltitarem de ramo em ramo, manifestando a sua felicidade.

Tudo o que era existência, quer do reino vegetal, quer animal, respirava a beleza e alegria duma vida de igualdade. O mesmo não se via nos rostos dos humanos que ali trabalhavam.

Com estes passeios semanais, os anos foram-se passando e a jovem foi crescendo, tanto fisicamente como emocionalmente.

Num certo passeio à herdade, verificou ter havido algumas mudanças no pessoal. No lugar dos idosos, andavam moços que ainda deviam andar na escola. Isto preocupou a jovem, que regressou a casa sem concluir a sua volta.

O pai já por muito tempo fugia de falar com a filha acerca dos trabalhadores. Ela deixava-o de tal maneira embaraçado, que não conseguia arranjar resposta para lhe dar. Mas muito pior agora, que já estava para entrar no liceu.

Nas conversas que tinha com a mulher, referentes à moça, esta era só tratada pelo “piolho da igualdade”. Até usava dizer, que não sabia a quem é que aquela lêndea de gente tinha saído. A mulher dizia sair ao seu pai, um beirão inteligente, que muito lutara em favor dos abandonados... coisa que o levara à prisão, muitas vezes.

Nesse dia, ao voltar do incompleto passeio, Dionilde sabia que o pai estava no escritório. Por isso, subiu as escadas até ao primeiro andar e bateu-lhe à porta.

- Papá!... Papá!... Dá-me licença que eu entre?

- Agora não posso... estou ocupado!

Ele sabia bem o que tinha feito, por isso já imaginava o que a rapariga tinha para lhe dizer. Mas a jovem voltou à carga:

- Então eu vou esperar, até que me possa atender!

Entre pai e filha, mesmo com todas as contrariedades que sempre tinham, por causa dos trabalhadores, havia uma grande amizade. Ele não media as palavras dela pelo tamanho do seu corpo, mas sim pela sua grande personalidade e humanismo. E, apesar de não lhe convir o que ela tantas vezes lhe dizia, respeitava-a e tinha muito orgulho nela. Razão por que nunca lhe a castigara.

O pai pensou que a filha tivesse descido, mas, para desfazer essa dúvida, veio junto da porta, observar, e viu que ainda ali se mantinha. Com uma ponta de frustração, quase sem querer, saiu-lhe da boca o nome que só existia entre ele e a mulher:

- O que é que tu queres? Meu piolho da igualdade!

- Piolho da igualdade? O que é isso de piolho da igualdade? Se assim

entendem chamar-me... seja feita a vossa vontade... não julguem que me ofendem com isso!

- Mas... diz lá então o que pretendes?

- Olhe para mim pai! Diga-me que sumiço deu ao Ti-Zé e aos outros velhotes que já aqui o viram nascer?

- Foram para a quinta das amendoeiras!

- Isso é falso pai! Quer saber qual é a verdade? Eles já estavam velhos e cansados, não podendo dar o rendimento desejado. Estava na altura de irem pedir esmola! Por isso, foram substituídos por outros. Outros... que nem sequer ainda são homens...a quem a miséria roubou o direito à escolaridade. Que mundo tão ingrato... onde reina o oportunismo, egoísmo, ambição, tirania e crueldade. Quem trabalha, toda a vida passa fome e morre a pedir esmola...

Dionilde levantou-se da cadeira e disse:

- O pai dá licença que o piolho da igualdade saia?

- Sim... podes sair!

Mas baixou a cabeça, para esconder, não sabendo se um sorriso, se a vergonha da lição que acabava de receber. A jovem, tal como sempre fazia, deu um beijo ao pai e retirou-se.

Tinha terminada a instrução primária e fora aprovada, com distinção. Preparava-se agora para fazer a admissão aos liceus, numa escola junto da Igreja matriz daquele lugar. Tal como sempre, o condutor da galera ia levá-la e buscá-la à escola.

Num certo dia, ao sair das aulas, viu o seu condutor no átrio da igreja, a falar com um velhinho que ali pedia esmola aos fiéis que iam passando para aquele lugar sagrado.

A jovem chegou-se junto deles, e, para sua grande surpresa, viu que era o seu amiguinho Ti-Zé, que cinco anos antes lhe fazia flautas de cana, e com quem tivera o tal diálogo do pouco dinheiro que o pai lhe pagava.

Com a mesma simplicidade que sempre tivera, a mocinha perguntou ao pedinte:

- O Ti-Zé conhece-me?

- Conheço sim! O que eu não sei é se ainda tens o mesmo coração de anjo, de quando nos visitavas.

- O coração só cresce... mas não muda... Ti-Zé! Diga-me o que faz aqui?

- Pedir uma esmola, para não morrer de fome, aos pobres que ainda

trabalham. Porque este lugar, pode ser também o deles, amanhã!

- Aos pobres?

- Sim... aos pobres... meu anjo! Porque os ricos só nos vêem e conhecem enquanto temos vigor. Depois são cegos e desprezam-nos, sem mais quererem saber de nós. Só tu, meu anjo, não és capaz de desprezar ninguém...

- Eu, hoje, não tenho nada comigo que lhe possa dar... mas amanhã, eu prometo!

Houve mais algumas palavras, antes de se despedir dele, e tomarem o caminho de casa.

Dionilde tinha também uma grande afeição por aquele que a levava e trazia diariamente à escola. Durante o caminho fazia-lhe muitas perguntas. Mas, tal como com o Ti-Zé, para algumas não havia resposta. Nessa, tarde não houve absolutamente nenhuma.

Em casa, a filha foi ter com a mãe para lhe contar o que vira. Mostrou-se compadecida e até envergonhada, por quem soubesse que ela era a filha do lavrador para quem o pobre trabalhara uma vida inteira... e agora estava a esmolar à porta da Igreja.

- Tal não tem razão de ser... minha mãe! Isto é anti-humano, anti-cristão e anti-moral. Os frutos duma consciência ambiciosa e biltre...

A mãe ouvia a filha e as suas palavras confundiam-lhe a mente, recordando-lhe a voz do seu pai, quando revoltado contra as injustiças, quando ela tinha a sua idade. Olhava-a e via-a a ficar mulher. Em breve iria fazer onze anos. Mas a repugnância que lhe ia na alma pelas injustiças praticadas, davam-lhe a dignidade e a maturidade de uma pessoa adulta, bem formada, com postura digna e humana. Quando teve oportunidade disse à filha:

- Minha querida... o mundo foi formado torto... mas é torto que nele temos que viver! Nós não o podemos endireitar, por mais que nos esforcemos para o fazer. Não penses que eu, e mesmo o teu pai, não sofremos com isso... Mas tu não sabes o que se passa no mundo do trabalho... E vou-te dizer mais. O teu pai ainda é dos que melhor paga aos trabalhadores e os mantém por mais tempo ao serviço, mesmo com bastante idade, quando já pouco podem fazer. Nunca exigiu deles além das suas forças, ou alguma vez os tratou como escravos; ou mesmo admitiu que os encarregados lhes batessem... como se vê em alguns lugares! Ele gostava até de fazer mais, e pagar um pouco melhor... Já o tendo feito, secretamente, mas não é fácil minha filha! Os outros caíam-lhe em cima...

para que o não fizesse. E é isto que tu desconheces... como também é difícil ser bom e justo.

E a mãe continuou:

- Quando alguém não quer fazer... tudo fará para que ninguém o faça... E, um só, é impossível vencê-los a todos. O mal que tu vês na nossa propriedade, é apenas uma sombra da exploração. Tu não sabes o que é o mundo, és apenas um botão de rosa a abrir, na selva dos espinhos venenosos da sociedade. Nós temos muito orgulho em seres assim! Serás tu, e muitas outras e outros igual a ti, que farão um mundo mais digno e humano. Mas, até lá, será ainda derramado muito sangue, que eu não queria chorar mais na minha família. Chega o do meu pai, teu avô, quando então eu era menina do liceu.

- Mas o meu avô também era contra o abuso da exploração do homem sobre o homem?

- Sim, minha filha! O teu avô foi um lutador... não direi de direitos de igualdade... mas de justiça social, para se dar a quem trabalha a segurança e não terem que terminar a vida a pedir esmola. Isso está-te no sangue, razão por que te sabemos compreender. Um dia te contarei quem foi o teu avô, e o que fez em prol dos explorados indefesos. E agora vai estudar! Amanhã terás a esmola para dares ao Ti-Zé...

No dia seguinte, ao sair da escola, foi entregar ao infeliz o que a mãe lhe dera, mas ao virar a cara, viu um segundo, na outra extremidade, mas já nada tinha para lhe dar! No dia seguinte, trouxe para mais um, mas apareceu um terceiro... e depois um quarto... e assim por diante. Por fim, como já eram tantos, a mãe já não lhe entregava a si as dádivas. Encarregava essa missão ao galereiro da casa.

Dionilde esvaziou o seu mealheiro até ao último centavo, mas como a miséria não se pode combater com esmolos, mas sim com justiça, ela partiu para o liceu e a pobreza continuou naquele lugar. Levou consigo a memória dum mal que também a incomodava, e agora mais, sabendo o que fora o seu avô.

Umás semanas antes de começar o novo ano escolar, a jovem Dionilde foi para a cidade, ao cuidado de uma tia materna, que vivia perto do liceu onde fora matriculada. Também gente muito abastada. Foi com os tios que sempre viveu, depois que saiu da casa pais, não só enquanto andou no liceu, mas também na Universidade. E aí continuaria, mesmo depois de se formar. Só se apartou dos tios quando casou.

A dor pelos desprotegidos passou da criança à adolescente e, depois, à mulher. Ninguém foi capaz de lhe mudar os seus ideais, nem a sua maneira de ser. Muitas vezes se lembrava, com alguma felicidade, do que a mãe lhe contara acerca do avô.

Contudo, mesmo sem ser gananciosa - depois de casar- sabia bem como gerir a sua indústria e fazê-la produtiva, sem o sentido da exploração. Dava aos trabalhadores o direito de viverem sem fome e sem recearem o futuro. Sabia como agir para que todos vivessem felizes e satisfeitos. Foi isso que mais tarde provou ao marido, quando gerente da sua fábrica.

Amândio era o filho mais novo de um bem-sucedido industrial. E, ainda que seu pai quisesse fazer dele um advogado, não aceitou, tal como os seus irmãos também não o quiseram ser. Ao terminar o curso dos liceus, desistiu da escola, para se dedicar ao ramo industrial.

Quando o pai o chamou à atenção por ter parado os estudos, ele respondeu-lhe:

- A indústria é mais rentável que a Lei, mesmo que viesse a ser um famoso advogado. E, para saber gerir uma fábrica, o curso dos Liceus é mais do que suficiente.

A prova estava no sucesso dos irmãos, que ele iria tentar imitar a partir de então.

- Se é assim que tu queres... és livre! - disse o pai. - Só que tens mesmo que trabalhar! Não penses que vais sair da escola para te fazeres galdério, andares por aí a passear meninas e a gastar o dinheiro que eu tenho amealhado...

Amândio entrou no caminho da indústria e começou a trabalhar junto do pai. Quanto os seus dois irmãos, cada um geria a fábrica que estava sob a sua administração. O velho industrial já raramente ia às outras fábricas, pois tinha plena confiança nos filhos e não gostava de se meter nas suas gerências. E, se este que agora trabalhava a seu lado os viesse a imitar, em breve largaria a sua actividade, para viver em descanso os dias que ainda lhe restavam...

Em pouco tempo, este filho ficou conhecedor de todo o funcionamento da fábrica, ultrapassando mesmo os irmãos. Em especial no que respeitava à exploração dos trabalhadores. Numa coisa em que não os imitou, foi no casamento. Eles casaram aos vinte e poucos anos, tendo filhos bastante jovens, enquanto que Amândio só o viria afazer aos trinta e cinco.

Entre amigos, usava até dizer: “A juventude é para se gozar... e só depois é para casar”. E, como não lhe faltava dinheiro para todos os seus prazeres, sobretudo com as mulheres, mesmo sem precisar de sair da fábrica, foi-se mantendo solteiro.

Poucos anos depois, o pai viu que já ali estava a mais e não fazia falta. Viu ser uma boa altura para se retirar e entregar tudo aos filhos. E se bem o pensou, melhor o fez. Feitas as partilhas, todos foram unânimes em cada um ficar nos lugares que já estavam sob a sua alçada.

Na fábrica que agora era do Amândio, houve muitas alterações, mas nenhuma que viesse a favorecer ou a melhorar o operariado. O novo dono tornou-se ganancioso, tentando mais e mais, mas sem nada querer dar em troca.

Os quatro encarregados, eram os únicos que tinham bons salários e privilégios, para mais puxarem pelo desgraçado. Estes, viam nele um patrão ávido e ainda mais cruel que o pai. Olhavam-no não como uma pessoa humana, mas sim como um perfeito tirano.

Dionilde, depois de tirar a sua licenciatura em letras, foi dar aulas num liceu que levava os alunos até à Universidade.

Inteirada das dificuldades que muitos pais tinham em pagarem a um explicador, para ensinar aos filhos o que não aprendiam na escola, decidiu - mesmo contra vontade das suas colegas- ficar por mais uma hora, para uma explicação gratuita aos necessitados que o desejassem.

Numa das suas turmas, entre muitas outras alunas, havia duas irmãs gémeas, bastante inteligentes, mas humildes e sossegadas, por quem Dionilde tinha uma especial atenção. Sempre pensou, pela simplicidade delas, que proviessem de famílias carenciadas.

As gémeas nunca ficavam para a explicação. Mesmo sabendo que eram inteligentes, isto deixou a professora pensativa e intrigada, pois há sempre qualquer coisa a melhorar. Um certo dia, chamou-as à atenção:

- Será que as minhas amiguinhas podem dizer-me por que não ficam para a explicação?

- A razão porque não ficamos - disse uma delas - tal como a senhora disse, e muito bem, é que há pais que não podem pagar a um explicador. A senhora, consciente dessas dificuldades, sacrifica-se em prol daqueles que não podem. O que é uma acção meritória e digna, mas, felizmente, esse não é o nosso caso. Nós somos filhas de pais ricos... por isso não devemos tirar a vez a quem precisa e sacrificar mais a senhora.

Dionilde ouviu com estima as palavras das duas gêmeas estudantes, ao mesmo tempo que ia fazendo uma análise do sentimento daquelas jovens ricas, mas com a humildade de pobres. Quando terminaram as aulas, a mestra disse-lhes:

- Queridas amiguinhas! Estou feliz em saber que sois filhas de gente abastada, e mais ainda, pela vossa maneira de ser e de pensar. Dá-me alegria ter alunas que sabem conhecer as diferenças e respeita-las, mas os filhos dos ricos também são discriminados... Dão-me muito prazer se ficarem, também, pois ninguém melhor que vós e eu, sabe os pontos a aprimorar.

Na casa do industrial, esta professora era falada a toda a hora. Não só pelo seu brilho profissional, como pela sua nobreza humana. Isto, sem falar da parte física, pois era possuidora de rara elegância e beleza. Era simples, mas digna, e linda, mas sem manias.

Numa qualquer altura os pais das jovens tiveram que ir ao estrangeiro, em missão de negócios. E, como o outro irmão mais velho, já casado, vivesse no Norte, as duas ficaram em casa dos avós, sendo o tio Amândio o responsável por ir levar e buscar as sobrinhas ao liceu.

Nesses tempos, o carro ainda identificava o rico. Ter um automóvel era coisa que não estava ao alcance de qualquer comerciante. Quem fosse dono de um desses brinquedos de quatro rodas, era logo identificado como membro da aristocracia, ou a ela ligado pelo mundo dos cifrões. Tanto Amândio, como os irmãos, há muito usufruíam dessa identidade.

Numa dessas viagens, quando conduzia as jovens ao liceu onde estudavam, teve que parar, para deixar passar os peões, e, entre essas pessoas, seguia uma jovem senhora, que deixava os homens parados a olharem para ela. Ao vê-la, uma das jovens disse para a outra:

- Oh, olha, ali vai a professora Dionilde!

Amândio, que quase se esquecera de seguir com o carro, a olhar para ela, perguntou às sobrinhas:

- É esta a professora de que tanto falais?

- É sim, tio! - disseram as duas raparigas.

- Mas que linda senhora! Tendes que ma apresentar!

- Está bem, tio!

Amândio controlou o tempo, para chegar junto do portão do liceu ao mesmo tempo que ela. Saiu do carro, para abrir a porta às sobrinhas, e estas cumprimentaram a professora, para, em seguida, lhe apresentaram o

tio. Depois da apresentação, ele perguntou-lhes a que horas queriam que as viesse buscar. Uma, perguntou à mestra se iria dar explicação nessa tarde?

- Vou... Sim!

- Então, venha às quatro e meia!

- Está bem!

A caminho da fábrica, quase passava pelos cruzamentos sem dar por eles, com a mente ocupada por aquela senhora, já tão conhecida de nome na casa do irmão, mas que só agora acabava de conhecer pessoalmente. “Mas que linda mulher!” repetia, para si. Era uma assim que ele desejava para casar, pensava.

Pela tarde, voltou a fazer tudo para a ver de novo, sem mais perder uma oportunidade, nos restantes dias da sua missão.

Soubera, pelas sobrinhas, a sua idade. Era bastante mais nova que ele - cerca de dez anos- mas há ainda quem case com diferenças maiores. Se a conseguisse, seria mesmo para casar. E, a ter que o fazer, seria agora... ou nunca! Já tinha entrado nos trinta e cinco e essa seria a sua decisão mais importante, até então.

Depois de várias tentativas, sempre persistente, foi consumado o namoro entre Amândio e Dionilde. Não por interesses de teres - porque bens tinha ela também - mas porque gostou dele e estudou o que de bom e mau existia no seu carácter. Achou que podia fazer dele alguém... e transforma-lo naquilo que não era. O namoro demorou apenas nove meses, vindo depois a casar.

Dionilde foi muito bem recebida por toda a família dele, em especial pelas jovens gémeas, que sempre tiveram por aquela tia uma grande estima e admiração. Com o decorrer do tempo, apareceram algumas diferenças entre os irmãos, tendo-a estes acusado de manobrar o marido no sentido da pró-igualdade, o mesmo que o seu pai lhe dizia na sua meninice. Mas ela não queria igualdades, apenas que o rico olhasse mais para os mais pobres.

Amândio era louco pela mulher. Não só pela sua elegância e formosura, mas ainda mais pela sua inteligência, dons humanos e morais. Usava dizer que esperou, mas conseguiu o que queria. Depois de conhecer a companheira que tinha, confiara nela mais do que confiava em si próprio.

Após o casamento, ela continuou no ensino, com o marido a insistir que levasse o carro. Mas Dionilde sempre recusou. Era humilde e sem

vaidades, e tal luxo não se adaptava bem aos seus princípios. O marido usava dizer-lhe: “Um carro, tanto pode ser visto como um luxo, como uma conveniência, ou necessidade. E o tempo nos virá a dar razão...”

A cada dia que passava, Amândio pedia igualmente à mulher para que deixasse o ensino e tomasse um trabalho no escritório da empresa, onde trabalham já quatro empregadas, o que ela também fazia nas horas vagas. Dionilde gostava muito de atender os empregados quando estes ali vinham pedir algo, procurando sempre servi-los o melhor possível. E, eles, quanto mais a iam conhecendo, mais acreditavam nela.

Uma vez, estava ela a fazer uma escrita, quando chegou um operário a pedir para o dispensarem o resto do dia, para ir com um filho ao médico. Amândio, na sua voz de sargento lateiro, como era seu uso, logo lhe respondeu:

- Não! Não dispenso nada!

Dionilde, ao ver saltar dos olhos do operário algumas lágrimas, disse ao trabalhador:

- Espere ali um pouco! – e, puxando o marido para fora da presença das empregadas do escritório, repreendeu-o pelo seu acto brusco e pela falta de humanidade. Ele, penitenciando-se, mudou de ideias e acedeu em deixar ir o empregado. Cada vez sentia mais orgulho pela mulher, a quem aprendera a respeitar, e a ouvir, sempre que ela o chamava à atenção.

Foi ela que voltou com a resposta:

- Vá... com Deus! E desejo as melhores do seu filho. Se amanhã não poder vir, telefone... e diga que quer falar comigo!

O trabalhador pôs o gorro na cabeça, depois de agradecer à senhora, com as lágrimas a voltaram-lhe ao rosto, só que agora não eram de ódio, mas sim de gratidão.

A notícia deste acontecimento correu toda a fábrica à velocidade do som e, a parti daí, toda aquela gente começou a olhá-la tal como uma protectora, e a pedirem a Deus para que ela viesse fazer parte da gerência daquela indústria.

Não passava uma só vez que Dionilde estivesse no escritório, e o marido tivesse que resolver qualquer assunto com os encarregados, que a não convidasse a ir com ele. Tinha prazer em mostrar aos seus empregados a sua linda esposa...

Sempre que o acompanhava o marido, ela fazia por o seguir um pouco mais atrás, para melhor poder apreciar a maneira como os empregados o olhavam. Nunca se via um ar de riso, nem mesmo dos olhos dum cómico

amador que ali trabalhava. Enquanto, que para ela, não só sorriam, como até lhe acenavam com a mão, tirando o gorro da cabeça.

Um dia, quando Amândio insistia mais uma vez para que deixasse o ensino e viesse trabalhar com ele, a esposa disse-lhe que sim, mas mediante uma proposta.

- Diz qual é?

Então, ela fez-lhe uma lista, por escrito, com as mudanças que deveriam ser feitas naquela fábrica, não só para melhoria dos empregados, como também para a tornar mais produtiva, visto que não se podem dar regalias, sem aumentar a produção. E começou por enumerá-las:

1 - Substituir as máquinas mais velhas, que exigem muito esforço e dão pouca produção, por outras mais rentáveis;

2 - Todos os operários acima de 65 anos, serem mandados para casa e ser-lhes pago o salário que estavam a ganhar;

3 - A fábrica iria criar uma caixa para o seu pessoal, para quando chegassem à idade, serem reformados, sem que tivessem de continuar a trabalhar, ou terem de ir pedir esmola;

4 - Construir-se um pavilhão, anexo à fábrica, para nele instalarem um refeitório e cantina, com refeições não lucrativas, podendo ser pagas directamente do trabalho, em moldes a calcular depois;

5 - No mesmo pavilhão, criar um posto de socorros, com um enfermeiro durante as horas de trabalho, e atendimento médico uma vez por semana, para os empregados e suas famílias;

6 - Nos terrenos anexos à fábrica, construir um campo de futebol, para os jovens empregados, ou filhos destes, que queiram praticar este desporto;

7 - E último. No final de cada ano, se a fábrica der lucros acima dum volume a estabelecer, o excedente será distribuído pelos operários, em total igualdade.

Depois da lista feita, entregou-a ao marido.

Amândio, cuja instrução fora até à admissão à Universidade, parecia não ser capaz de ler o que a esposa escrevera.

- Não! Não entendo o que queres dizer nestas sete propostas!

Perante isso, Dionilde pediu-lhe o papel, para lhe explicar tudo com cálculos e medidos, quer dos gastos, quer dos lucros que essas mudanças iriam representar. Também sabia e concordava que todas essas coisas não poderiam ser feitas duma só vez.

Amândio reconhecia bem a inteligência, a capacidade e o humanismo

da sua companheira, como também sabia que era uma perfeita conhecedora de tudo o que recomendava, no que raro falhava um milímetro. Numa voz meio convencida, disse-lhe:

- Minha querida... o dinheiro não é o problema, visto termos uma reserva mais que suficiente para fazer face a todas essas coisas. Mas há um ponto que tu ainda não viste... e que é para mim o mais difícil de todos! Tudo isso que dizes terá que ser muito bem pensado e estudado, para que não venha a haver críticas e represálias por parte dos outros industriais, a começar pelos da nossa família.

Dionilde recordou as palavras da mãe, quando lhe falara sobre os operários do pai. Motivo porque não deixava de dar alguma razão ao marido. Mas, se não houver vontade dos que o podem fazer, nunca se fará nada a bem do semelhante. E, para ela, o principal segredo da vitória, estava na felicidade dos trabalhadores. E, com isto em mente, respondeu ao marido:

- Somos apenas nós os responsáveis em gerir o que é nosso, sem termos que dar satisfações a ninguém. Se entenderem que estamos a fazer bem... que nos imitem... no que nos deixarão muito felizes. Se virem que estamos a fazer mal, o problema será nosso... e não terão que sentir pena de nós. Que nos deixem em paz!

Amândio concordou com a esposa e ambos se abraçaram para selar essa concordância. Aquilo que ela desejava fazer, em breve iria entrar em acção.

Estava-se em meados de Novembro, a meio do primeiro período escolar. A sua resignação seria má para os seus alunos, que iriam ficar sem as disciplinas que ela ensinava, por cerca de mês e meio. Assim, foi pedir a sua demissão, mas prometeu ficar até ao fim daquele período, facilitando as coisas ao reitor.

No dia antes do Natal, com Dionilde já a trabalhar na fábrica a tempo inteiro há cerca de uma semana, Amândio fez saber aos operários que uma reunião geral iria ter lugar nessa noite. Assim, deu ordens para largarem o trabalho uma hora antes do seu usual, e para ninguém faltar.

Estava preparada uma recepção para o pessoal, onde iria haver comida, uma trazida de casa, outra comprada, assim, como bebidas, bolos e outras guloseimas. Coisa inédita, naquele lugar de trabalho. Ninguém sabia daquilo, além das empregadas do escritório, também muito felizes com a sua nova colega e patroa.

Foram improvisadas várias mesas para porem a comida e cada qual se servir, com algumas cadeiras para os mais velhos se sentarem. Quando tudo já estava preparado, o patrão chamou a atenção de todos, para as palavras que a esposa tinha para lhes dizer e, em seguida, entregou-lhe o microfone.

Dionilde recebeu-o, mas não lhe deram tempo de dizer a primeira palavra, tantas foram ovações e aplausos das mais de três centenas de empregadas e empregados que ali trabalhavam. O marido estava atônito perante aquele espectáculo delirante, pois bem sabia o quanto era odiado pelos seus trabalhadores. Agora, junto da mulher, sentia-se mais honrado, importante e digno. Por fim, a senhora levantou a mão, num sinal para se acalmarem e todos lhe obedeceram. E começou por afirmar:

- Meus caros amigos e amigas, ou, melhor ainda, meus companheiros de trabalho. O mundo é um balão de sonhos, de experiências e aventuras; muitas coroadas de êxitos, outras frustradas, que levam tantos à desilusão, ao desânimo e ao desespero. Mas, regra geral, todos nós gostamos de nos aventurar, uns a fim de melhorarem as suas vidas, outros, sem terem necessidade de o fazer, com o único objectivo de ajudarem o próximo. Mas, às vezes, também se paga caro esse amor. Espero que não receba isso de vós! Eu estou também a querer seguir o traçado dum sonho de criança, não para aumentar os meus bens pessoais, mas antes para fazer chegar ao lar de todos vós um pouco mais de luz e de calor humano. Por isso, deixei temporariamente o ensino, com o único fim de tentar concretizar o que desejo. Se o não conseguir, retomarei o meu lugar de professora. Eu só vencerei... se vós vencerdes também! Só poderemos vencer juntos. Mas, para isso, todos teremos que ter a noção de que nunca poderão existir direitos, sem o cumprimento de deveres. Será que quereis estar comigo nesta luta?

Ouviu-se a grande ovação, de novo com um grande “SIM!”

Dionilde tirou do bolso da sua saia o papel com as propostas que apresentara ao marido - agora já por ele aprovadas - e começou a ler o que estava previsto fazerem naquela fábrica. E, conforme ia lendo, ia fazendo algumas perguntas:

- Todos vós, acima dos sessenta e cinco, por favor levantem o braço! Foram quinze que o fizeram...

- A partir de hoje, vós estais dispensados do trabalho, com a garantia de receberdes o salário que ganhais, com o direito de escolher se quereis o envio do dinheiro para casa, ou se desejais vi-lo buscar. Apenas vos peço

um favor... que é o de virem, por algumas semanas, ensinar os vossos substitutos. A esses, é também dada a oportunidade de poderem trazer um filho, um neto, ou outro familiar, uma vez que seja responsável e competente. A partir de hoje, todos os operários, quando chegarem a este limite de idade, terão a sua reforma, com um aumento anual que irá ser estipulado.

Os sete benefícios propostas por Dionilde foram lidos, um em um, sempre aplaudidos com forte entusiasmo. Todos julgavam ser um sonho colorido, que se pudesse desfazer ao acordar. Mas não, aquilo não era um sonho. Era mesmo realidade, uma oportunidade a não desperdiçar.

E, para fechar a leitura com chave de ouro, mandou toda a gente servir-se do lauto repasto ali exposto, chamando à atenção de que ninguém saísse, pois iria chamá-los a todos, para os cumprimentar e lhes desejar um Feliz Natal.

Terminada a refeição, fez a chamada, a começar pelos mais velhos. Apertou a mão a cada um, para, em seguida, lhes entregar um envelope fechado, com uma quantia de dinheiro, em igualdade geral. Todos estavam felizes pelo que viam, e que acontecia pela primeira vez, na história daquela Companhia.

A primeira ordem da sua gerência foi chamar a atenção dos encarregados, para não puxarem por ninguém.

- Deixem os operários ao livre arbítrio das suas consciências. Que cada um seja o seu próprio capataz, no que respeita à produção. Se houver algum que não respeite os seus deveres, é só ele que perde.

Nesse mês de Janeiro, com as mesmas máquinas, e o mesmo número de operários, a produção subiu 30% em relação aos meses anteriores.

Mas, melhor que a produção, eram os rostos alegres de todos os trabalhadores, por serem livres e poderem fumar o seu cigarro, sem terem de se esconder do encarregado para o fazerem, ou de aliviar as costas, quando necessário. Era uma liberdade que não queriam perder, sabendo que não podia haver abusos.

Dionilde chamou atenção do marido, para lhe mostrar a alta produtividade, sem ninguém nada lhes exigir ou pedir. Eram eles que queriam mostrar o apreço e gratidão a quem os tratava com respeito, justiça e amor. Sem terem a pressão de escravos e uma alimentação de mendigos. Amândio beijou-a e mostrou-se orgulhoso e feliz por ela.

Não faltou a oposição e algumas ameaças por parte de outros

industriais opostos às suas alterações colectivas. Esta justiça e maneira de lidar com o pessoal, não agradava à maioria dos industriais. Mas, como o querer é poder, não lhes foi possível travar aquele desejo, e quatro anos depois, todo o projecto traçado por Dionilde estava concluído.

Na cantina, onde trabalhavam cinco empregados, cozinhavam-se refeições a um preço muito módico, onde todos comiam, incluindo os patrões. Como os produtos alimentares eram comprados directamente às fábricas produtoras, a cantina fornecia também os empregados, com compras semanais muito mais baratas, podendo pagar em horas extras de trabalho.

No posto médico, havia um enfermeiro, em regime permanente, filho dum empregado. E, todas as quintas feiras, ali vinha um médico consultar os empregados e suas famílias - um primo de Dionilde, filho dos tios onde morara em solteira.

Numa parte dos terrenos anexos à fábrica, foi construído um campo de futebol, para os jovens empregados e filhos ali poderem jogar. Fundaram um grupo, conhecido por "Grupo Desportivo os Nildes", o diminutivo da patroa.

Devido à pressão dos outros industriais feita ao governo, os salários pagos aos empregados, não podiam ir muito além da média que os outros pagavam. Deste modo, e, para evitar contendas, eram compensados com os prémios de produção, levando do mesmo modo aquilo que os patrões lhes desejavam pagar.

Quando no fim de cada ano era feito o balanço geral das contas e apurado o rendimento líquido, Dionilde retirava a parte pertencente aos trabalhadores, que logo era dividida em partes iguais, sendo sempre ela a fazer a distribuição.

Queria congratular cada um pela sua compreensão, contribuindo para manter este modelo, que mostrava ser possível haver paz e amizade entre empregados e patrões. Basta que haja diálogo, respeito e consciência, entre os que servem e os que são servidos.

Dionilde veio a ser mãe de uma linda menina, a quem deram o nome de Madalena. "Leninha" era uma flor adorada por todos que ali trabalhavam. Quando já maiorzita, os pais quase diariamente levavam a pequerrucha a percorrer a fábrica, para ela se familiarizar com aqueles operários. Estes, ao vê-los passar, paravam por alguns segundos para fazerem uma graça à petiz, e saudarem os patrões. Quer fosse a Dra. Dionilde, quer o Sr. Amândio, pois este deixara de ser odiado, para ser

respeitado pelos seus funcionários. O casal costumava dizer: “Queremos que a nossa filha conheça estes seus familiares.”

Neste ritmo e união, a companhia não deixou de crescer, tanto em tamanho como em benefícios para o pessoal. As vagas que ali se iam dando, eram sempre preenchidas por familiares dos que ali trabalhavam. Era um lugar desejado por todos.

Uma certa ocasião, estava Justino no hospital, a fazer uma visita à esposa, quando ali entrou Madalena, acompanhada pela mãe. Ambas cumprimentaram a doente e, pouco depois, Clarinda apresentou o marido àquelas senhoras. Com alguma cordialidade, uma após outra estenderam a mão a Justino, que retribuiu, dizendo:

- Muito prazer!

Mas, tanto ele, como Madalena, fingiram um total e completo desconhecimento.

No fim deste cumprimento, Justino agradeceu a visita à mulher, assim como o que ela ali deixara.

- Não tem nada que agradecer! - disse Madalena - Foi apenas uma pequenina dádiva, para comprarem alguma coisa para o bebé.

- Obrigado, uma vez mais! - disse Justino.

Depois de fazerem algumas perguntas a Clarinda, como iam as melhoras e como tinha passado, a mais jovem das senhoras perguntou-lhe:

- Como é que tem sido tratada?

- Oh! Muito bem... não podiam tratar-me melhor! Todos têm sido muito bons... médicos, enfermeiras e empregadas. Todos são excelentes! Até a Elizabete, que me foi buscar à aldeia, não há um só dia que esteja de serviço, que não me venha ver. Graças a Deus, não podem ser melhores!

- Estou muito feliz em saber isso - disse Madalena, ao mesmo tempo que estendia a mão para deles se despedir.

Mãe e filha, - que mais pareciam duas irmãs - deixaram aquela sala de doentes, para irem a outras enfermarias.

As visitas ao hospital feitas por Madalena eram sucessivas e, sempre que vinha só, depois de fazer o giro aos outros doentes, ficava com Clarinda por um longo período, tal como se duma pessoa de família se tratasse.

O pequenito, ainda não baptizado e sem nome, parecia também já a conhecer e gostar dela. Fixava-lhe os olhitos sempre vivos e risonhos,

como que a responder aos acenos feitos pela linda senhora. Cada dia que ali vinha, ela tomava-o ao colo, como que a treinar-se para aquele que trazia no ventre, ainda sem sinais exteriores.

Madalena e sua mãe
Ambas mulheres de bem
Cultas belas e inteligentes
As suas rotinas habituais
Era irem aos hospitais
Visitar aqueles doentes

Madalena nessa rotina
Quis conhecer Clarinda
E qual a sua debilidade,
Pois era sua protegida
Ajudou-lhe a salvar a vida
Ganhando por ela amizade.

Ao bebé deu seus carinhos
E dele foram padrinhos
O grande elo de união
P'ra Clarinda tais senhoras
Foram suas protectoras
E toda a sua orientação

O BAPTIZADO DO MENINO

Clarinda, depois de três semanas nos cuidados intensivos, começou a reagir muito bem e a obter significativas melhoras. Mesmo debaixo de muita cautela, mudaram-na para um lugar comum. Foi recuperando as forças, e a saúde também. Dois meses depois, estava a voltar à sua normalidade. Foi uma recuperação quase milagrosa.

Quando Elizabete a veio ver pela última vez, ficou muito contente pelo seu progresso, e disse-lhe que, se nada houvesse de negativo, deveria ter alta brevemente. Isto deixou-a feliz e ansiosa por contar a novidade ao marido.

A doente pensou logo em dizer a Justino o que a enfermeira lhe dissera, sobre a sua saúde e uma possível alta para breve. Talvez tivesse que fazer alguns arranjos, para acomodar a si e ao filho, pois desconhecia quais as condições que ele tinha para os albergar.

Também tinham que falar a respeito do filho. Já ia fazer três meses e ainda estava por baptizar. Teriam que decidir se tal evento teria lugar em Lisboa, ou na aldeia. Mas, provavelmente, depois de ter alta, ainda teria que ficar sob os cuidados hospitalares. E o menino não poderia estar tanto tempo sem esse sacramento.

Quando Justino ali voltou, trazia consigo uma carta que a sogra escrevera à filha. Entregou-a à esposa, que a abriu com enorme nervosismo e começou a ler o seu conteúdo:

Queridinha fiinha espero câ minha carta te vá encontrar mior i que o tê menino estaja bem. tê ôme, tê irmão e todos. tamaim, nós cá vamos na graça do nosso senhôr, cá recebi a carta que o tê ôme me mandô i ficai muto contente pro saber que estavas mior, que Dês tajude minha fiinha, cá na terra toda as psoas procuram porti e rezam porti. êu tamaim tenho rezado munto i pedido a todos os santinhos, i todos os dias fasso o responso a Santo Antónho plas tuas melhoras. Tamaim já fis uma promessa ô senhôr dos aflitos de dar três voltas de joelhos à volta da igraya se ficars boa e vinheres pra nós depressa, a blinha está muto lindina e pracula muto pla mai. por ôje é tudo recebe baijinhos da tua mai e blinha i que Dês estaja contigo minha fiinha i voltes com saúde mais o tê filho.

Tu mai Amália

Depois da leitura da carta, Clarinda deixou cair algumas lágrimas, recordando o passado, e também com saudades da filhinha, da mãe e de todos em geral, de quem tantos carinhos recebera na hora da sua aflição. Toda a gente ficou a viver a sua dor e preocupados pelo seu estado.

Agora, sim, ia contar ao marido o que lhe dissera a enfermeira sobre a possível alta. E também o que iriam decidir sobre o baptizado do filho.

Justino ouviu-a com atenção e concordou com tudo. Também ele não via ser boa ideia a criança estar tanto tempo por baptizar. Podia morrer "moura" - como se usava dizer na aldeia - e não ir para o Céu, embora ele não ligasse muito a isso. Mas, como não sabiam o tempo que ali iria permanecer, o melhor era baptizá-la.

- E quem é que se vai chamar, para padrinhos?

Essa era agora a pergunta que mais os preocupava.

Depois dum breve interregno na conversa, o bebézinho quebrou o silêncio com os seus "uás"... "uás", sempre bem disposto. Justino, ao mesmo tempo que fazia uma festinha ao filho, perguntou à esposa:

- E se disséssemos ao teu irmão?

- Também já me tinha lembrado disso! Se ele quiser ser, só nos falta a madrinha, bastante mais difícil de arranjar! Eu até já me lembrei de dizer àquela senhora que me vem sempre visitar... Mas como é uma senhora muito fina e rica... tenho receio!

Justino também já tinha pensado nela, e era isso que desejava, mas não queria ser ele a nomeá-la. Numa voz disfarçada, demonstrando pouco interesse e entusiasmo acrescentou:

- Não sei... mas se lhe quiseres dizer... diz! Caso lhe digas... não deves dizer nada ao teu irmão! Deves-lhe falar no marido. E só depois da sua resposta se decidirá o que fazer.

- Segundo o que ela me contou - disse Clarinda - o marido é oficial de máquinas da marinha, e está numa viagem de três meses, pelo que deve chegar a terra em menos de duas semanas. É provável que até aceite... é só uma questão de lhe falares.

Aquando da visita seguinte, Clarinda revelou-lhe o que falara com o marido sobre o convite para ser madrinha do filho. E, uma vez que o marido estava para chegar, se ele aceitasse também ser o padrinho, seria para eles uma satisfação.

Madalena pensou por uns instantes, antes de manifestar a sua decisão, para retorquir, de seguida:

- Se o meu marido não estivesse para chegar, eu diria já que sim! Mas

como ele vem depois de amanhã, vou falar primeiro com ele... e talvez até aceite. Depois lhe dou uma resposta!

No dia marcado, com pouco mais de meia hora de atraso em relação ao previsto, o navio atracava no cais. Ali era esperado por muitas pessoas, familiares dos passageiros que chegavam, incluindo os da tripulação, a quem já não viam há meses. Como sempre, Madalena também ali estava, uma vez mais, para esperar o marido.

Só depois de todos os passageiros saírem, começou a vez dos tripulantes. Paco foi um dos primeiros a pôr os pés em terra, e com grande manifestação de alegria, abraçou a esposa, feliz pela sua gravidez.

- Três meses de viagem, três meses de bebé! – exclamou. - Não é verdade querida?

- É sim... meu bem!

Nessa paragem, como o navio ia para reparação, iriam ficar em terra cerca de três meses, pelo que teriam tempo para passear e fazerem muitas coisas. Foi num desses passeios, alguns dias depois da sua chegada, que lhe falou do baptizado.

- Tal como tu sabes - disse Madalena - sempre que posso, uso acompanhar a minha mãe nas suas visitas rotineiras aos hospitais. Numa delas, encontrámos uma doente que tivera um mau parto na sua aldeia, no interior das Beiras, onde os Médicos ainda são os Barbeiros. Uma ambulância foi buscá-la para ser hospitalizada, devido a hemorragias internas, depois dum parto anormal, em lugar onde não existiam condições, nem recursos. Depois de algumas visitas, fui ganhando amizade àquela jovem mãe, assim como ao seu bebézito, muito bonito... que gostava que visses! Segundo me disse, apenas aqui tem o marido e um irmão, ainda solteiro, que é Polícia da Segurança Publica. Razão por que me pediu para ser madrinha do seu filho, e se tu pudesses ser o padrinho, também ficaria muito feliz. Não lhe disse que sim... nem que não... sem primeiro falar contigo, visto que estavas para chegar.

- Se tu entendes que sim... onde está a dúvida? Pela minha parte, não há qualquer objecção.

- Está bem, querido! Então eu vou vê-la por estes dias e já lhe digo que sim... que aceitamos!...

- Olha! - disse ainda o marido - quando fores lá... da próxima vez... eu vou também contigo.

No dia seguinte, Madalena foi fazer as suas visitas, tendo o marido por

companhia. E, como sempre, o maior espaço de tempo era para aquela jovem mãe, que iria ser sua comadre.

Justino estava com Clarinda, quando Madalena ali chegou com o esposo. Esta, apresentou-o ao casal e, pouco minutos passados, confirmaram-lhes que aceitavam ser os padrinhos.

Os homens retiraram-se um pouco das mulheres e começaram a conversar. Tanto Paco, como Justino, eram pessoas de trato fino. E, mesmo que o último não tivesse muita instrução, os seus conhecimentos e uma maneira especial de falar, junto a uma boa imagem física, passava por nobre em qualquer lugar.

Depois de uns bons minutos de agradável cavaqueio, o casal rico despediu-se dos seus futuros compadres e deram por fim à visita daquele dia. Deixaram ficar o seu contacto, em caso de ter alta, para comunicarem.

Já no caminho de casa, Paco disse à esposa:

- É um casal muito simpático! Ela, apesar de ser ainda muito nova e mesmo sendo criada na aldeia, sabe muito bem preencher o seu lugar de mulher. Tal como ele... que me deu a impressão de ser pessoa com um certo nível de cultura geral, com quem dá gosto conversar.

- Nada sei a seu respeito... mas também me deixou essa impressão! - disse Madalena!

No dia seguinte, foram a casa da mãe Dionilde. A sós com a mãe, Madalena contou-lhe que a doente da aldeia os convidara para serem padrinhos do menino.

- Já falei com o meu marido... e ele disse não se opor a isso. Assim, aceitámos o convite.

- Acho que fizeste bem, minha filha! E, se cá não estivesse o teu marido, até o teu pai o faria. Fala com eles e vê quais são as suas posses! Se tiverem dificuldades financeiras, nós fazemo-lhes a festa. Só têm é que dizer quantos são os convidados. Se não forem muitos... faz-se mesmo aqui. Se for um número grande, levam-se para o refeitório da fábrica. E encarregam-se desse trabalho as empregadas da cantina. Sabem bem como isso se trata, pois são elas que fazem as festas dos baptizados de quase todos os filhos dos empregados...

- Obrigado mãe... eu vou saber disso!

Ela bem sabia que eles não podiam, mas preferiu guardar para si e, como a mãe mostrasse interesse em ir ver os doentes no dia seguinte, e o Paco tinha coisas para fazer, resolveram ir ambas e assim aproveitavam para falar com a futura comadre.

Clarinda não sabia, nem sequer sonhava - pois tal era segredo entre o marido e Madalena - que era aquela bondosa senhora que estava a custear todas estas despesas da sua doença. E, quando lhe perguntou se necessitavam de ajuda, a sua resposta foi:

- Nós somos pobres e, com isto que nos aconteceu, ainda ficámos em piores lençóis. Eu e o meu marido já estivemos a falar sobre o baptizado e a festinha que gostávamos de fazer... O que ficou combinado entre nós, é ir falar com os patrões dele... que eu ainda nem conheço... a ver se se pode fazer lá. E depois ele vai pagando como poder...

- Nada disso! - disse a Dra. Dionilde - que estava presente. Diga ao seu marido que não acerte nada com os patrões, e se já lhes falou disto, que desista! E deixe tudo por nossa conta... mesmo o vestidinho da criança. Só precisamos que nos digam o número de convidados, e o dia que tencionam fazer o baptizado. E nada mais!

Ao fim de doze semanas de internamento, Clarinda teve alta do hospital, mas com uma visita médica, cada quinze dias. Ainda não estava cem por cento boa, mas ia a caminho de voltar à normalidade. E agora, mais que nunca, estava grata ao tio-Barbeiro, por a ter salvo de morrer, mais o filho, num parto em que as coisas não correram bem. Sofrera muito, mas valera a pena.

O quarto onde o marido morava, até dava para um casal, sem filhos, ou mesmo um, ou dois, de pouca idade. Isto fazia-lhe ainda mais confusão, por a não ter consigo. A prova estava tirada, ao morarem ali os três. Agora, tinha a certeza de que Justino não a queria era ter consigo.

As casas em Lisboa eram, no tempo, muito difíceis de conseguir. A construção não acompanhava o crescimento da população. Arranjar um lugar para viver, era tarefa árdua, mais ainda em condições de conforto e higiene.

Para aquele que queria trocar a aldeia pela cidade, o lugar para viver, era a sua primeira e maior preocupação. O trabalho vinha depois. Razão porque poucos, mesmo que tivessem uma grande casa, não se podiam dar ao luxo de nela viverem sós.

Uma casa era, para muitos senhorios, um modo de vida e um negócio. Alugavam parte dela, ou mesmo em quartos e, em alguns casos, por muito mais dinheiro que o que pagavam ao senhorio. Mesmo que tal prática fosse ilegal.

Eram também estas dificuldades que faziam com que a maioria das

famílias aldeãs vivessem separadas. Elas e os filhos nas aldeias, e eles angariando o sustento nas cidades. Muitos viviam em casas de malta, por ser mais económico, e mais fácil obter alojamento. - Muitos anos depois, ainda vivi nessas casas de condições miseráveis. Por isso, vou dar uma ideia ao meu leitor o que era uma casa de malta, a quem nunca tenha tido a necessidade de nelas viver. Era um lugar amplo, como que uma caserna militar em miniatura, mas com o espaço mais aproveitado. Sem quaisquer condições de conforto, nem de higiene.

Também as havia em salas amplas, em andares, mas essas eram mais raras e mais caras. Geralmente eram em sótãos esconsos e escuros, com uma pequena mesa ao centro, onde se encontravam os fósforos e o candeeiro de petróleo, que cada um acendia pela noite, quando chegava. Isto onde ainda não chegava a electricidade.

Não existiam janelas. A luz e ventilação, eram o que entrava pelas aberturas das telhas, sem altura para andar em pé, direitos. Ali se armavam divãs, uns encostados aos outros, a respirar o cheiro dos pés, que se misturava com o odor de corpos fétidos, que não conheciam a água de banho por meses seguidos.

As necessidades fisiológicas eram feitas no andar inferior, numa única pia, que aí existia, para todos. Havia quem guardasse uma lata para esse fim, a um canto da sala, para uma possível emergência, que no dia seguinte iriam despejar na pia.

Eram muito poucas as casas com condições para se tomar banho com águas canalizadas. Todo aquele que tivesse um pouco de brilho no asseio e ciente do valor da higiene, ia aos balneários da Câmara, abertos diariamente, mas onde, principalmente aos domingos, pela manhã, se formavam grandes bichas.

Comprava-se um banho pelo custo de 2\$50, mas só lhe forneciam a água e o lugar para se lavar. A toalha e o sabão teria que os trazer consigo.

Justino vivia num quarto só. Mesmo sem ser muito grande e ter que comprar os banhos Municipais, duas vezes por semana, já era considerado um privilégio que não estava ao alcance de qualquer um. Agora, com Clarinda e o menino, teve que arranjar um recipiente para se lavarem no próprio quarto, despejando depois a água na tal pia da casa.

Tal com ficara decidido, pensaram nas pessoas a convidar para o baptizado. Como não tinham muitos em mente, não foi difícil esta decisão. Da parte de Clarinda, seria apenas o irmão, e ia também convidar a

enfermeira Elizabete. Do lado do Justino, era a mãe e o tio-padrasto - o velho aguadeiro e veterano da primeira guerra, que o criara. Ele nem iria convidar nenhum dos irmãos, por temer um mau comportamento. Não estavam habituadas a convívios de gente fina, antes ambientados a desordens, com bebedeiras e jogos de cartas, e copos de três, nas tabernas onde nada se aprende do bom. Assim, faltava só acertarem o dia.

Com todos os arranjos feitos, iam telefonar a Madalena. Também o telefone era outra coisa ainda não ao alcance de todos. Mas, para a futura comadre, já não era nenhuma novidade. E, como era aos padrinhos que pertencia escolherem os nomes dos afilhados, ao dar-lhe o número de convidados, e o dia escolhido, ia perguntar-lhes se já tinham algum nome em vista para dar ao menino.

Depois de telefonar e tudo ficar assente, falou-se então do nome do bebé, que, em mútuo acordo, ficou decidido ser "Amândio" - o nome de seu pai. E, desta feita, se estivessem de acordo, seria ele também o padrinho, em vez de Paco. Uma combinação feita entre a família.

- Oh... por nós está tudo bem! - disse Clarinda.

- E, quanto ao transporte, o condutor lá estará, pela manhã, para os trazer para a igreja, onde terá lugar o evento. A festa será na casa dos meus pais - disse ainda Madalena.

Quanto a Mário e Elizabete - como ambos moravam naquela área - iriam contactá-los para lhes darem conhecimento do local e da hora da cerimónia.

Como os convivas não eram muitos - não indo além de dúzia e meia, incluindo já o padre, o sacristão e criados - a festa foi feita na residência do casal Junqueiro. Este estava muito feliz, por lhe ser concedido o privilégio de ser padrinho daquela criança, e lhe darem o seu nome, pouco comum.

Na grande mesa da casa de jantar, havia cadeiras para todos, até mesmo para os criados. Ninguém comeria na cozinha, ou noutro lugar que não fosse aquele. Depois de tudo preparado e servido, tiravam a bata e iam sentar-se nos seus lugares, ainda que sempre atentos a algo que fosse necessário.

Dona Dionilde sabia que era censurada por muitos, por não diferenciar empregados dos patões. Mas isso tão pouco a incomodava. Ela era a senhora da sua casa e da sua vontade. E, nesta festa de baptizado, seguiram-se as mesmas regras.

À direita do industrial ficaria o Padre, seguido pelos pais do novo cristão; à sua esquerda a esposa, mais a filha e o genro. Elizabete sentou-se junto de Mário, irmão de Clarinda, que já conhecia do Hospital. Os restantes convivas estavam dispersos em diferentes lugares.

Estava-se em Abril, o mês que veste os campos e os montes com o mais lindo manto da Natureza. As árvores apresentavam-se já todas cobertas de pétalas, e o colorido das flores sobressaía por entre a ramagem, para a germinação de novos frutos, deixando no espaço desse lindo jardim o bálsamo com que, no reino vegetal, se identifica a mais bela estação do ano: a Primavera.

Depois de terminado o almoço, os criados foram cumprir os seus deveres profissionais, enquanto os convivas se agrupavam, em pequeno número. Uns ficaram dentro da grande sala, enquanto outros se espelharam pelo jardim.

Neste lugar de lazer, não faltavam bancos, junto de algumas árvores frondosas, com enormes copas, que protegiam dos raios solares os que ali se sentavam.

Foi num deles que se acomodaram Mário e Elizabete, dando seguimento ao teor da conversa começada na casa de jantar. Este agente da autoridade. Com 24 anos, estava há dois na polícia, onde se incorporara depois de deixar a vida militar.

Como não queria voltar mais ao campo, e também não tinha ninguém em Lisboa que lhe desse uma mão, requerera para a Polícia ainda na tropa. Meteu em seguida o E.P., até que fosse chamado.

Mário gostava muito da aldeia, mas não para trabalhar como escravo e enfrentar toda a espécie de carências. Temia acabar a pedir esmola, como acontecia a tantos que não tinham quem lhe desse uma sopa. Acabara de tirar o segundo ano dos liceus, e queria tentar ir mais além.

Nunca contara a ninguém o que pensava, mas a sua ideia era fazer o quinto ano, para depois se matricular na escola do Magistério e tirar o curso de professor. “Tinha saído da terra como pastor e gostava de ali voltar como professor”, contava a Elizabete, ao mesmo tempo que lhe pedia sigilo, pois isso era apenas um desejo, difícil de cumprir, ainda que não impossível.

Elizabete, depois de ouvir o seu interlocutor, disse a Mário:

- Foi isso que sempre ouvi da boca dos meus pais. Diziam gostar muito da aldeia, mas não para ali ganharem o pão de cada dia, tão difícil e

amargo. Para um reformado, ou alguém mais que não tenha de angariar o seu sustento e o da família, agarrado ao ancinho... isso sim! De contrário, achavam que não era boa decisão trocar a cidade pelas serras... Os meus pais também queriam que eu fosse professora. Como sou filha única, diziam que quando se reformassem dos seus trabalhos, desejavam voltar à terra, mas só se eu tirasse esse curso e fosse dar aulas numa aldeia daqueles lugares. Só que eu, quando conclui o terceiro ano dos liceus, desisti... para tirar o curso de enfermagem. Depois, arrependi-me! Razão porque voltei de novo à escola e estou a completar o quinto ano. Depois, logo se verá...

Lá dentro, na sala, ouviam-se de vez em quando fortes gargalhadas, destacando-se as do padre e do industrial. Eram anedotas e algumas passagens vividas, ou inventadas, que o velho aguadeiro e acendedor dos candeeiros da cidade contava aos convidados, depois do almoço. Coisas que muito bem sabia apresentar.

Este senhor, tivera como última profissão acender os candeeiros públicos, quando a iluminação da cidade era feita por gás. E era do Município que estava a receber a pequena pensão com que sobrevivia.

Mas nem todas as suas histórias eram de rir. Algumas, que ele próprio vivera e contava, eram para reflectir, porque muito tinham para delas se aprender.

Nunca se sentara nos bancos duma escola, por não ter oportunidade. E, onde sentira a grande falta do não saber ler, fora na guerra, acampados, meses seguidos, nos montes da França, onde quase todos eram analfabetos. Nesses destacamentos, onde não havia um único português que soubesse ler, passavam o tempo com as cartas enrolados nos bolsos, até se desfazerem, sem nada se saber do que elas diziam. Numa delas, viera a notícia da morte de sua mãe! O velho aguadeiro tirou o lenço do bolso, para limpar algumas lágrimas que lhe corriam pelas faces enrugadas.

Este optimista, já na casa dos setenta, mas em muito boas condições, tanto físicas como mentais, tinha um repertório quase inesgotável de histórias para todos os gostos. Umas que ouvira e aprendera; outras da sua própria autoria; outras, ainda, por si vividas.

Se eram para rir, fazia-o com tal classe que toda a gente delirava. Se eram para o lado do sentimento, nem o padre, no púlpito, num sermão em dia de finados, fazia chorar com tanta emoção. Tinha um estilo próprio de verdadeiro actor, que tanto fazia cenas de cómico, como sentimentais.

Deixara Penedais quando perdera o pai, e a mãe ficara viúva, com sete

filhos para criar, sendo ele o mais velho. Com apenas dez anos fora levado para Lisboa, mais dois irmãos, para junto dum tio, que os criou. Foi o mesmo que mais tarde fizera aos seus sobrinhos, a quem dera o modo de vida que tivera e que já herdara de seu tio: aguadeiro. Todo o dinheiro que ganhava, entregava-lho a ele, para a cada duas semanas o enviar à sua mãe, para ajudar a criar os irmãos que dependiam de si.

Este ex-vendedor de água, ainda que casasse bastante jovem, a mulher nunca lhe dera filhos. Nunca soube se por ela, se por ele. Seu irmão, que nunca fora um bom pai, nem um bom marido, fora para o Brasil, sem mais querer saber da família, que deixara abandonada na aldeia, no mais alto índice de pobreza.

E assim, os foi trazendo para a cidade e os criou. Este ano trazia um, no ano seguinte outro, e assim os trouxe todos para junto de si.

Na cidade, ele e a mulher os acabavam de criar, dando-lhes o melhor que tinham e ensinando-lhes o melhor que sabiam. Mais tarde a esposa morreu, e, como o seu irmão também já tinha morrido, casou com a cunhada, essa mesma, que ali estava junto de si.

A razão deste homem saber muito, era por ter vivido em tempos difíceis, e acompanhar o desenrolar dos acontecimentos. Foi militante activo nas revoluções para a implantação da República e sofreu as agruras da insegurança e instabilidade nacional.

Foi também veterano e prisioneiro da primeira grande guerra, onde aprendeu a falar um pouco de francês e alemão. Era um homem vivido, muito experiente e humano, que dava gosto ouvir. Deixou uma boa imagem na mente da família Junqueiro, como de todos os restantes.

A noite chegou e com ela a hora de servir o jantar. Cada um ocupou a sua cadeira. Todos se sentiam agora mais à vontade, por já se conhecerem melhor. O senhor Amândio, que não era de muitas convívências, nem de dar muita confiança, puxou o velho, para mais uma história, e mais umas gargalhadas. E assim se viveu, num ambiente alegre e sadio, até chegar o fim do jantar, o fim do dia e o fim do baptizado.

Já tarde, os convivas começaram a despedir-se e a dispersar, cada um tomando o destino das suas casas. Mário e Elizabete que moravam na mesma área - e parecia estarem a entender-se muito bem- saíram juntos, depois de agradecerem à ilustre família a hospitalidade recebida, com tanta simpatia e amizade.

Os últimos a deixarem aquele lugar de nobreza foram os dois casais, o idoso e o mais jovem. Estes, no mais profundo e sincero reconhecimento,

agradeceram toda a generosidade recebida dos casais anfitriões.

Clarinda, já junto da porta de saída, com o menino ao colo, esperava o marido, nas despedidas finais. Enquanto o industrial introduzia no bolso do velhote - com quem simpatizara - algum dinheiro, a esposa, junto de Clarinda, fazia o mesmo, enquanto dizia:

- Vocês não vão de transporte público. O nosso condutor vai-vos levar! Ele já tem o carro preparado para isso.

E assim terminava, em grande, o baptizado do pequenito Amândio.

O motorista foi primeiro levar a casa o casal idoso, para em seguida ir deixar Justino e Clarinda no seu quarto - que ficava na baixa da cidade, perto da Igreja da Sé. Ao despedirem-se daquele que ali os trouxera, este disse-lhes:

- Esperem um pouco!

E foi abrir a mala do carro, tirando de lá, entre outras coisas a eles destinadas, uma caixa um pouco volumosa, que só em casa souberam o que continha: era um carrinho de bebé, coisa ainda pouco comum, mesmo na classe média pois, entre os pobres, nem pensar.

Ainda armaram o carrinho nessa noite, e nele puseram o bebézito, fazendo-o girar para trás e para a frente, nos poucos metros livres do velho soalho daquele quarto independente, de janela virada para o saguão, onde nunca chegava o Sol, apenas alguma claridade e ar.

Justino, ao saber que a mulher ia ter alta, tivera que fazer algumas compras; entre outras, um fogão de petróleo e mais alguns utensílios de cozinha, para ali fazerem a comida, enquanto a mulher estivesse consigo. Ela apenas fazia comida para si, visto o marido comer no restaurante onde trabalhava. Nada mais tomava em casa, a não ser uma chávena de café, pela noite, junto da mulher e do filho, e não era todos os dias.

Clarinda nada conhecia da cidade. Veio da aldeia directamente para o Hospital e, quando tivera alta, passava a maior parte do tempo metida naquele caixote de estuque, pintado numa cor de laranja já muito desmaiada. Talvez ainda a primitiva pintura. Só saía com o petiz, quando o marido vinha, depois de servir o almoço, até voltar para servir o jantar.

Era nesse intervalo que iam dar uma volta pelos jardins das proximidades, e ver algumas ruas e montras, pois, para ela, tudo era novidade. O menino não era pesado, quando comparado aos molhos de mato e lenha que carregava na aldeia. Mas, devido à posição em que sempre tinha que o trazer, tornava-se enfadonho e cansativo.

Com o carrinho iria ser uma beleza, não seria apenas um alívio para si, mas também um maior conforto para a criança. Se bem que as criancinhas por vezes sentem-se inseguras fora da presença materna. Mas tudo é uma questão de hábito.

Nessa manhã, do dia após o baptizado, não teve que fazer preparativos para o seu almoço, visto lhe terem dado parte do que sobrara do banquete. E, como no tempo não havia ainda frigoríficos para conservar a comida - pelo menos em casas de médios e pobres recursos - preparou o que deveria ser gasto primeiro, para nada se estragar.

Uma vez que Justino só aparecia em casa depois das três da tarde, não tinha necessidade de vir ao meio dia. Preparou as coisas do filho, mais um lanche para si, que pôs na bolsa do carrinho e foram sair.

Marcou a igreja da Sé como referência e lá foi andando pelos passeios estreitos – característica comum a quase todas as ruas- que haviam de a levar junto do Tejo.

Chegada ali, fez uma pequena paragem, para tomar a caminhada à beira do rio-mar, até chegar ao Cais-do-Sodré, onde parou, sentada à sombra de uma árvore, a apreciar o movimento da cidade. Com ar interessado, acompanhava com o olhar cada barco cacilheiro que partia e chegava, trazendo pessoas e um ou outro carro numa margem para a outra.

Pensava como tudo era diferente entre a cidade e as aldeias. As pessoas andavam quase todas bem vestidas, e não se via nos rostos a amargura de quem trabalha e passa fome. É certo que também aqui havia muita pobreza e miséria, segundo diziam, mas as dificuldades em obter um bocado de pão eram menos prementes do que nas terras onde só vivem pobres.

Deixou de pensar neste assunto, para dar atenção a algo que ouvia, fora do seu alcance visual. Eram os ecos dos pregões matinais dos vendedores ambulantes, lá para os lados da Boavista e dos ardinhas, dentro da estação do comboio. Como desconhecia estes hábitos de anunciarem os seus produtos, em princípio pensou tratar-se de alguém aflito. Mas como eram tantos a gritar, uns numa coisa e outros de outra, viu tal não ser possível.

Concentrada, tentava apanhar as palavras, para reconstruir o que diziam. Como não foi capaz de concretizar os seus intentos, tirou da bolsa um papel e um lápis e começou por escrever o anúncio de cada pregoeiro. Não a realidade do que queriam dizer, mas o que os seus ouvidos lhe transmitiam, para depois perguntar ao marido.

Ao ouvir o badalar da meia hora, depois das duas, no sino da Sé, viu que era altura de regressar a casa. Arrumou tudo de novo na bolsa do

carrinho e voltou pelo mesmo itinerário.

Clarinda ainda só ia fazer vinte anos. O já ser mãe de dois filhos, não lhe tirara a beleza que sempre possuía. Era alta e bem constituída, com os peitos um tanto salientes, e um corpo bem feito, que os partos não tinham desformado. Continuava a ser atraente, para qualquer homem, mesmo do alto escalão social.

As duas fortes tranças de um negro retinto e meio ondulado, que lhe chegava à cintura, davam-lhe um certo ar de provinciana, recém-chegada à cidade. Num estilo de mulher bem feminina e airosa, atraía o olhar dos homens que por si passavam. Mas nada lhe diziam, por respeito ao filho que levava consigo. Se fosse sozinha, não lhe faltariam cães de guarda em todo o percurso.

Quando chegou a casa, Justino ainda não estava. Mas não tardou. Ali conversaram das coisas principais daquele dia e também do passeio que dera à beira Mar, e até onde tinha ido. Quando Clarinda lhe dissera que fora até onde os barcos iam para o outro lado, Justino disse:

- Já sei! É onde está um grande largo, com uma estátua de um homem a cavalo? Chama-se Terreiro do Paço!

- Não! Foi mais abaixo, onde os barcos levam e trazem carros, junto a uma estação de comboios.

- Oh, ali chama-se Cais-do-Sodré! Mas não deverias ter ido para aí... porque é muito distante!

- Não tanto assim! Foi cerca de meia... hora para cada lado! É um passeio agradável e até saudável caminhar junto da água, e sentir a maresia, e a sua frescura. Uma coisa ali presenciei... que não deu para entender. Eram mulheres e homens, fora da minha vista, que gritavam de vez em quando, como que a pedir ajuda... Eu escrevi o que deles compreendi... - e tirou o papel da bolsa do carrinho para explicar ao marido - Uma gritava: “dói-me a barriga!”... “dói-me a barriga!”

Com um sorriso nos lábios, Justino disse ser a mulher da fava rica.

- E que mais?...

- Outro era: “O menino tem a capa rota... agora querem-no matar!”

- Esse é o pregão dos figos da capa rota. “Quem quer figos, quem quer almoçar?”

- Outra gritava: “São as pinhas da Costa!... Quem quer o pau grande!”

- Essas são as peixeiras, a apregoarem a sardinha: “É vivinha da Costa... quem quer carapau grande?”. Ainda há mais?

- Só mais uma! Dentro da estação dos comboios e sempre que um

chegava, logo dois rapazes gritarem de maneira agitada: “Cerca o Rodrigues!”... “Cerca o Rodrigues!” E assim por diante. Até pensei que quisessem agarrar alguém...

No tempo, os matutinos mais expressivos eram o “Notícias”, “O Século”, e o “Ridículos” - um jornal humorista que, a rir, dizia as verdades. E como os governantes não queriam que tais fossem ditas, nem a brincar, por vezes punham o director na gaiola e fechavam-lhe o jornal. A censura não só cortava como denunciava.

Justino deu uma forte gargalhada, para, em seguida, explicar à mulher o que eles queriam dizer:

- É o Século e o Ridículos! Mas, como apregoam tão rápido e a correr dum lado para outro, dá na realidade a ideia de dizerem “Cerca o Rodrigues!”... “Cerca o Rodrigues!”

Com esta explicação, ficou desvendado o mistério daqueles pregões alfacinhas.

Nessa tarde, o jovem casal não saiu, como era costume. O menino dava amostras de cansadito, por isso dormia um soninho pesado. Também a mãe tinha que fazer alguns preparos para ir à consulta ao hospital, no dia seguinte. E, como tinha que escrever à mãe, iria fazê-lo também nesse dia, quando estivesse só, para melhor pensar no que dizer.

Uma vez que não saíram, Justino foi mais cedo para o trabalho, para ajudar na cozinha, na falta duma cozinheira que não viera naquele dia. Como a esposa tinha coisas a fazer, foi com alívio que viu a sua presença dispensada.

Talvez devido ao ar salgado que apanhara durante o passeio, Clarinda sentiu alguma comichão na cabeça. Como estava só, aproveitou para a lavar, pelo que teve que desfazer as longas tranças. No fim, tentou enxugar o cabelo com a toalha, o melhor que pôde. Mas, como continuava húmido, deixou-o estendido pelas costas, para secar mais rápido. Terminada essa tarefa, foi buscar o papel e a pena e concentrou-se, por alguns minutos, para melhor poder expor o que tinha a dizer à mãe. E assim começou:

Lisboa a tantos (...) de (19...)

Minha saudosa mãe... que se encontre de boa saúde, assim como a nossa Belita, são os nossos desejos sinceros e extensivos aos restantes familiares, amigos e todos em geral. Nós, na presente data tudo esta a correr bem felizmente.

Graças a Deus, ao tio Robalo, aos Médicos, enfermeiras e todos quanto me ajudaram nesta minha doença, estou quase fina. Também mais cõscia do que uma mulher sofre para ser mãe.

Amanhã mesmo vou a outra consulta, mas penso que tudo estará bem. Tenho esperança de voltar em breve para vos abraçar, ainda que a minha vontade seria viver aqui, no seio de toda a família. Sinto-me quase restabelecida, mas tenho que esperar pelo resultado final.

Quero dar-lhe também conhecimento de que já fizemos o baptizado do menino, por termos que algo lhe pudesse acontecer. Chama-se Amândio, nome ao gosto da Madrinha, uma senhora muito rica e bondosa. Não foi por ser rica que a escolhemos, mas pelos seus actos nobres e humanos.

O menino está muito crescido e lindo, a madrinha tirou-lhe alguns retratos, que eu mandar-lhe-ei um, logo que esteja em minha posse.

E por hoje é tudo, a minha mãe aceite um grande abraço e muitos beijos para si e a Belinha, e dê cumprimentos para toda a gente que perguntar por mim, em especial o Tio Robalo. Adeus até breve.

Clarinda

Entretida com a carta da mãe e outros afazeres, até se esqueceu de fazer as suas tranças. Quando Justino chegou a casa e a viu de cabelos estendidos pelas costas, quase a não reconheceu. Nunca antes a vira de cabelos soltos.

- Que bem que pareces! - disse o marido.

- Achas?

- Acho sim!...E era assim que o devias usar sempre. Como és alta, e tens o cabelo comprido e ondulado, fica-te muito bem... e dá-te até um tom mais fino. Usa-o assim... que nem precisas de fazer permanente.

Naquela noite estiveram a fazer planos, sobre como ir à consulta, no dia seguinte. De taxi para os dois lados, mesmo sendo perto, sempre levavam parte dum orçamento bem contabilizado, com cálculos feitos por pobres.

O Justino não podia ir com ela, nem tão pouco poderia ir buscá-la. Foi Clarinda que teve uma ideia.

- Ouve lá? Já uma vez me disseste que o hospital fica a menos de vinte minutos daqui... Não é verdade?

- É!...

- Então é mais perto que esse lugar do Sodré, onde eu estive hoje. E não me perdi! Daqui para lá não tem muito que saber... e, com o carrinho, até serve de passeio. Se por acaso me perder, peço a um polícia que me oriente...

- Muito bem!

Tinha a consulta marcada para as dez, por isso, como não sabia o tempo que levaria, saí de casa às nove e quinze. Segui pela rua junto do Aljube direita à rua da Madalena. Subiu-a um pouco, para depois a voltar a descer até ao Poço do Borratem. A menos de cem metros tinha o Martim Moniz e, mais outros cem metros, estava no hospital. Faltavam vinte e cinco para as dez quando ali chegou. Gastara vinte minutos, exactos, no caminho.

Lisboa moça atraente...
De vendedeiras e pregões
No teu colorido ambiente
Acarinhas toda a gente
Em ti não há discriminações.

Cidade das sete colinas
E dos bairros afamados
Nas ruas junto às esquinas
Vêm-se lindas meninas
A falar aos namorados.

És a mais bela e formosa
Das cidades que eu almejo
Não há nenhuma mais airosa
Como és linda e preciosa
És a princesa do Tejo

Lá no alto do teu Castelo
Onde se vê toda a cidade
Desde Benfica, ao Restelo
Desse panorama tão belo
Fica sempre a saudade

Tens jardins e arvoredos
E casas muito juntinhas
Parecem contar um segredo
Mas com receio e medo
Que o ouçam as vizinhas

MIGUEL... UM DESCONHECIDO

A primeira pessoa conhecida que viu no hospital foi Elizabete. Mas, da maneira como ornamentara o seu cabelo e vestida a primor, a enfermeira não a reconheceu. Foi Clarinda quem lhe falou:

- Então como está, minha boa amiga Elizabete?

- Estou bem! Oh, como você está linda!... Não a reconheci... acredite! Que lindo cabelo é o seu... não julgava que o tivesse assim! Fica-lhe muito bem...

A jovem enfermeira levou-a ao lugar onde iria ser vista pelo médico e disse-lhe, a seguir:

- Talvez tenha que fazer mais algumas análises, mas em caso afirmativo... venha ter comigo! Eu deverei estar na minha sala. Se não estiver, espera um pouquinho, que eu volto logo...

Foi o que aconteceu.

Depois de despachada, Clarinda foi-se despedir da sua boa amiga. Teria de voltar duas semanas mais tarde, para mais uma consulta. Como despedida, beijaram-se, num verdadeiro sentido de amizade, ao mesmo tempo que Elizabete lhe dizia:

- Que diferença... quem a viu há três meses atrás entre a vida e a morte e a vê hoje! Isso dá-me muita alegria.

- É verdade... minha amiga! Agradeço a Deus... e a todos vós... esta minha recuperação. Nem me quero lembrar...

Clarinda retomou o caminho de casa, seguindo o mesmo itinerário da ida. Junto do teatro Apolo, nas ruas da Palma e Fernandes da Fonseca, - bem no coração da Mouraria - entrou num estabelecimento, a fim de comprar algumas coisas que lhe faziam falta para, em seguida, voltar à sua caminhada.

O saco das compras era um pouco volumoso e pesado, não dando grande jeito para o carregar no carrinho do Bebê, pelo que resolveu levá-lo numa mão, empurrando o carrinho com a outra. E assim voltou à viagem.

Enquanto foi em caminho plano, a coisa lá foi indo... mesmo com algumas dificuldades. Mas ainda deu para pensar para consigo: "Finalmente, Lisboa não é tão confusa assim... como alguns dizem!"

Ao chegar à rua da Madalena e como se tratava de uma subida, tornou-se um pouco mais complicado, mas lá foi teimando. Aqui, lembrou-se da

sua comadre, e de tanta ajuda que ela lhe dera, embora desconhecesse o motivo principal.

Com isto na mente, parou, para aliviar um pouco, e logo um rapaz dos seus vinte e poucos anos, de óculos, bem vestido e com um livro debaixo do braço, com aparência de culto, lhe disse:

- Com o saco e o carrinho é muito difícil! Deixe-me ver o embrulho e você empurre o bebé...

Clarinda agradeceu e aproveitou a oferta.

Houve entre os dois algumas perguntas e respostas, em que o sujeito lhe perguntou:

- Este bebé é impossível ser seu filho!

- É sim!... E já tenho mais uma menina!

- Não pode ser! Eu julgava-a ainda solteira... e que essa criança fosse algum sobrinho... ou mesmo um irmãozito fora do tempo... Então que idade tem?

- Ainda não fiz vinte anos!

- Dou-lhe os meus parabéns, por já ser mãe de dois filhos, e não ter perdido a sua elegância e beleza. Digo-lhe com todo o respeito. Você é muito bonita e jeitosa... O seu marido pode ter orgulho em si! Era assim que eu gostava de um dia arranjar uma esposa... se as qualidades condisserem com a sua beleza.

Clarinda não disse nada e o senhor notou, pela cara que fez, ter ficado um pouco embaraçada com aquele galanteio sincero. Apenas se leu nela um breve sorriso de pessoa envergonhada. Ele, para pôr a jovem mãe à vontade, concluiu:

- Aquilo que eu disse à menina, foi com todo o respeito e sinceridade, porque na realidade você é linda... e atraente... e irá ter muitas perseguições, nesta selva humana. Por isso, seja sempre prudente e cautelosa! Segundo ponto, nunca se sinta inferiorizada às mulheres pintas da cidade... porque você é mais valiosa que elas!

Desta vez ouviu-se, um obrigado, juntamente com um ar de graça.

Ao chegar ao cimo da rua, Clarinda agradeceu-lhe:

- Agora, a direito e a descer, já eu me arranjo.

Não era por não necessitar, mas por receio das más línguas, de alguém conhecido, que a visse acompanhada por um homem. O senhor, como pessoa inteligente e respeitadora que era, logo notou isso.

O bom samaritano apressou o passo em direcção à Sé, mas, ao dobrar a esquina, olhou para trás, e viu a pobre mãe em sérias dificuldades. Voltou

para junto dela, pegou-lhe de novo no saco, e perguntou-lhe onde morava.

Clarinda deu-lhe a direcção. E ele tomou uma pequena dianteira, para não ir junto dela, a fim de evitar maus julgamentos. Só junto da porta esperou que chegasse, para lhe entregar o que era seu. Depois disso despediu-se dela, estendendo-lhe a mão, em despedida:

- O meu nome é Miguel Mingães. E o da senhora?

- O meu é Clarinda Azinhais.

- Então senhora D. Clarinda... desejo-lhe muitas felicidades... não só para si e filhos, como para o seu marido, também. Que ele seja sempre merecedor de si!

Depois disso, sem nada mais dizer, ou mesmo olhar para trás, desapareceu no fim da rua. Os olhos de Clarinda seguiram-no, até ele dobrar da esquina.

Pensativa foi levar o carrinho e o filhito ao seu quarto, para em seguida voltar pelo embrulho. No espelho da sua mente via ainda a imagem daquele rapaz, que lhe parecia ser bastante sincero culto, respeitador e humano. O gravador do seu consciente, repetia-lhe vez após vez “O meu nome é Miguel... O meu nome é Miguel...” Mas quem seria aquele rapaz?

Era também um beirão, de uma terra não muito longe de Penedais, que aos doze anos deixara, para começar os estudos eclesiásticos, num seminário da Figueira. E, ao terceiro ano, se transferira para Coimbra, onde estudara até ao nono ano.

Foi aos vinte e um anos, e a poucos de ser ordenado padre, que reconheceu não preencher todos os requisitos necessários para vir a ser um bom sacerdote. Assim, resolveu parar por ali, mesmo sabendo que isso iria ser um grande desgosto para a família. No tempo, ser pai ou mãe de um padre, ou até mesmo irmão, era um prestígio maior do que qualquer formação académica.

A lei então existente em Portugal beneficiava qualquer estudante de teologia, na isenção dos serviços militares. Mas, em caso de desistência, tinham que ir assentar praça, mesmo que a sua idade já tivesse passado. E com a agravante de que muito raramente iam ocupar um posto de acordo com as suas habilitações literárias.

No tempo, qualquer estudante com o sétimo ano dos liceus e a admissão a faculdade, ia para a escola de oficiais milicianos. Depois de terminado o curso, eram promovidos a aspirantes, a primeira patente de oficial militar.

Os de instrução abaixo, se igual ou superior ao segundo ano, iam para

a escola de sargentos, também milicianos. Só que, quando concluíam o curso - ao contrário dos oficiais - não eram promovidos. Ficavam em cabos milicianos, a fazerem todo o serviço de sargentos, e a receberem como cabos. Ou seja: ganhavam menos num mês, do que o sargento num dia. E logo aqui começava a discriminação do mais pequeno.

Nos seminários, até ao sétimo ano, eram ensinados aos alunos os mesmos estudos que em qualquer liceu. Só que estes seminaristas estudavam ainda mais matérias, e quase todos eram bastante disciplinados. E, talvez porque muitos deles eram filhos de gente pobre, nunca lhes eram reconhecidos os estudos, sem primeiros os oficializarem. Outra grande discriminação.

Isso acontecera também a Miguel. Com o equivalente ao segundo ano da Universidade, tivera de ir para cabo miliciano, por não lhe ter sido possível obter a legalização dos seus estudos, antes da obrigação militar.

Agora, já com esse dever cumprido, trabalhava num departamento do governo, junto a Santa Apolónia e estudava de noite. Já tinha oficializado o sétimo ano e andava a preparar-se para entrar na Universidade. No dia em que encontrou Clarinda ia ele para o escritório.

No liceu nocturno onde Miguel se preparava para a admissão à faculdade, todos os alunos eram trabalhadores estudantes, a lutarem para singrar na vida. Ali se viam toda a classe de trabalhadores: polícias, empregados da Carris, praças da Guarda Fiscal e Republicana, alguns militares e marinheiros, e, os restantes, simples operários. Miguel era o mais habilitado de todos, por isso não lhe faltavam alunos de diferentes classes a pedirem-lhe uma explicação gratuita.

Chegava sempre mais cedo à escola, a fim de poder dar o seu contributo aos que de si necessitavam, antes das aulas terem início. Esta era a grande razão por que ele era o mais querido de quantos ali andavam.

Vivia-se então em plena ditadura. Contudo, os ditadores, a cada seis anos, convocavam eleições presidenciais. Não para escolherem um novo presidente, visto ficar sempre o que já lá estava, ou quem eles desejavam, mas com duas finalidades: primeira, para mostrarem ao mundo que Portugal era um país democrático e livre, respeitador dos direitos e da vontade da maioria dum povo e não um governo fascista, como lhe apontavam e que na realidade era; segunda, para darem um pouquinho de falsa liberdade, a fim de saberem quão grande era a sua oposição; e quais os mais fortes opositores. Para depois os meterem nas cadeias, alegando

serem subversivos e perigosos, quando livres na sociedade. Tácticas das ditaduras...

Na cadeia torturavam-nos cruelmente, alguns deles até à morte, simplesmente por pedirem mais pão, justiça e liberdade, coisa a que o regime se opunha. Nem era preciso agirem, bastava discordarem destas e doutras injustiças sociais, para serem presos e julgados como traidores. E, nesses presídios políticos, eram barbaramente espancados, quantos baixando às sepulturas, mandados para casa, quando já com o passaporte para a eternidade.

Esta a razão porque tantos, para escaparem à miséria e ao terror da tirania, e não caírem nos cárceres, tentavam a fuga para a tal clandestinidade. No mais secreto sigilo. Foi isso o que aconteceu a tantos, não por serem políticos, mas por serem humanos, o que em certas circunstâncias também era crime grave. E quantos bons filhos da nossa Pátria tiveram esta sorte?

Estava-se então numa dessas fantochadas de eleições presidenciais, em que o escolhido pela União Nacional era o marechal Carmona, já por vários anos nessas funções de presidente da República. As demonstrações contra o regime eram constantes, por parte da oposição. Mesmo que pacíficas, sem que a polícia tivesse pé para agir, eram sempre desbaratadas com violência e cargas de forte pancadaria, contra os manifestantes indefesos.

Aos "bufos", informadores, era-lhes ordenado pelos seus comandos que se introduzissem nessas manifestações, e provocassem distúrbios e desacatos, para depois a polícia ter pé para actuar contra os que se manifestavam pacificamente e os levarem presos, sob o pretexto de agirem contra a segurança pública. Foi mais ou menos isso que aconteceu com Miguel.

Nessa noite, depois de deixar o liceu, como sempre fazia, junto com outros companheiros, apanhou o eléctrico para o levar a casa. No Rossio as manifestações eram bastante pesadas, o que afectava os transportes públicos na sua normal circulação.

Depois de alguns minutos de espera, sem que o carro iniciasse a sua marcha para os levar à Praça do Comércio - paragem do seu destino - Miguel e os dois companheiros saíram e resolveram fazer o resto do percurso a pé.

A pouco mais de cem metros, viram a polícia a carregar sobre a

multidão, por isso, escaparam-se daquela barafunda, tomando a rua do Crucifixo, para seguirem a do Carmo até ao Largo do Município.

Ainda mal tinham voltado a esquina, passaram por eles três indivíduos, ainda na casa dos vinte, numa correria e perseguidos a curta distância pela polícia. Provavelmente os tais incitadores da desordem, para fazer agir a autoridade.

Os companheiros de Miguel, ao verem a polícia em sua direcção fugiram também, mas este, como nada de mal fizera, entendeu não haver razão para fugir. E foi o seu mal. Os agentes começaram a acoimá-lo de ser um dos fugitivos, autor de duas montras partidas.

E, sem mais conversas, levaram-no preso, mesmo que ele tivesse tentando a todo o custo provar a sua inocência. Mas sem resultado. Depois de saberem toda a sua vida desde que nascera, persistiam, baseados na sua renúncia de ser padre. Já cansado de tantas interrogações e de carregarem sempre na mesma tecla, ele disse-lhes:

- Nem todos os que entram a cada ano numa escola militar chegam a generais. Como tão pouco os que se alistam na vossa corporação chegam a inspectores. Nos seminários acontece a mesma coisa. Nem todos os que ali entram saem padres... E eu fui um deles. Penso ter esclarecido o assunto. Não sou padre... mas sou um cidadão que se preza. Acabo de cumprir o serviço militar e sou um trabalhador-estudante, que vinha da escola e ia para casa. Não fiz nada do que me apontam... e nem sou aquilo que estão a pensar de mim. Entrei na rua do Crucifixo para não me envolver no barulho do Rossio. É esta a verdade... e agradecia que me deixassem ir para casa, porque amanhã tenho mais um dia de trabalho e de escola.

- Talvez não tenha... - disse-lhe o interrogador.

No dia seguinte, à hora do costume, Miguel não apareceu. Os companheiros ficaram preocupados, mas sem saberem o que lhe tinha acontecido, até que chegaram os dois que o acompanhavam pela noite e contaram o que se tinha passado, mas sem nada mais adiantarem. Como tinham fugido, nunca mais o viram e estavam alheios ao que lhe sucedera.

Antes do início das aulas contaram aos professores o sucedido, deixando-os também desolados com a notícia, visto Miguel ser alguém muito estimado por todos, mesmo pelos seus mestres.

Naquela noite não foi dada qualquer matéria. Passaram o tempo a falar no assunto, e a estudar a maneira do o irem lá tirar. O aluno da Carris teve uma ideia que apresentou ao professor:

- Se o Doutor nos passasse uma nota a comprovar que o Miguel esteve aqui na escola, e as horas a que saiu, logo justificava que ele não andava metido no barulho... mas sim ia de passagem. E eu, mais aqueles que me quisessem acompanhar, íamos apresentá-la na sede da Polícia, onde é provável que ele ainda se encontre...

Todos os estudantes aplaudiram a ideia, que obteve também a aprovação dos professores, os que não puseram qualquer entrave e passaram a referida justificação. Após terem essa prova, perguntou-se quem desejava ir. Quase todos se prontificaram. Mas o guarda Azinhais sugeriu não ser conveniente irem mais de três. Assim, combinaram ir ele, o aluno da Carris e um sargento, que andava no sétimo ano.

Na manhã seguinte, tal como ficara assente, os três estudantes-trabalhadores, lá foram, para saber do companheiro, e ver se alguma coisa podiam fazer por ele.

Em primeiro lugar foram à esquadra da área onde fora preso, para conhecerem o auto levantado contra ao rapaz. Ali entraram e foi o guarda-estudante quem se dirigiu ao subchefe de serviço, para falar em nome de todos, sobre o acontecido.

Aquele graduado da autoridade disse não ter sido ele quem estivera de serviço, naquela noite, mas estava ao corrente do que se passara. Mostrou alguma pena por não terem acreditado nas suas declarações e o terem enviado à PIDE.

- Como sabes já não está nas nossas mãos, nem há nada que nós possamos fazer por ele - disse o subchefe.

Os três agradeceram e, sem mais perdas de tempo, tomaram a rua do Carmo, em direcção à António Maria Cardoso, sede daquela Polícia. Junto do elevador de Santa Justa andava um polícia de serviço que tinha sido do alistamento do Azinhais. Cumprimentaram-se, com alguma intimidade, e logo o agente de serviço perguntou ao colega o que andava por ali a fazer.

- Olha... - disse o guarda-estudante - prenderam aqui, algures, anteontem à noite, um colega do Liceu onde estudamos, por sinal uma jóia de moço, que parece ter sido vítima dum engano. Segundo o relato dos colegas que iam com ele, para se desviarem da barafunda do Rossio, resolveram tomar a rua do crucifixo e depois o Carmo. Só que, antes de dobrarem a esquina, passaram por eles três fugitivos, com a polícia no encalço. Os colegas tiveram medo e fugiram também. Mas o rapaz em causa entendeu não o fazer, porque nada o justificava. E acabaram por o prender. Esta é a história, e a razão porque vamos à Maria Cardoso, ver o

que pudemos fazer por ele.

O polícia de giro ficou como que encavacado e, com voz de arrependimento, disse:

- Fui eu que prendi esse indivíduo... E, desta feita, o senhor estava inocente! Um dos que perseguíamos levava os livros, ou o jornal, debaixo do braço, e como o teu amigo também trazia livros, julguei que ao dobrar a esquina, tivesse voltado para trás, para nos enganar. Por isso o prendemos. Mas, posto dessa maneira, está inocente...

- Como foi transferido para a PIDE, nós vamos lá, levar uma comprovação em como ele esteve na escola e ia para casa, e não andava a fazer desacatos, como por vós foi acusado... Depois do que acabas de saber, e foste tu que lhe levantaste o auto de averiguações, e por isso foi detido, deves comunicar-lhes, quanto antes, que prendeste a pessoa errada. E pedias para o porem em liberdade... De contrário estás a pactuar num crime tendencioso, porque sabes que o homem que puseste na cadeia é inocente, e nada fizeste em sua defesa, depois de saberes toda a verdade...

Os dois companheiros que esperavam, de lado, pelo fim da conversa, nada compreenderam do diálogo entre os dois agentes da autoridade. Mas viram a despedida entre eles não ter a mesma cordialidade que tivera nos cumprimentos.

- Então Azinhais - disse o da Carris - o que é que o teu colega te estava a dizer?

- Foi este estúpido que prendeu o nosso colega Miguel. Este tamanco! Não quis acreditar nas suas palavras e agora diz estar cheio de pena... Eu disse-lhe que, agora, uma vez que já sabia que prendera um inocente, devia ir junto daquela polícia e justificar o erro... e pedir a sua soltura. Mas não penso que o faça. O mal é que, quando lá cai uma pessoa com quem eles não encaram, não o largam enquanto ele não disser que é criminoso. Se era pacífico... terá que ser agitador. Se é católico, tem que ser protestante... e assim por diante... As pessoas, ali, não são o que são... mas sim o que eles querem que sejam.

Era isto que temiam que acontecesse a Miguel.

Mudaram de conversa, quando chegaram junto à porta daquele lugar de terror. O Azinhais, que ia fardado, dirigiu-se ao agente que estava à entrada e disse-lhe qual o motivo da visita. Este mandou-os entrar para uma sala, e disse-lhes para esperarem, até que alguém os viesse atender.

Passados poucos minutos, veio ali um senhor e, numa voz de perfeito carrasco, executor de penas, perguntou:

- O que é que desejam?

O guarda Azinhais - porta-voz do grupo- contou-lhe o sucedido e a razão porque ali estavam. Em seguida, entregaram-lhe o certificado, passado e assinado pelos professores, que comprovava que o detido vinha da escola, e ia para casa, não fazendo parte daquela comitiva de que fora acusado. E pediram se podiam ver o companheiro, ao que o agente redondamente respondeu que não. Mas levou consigo o papel que lhe fora entregue, dizendo que se fossem embora, pois o recado estava entregue. Já de costas ainda disse:

- Nós vamos averiguar melhor o assunto!

E os três companheiros saíram dali de mãos a abanar.

Em qualquer aldeia rural
Mais no interior de Portugal
Fosse qual o tempo ou idade
Tantas inteligências se perderam
E muitas outras apareceram
Quando já na maturidade.

Muitos filhos do nosso povo
Voltaram à escola de novo
Mas já longe da terra mãe
Procuram a instrução e a luz
Que nos guia e até conduz
E fez de muitos alguém

Miguel, estudante-trabalhador
Dava aos colegas por amor
Gratuitas explicações.
Mas certa noite, depois da aula
Meteram o pobre na jaula
Nesse tempo de eleições.

Quando a caminho do lar
Quis fugir daquele lugar
Para não ser envolvido
Mas não resultou tal plano
Sendo preso por engano
E por seis meses foi detido.

CLARINDA NA CIDADE

Clarinda, todos dias, depois de tomar o pequeno almoço e Justino largar para o trabalho, preparava-se e ia dar um passeio com o pequerrucho. Uma vez à beira Mar, outras pelos jardins existentes em redor. O Castelo de S. Jorge era um dos seus favoritos. Era um pouco difícil chegar lá acima, por o caminho ser bastante alcantilado. Mas, como já tinha recuperado as forças e a saúde, tal já não era problema para si. Ali tinha muitas árvores, sombra e água para beber sempre que lhe desse a sede.

Também não faltavam aves de várias espécies, umas livres, outras em cativeiro, a cantarem as suas melodias matinais. Isso fazia-lhe lembrar a aldeia, junto aos caniçais da ribeira, onde esses chilreares anunciavam a chegada do sol amistososo, e mais um dia de labuta, nos serviços duros do campo.

Dali via os barcos atravessando o Tejo, uns com destino a Cacilhas, outros ao Barreiro e Aldeia Galega, - hoje Montijo - e outras terras ribeirinhas. Levando e trazendo pessoas, de ambas as margens, dando assim vida e cor ao mar e à cidade.

Clarinda pensava na grande diferença entre a cidade e as aldeias e, agora, compreendia melhor a razão porque as moças preferiam os rapazes lisboetas. Também ela gostaria de ali ficar para sempre, mas ainda teria de voltar à terra, sem saber por quanto tempo mais... ou mesmo se lá iria ficar para sempre! Deste miradouro via-se todo o horizonte da grande Lisboa, assim como Almada e tantas outras localidades da margem Sul, das quais desconhecia os nomes. Também não faltavam ali estrangeiros e portugueses a tirarem fotografias em todos os ângulos, para uma recordação da cidade. Tudo isto a encantava. Estava-se a adaptar muito bem ao ambiente citadino, mesmo na maneira de se vestir e arrumar.

Desde a primeira vez que soltara o cabelo, nunca mais fizera tranças, e era assim que gostava de se ver. As palavras de Miguel incentivaram-na a ser mais rigorosa na sua apresentação e mostrar às lisboetas que as moreninhas da aldeia não eram inferiores a elas.

Os dias na cidade eram mais fáceis de passar do que a trabalhar no serviço do campo. Aqui não faltavam novidades de toda a espécie. Gostava de ir pelas meias manhãs dar a volta com o filho, e nas tardes ir ajudar - mais para aprender - numa escola de corte junto à sua casa, onde se fazia

toda a espécie de costura, especializada em vestidos de noivas.

Assim, além de ainda lhe pagarem qualquer coisa, estava a aprender aquilo que lhe iria ser útil na aldeia. Como já tinha muitas luzes da costura, todo o que ali se ensinava e aprendia, era para si muito valioso e não foi para si difícil tirar o corte de alta costura.

Os dias correram rápidos e chegou a data da última consulta. E, tal como fizera nas vezes anteriores, preparou as coisas para, no dia seguinte, ir ao Hospital, onde, provavelmente, iria receber a alta desejada.

Nesse dia, já depois de Justino ter seguido para o seu emprego, Clarinda vestiu um lindo vestido que a sua comadre lhe dera e que ela própria o adaptara ao seu corpo. Pôs um pouquinho de perfume, fez o seu penteado com a franja, que lhe dava um aspecto de menina, e lá seguiu, mais o bebé, para aquela que seria a sua última consulta.

Este caminho já era para si mais conhecido que os becos da sua aldeia. Assim como alguns vendedores ambulantes, por quem passava, nesses locais fixos das esquinas.

Muitos metiam-se com ela, mesmo tipos da alta sociedade com os mais luxuosos carros, oferecendo-se para a levarem a casa, sem falhar outras promessas. Quase todos lhe dirigiam as mesmas frases, tal como se duma oração se tratasse... para os fins que todos sabemos! Mesmo levando o seu menino consigo. Lembrava-se das palavras de Miguel, que nunca mais esquecera, mas que também nunca mais voltara a ver.

Com os comuns galanteios, a que já se tinha habituando, dirigidos à sua beleza, lá ia, distraidamente, puxando o carrinho, parando aqui e acolá, e, sem quase dar por isso, estava no hospital.

Uma vez ali, o seu primeiro afazer foi ir procurar Elizabete, só que ela não se encontrava no seu lugar habitual. Foi ali informada, por uma colega, de que não tardaria. Mas, como ainda era cedo para a consulta, esperou que ela chegasse. O que não tardou.

Quando a esperada chegou, ambas se cumprimentaram amistosamente, e logo a enfermeira a elogiou pela fulgência do seu adorno de mulher. Quis também congratulá-la pela sua recuperação, mas isso era assunto do médico. Como estava a chegar a sua vez, Elizabete conduziu-a ao lugar da consulta, e disse-lhe:

- Quando sair, tenho uma novidade para lhe dizer!

O médico recebeu Clarinda, apertou-lhe a mão e deu-lhe os parabéns, por estar totalmente restabelecida, acrescentando:

- Com todos os problemas, inconvenientes, imprevistos e até aventuras, você foi uma mulher de sorte! Graças à resolução e coragem, desse barbeiro-clínico, lá da sua aldeia. Sem tal determinação, não estaria aqui hoje, mas sim no lugar onde a esperança termina. Admiro esse homem, por pôr em risco a sua liberdade, em troca de duas vidas que salvou.

O médico deu-lhe alta e desejou-lhe as maiores felicidades, junto com uma carta fechada, para entregar ao Sr. Robalo, barbeiro de Penedais.

Lisboa aos(...) de (19...)

Caro senhor Robalo!

Vão para si as melhores saudações deste desconhecido médico, que tratou a sua doente Clarinda. E desde já lhe dou os meus parabéns, pela sua audácia, que tudo fez para salvar duas vidas, que só mostra coragem e humanidade.

A medicina dá-nos muitas tristezas... mas também se obtêm muitas alegrias, especialmente quando se salvam vidas condenadas à morte. A assistência à saúde, é o segundo maior direito dos humanos, logo a seguir ao pão; mas, infelizmente, qualquer deles não está ao alcance de todos os povos. Razão por que tantos morrem... uns à fome, outros por falta de assistência médica. Infelizmente, a barreira dos direitos não está aberta para todos.

A prova desta verdade, está no caso desta jovem mãe, condenada a morrer aos dezanove anos, se não fosse a sua intervenção neste parto. Só ela sabe o quanto sofreu! Mas, felizmente, está sã e salva, tal como o filho. Não hesite em voltar a fazer o mesmo... se necessário for!

O médico possui um diploma que o iliba dos seus erros e insucessos profissionais. E, tal como qualquer arte, está sujeito a falhas humanas, mas quase sempre escondidas dentro do canudo, e ninguém as vê. E se acaso forem vistas... têm que ser analisadas antes que sejam punidas, porque tudo na vida tem risco. E os peritos da saúde não são uma excepção, nem uma perfeição.

O mesmo não acontece com os amadores, que nada têm para os proteger, quando do infortúnio dos maus resultados. A boa intenção e vontade, são aventuras, nem sempre prósperas.

Soube, pela enfermeira, da sua preocupação, depois de tanto ter feito. Haver uma actuação contra si, neste caso, seria uma crueldade e também

uma justiça, sem qualquer humanismo.

Estarei sempre ao seu lado, e de todos quantos prestam os seus conhecimentos na causa do bem servir e amar. A vossa existência é, sem dúvida, um bem para a gente dessas aldeias, em que a palavra Médico, é trocada por Barbeiro.

Com as melhores saudações, vai, para si e tantos outros, o desejo dos maiores êxitos, nessa vossa espinhosa e arriscada missão.

Ritavio W. Arimor

Clarinda aceitou aquela carta fechada do Médico, com o compromisso de a entregar ao seu tio Robalo, quando voltasse à aldeia. Meteu-a na mala para, quando chegasse a casa, a pôr junto das coisas já reservadas para levar consigo.

De seguida, despachada do doutor, foi procurar Elizabete, para lhe dizer adeus e lhe perguntar qual a coisa que tinha para lhe dizer.

Ao chegar junto dela, disse-lhe:

- Minha querida amiga, já tive alta e em breve voltarei à minha aldeia. Vou levar muitas saudades de si e das pessoas amigas que tive a felicidade de conhecer. Mas espero voltar, em tempos próximos, se Deus quiser... Então qual é a coisa que tem para me dizer? – perguntou.

Elizabete chegou-se perto dela e segredou-lhe ao ouvido:

- Saiba a minha amiga que estou a namorar com o seu irmão...

- O que é que me está a dizer?

- É aquilo que acaba de ouvir! Claro, um namoro não é um casamento... por isso guarde segredo, e não diga nada, nem mesmo à sua mãe!

Oh! Isso é uma grande alegria para mim...

E abraçou Elizabete, desejando-lhe as mais sinceras felicidades. Depois de mais alguma conversa, as futuras cunhadas despediram-se, mas prometeram voltarem a ver-se, antes de partir para a província.

Clarinda era inteligente, arrumada e até curiosa. Não no sentido de bisbilhotice, mas de ter mais conhecimentos. Como pensou talvez não ter outra oportunidade, visto voltar à aldeia, e como ainda era cedo para já ir para casa, lembrou-se de dar umas voltas por este bairro afamado da “Mouraria”, de que tanto se falava na sua aldeia.

Quatro bairros afamados

Tem a cidade de Lisboa
A Mouraria e Alfama
Bairro Alto e Madragoa!

Esta era uma das quadras que nunca falhava nas serenatas ou rusgas das noites de sábado, na aldeia de Penedais. Já conhecia Alfama, e o Bairro Alto e a Madragoa sabia onde ficavam. O marido mostrou-lhe o lugar, numa ocasião que esteve consigo no Castelo de S. Jorge. Agora, que estava na Mouraria, queria conhecer um pouco mais deste bairro de que tanto se falava.

Clarinda não gostava de voltar à terra de mente vazia, por isso aproveitava para conhecer o mais possível da cidade. Assim, desceu a rua do Hospital e, ao chegar à rua de S. Lázaro - antiga vinte de Abril - virou à direita, e passou junto das sentinas públicas, seguindo até às escadinhas do Colégio.

Ao passar por essas latrinas, viu duas mulheres a sair dali e uma a dizer à outra:

- Não compreendo porque é que nós, mulheres, temos que pagar três tostões, e os homens não pagam nada!

- Porque os homens para fazerem chichi, usam urinóis e nós usamos sanitas, em que podemos fazer ambas as necessidades. Eles se forem além de urinar, também pagam. E nós usamos papel e eles não.

Os balneários públicos estavam espalhados por todos os bairros pobres da cidade. O mesmo acontecia com as sentinas, que existiam em todos jardins, por mais pequenos que fossem. Mas já tudo desapareceu. E será que já não fazem falta em lugares recreativos? Se fazem!

O menino era bastante sossegado e, quando de papinho cheio, não incomodava a mãe. Dava-lhe a oportunidade de poder apreciar o que desejava, sem a incomodar.

Ao chegar ao fim dessa rua desceu e atravessou a rua da Palma, passou as ruas dos Vinagres, dos Canos, das Atafonas e encaminhou-se para a Capelinha da Senhora da Saúde. Entrou e, lá dentro, fez uma prece à Santa, por ter recuperado a sua saúde, quando já lhe rezavam pela alma.

Terminada a oração - que não foi muito longa - seguiu a rua da Mouraria, para depois entrar na do Capelão. A poucos metros viu à sua direita a rua João do Outeiro - onde moravam algumas famílias de Penedais. Ali viu vários homens, na maioria já da terceira idade, sentados à beira das tabernas. Outros, e algumas mulheres também o faziam,

ficavam junto às portas das suas residências, em conversa amena, fazendo lembrar o pessoal das aldeias aos domingos e dias festivos.

Clarinda continuou pela Rua do Capelão, bem no coração daquele bairro antigo, com gente duma linguagem rústica, sem controlo nem freio, bem ao estilo das vendedoras, o que na realidade eram, em grande parte.

Mouraria, lugar de pessoas humildes e pobres, com muitos rufias e desordeiros à mistura. Aqui se juntava muita ralé, vinda de outros bairros rivais, só para fazerem desacatos, provocações e desordens.

O largo do Capelão, foi onde nasceu e viveu a Severa - rainha do fado - e a casa onde morou era bastante visitada. Era neste lugar onde de faziam anualmente as festas dos Santos populares do bairro. E era naquelas tascas onde o fado se cantava, pelas noites, razão porque ali acudia muito povo, em especial em fins de semana.

Ali se ouviam as mais castiças vozes desta canção nacional - "o fado" - acompanhadas pelos hábeis dedos dos mais famosos guitarristas. Os melhores lugares dos botequins eram reservados à fidalguia, uns que ali vinham para cantarem, outros apenas para ouvirem. Não faltavam também as mais lindas e belas camareiras, contratadas para servirem esta elite da sociedade.

Mas não eram apenas os argutos da nobreza que tinham entrada nesses lugares nocturnos. Aqui chegava também muita escumalha, tais como meretrizes, chulecos, navalhistas e outros arruaceiros indesejados. Eram estes que davam motivo às bem conhecidas "rusgas às navalhas" que a Polícia fazia neste e em outros bairros onde parava muita gente de má fé.

Clarinda, para apreciar melhor as casas centenárias da cidade, tanto parava como avançava, dando a ideia de alguém que andava sem rumo. As crianças neste bairro pobre confundiam-se com as da aldeia. Em sua maioria brincavam descalças e nuas, nos empedrados da calçada. Tudo lhe parecia igual, apenas não via nestas as grandes barrigas, mas de estômago vazio, como as da sua aldeia,

O trajar destes garotos era a luz viva das carências familiares existentes. E Clarinda era olhada com alguma estranheza e desdém pela gente local.

Andar por ali a passear o bebé, de carrinho, era como que insultar aquela garotagem de miséria, pois esse luxo ainda só estava ao alcance dos ricos. E Clarinda era confundida com uma dessa classe. Ataviada de menina fina, parecia ser alguém privilegiada e com recursos de nobreza.

O que não era bem aceite neste bairro de miséria e humildade.

Clarinda voltou a confundir aquela gente quando um casal de estrangeiros ali tirava fotografias. Uma curiosa perguntou-lhes:

- Para que são esses retratos que anda a tirar?

O senhor, que era inglês, e não a compreendeu, disse:

- *I'm sorry, but I don't understand what you say!* (Peço desculpa, mas não compreendo o que dizes!)

A indiscreta mulher que nada percebeu, virou-se então para Clarinda:

- Você compreendeu o que ele disse?

Esta, que também não conhecia uma única palavra de inglês, disse:

- Sim! Ele disse que anda a tirar retratos para levar ao rei...

- Oh! Quem sabe... sabe. Como é bom ser-se culto!

E logo foi contar às amigas ali presentes, enquanto Clarinda continuou a andar pelo largo acima.

Seguiu esse largo e encontrou um chafariz público, com várias pessoas esperando pela sua vez. A torneira de mola, estava em uso constante, sinal que muitas daquelas casas ainda não tinham água domiciliar.

Viu ali alguns homens a encher uns barris de madeira, que logo reconheceu serem os tais aguadeiros da cidade, de quem tanto se falava em Penedais. Por sinal, um serviço bastante pesado.

Isto fazia-a lembrar as fontes da sua aldeia, em dias calorentos de Verão, em que a água escasseava, com as pessoas a esperarem por longo tempo para encherem os seus cântaros e outros recipientes. Finalmente, a cidade também tem coisas a cheirar às aldeias - pensava Clarinda.

Mesmo em frente a este fontanário estava uma cozinha da Santa Casa da Misericórdia, então ali existente. Coisa que também já pertence ao passado. Ali esperavam com as latas, tachos e panelas, mais de duas centenas de pessoas de ambos os sexos, desde crianças à terceira idade. A sua curiosidade levou-a a perguntar a uma das presentes qual a razão daquele aglomerado.

A sua interlocutora, com um certo pudor na voz, disse-lhe:

- Bem se vê que não vive neste bairro, e não é como nós, uma desprotegida do sistema. Se o fosse, não faria essa observação, visto que tal enchente de pobres está aqui todos os dias, à mesma hora, para levantarem a sopa e o pão da caridade.

Clarinda, que não tinha papas na língua, deu-lhe logo a resposta:

- Está errada! Por estar com um vestido limpo, não sou nenhuma baronesa, mas sim uma mulher da aldeia que, infelizmente, por problemas

de saúde, teve que vir à cidade! Sou alguém que conhece talvez melhor a miséria que você! Sendo a senhora uma desprotegida do sistema, ainda têm um pão e uma sopa diária, com alguma abundância, para matarem a fome, sem ser preciso trabalhar. O que não acontece com as pessoas da minha aldeia e tantas outras, que nunca conheceram a luz social, quer por parte da Misericórdia, quer dos governantes, menosprezando a nossa existência.

Trabalha-se como escravos, para se passar fome, e alguns morrem a pedir esmola. Se tivessem, como vocês, um tacho de sopa e um pão por cada dia, julgar-se-iam felizes e não necessitavam de trabalhar tanto, tal como muitos de vós o não querem fazer!

Agora sentia dentro de si, mais do que nunca, a revolta contra o sistema do país. Que canalhas de governantes, pensava ela. Como pode existir, até mesmo na classe pobre, tal discriminação, entre o povo rural e o da cidade?

Com isto no pensamento, subiu um pouco acima, onde encontrou a rua Marquês de Ponte Lima. Ali perguntou a um polícia se aquela rua dava ligação à da Madalena. A resposta foi afirmativa.

Assim, não ia descer, para voltar a subir, se tivesse a dita de encontrar o tal senhor Miguel. Ah! então sim, ainda dava o sacrifício pelo prazer.

Não sabia explicar porquê - se pela sua simpatia, se pela sua educação, a sua bondade e humanismo, ou se pelo seu conselho, ou qualquer outra razão - ficara com uma afeição por ele que não sabia descrever.

Como nunca antes usara tal caminho, lá foi andando, descobrindo e vendo coisas novas, para guardar no seu repertório sobre Lisboa, cidade das sete colinas... como lhe ouvia chamar. Mas sem saber o porquê desse nome. Agora, sim, já sabia. Era a cidade dos sete outeiros. O que não lhe saía do consciente, era a tal destriça existente entre o povo da cidade e o rural.

O menino, que mal dera sinal da sua presença nesta viagem de descobertas, começou a choramigar. A mãe calculou de imediato de onde vinha a sua indisposição. É que o seu cueiro aumentara de volume e de seco passara a molhado.

A mãe parou por alguns momentos para lhe mudar a fralda. O repolhito, após ter o seu conforto, voltou a ficar em paz, para seguirem o resto da caminhada. Quando mal se apercebeu, estava no largo de São Mamede ao Caldas, junto da Rua da Madalena, sem ter que a subir.

Aqui entrou numa mercearia para comprar algumas coisas de que necessitava para a sua ceia e depois seguiu direita a casa, pois eram horas

do marido chegar.

Já em casa, a certa altura, perguntou ao marido:

- Será que sabes como funciona a sopa dos pobres... nas cozinhas económicas?

- Porque é que perguntas?

A esposa disse-lhe logo a razão do porquê. Justino explicou à mulher tudo o que era relacionado com este benefício dos pobres.

- Há várias, espalhadas por toda a cidade, destinadas à gente de baixos recursos, para poderem ter uma sopa e um pão por dia, e assim já ninguém morre de fome. Coisa que não existe nas nossas aldeias, para tantos, bem mais necessitados que estes, sem mesmo terem energias para irem mendigar uma esmola a outros pobres, que ainda trabalham.

- Isto é que me irrita! - disse Clarinda!

- Também a mim! A intenção para a qual foi criada, é boa, só que, infelizmente, muitos vão ali porque não querem trabalhar. E, se voltares a passar por lá mais alguma vez, repara que a maioria dos que ali se encontram, de panela na mão, são novos e com bom corpo para trabalharem. Mas só que disse não querem nada!

Foi mais uma que ficou registada na mente daquela jovem mulher.

Pelas tardes, Justino só ia passear com a família nos dias em que eles não tinham saído. Nessa tarde, deitou-se, a descansar, até que chegassem as horas de voltar ao serviço. Entretanto, a esposa ia seleccionando algumas roupas e sapatos que as suas comadres lhe tinham mandado pelo condutor.

Muita desta roupagem e calçado, na sua maioria de mulher, estava em bom uso, com algumas peças mesmo sem terem sido estreadas. Clarinda nunca se vira em tanta fartura, pois ficaria fornecida para muitos anos, tanto para o corpo, como para os pés.

Os sapatos eram da sua medida, mas a roupa, em parte, ficava-lhe um pouco justa. Desse modo teria que fazer algumas emendas, coisa que não era problema para si. Era filha de tecedeira, também sabia tecer e costurar. E agora ainda melhor, com o que acabava de aprender.

Era ela que fazia as suas roupas, assim como para outras raparigas e mulheres amigas da aldeia. Ao separar todas aquelas roupas, o seu primeiro reparo era ver se tinham bainha, para as poder alargar. Clarinda era da mesma altura, apenas com o seio mais cheio que as fidalgas. Elas, mãe e filha, vestiam e calçavam o mesmo número

Chegou a hora de Justino voltar ao trabalho e, como estava bem

agarrado no sono, a esposa teve que o despertar, para ir cumprir o seu dever profissional. Ela, junto do filhito, feliz, ia experimentando cada peça de roupa que tirava da grande caixa de cartão que as comadres lhe mandaram.

Justino chegou mais tarde nessa noite. O seu trabalho prolongou-se, além do usual, devido a uma festa de aniversário marcada para o dia seguinte. Esta foi a sua versão. Quando chegou a casa, já a mãe e o bebézito estavam no primeiro sono, não dando pela chegada.

Nessa manhã foi ela a primeira a levantar-se. Preparou o café para tomarem juntos e, ainda não tinha clareado o dia, já se ouvia o pregão da mulher da fava rica, na área da rua dos Remédios, em plena Alfama.

Esta vendedora, fazia o anúncio dos primeiros pregões matinais, antes do amanhecer. E, ao contrário daquela que ouvira lá para os lados da Bica, que lhe parecia dizer que lhe "doía a barriga", esta dava-lhe a ideia de "Mata e fica!"

Pouco depois, por toda a Alfama, mais em força para os lados de S. João da Praça, rua das Canastras, Portas do Mar e Afonso de Albuquerque; os vendedores eram como abelhas a saírem do cortiço. Eram muitos e diferentes os pregões, nos mais variados sons, emitidos por homens e mulheres, o que fazia uma verdadeira melodia, que encantava qualquer forasteiro.

Mas nem sempre o som dos vendilhões reflectia a alegria e felicidade que dava a ideia a quem os ouvia. Quantas vezes eram amargurados pela debilidade dos seus negócios e até da própria saúde! Também os ganhos eram poucos, e com a agravante das multas aplicadas pela Polícia.

Havia agentes da autoridade que usavam mais a caneta que a consciência. E, sem o menor escrúpulo, autuavam tantas vezes sem justificação, da maneira mais severa e cruel! Mesmo sabendo que esse dinheiro representava o pão, para eles e para os filhos.

Infelizmente, o maior inimigo do pequeno, é o próprio pequeno. Assim, enquanto os grandes se abraçam, os pequenos arranham-se e mordem. Foi isso que Clarinda presenciou nessa manhã, entre um guarda e duas vendedoras.

Justino saiu à hora habitual e Clarinda voltou de novo à escolha do vestuário, pondo de lado tudo o que não lhe servia e tinha que ser emendado, para levar consigo quando fosse. Como tinha máquina de costura, as alterações eram mais fáceis de fazer, do que coser à mão.

Depois de ter a sua tarefa terminada, tratou do menino e pôs as coisas necessárias no saco, para não ter que vir a casa à hora do almoço. Como já eram horas do passeio, acomodou o filho no carrinho e saiu. Desta vez, o destino era o Cais-do-Sodré, um itinerário que já bem conhecia.

Desceu essa rua onde morava até à S. João da Praça, encaminhando-se para a Sé. Mas, desta vez, não sabia se ia guiada pelo seu consciente, se pelo som dos pregões dos vendedores ambulantes. Entrou na travessa que dá para a rua das Canastras, para sair no Arco das Portas do Mar, direita ao Campo das Cebolas.

Mas, ainda mal tinha deixado a rua, viu um bando de vendedores ambulantes, na maioria peixeiras, a fugirem na sua direcção, tal como se dum terramoto se tratasse. Era um polícia que vinha no seu encalço. E, como duas não puderam, ou não tiveram tempo de fugir, o agente ordenou-lhes que o acompanhassem à esquadra. Isto revoltou-a tanto, que logo tentou um ardil, a fim de libertar as pobres coitadas.

Clarinda seguiu de perto o polícia e as duas detidas, ouvindo os seus lamentos de nada terem feito de errado. Tinham-se limitado a parar para servirem as clientes, de contrário não podiam vender. E também que, o dinheiro daquela multa, que ele lhes ia aplicar, era o pão dos seus filhos. Mas o guarda não cedia aos lamentos. A sua decisão era firme.

Muito perto deles, a jovem mãe pensava: “Será que o meu irmão, também polícia, terá um coração empedernido como este diabo? Sempre tenho ouvido dizer que a Polícia é para nos servir e proteger... Como se pode fazer uma coisa assim?” As chorosas mulheres bem tentavam convencer o agente que, para venderem, tinham que parar. Mas este já nem lhes dava resposta.

Poucos metros atrás seguia Clarinda e, quando viu que não se iria sujar muito, com algum jeito para não se magoar, simulou uma queda, desatando a gritar, com alguma aflicção:

- Senhor guarda... senhor guarda.... Ajude-me, por favor!

O agente de autoridade olhou para trás e, vendo aquela jovem senhora caída no chão e mostrando algumas dificuldades em se levantar, correu em seu auxílio, largando as vendedoras, ao mesmo tempo que retorquia:

- Desapareçam, para onde não mais as veja!... A vossa sorte foi o azar desta menina.

Clarinda deixou que o guarda a ajudasse a levantar, fingindo não estar muito bem duma perna. Nem um anjo podia ser mais atencioso e amável do que o jovem agente. Insistiu em a levar ao Hospital, mas ela, depois de

algumas simulações, alegou não ser coisa de gravidade, apenas um mau jeito.

Como era nova e atraente, mostrando um ar de fidalguia, o agente transformou o seu aspecto, de cruel em discípulo da paz e da bondade. Não mais se lembrou das duas vendedoras, ou dos restantes que por ali andavam a fugir de si. Estava disposto a falar com ela sem olhar ao tempo e aos deveres profissionais. Só que Clarinda já tinha executado o seu papel, e nada mais desejava dele. Por isso, agradeceu-lhe a atenção que lhe dispensara e, com toda cordialidade, despediu-se do agente, para seguir o passeio que tinha traçado.

Ao virar para o Arco das Portas do Mar, a suposta fidalga viu ali as duas vendedoras em causa. Uma veio junto de si e segredou-lhe ao ouvido:

- Obrigado minha filha... pela tua ideia! Mesmo sem seres filha da pobreza, és uma jovem digna, com nobreza de santa. Que Deus te dê muitas felicidades para esse que aí tens... e quantos venhas a ter!

A jovem mãe apenas correspondeu com um sorriso e um aceno de mão.

Depois de deixar as duas mulheres, Clarinda começou a pensar no que fizera. Sentia uma grande alegria no seu interior, por ter usado a sua astúcia em favor dos indefesos. Parecia-lhe que até o filho se apercebera, e queria partilhar a alegria com a mãe, ao começar a pular no carrinho, com os seus constantes “uá!” ... “uá!”

Clarinda era na realidade bondosa, esperta, inteligente, mas, sobretudo, humana. Razão porque conquistava a amizade de toda a gente, não só na aldeia, mas também na cidade. Em Penedais, era ela que lia e escrevia as cartas aos familiares dos analfabetos da terra - infelizmente a maioria. E, tal como o Padre, nos segredos da confissão, assim ela fazia com as novidades expeditas ou recebidas, que lhe eram confiadas.

Como era muito habilidosa na costura, não lhe faltava gente a incomodá-la para lhes ajudar a talhar e coser as suas roupas, coisa que sempre fazia com satisfação, sem nunca aceitar um tostão de quem fosse.

A intenção de Clarinda, naquele dia, era a de se meter no barco e ir até à outra banda. Queria fazê-lo por duas razões: uma, para poder apreciar o panorama citadino do lado de lá do Tejo; a outra, era a de atravessar as águas do mar, pois as pessoas que já tinham passado sobre a água salgada - segundo a lenda - tinham uns certos privilégios no uso de rezas, responsos, mezinhas e curas caseiras.

Ela não ia muito nisso, mas era a crença do povo e, quando recorriam

a esses meios, era difícil de confirmar, visto só haver na aldeia duas pessoas que já tinham atravessado as águas do mar. Assim, ela ficaria habilitada, também, para melhor servir aquelas tradições.

Havia - e ainda há - várias carreiras que atravessam o Tejo para a outra margem, e vice-versa. Para Cacilhas e Almada, eram duas: uma com saída do Terreiro do Paço, com barcos mais pequenos, os chamados "cacilheiros" e a outra de barcos maiores, que saíam do Cais-do-Sodré.

Estes últimos, era muito raro pararem. Só quando era impossível aportarem na doca. Os cacilheiros faziam-no com frequência, por serem mais pequenos e menos seguros. Não arriscavam demais, desde que ali se afundara um, de nome "Tonecas". Acidente em que morreu muita gente.

Ela conhecia esta história, mas como o tempo estava bom, não ia para mais longe e ter que pagar mais caro, visto neste ser cinco tostões e no outro oito. Dirigiu-se ao Barco e logo um funcionário a ajudou a pôr dentro o carrinho, fazendo o mesmo à saída. O bilhete era quebrado lá dentro.

Já em Cacilhas, deslumbrou a cidade das sete colinas, com as casas revestidas em diferentes cores e que se estendiam pelas íngremes encostas. Era o verde vivo das árvores no sopé dessas elevações, e os parques e jardins nos patamares de cada outeiro. Isto dava a ideia de serem altares, onde a Natureza e a arquitectura se misturavam, construindo um duplo cenário, das mais variadas e raras belezas.

Depois de ali andar por mais de uma hora, de apreciar e ver o que mais pôde, voltou de novo à capital. Só que, desta vez, e a título de curiosidade, viajou no barco grande, com destino ao Cais-do-Sodré.

Nessa travessia voltou a ter uma surpresa, que para si foi uma novidade de primeira mão: um cardume se golfinhos, que acompanharam o barco até ao cais. Estes cetáceos vinham sempre à superfície, para soltarem a cada segundo fora da água. Para a Clarinda, foi um espectáculo com que não contava.

Daquela estação fluvial, seguiu pelo itinerário que já conhecia, direita a casa. Ao chegar junto da pensão dos bicos, no Largo das Cebolas, lembrou-se das duas vendedoras, naquela manhã. Os sinos da Sé acabavam de badalar as três da tarde. Era a hora do Justino aparecer.

Quando chegou a casa, mais o menino, o marido ainda não tinha vindo, mas não tardou. Clarinda fizera ideia de falar com ele sobre o regresso à aldeia. Não era por não gostar de viver na cidade, até porque era coisa que adorava, mas chegara o tempo de voltar.

Tinham já passado seis meses, tinha muitas saudades da filhita e da

mãe e o S. Miguel estava à porta. Para a sua mãe, com a neta pequenina, era impossível tomar conta dela sem as ajudas da vizinhança. E, como já estava boa, era seu dever voltar quanto antes. Era injusto, ela em Lisboa, feita senhora, e a pobre velha na aldeia, feita escrava. Assim, nessa tarde, acertaram as coisas para regressar na semana seguinte.

Como ainda tinha o dinheiro que as comadres lhe haviam dado, mais o ganho das horas que fizera na costura - que o marido nunca aceitara - fazia uma continha razoável, que daria para as suas despesas, sem depender tanto do marido.

Não tinha ainda determinado qual o transporte que tomaria. Caso fosse de autocarro, não chegava a conhecer o que era viajar de comboio. Assim, e para não perder essa oportunidade, o giro a dar com o filho na manhã do dia seguinte, seria viajar no comboio, desde o Cais-do-Sodré até Cascais.

Chegada a hora, Clarinda tomou o caminho e lá foi para mais uma descoberta. Dirigiu-se à bilheteira e perguntou o tempo que demoraria o comboio, dali até Cascais e vir.

- Cerca de uma hora e vinte...

- Então dê-me um bilhete de ida e volta! - pediu Clarinda.

E, pela primeira vez na vida, entrou naquilo de que tanto se falava na aldeia, e que ela e tantos desconheciam.

Com todo o percurso à beira-mar, delirava ao ver os pescadores nas suas canoas e pequenos barcos a pescar não sabendo o quê. Os raios do Sol, reflectidos pela ondulação das águas, fizeram-na lembrar dos montes e das serras, quando o Sol se descobria, depois duma tempestade.

Também não escapavam à sua observação as muitas e lindas vivendas erguidas ao longo da costa e da linha do comboio. Que bom seria viver numa casa assim, cheia de luz e conforto, e com vista para o mar.

Como sempre se fazia acompanhar de uma caneta e papel, ia apontando cada coisa que a fascinava, para mais tarde a recordar.

Uma das que mais lhe chamaram à atenção, foram as praias ao longo da Costa do Sol. Gente de todas as idades e ambos os sexos, a banharem-se em comum. Como era natural, o rigor dos fatos de banho era cobrir as partes genitais e uma parte do seio. O resto tudo era aceite com normalidade. E, nesse convívio de pura Natureza, eles e elas comungavam desses banhos com a mesma felicidade. Agora, não compreendia por que razão, nas aldeias, era obsceno, e grande pecado, quando o uso das saias subia acima do meio da canela. Até nisso o povo da aldeia era discriminado.

Distraída na apreciação deste cenário de beleza, quando deu por si, estava em Cascais. Lugar bem conhecido, de atracção turística e bastante visitado por estrangeiros.

Poucos minutos depois, o comboio voltou à capital, com ela a apontar as coisas que mais lhe despertavam a atenção. Uma delas, foi escrever o nome das estações por onde passava. E, tal como o senhor lhe dissera, em menos de hora e meia, estava de novo no Cais-do-Sodré.

Clarinda depois de ter alta
Com o carrinho de bebé
Deu pela cidade muita volta
Mais na zona do Cais-do-Sodré

Tomou o barco de Cacilhas
Para alimentar sua mente
Tudo eram maravilhas
E viu a cidade de frente.

Na sua grande curiosidade
Descobriu tantas coisas mais...
O Comboio, era novidade
Por isso quis ir a Cascais.

Foi várias vezes ao Castelo
Gostava de ali passear
Viu o panorama mais belo
Viu o Tejo... e viu o Mar.

Viu o Bairro Alto e Madragoa
Viu Almada... viu Belém
Viu toda a cidade de Lisboa
Viu barcos e o Sul também.

Mas foi o Bairro da Mouraria
Que mais lhe deu a ideia...
Por tudo quanto ali via
Que estava na sua aldeia.

AS DESPEDIDAS

Saiu do comboio feliz e com mais uma coisa para contar. Faltava-lhe agora descobrir um telefone público, para ligar à sua comadre. Ao olhar em frente, viu um junto da bilheteira da estação.

Sem mais perdas de tempo, foi-lhe telefonar, para lhe dar conhecimento da sua partida. Ao mesmo tempo, perguntou-lhe qual o melhor dia para lhes dizer adeus. A boa senhora disse que ia falar com os pais e mais tarde lhe devolveria a resposta, para o trabalho do marido.

Ainda nesse dia telefonou para trás, ficando as coisas combinadas para domingo, dia em que Justino estava de folga, irem lá almoçar. Ficou assente o condutor ir buscá-los, assim como a mãe e o tio-padrasto, que o industrial fizera questão de virem também. Outras visitas amigas do casal Amândio iriam estar presentes. Só o genro não estaria, por ter partido para mais uma viagem.

Foi mais um convívio de grande animação, com o velho aguadeiro em destaque, revelando o seu humor e boa disposição, sempre activo, para distrair os convivas, fazendo-os rir ou chorar, conforme a vontade do freguês.

O senhor Amândio simpatizara deveras com o velho, e não quis que ele andasse mais a apanhar papel do lixo, para conseguir os tostões que lhe faltavam para o seu sustento e o da mulher.

A cada mês, o condutor ir-lhe-ia levar uma certa quantia, que o patrão e a esposa determinaram. Razão porque agora tinha menos engelhas na cara, parecendo até mais novo. A abundância de alimentos ainda é o melhor cosmético, para a maquilhagem dos humanos que vivem na miséria.

O pequenino Amândio estava com sete meses. E bastante crescido, e engraçado. Era muito alegre, rindo-se para toda a gente que lhe desse um pouco de atenção. O padrinho, que nunca fora especialista em fazer festas a crianças - nem mesmo aos sobrinhos - não se fartava de acariciar o afilhado, com todo o afecto. E o petiz retribuía com um sorriso alegre e levantando os bracitos, como que a pedir para o levantarem.

Chegou o fim da tarde e a hora das despedidas, sem faltarem algumas dádivas, junto com as promessas de que fariam tudo o que fosse preciso, no futuro. A Dona Dionilde pediu-lhe a morada da aldeia e Clarinda a deles, para lhes escrever quando lá chegasse. E, por fim, disse o senhor

Amândio:

- É pena a estrada ainda não chegar à aldeia, porque, quando menos o esperassem, lá nos tinham, para uma visita.

- Talvez calhe um dia! - disse a esposa.

- Seria para nós um grande prazer... - replicou Clarinda.

Deste modo, agradecendo aos compadres pelas atenções e pela amizade, se despediram, até uma nova oportunidade.

E, tal como das outras vezes que ali vieram, os anfitriões deram ordens ao condutor para os ir levar. O casal idoso foi o primeiro a sair, para em seguida levar o casal Justino.

Além das ofertas menos volumosas que traziam consigo, outras, de tamanho maior – com as quais não contavam - foram entregues ao motorista, para lhes dar depois.

Já em casa, como ainda era cedo, e também com um pouco de curiosidade, foram abrir todos os embrulhos, a começar pelos mais pequenos.

Ao abrir um, Clarinda ficou como que trémula, ao ver um lindo relógio de pulso. Coisa que nem todas as raparigas da sua aldeia a viverem em Lisboa possuíam. Isto era, na realidade, fino demais, para quem deixara a terra à beira da morte, e agora voltava, feita uma fidalga.

Feliz, pensava na sorte que tivera em conhecer aquela família, e aceitarem o convite para serem os padrinhos do seu filho. Teriam sempre uma porta aberta para tudo, o que lhe dava um maior conforto, em tempos de infortúnios, se a eles estivesse condenada. De contente, disse para consigo: "Há males que vêm por bem..." Este, fora um deles!

Iria tomar a sério os conselhos que lhe deram, de começar a estudar por correspondência. E ainda mais com a oferta de tudo custearem. Sugeriram-lhe que podia ser uma regente escolar na sua aldeia, apenas com a admissão ao liceu. Por isso, estudar era o caminho, e o resto seria com elas.

Ainda nessa noite, queria deixar assente qual o transporte a tomar para a terra. Tinha três opções, mas todas elas a deixavam bastante longe da aldeia. Uma, era apanhar o comboio da Beira Baixa, até Castelo Branco e dali o autocarro, em direcção a Coimbra, ficando na Lomba do Lobo, onde terminava a estrada. A outra era apanhar a carreira dos "Claras & Irmãos" para a Lousã e depois a ligação da serra. A última, era apanhar o comboio das onze e dez, no Rossio, com destino ao Porto e viajar na carruagem directa para Serpins, indo ficar na Lousã. Ali, apanharia a ligação da viação das Beiras até ao seu final, na Catraia do Outeiro. Optou por esta

última e, em seguida, escreveu à mãe, a dizer-lhe o dia em que chegava, para que o Tio Robalo ali a fosse buscar com a mula.

No dia seguinte, telefonou para a esquadra onde o irmão trabalhava, a fim de se despedir dele e saber se queria alguma coisa para casa, mas ele não estava de serviço. Finalmente, foi ao Hospital para dizer adeus à Elizabete, que continuava a namorar com Mário.

Quando as duas amigas se viram, ambas ficaram muito felizes, e Clarinda revelou-lhe a razão da sua visita. Apenas para lhe dizer adeus. Ia voltar à aldeia alguns dias depois. Disse-lhe ter telefonado ao irmão, mas que ele não se encontrava de serviço àquela hora.

- Não se incomode! - respondeu Elizabete. - Nós vamos estar de folga amanhã e passaremos por vossa casa à meia-tarde.

As duas amigas despediram-se até ao dia seguinte. E Clarinda voltou de novo a casa, mas desta vez sem grandes demoras.

Como estava recuperada
Já ali não fazia nada
Suas coisas estavam feitas.
Deixa Lisboa com lamento
Estava a chegar o tempo
Do S. Miguel, das colheitas.

ENCONTRO COM NATÊNIA

Ao chegar à capela da Senhora da Saúde viu, um pouco adiante, junto ao arco do Marques do Alegrete, uma senhora a olhar para uma montra de confecções, que lhe deu a ideia de ser a sua comadre. E, quanto mais se aproximava, mais ela se confundia. Alta, elegante, bonita e até com ares de fidalguia.

E, quando já ia com a boca meio aberta para lhe falar, ela virou-se, de repente e só então viu que não era. Passou-a e seguiu o seu caminho, sem mais da mulher se lembrar.

Um pouco mais à frente parou, por instantes, para apreciar um vestido exposto num manequim, e viu, pelo vidro, que a senhora seguia a mesma direcção.

Foi já na rua dos Fanqueiros que a dita senhora se lhe dirigiu:

- Desculpe, a senhora é a mulher do Justino?

- Sou!... Conhece-o?

- Infelizmente, sim! Desde os meus dezassete anos e ele dezoito. Ele tem agora vinte e cinco. Há sete anos que nos conhecemos...

- E como soube que eu era a mulher dele?

- Porque a vi... há tempos... com ele e o bebé!

- Mas tem alguma razão de queixa contra ele?

- Tenho! Porque sempre vivemos os dois conjugalmente, mesmo que nunca tivéssemos casado! Muitas vezes nos zangámos, e nos separámos, porque Justino não pode ver uma mulher bonita, que não tente seduzi-la. E isso o faz ser mentiroso! Diz que fica no trabalho até mais tarde, o que na maioria das vezes não é verdade... mas sim para sair com elas. Foi num desses períodos em que estivemos separados, que ele pensou em ir à terra arranjar uma rapariga. De certeza ele o tentou... E, se ela fosse na conversa... terminava o namoro e não havia casamento. Mas como você se deve ter segurado, ele teve que ir até ao fim, no seu desejo de ter apanhado mais uma virgem. Ele tem muitas coisas de que lhe dou crédito e o admiro: uma delas é não ser gabarolas.

E prosseguiu:

- Mas o seu maior mal está em querer toda a mulher, o que o leva a mentir, sem olhar aos danos que pode causar. Dizia-me a mim que a razão de não a trazer a si para Lisboa, era por ser era uma aldeã, tipo saloia, sem apresentação nem maneiras... e não queria ter vergonha da sua companhia. De acordo com o que está à vista, é

uma mentira que não cabe dentro duma igreja. Mesmo que o fosse... elas aqui se fazem senhoras. Mas não é o seu caso! Você é, na realidade, uma mulher formosa, fina, com apresentação e maneiras... que faria inveja a tantas senhoras da alta sociedade.

Clarinda apenas ouvia o que a sua interlocutora lhe dizia, e só agora a interrompeu, para lhe agradecer o elogio que lhe dispensara. E também para lhe perguntar qual era o seu nome.

- O meu nome é Naténia!

E continuou no seu desabafo:

- Eu quero pedir-lhe desculpa... por também ter contribuído para a falta do seu cumprimento familiar. É estúpido, como podemos odiar pessoas que nunca nos fizeram mal, e nem sequer conhecemos, como foi o meu caso. Como eu pude fazer isso... meu Deus! Como a odiava... Sinto-me culpada por ele não ter cumprido muitos dos seus deveres familiares. Peço que me desculpe... pelo mal que lhe fiz. Mas prometo que nunca mais deixarei que o meu coração germine ódios, produzidos por falsas conversas, pelas quais julgamos as pessoas e fazemos pensamentos errados.

Depois deste diálogo, Naténia perguntou a Clarinda:

- A sua filha ficou com a avó?

- Ficou sim! Eu tive que vir de emergência, porque tive um mau parto, e foi um milagre ter escapado...

- Eu soube do seu problema por uma amiga minha, que trabalha com o Justino. Nós já não temos contactos há muito tempo... Mas vou-lhe dar um conselho: ninguém o conhece melhor que eu! Por isso lhe digo que será muito difícil trazê-la para junto dele. O vício das mulheres é como o do jogo, de fumar, beber... E por aí fora. Justino tem a necessidade mórbida de conhecer novas mulheres. Não conte com Justino como um bom marido, ou um bom pai, porque isso ele dificilmente o irá ser. Conte consigo e não se prenda por ele. Como é bonita e atraente, mesmo sendo casada e mãe de dois filhos, não lhe vão faltar pretendentes que darão valor às suas qualidades físicas e morais. E ele, se não deixar esse caminho, irá pagar caro pela sua leviandade, com a hipótese de três escolhas: fuga; prisão, ou suicídio!

Findo o desabafo, aquela mulher chorosa, e a mostrar-se magoada, desejou a Clarinda e aos filhos as maiores e melhores felicidades, com as desculpas por tanto mal lhes ter causado.

No caminho de casa, Clarinda pensava naquelas palavras, que lhe

pareciam ser sinceras. Eram ditadas por aquela linda mulher, que também soube ser humilde. Pedir-se desculpa pelos nossos erros, nem sempre é fácil. Mas ela fizera-o, e muitas das coisas que lhe contara faziam sentido. Concordavam com alguns dos julgamentos que já fizera dele. Ele era um homem com uma excelente apresentação e de fino trato, alguém que muito bem sabia conversar e ouvir, e isto dava-lhe uma certa personalidade. Também não era pessoa de se gabar do que fazia. Um segredo em si, nunca era revelado, não era pessoa de maus instintos, nem vingativo, E até era humano. Duma coisa tinha ela a certeza: era um irresponsável, no aspecto familiar. Quanto a mulheres, até acreditava que fosse assim...

E, de acordo com o que lhe disse, se tem caído por ele quando naquele dia a puxou para o milheiral, lá na aldeia, nunca teria casado, e ficaria com um filho nos braços. Não que tivesse ficado mais feliz por ter casado. Mas, pelo menos, não ficara com a vergonha que isso lhe daria.

Depois desta conversa, ficava na dúvida: quando ele vinha mais tarde, seria por questões de trabalho, como lhe dizia, ou uma desculpa para esconder mais um engate.

Tantas vezes lhe pedira para, no dia da sua folga, irem dar uma volta aos jardins e lugares mais concorridos da cidade! Mas havia sempre, um mas... Muita coisa se encaixava no que aquela mulher lhe dissera.

Ainda pensou em lhe perguntar se conhecia uma tal Naténia, e depois conversarem sobre a sua má conduta e gestão familiar. Mas para quê, se ele não ia modificar com isso a sua maneira de ser? E ainda se iam aborrecer, nos últimos dias. Não! Iria ser prudente, e tudo ficava consigo.

DE VOLTA À ALDEIA

Como já tinha escrito à mãe a dizer o dia que ali chegava, e para pedir ao Tio Robalo o favor de ir buscá-la à catraia do Outeiro Longo - não por ela, que felizmente estava bem, mas para carregar os embrulhos que trazia consigo – deixou ficar tudo assim. Deste modo, arrumou as coisas num cabaz e em sacos, desmanchou o carrinho de bebé, e pô-lo de novo na sua embalagem.

Feita esta operação, só lhe restava esperar pelo irmão e, em caso de ele trazer algumas coisas para a mãe, acomodá-las-ia no cesto que para isso deixara aberto.

Já pela noite, chegaram ali Mário e Elizabete, com uma encomenda e para desejarem um bom regresso a Clarinda. Tomaram um café e deram dez reis de conversa, para depois se despedirem e se irem de novo. Ainda lhes perguntou se não queriam esperar por Justino, mas o irmão não mostrou grande interesse.

Mário era muito digno e responsável, conhecia bem o cunhado e muitas das suas façanhas mulhengeras, o que não podia aceitar num homem com família. Mas guardou para si o que sabia a seu respeito, sem dar a perceber à irmã. Também lhe reconhecia muitas virtudes, com qualidades excepcionais. As mulheres eram o seu principal defeito, com a agravante de perder toda a responsabilidade familiar. O seu grande erro fora ter constituído família.

A CP fazia ligação com várias empresas, sendo uma delas a "Viação das Beiras", que já servia as gentes daquelas terras aldeãs, tanto pelo lado de Castelo Branco, como por Coimbra, mesmo sem a estrada estar ainda ligada.

Para ter a certeza de que tudo estaria em ordem, dois dias antes Clarinda pediu ao marido que fosse marcar a passagem e fazer o despacho da bagagem, para a Catraia do Outeiro Longo. Como Justino não a podia acompanhar, queria ter as coisas arrumadas, sem preocupações de maior. Teria de levar o filho ao colo, o que já era carga que chegava para si.

Chegou o dia da partida. Já com tudo arrumado, desceram ao chafariz de Dento e apanharam o Eléctrico do Arco-Cego, para se apearem na Praça da Figueira, a pouca distância da Estação do Rossio.

Já na Estação, Justino mostrou ao porteiro da CP o bilhete de Clarinda, juntamente com o seu bilhete-gare, que tinha que tirar quem ali quisesse

entrar para se despedir dos familiares. Foi acomodá-la e pôr o filho no seu lugar, e ali ficaram a falar os restantes minutos que faltavam para a partida.

Clarinda, que apesar de ser muito jovem e criada na aldeia, era esperta e duma grande visão, nada lhe disse do que ouvira e sabia a seu respeito. Agradeceu-lhe tudo o que fizera por si e pelo filho, reconhecendo, que se não a tivesse ido buscar, certamente teria morrido. Por isso, estava-lhe muito grata, mesmo que esta ideia não fosse sua. E continuou:

- Quero aproveitar para te dizer, que não nos esqueças, tanto a mim como aos filhos, pois só de ti dependemos. Se nos abandonares, a quem havemos nós de recorrer? Bem sabes da miséria que vai pelas nossas aldeias! Sei que um rapaz na flor da idade, como tu, precisa de ter uma mulher consigo. Mas o que dizer duma rapariga na minha situação? Pensa a sério nisto... e manda-nos vir para junto de ti!

- Oh! Eu prometo que não me vou esquecer, desta vez!

De repente, ouviu-se uma voz, nos microfones: "Atenção senhores passageiros com destino ao Porto. É favor ocuparem os seus lugares! O comboio vai partir dentro de instantes..."

Os corpos de Clarinda e Justino agarraram-se, num abraço, e ambas as faces ficaram humedecidas. Em seguida, ele beijou o filho, e voltou a beijar a mãe, no que seria o último beijo entre os dois. Depois disso, desceu para a gare, ficando ela dentro e ele fora, e ali falaram por mais alguns segundos. A locomotiva começou a deslizar no ferro do carril, enquanto ambos acenavam com as mãos, até entrar no túnel, numa última despedida. Um adeus, para sempre!

Na escuridão do subterrâneo – do qual desconhecia o comprimento – ela pensava no marido que deixava para trás, e nas suas levandades feministas. Não pelo que vira, mas pelo que lhe disseram. De repente, começou a ver o casario da cidade, e o seu consciente mudou de direcção, para admirar os prédios, as ruas e avenidas, assim como os jardins e o trânsito citadino.

Como nunca antes tinha saído da aldeia, tudo para si eram novidades. E tudo ela gostava de apreciar e de registar na sua mente, tal como uma criança quando principia a falar, que tudo pergunta e para tudo quer resposta.

Os edifícios, iluminados pela luz pública e dos próprios habitantes, breve deixaram de se ver, para darem lugar às constelações nocturnas, e aos luzeiros das pequenas aldeias adjacentes.

As paragens eram constantes, nas estações e apeadeiros, onde uns

saíam e outros entravam, em toda aquela linha do Norte. Depois de algumas horas de viagem, acabou por adormecer junto do filhito, que já o fazia, naquele vagão meio vazio.

Chegados a Coimbra, desengataram aquela carruagem, que seria depois ligada a outra máquina, com destino da Serpins. Mas, como ia a dormir, nem deu por tal mudança. E, por volta das sete da manhã, estavam na Lousã, onde desceu quase toda a gente.

O destino da maioria das pessoas era subir às serranias, e o autocarro que os havia de levar encontrava-se ali, junto da estação. Clarinda entrou nele e perguntou ao condutor:

- Por favor! É este o carro que vai para o Outeiro Longo?

- É este, sim! E onde é que tem a sua bagagem? - Perguntou o funcionário!

- As minhas coisas... foram despachadas há dias. Penso já estarem no Outeiro...

- Como se chama?

- Clarinda Azinhais!

- Ah, sim! Levei-as ontem... Então, sente-se!

Depois subiu para o tejadilho do autocarro, para arrumar os pertences dos outros passageiros que iriam viajar. Eram oito horas, quando deixaram aquela vila, com cheiro a cidade.

Nas primeiras paragens ainda entraram alguns passageiros, para em seguida só saírem. Eram quase onze horas quando chegaram ao fim daquele troço de estrada, onde o autocarro voltou a ficar vazio, deixando ali ficar um bom número de passageiros.

Ali se encontrava gente de diversas terras das redondezas, esperando pelas suas visitas. E, logo após os cumprimentos e uma bebida na tasca dessa Catraia, cada qual pegava nas suas coisas e lá seguiam, em magotes, pelos caminhos de cabras, que logo se sumiam por entre os pinhais, com destino às suas terras.

Clarinda viu a mula do tio Robalo, já carregada com as suas coisas, e pronta para andar. Mas o dono não se encontrava ali. Foi lá dentro e viu-o a falar com alguém conhecido. Esperou pelo fim da conversa, para abraçar aquele que fora o seu principal salvador.

A fragrância do perfume lisboeta chegou ao nariz do Ti-Barbeiro. Viu ser daquela senhora, de tipo fino, vestida de saia e casaco, como qualquer madame da cidade. Ficou confuso! E só depois de ter verificado que na realidade era a sobrinha, ele lhe disse:

- Se não falas, não te conhecia? Como estás linda! Eu nunca te vi assim! E com um aspecto formidável... Quem te viu, quase a morrer... e te vê agora! E o teu filho? Deixa-mo ver! Oh, que grande e lindo ele está!...

O tio Robalo era também um homem feliz, porque aquelas duas vidas diziam-lhe muito. E, como já tinha carregado o que era dela, deram início àquela caminhada, de mais de três horas, subindo e descendo serras, a caminho de Penedais.

Este homem era aberto, liberal, com quem Clarinda não tinha qualquer acanhamento ou receio, apenas respeito e amizade. E ele sentia o mesmo por ela.

- Da maneira fidalga como trajas... vais fazer confusão a muita gente da aldeia... e não só. Desde já te previno, para não seres apanhada de surpresa! Elas, as pessoas, irão fazer perguntas a si mesmas... para depois inventarem as respostas. Como é possível, em sete meses, saindo daqui para morrer, transformar-se de rapariga do campo, em menina da cidade? Não apenas na apresentação... como nas coisas que isso exige. E mais, quando nunca daqui saiu nenhuma que voltasse com tanta personalidade de senhora como ela. Será que lhe saiu a sorte grande? Fica atenta!

O tio Robalo era, para Clarinda, um segundo pai, para quem não havia segredos, nem coisas escondidas. E contou-lhe todas as passagens, desde que saíra, até àquele momento, com o pedido de nada dizer. O seu mal fora transformado em sorte, devido à boa gente que encontrara.

Foi então que ela se lembrou da carta que tinha, do médico, para lhe entregar! Abriu a mala de mão - que fazia parte do equipamento duma senhora da cidade - e entregou ao tio a mensagem do doutor.

Tal como alguém cheio de sofreguidão, ele pegou na carta e, com algum nervosismo, rasgou o sobrescrito, e parou para ler o seu conteúdo. Mais adiante, Clarinda aproveitou a pausa para pousar o menino e aliviar os braços. O Barbeiro, não muito confiante na primeira leitura, voltou a ler pela segunda vez. E agora compreendeu melhor.

Finda a leitura, meteu a carta no bolso do casaco e aproximou-se dela, mostrando no rosto alguma satisfação. A jovem mãe desconhecia o que a carta dizia, por isso perguntou-lhe:

- Boas notícias... tio?

- Excelentes! Sem dúvida alguma... Ainda bem que há quem dê valor ao que fazemos, para nos encorajar a fazermos o que nos é possível! Este escrito serve para testemunhar que, acima da lei, deve estar o amor ao próximo, mesmo que isso se pague com injustiça.

Clarinda pegou de novo no menino - já bastante pesado - quando o clínico aldeão teve a ideia de também o acomodar sobre a besta. As coisas que carregava, eram mais volumosas que pesadas. O tempo foi passando e o caminho também, falando e recordando as coisas boas e menos boas da vida e, quando deram por eles, estavam quase a entrar em Penedais.

Clarinda trazia consigo
Uma carta do doutor
Para entregar ao senhor
Que na aldeia a tratara
E da morte a salvara
Como ao filhito também
Privada de recursos e bens
Sem meios de enfermagem
Aquele homem de coragem
Teve do médico os parabéns

CLARINDA EM PENEDAIS

Ao aparecerem junto do outeiro das almas, em frente da povoação, alguém fez estoirar três foguetes, dando as boas vindas a Clarinda. Toda a gente da terra ficou a saber da sua chegada, por isso a esperavam no adro da Igreja.

A Ti-Amália, com a netita pela mão - que ia fazer dois anos - foi a primeira a chegar junto da filha, mas quase não a reconheceu. Confundiu-a com uma professora que ali estivera até ao Natal. Nunca a vira tão bonita, tão airosa e tão senhora.

Clarinda vestia uma blusa de seda branca, e um conjunto de saia e casaco claro, cujas mangas não lhe cobriam totalmente o pulso, deixando a descoberto um elegante relógio *Zenit*. Pelos ombros, trazia um casaco cinzento, comprido, sobre o qual se estendia o seu lindo cabelo, que as pessoas da aldeia só conheciam em trança. Calçava sapatos pretos, de meia altura, com meias escuras, dando-lhe um tom de senhora fina. Nunca antes ali se apresentara alguma assim, com tanto esplendor e de tanta bonomia como Clarinda. Alguns até lhe chegaram a rezar pela alma, quando ali a vieram buscar, razão porque todos se sentiam mais felizes pela sua chegada.

As pessoas que não puderam estar no adro à sua espera, vieram pela noite visitá-la. Todos se mostravam satisfeitos pela sua recuperação, mas também admirados e confusos com a sua transformação. Não parecia a mesma Clarinda. E, na realidade, muita coisa mudara nela. Aprendera muito, mas, o mais importante foram as ajudas, que lhe dariam acesso a outras aprendizagens. Clarinda era uma inteligência por explorar.

Quem não parecia estar muito feliz com a sua presença ali, era a filha, Belita, que não queria estar ao pé da mãe, e sempre que a chamava para si, corria para junto da avó.

Naquela idade, sete meses de ausência era muito tempo para se lembrar dela. Mas, em poucos dias, tudo votaria ao normal.

No dia seguinte, logo pela manhã, antes da vinda do correio, escreveu três cartas: uma para o marido; outra para as comadres; e a última para o irmão. Para lhes dar conhecimento da sua boa viagem e se encontrar bem. Tal correspondência ainda foi expedida nesse dia.

Clarinda aproveitou mais de Lisboa, em sete meses, que tantas da sua terra o conseguiram em sete anos, ou mesmo a vida inteira.

Pouco se incomodava do que pudessem pensar ou dizer a seu respeito.

Estava disposta a não mudar em nada o que aprendera em Lisboa. Agora, estava mais confiante no serviço de costura, e a isso se iria dedicar, em vez de andar ao mato e à lenha, pois a uma boa modista não lhe faltava trabalho. Na escola que frequentara, provara ser capaz de fazer qualquer trabalho, mesmo vestidos de noivados. Já a contar com isso, trouxera vários moldes que julgara necessários.

As aldeias estavam, ao tempo, abarrotadas com pessoas de todas as idades. Até nos palheiros vivia gente. Isto não apenas em Penedais, mas em todas aldeias deste, e dos concelhos vizinhos. Razão porque havia muita mocidade.

Os casamentos e baptizados eram constantes, e as noivas tinham que ir à sede do concelho - e até mais longe - para mandarem fazer ou comprar os vestidos do casamento. O mesmo acontecia com os baptismos.

A sua mãe, tecedeira, também era boa na costura e era a que mais roupinhas fazia para a gente mais pequena. Mas, as maiores, preferiam Clarinda. Era mais perfeita nos acabamentos do seu trabalho. Motivo porque esperavam por ela.

Poucos dias após a sua vinda, começou a ocupar-se nesse serviço do dedal. Não só para as suas clientes antigas, como para as modernas. Não mais seguiu o uso antigo do tal “Não é nada!” Agora, era só para quem podia. Aquela seria a sua profissão.

Não queria voltar a carregar mato e lenha, mas também não podia passar sem isso. E também não seria justo deixar a mãe fazê-lo sem ajuda.

Findos os serviços, quando lhe perguntavam o quanto deviam, ela sabia quantas horas levava a ir buscar um molho de mato, ou lenha, e quantas gastara nesse seu trabalho. Assim, dava-lhes a escolher. Se quisessem pagar em dinheiro, era tanto. Se desejassem pagar em serviço, dizia-lhes o número de molhos de mato, ou lenha, ou as horas a fazer no campo. Como o dinheiro nas aldeias era sempre pouco e apertado, a maioria trocavam trabalho por trabalho, sem necessidade de ela ir para o campo.

Estava-se em princípio de Setembro e três casamentos iam ser realizados nesse mês, na igreja de Penedais. Dois destes eram da terra; o outro dum lugar agregado. Um dos noivos era escriturário nas minas; os outros, estavam em Lisboa.

Sempre que havia um casamento, as pessoas em maior número, moças casadoiras, gostavam de observar quão linda ia a noiva, e qual o desenho do vestido.

Clarinda foi a responsável por um deles, baseado num molde que tinha

trazido de Lisboa. A noiva, que já de si era linda, dentro daquele manto mostrava-se ainda mais encantadora. Parecia uma princesa.

Toda a gente sabia que fora a filha da tecedeira a autora dessa obra. Razão porque todas gostavam de conhecer a sua capacidade e gosto pela arte.

Este foi o primeiro casamento a ser celebrado nesse Sábado de Setembro. As raparigas, mulheres e até alguns rapazes, deixaram os seus cultivos mais cedo, não só para verem a noiva, mas também a arte do seu vestido.

O adro da matriz estava repleto de gente, assim como a rua até à sua casa, para assistirem a este evento. Todas traziam consigo flores desfolhadas, umas de papel, outras naturais, para atirarem aos noivos, quando já casados, na saída da Igreja.

Clarinda foi ajudar a vestir a noiva, dando ao seu vestido os retoques finais de mestra. Com a certeza de que tudo estava em ordem, deu-lhe o beijo da felicidade, e foi acompanhá-la até à porta da saída, para se juntar ao noivo que, junto com os padrinhos, já a esperava.

Este deu-lhe o braço, e lá seguiram a caminho da Igreja, seguidos de grande acompanhamento. Duas crianças, também vestidas de branco, seguravam as pontas de tão lindo manto, a caminho do altar.

Não havia memória de alguma vez ter entrado naquela Igreja uma noiva vestida com tanta nobreza. E, também pela primeira vez, uma noiva era fotografada na aldeia.

À saída, flores de cores variadas caíram sobre o jovem casal, junto com as felicitações de cada um, para em seguida irem dar os parabéns à Clarinda, pela sua arte. A partir daqui esta seria a costureira preferida dos nubentes, não só dos Penedais, como das aldeias em redor.

Antes da sua partida para Lisboa, moribunda, ninguém conhecia o seu cabelo, nem as ondas oprimidas no aperto dos entrançados. Não mais as fez, dando-lhe beleza e um tipo mais fino. Se tivesse que andar a trabalhar no campo, não teria outro remédio, mas, assim, não precisava.

O padre Coimas é que não estava de acordo com tais modernices, tal como com o seu vestir. As saias e vestidos a baterem na curva da perna, dizia serem para as desenvergonhadas das cidades, e não para as moças humildes da aldeia. Mas Clarinda pouco se incomodava com o que ele dizia. Era assim que ela gostava, e seria assim que tinham de a aceitar.

Certo dia, o vigário chamou-a de parte, para lhe dizer que não ficava

bem a maneira como se arrumava. Ainda que fosse jovem, já era uma mulher casada e mãe de filhos. E ainda para mais na ausência do marido! A razão porque a estava a avisar, fora por já ter ouvido algumas críticas a seu respeito. E, por certo, ainda iriam falar mais... e dizer sabe-se lá o quê!

Clarinda ouviu-o com toda a atenção e respeito, para lhe dizer, em seguida:

- Padre! O que as pessoas possam ou não dizer a meu respeito, pouco me afecta. O que para mim conta são os meus actos e acções. E, nisso, eu tudo farei para me saber conduzir, dentro da minha fraqueza e imperfeição. No que respeita à maneira como uso o cabelo, nada faço que não seja a sua naturalidade, pois penso tal não ser pecado. Se o fosse, certamente Maria Madalena não seria uma Santa tão querida de Jesus! Quanto ao trajar, não vejo onde esteja o meu erro... Saia ou vestido, dois dedos acima, ou dois abaixo, nada põe e nada tira na honra e honestidade duma mulher.

Para logo prosseguir:

- Nas praias que tive ocasião de observar, andam em fato de banho, que não lhes tapa nem as pernas, nem o seio, na totalidade. E, mesmo andando junto dos homens, não é por isso que perdem a sua dignidade. Porque havemos nós de a perder, por coisa tão insignificante? E, quanto a ser ou não casada, era assim que me vestia e arrumava, na companhia do meu marido, porque era assim que ele gostava de me ver! Se tiver que voltar ao mato e à lenha, ou ao serviço do campo, aí usarei o fato adequado para esse serviço. Por isso, deixe falar quem fala... A língua também se cansa... e a boca logo se cala!

Clarinda ainda agradeceu ao prior pela sua palestra, mas que ficasse descansado quanto ao seu comportamento.

Já depois de a deixar, o homem da Igreja ainda cismava para consigo: “Como é que este diabo de mulher evoluiu tanto, em tão pouco tempo? Não...isto não me cheira bem!”

Três semanas se tinham passado, quando Clarinda recebeu uma carta das suas comadres e, dois dias depois, outra, do seu irmão. Quanto a Justino nada de novo. Isso fazia-a pensar nas palavras daquela sua ex-companheira. “Não me levava para Lisboa, por se envergonhar de mim!”

Não! Nisso ela não acreditava muito. Mas, o certo é que ele nunca a levaria, e as condições nem eram assim tão más! Tudo isso lhe amartelava na cabeça. “Ele só vai ter três saídas: fuga, prisão ou suicídio!” O que queria ela diz com isso?

“Já sei!” - pensou Clarinda – “Ele vai-se meter com alguma jovem, e como não pode casar, tem que fugir... ser preso... ou, em último recurso, o suicídio. Como tantos fazem!” E continuava a pensar nas palavras daquela mulher.

“Ninguém o conhece como eu! Você não conte com ele, nem como marido... nem como pai!”

Não podia acreditar em tudo o que ela lhe dissera, mas muita coisa fazia sentido. Não podia contar com ele porque, na realidade, era um chefe de família sem responsabilidade.

Já iam passados três meses desde que chegara à terra. Escrevera-lhe no dia após a chegada, sem que ainda tivesse uma resposta. Ao menos que o fizesse pelos filhos! Mas, tal como a outra dissera, nem os filhos iriam ter a sua atenção.

Em resultado disso, Clarinda não mais ia ser submissa para com ele, como sempre fora. Numa certa altura, em que ele também estivera meses sem escrever, pedira ao irmão para ir saber o que se passava. Mas não o faria desta vez. Não havia razão para um silêncio assim!

É certo que, quando da sua estadia em Lisboa, as coisas nem sempre correram amistosas entre os dois. Não bem por sua culpa, mas por levar à risca as decisões do médico.

Este ordenara a Clarinda, quando teve alta do Hospital, para não ter relações com o marido sem uma protecção, para evitar uma nova gravidez, pelo período de dois anos.

O Clínico tirou dum armário uma caixinha e deu-lha, junto com um papel assinado por si, para dar ao marido. Para, quando necessário, ele ir à farmácia aviar mais. Mas Justino é que não estivera de acordo com tal decisão. Por isso contestava contra o Doutor e contra a esposa. Mas era uma ordem médica, à qual Clarinda nunca cedeu.

Em certas alturas estivera quase tentada a aceder à sua vontade, sujeitando-se a mais um parto indesejado. Agora, estava satisfeita consigo mesma, por ter sido firme, sentindo-se mais livre do que se estivesse com outra gravidez, sem a responsabilidade dum pai. Assim propôs-se escrever-lhe:

Caro Justino!

Com as melhores saudações, desejo que se encontre de boa saúde; quanto a nós, penso não ser coisa que o preocupe ou o incomode, pelo

que nem merece a pena falar.

Já se passaram três meses desde que aqui cheguei. Tal como qualquer pessoa que se preza, logo no dia seguinte, escrevi a todos a quem tinha o dever moral de o fazer, sendo você o primeiro. Dos outros, obtive resposta... do senhor, nem uma palavra!

Onde está a razão deste silêncio? Não penso haver nada que justifique tal acção... para tão mau proceder! Onde está o seu carácter cívico e moral, exigido a um chefe de família?

Não preciso que me dê tal resposta... porque não existe uma com o cunho da razão. E das mentiras a que me habituou, eu estou farta... não quero mais!

O senhor, ainda que tenha constituído família, continua a trilhar o caminho do "Eu". Esquece-se dos outros que de si dependem. O dever de marido e pai é abafado pela levandade dos prazeres, que o hão-de levar aos vagalhões das tempestades, sem que ninguém o possa salvar!

A partir desta data, irei tomar a responsabilidade de mãe, e dum pai, a quem os filhos nada devem, além de os ajudar a pôr no mundo, em conjunto com uma jovem, traída pela hipnose da falsidade.

Já em outras crises de esquecimento e abandono, tive que incomodar alguém, a fim de saber algo de si... mas tal, não vai acontecer mais! Quando entender que deve escrever, a minha morada é a mesma - por enquanto - sem a promessa de que irá ter resposta, ou a garantia que não será tarde demais!

Sem outro assunto, sou

Clarinda Azinhais.

Era a primeira vez que o tratava por senhor, como também, depois de casada, lhe negava o seu nome. Já tinham tido várias crises, mas nunca lhe falara de forma tão frontal e à-vontade. Clarinda era uma mãe revoltada, mas, ao mesmo tempo, feliz e digna.

Não sabia de quem, mas tinha a certeza que a ideia de a virem buscar, para não morrer na aldeia, não fora sua. Talvez alguém com sentimentos diferentes dos seus. Tal como lhe dissera Naténia. Por si, teria morrido e estaria com sorte se viesse ao funeral. Clarinda tinha agora vinte anos, já mãe de dois filhos, mas ainda muito nova para se entregar à solidão de monja, só porque não fora feliz no casamento.

Mesmo algemada pelas leis do matrimónio, quer da igreja, quer civil,

iria viver a sua vida o melhor possível, sem qualquer subjugação de respeito ao marido - que para si deixara de o ser - mas apenas aos filhos e a si própria, sem desistir da ideia de vir a arranjar um companheiro.

Não mais o iria encobrir pela falta de cumprimento familiar, como sempre fizera. As pessoas dos Penedais teriam de saber da sua irresponsabilidade, e que era sobre ela que recaía toda a chefia da sua casa. Para que não a acusassem de levandade, nas decisões a tomar. Assim como, se lhe aparecesse alguma conveniência que visse ser boa para si e os filhos, não a rejeitaria, mesmo contra as leis da Igreja.

Poucos dias depois, Justino recebeu a carta da mulher e, por certo, calculou não virem ali beijos nem abraços, pois estava ciente de que o seu conteúdo não podia ser de amores. Começou a leitura com alguma pressa de chegar o fim, para, em seguida, a voltar a ler, para melhor compreender o que lera.

Depois disso, ficou com a folha suspensa nas mãos, sem força nem tino para a voltar a pôr dentro envelope. Reconheceu ser um fraco, e alguém que não tinha palavra ruim... nem obra boa.

Compreendeu que Clarinda estava mesmo a falar a sério, pondo nas palavras o desânimo do seu cansaço e a ira da revolta. Justino não escondia o seu erro, tantas vezes repetido. Mas sem firmeza para poder dizer: “Não faço mais!” E mais agora, que estava metido numa camisa de onze varas.

O que Clarinda lhe dizia sobre a sua imprudência, já Naténia - com quem vivera vários anos- lho tinha dito repetidas vezes. Estava a reconhecer que nenhuma mulher podia ser feliz a viver consigo, como tão pouco ele a viver com alguma.

A sua maior felicidade fora com Madalena, mas tal sonho fora como um relâmpago. Prometeram ficar sempre amigos, tal como, após ser conhecida a sua gravidez, não haver mais sexo com ele, ou alguém mais, além do marido. O que fizera não fora por lascívia, mas sim pelo desejo natural de ser mãe. Por isso, não mais se iria repetir.

Para Clarinda, ela foi o anjo protector, daqueles que não têm nome nem altar, mas que apareceu, para salvar e ajudar. Mesmo que a jovem mãe viesse a saber do caso entre os dois, isso não iria diminuir em nada o que sentia por ela. E, ainda mais, pela razão que fora.

Por nunca aceitar avisos, nem respeitar a honra das que acreditavam nas suas falsas promessas, tal como se usa dizer, “quem anda à chuva

molha-se,” Justino acabou num charco, e encontrava-se agora num beco sem saída, como nunca antes lhe acontecera. Acabara por conhecer uma menor, mas já com grande escola - com tanto de bonita como de batida - que começou a dizer-lhe ter uma gravidez. Elucidada por alguém, ou por sua própria iniciativa, dera em chantagiá-lo. E, como isso não resultasse, foi mesmo fazer queixa à Polícia Judiciária, a fim de o levar a Tribunal.

Tal como a mulher lhe dizia na sua carta, que os prazeres da leviandade levá-lo-iam ao mar das tempestades, onde não existia abrigo para se acoitar da fúria da vingança, era nesse mar que ele agora se encontrava, sem salva-vidas, e com poucas possibilidades de chegar a um porto de salvação.

Ele sabia que tal acusação não era verdadeira, mas estava na justiça. A palavra dela tinha mais peso que a sua. Era uma menor e bastante protegida pelas as leis da época. Jovem menor que se queixasse de que fora desflorada, fazia-se pagar bem caro por tal abuso. E mais ainda se dissesse estar grávida.

Justino não tinha nada que provasse a sua inocência, pelo que a opção de se declarar impune de culpas, era muito reduzida. Encontrava-se numa situação muito complicada.

Em casos de menores, mesmo que o acusado fosse casado, salvo esta ou aquela exceção, teria que se divorciar da mulher, para casar com a ofendida. E tinha que viver com ela um determinado número de anos, sem lhe dar maus tratos, nem abandonar o viver conjugal. Justino bem conhecia essa lei!

Foi uma lei imposta pelo governo de Salazar. Ainda que a maioria fossem opositores da sua política, esta foi uma, junto com algumas outras, em que muitos estavam de acordo. Para evitar ultrajes a tantas jovens indefesas e inexperientes - em especial as vindas das aldeias rurais para a cidade - cobiçadas como presas indefesas pelos abutres citadinos, sem terem ninguém que as pudesse defender.

Justino, que tantas vezes reconhecera o erro de ter casado, não queria duplicar essa asneira. E mais, trocar uma mulher digna, por uma galdéria já batida. Não... isso nunca! Preferia ser preso, ou mesmo morto! Mas, como não desejava uma coisa, nem outra, o melhor era fugir e seria isso que ira tentar...

EMIGRAÇÃO DE JUSTINO

Tempos antes tivera tudo preparado para emigrar para a Venezuela, tendo depois afrouxado o seu entusiasmo. Mas sem nunca desistir da ideia de o fazer. Por isso, tinha quase tudo em dia para poder viajar a qualquer altura. Sem pensar duas vezes, ou olhar para trás, foi aos correios enviar um telegrama à pessoa protectora que tinha naquele país, a perguntar se lhe podia dar a ajuda antes prometida.

Em poucos dias teve uma resposta afirmativa ao seu pedido. Assim, tratou de algumas coisas que ainda lhe faltavam e, com tudo já pronto, foi à agência de viagens, comprar uma passagem. Mas nada disse a ninguém. Nem mesmo ao patrão. Três semanas depois, embarcou, no maior dos sigilos.

Pouco depois de Clarinda ter chegado a Penedais, recebeu das comadres os preparativos para começar a estudar, tal como ficara assente. A princípio, ainda encontrou algumas dificuldades, que logo foram superadas, graças à ajuda das duas amigas, com quem agora se correspondia quase semanalmente.

Certo dia, quando vinha de fazer a expedição duma correspondência referente aos seus estudos, o carteiro chamou-a, para lhe perguntar:

- Tens alguém na Venezuela?
- Que eu saiba não! Nem dou fé que dos Penedais ali haja alguém...
- Mas, Clarinda Azinhais, não há cá outra... por isso tem que ser para ti! - E entregou-lha a carta.
- Se o envelope não viesse escrito à máquina, não teria problema em identificar o remetente, visto que conhecia a letra do Justino.

Aceitou a carta, meteu-a no bolso do avental, mas foi só em casa que se dispôs a abri-la. Quase perdeu a acção e ficou sem forças para segurar o papel, quando viu de quem era. A mesma dizia:

Caracas, Venezuela aos (...) de (19...)

Querida esposa

Desejo que te encontres bem de saúde na companhia de nossos filhos, tua mãe e restantes familiares. Quanto a mim estou bem ainda que longe. Pedir-te desculpa seria mais uma hipocrisia, e tu aceitares, era

assinares mais uma dispensa para outra falta... e mais outras... e assim por diante. Por isso, sou eu a exigir, em não me dares a obtenção que não mereço.

Na tua carta, que ainda recebi em Lisboa, deste provas de seres uma mulher magoada e cansada das minhas rotinas de fraquezas. Pois reconheço ter estragado a tua felicidade, coisa que não deveria ter feito!

Mesmo havendo filhos, como és nova, bonita e atraente, pode aparecer-te alguém que te mereça, e te possa dar aquilo que eu te roubei... "a felicidade." Coisa que não posso dar a ti ou a alguém, visto não a ter para mim!

Se tal acontecer... aproveita e não fiques mais presa às algemas da lei, das línguas do povo, nem a quem desconhece a palavra responsabilidade. Se não fosse contra o suicídio, eu o faria, para poderes ser uma mulher livre, sem eu mais ser um empecilho na tua vida.

Como reconheço o meu fraco, não vou fazer promessas para não falhar mais uma vez...! Vou tentar o meu melhor.... pelo menos em fazer algo pelos nossos filhos. Se isso não for possível, fico-te muito grato por fazeres por eles a minha parte. Mas por mim não te prendas mais! Ficarei muito feliz, se um dia vier a saber que alguém te deu o que eu te roubei... "a felicidade."

Da minha parte, tens a liberdade total em determinares a tua vida no melhor que for para ti. E, já que não fui capaz de ser um bom marido... deixa-me que seja ao menos um bom amigo! Querer-te mal... seria uma crueldade!

A vida é cheia de surpresas... e esta é mais uma que não esperava, mas talvez dela possa aprender muito... e até a reconhecer melhor o teu valor de mulher, mãe e esposa.

Sem outro assunto, vai para todos vós o meu desejo das melhores felicidades.

Justino

Clarinda, quando acabou de ler a carta, sentiu o coração triste e com algumas lágrimas a correrem-lhe pela face, por ter pena dele. Ele era também uma vítima, que sabia reconhecer o erro, mostrando querer o seu bem, e até acreditava nessa verdade.

O seu fraco era a sua ruína, por não ser capaz de controlar os impulsos das suas leviandades. Justino não era mau. Tinha até bons sentimentos,

mas era um falhado. E esta era o resultado de mais uma fraqueza. Sentia piedade por ele.

Naténia tinha razão quando dissera que ele, um dia, iria cair num laço de três nós: morte, prisão ou fuga. Tanto podia ser enlaçado por uma inocente perdida, em defesa da sua honra, como por uma jovem batida, ansiosa por obter os seus anseios. Esta saída de emergência encaixava num destes dois casos.

Depois da leitura da carta, voltou às suas ocupações. Desde que viera de Lisboa, mesmo sem nunca mais ter posto uma rodilha na cabeça, uma corda ao ombro, ou pegado num ancinho para cavar, não lhe faltava que fazer. Olhar pelos filhos, a costura, e os estudos já iniciados, mantinham-na ocupada. Os dias eram pequenos para si, tendo que os prolongar pela noite adiante.

Continuava a ser muito querida na aldeia, onde, com carinho, lhe chamavam agora “Princesinha dos Penedais”. Não era só por ter deixado o serviço do campo, mas por andar sempre bem vestida, com diferentes roupas. Coisa que incomodava e fazia confusão a muita boa gente, desconhecedora da razão de tanta variedade de vestuário.

O Padre, desde que a chamara à atenção, aquando da sua vinda de Lisboa, para mudar a maneira de vestir e voltar a entrançar o cabelo - o que ela recusara - não mais tivera a sua simpatia, nem o seu favor. Como tão pouco ela o teve dele.

Deixou de se confessar uma vez por mês, como era costume, e, quando o fazia, não ia a ele. Sabia que lhe iria fazer perguntas acerca disto e daquilo, que não estava disposta a revelar. Não porque existisse em si algo desonesto, mas pela simples razão de manter a sua vida em anonimato.

A mãe Amália era a madrugadora da casa. Ainda bem cedo se levantava para acender a fogueira, pôr as panelas ao lume e tratar dos animais, sem faltar a púcara para o café. Esta guloseima não estava ao alcance de todos, apenas duma minoria. Nem, antes, era uso, em casa dos Azinhais. Só começara desde que Clarinda voltara de Lisboa e trouxera algum dinheirito, dado pelas comadres, mais o que lhe iam mandando. E como também já ia ganhando algum com a costura, essa era a razão porque tal luxo passara a ser diário.

Assim, depois dos animais tratados, Ti-Amália voltava à cozinha, a fim de fazer o café. O processo deste se preparar, nas aldeias, tinha uma maneira típica, dando-lhe até um sabor diferente e uma certa graça. Em

especial para as pessoas do presente, que desconhecem os costumes do que foi o viver dos nossos aldeões.

Quando a água fervia, antes de se adicionar o café, punha-se um pouquinho da fria, para perder a ebulição, e só então se misturava o café. Segundos depois, a fusão fazia subir o líquido e nele se alagava uma brasa bem acesa, já segura na ponta dumas tenazes. Esta operação não só fazia baixar a fervura, como também assentava as borras no fundo da cafeteira. E assim o café ficava limpo para se poder tomar e com um paladar mais apetecedor.

Quando tudo preparado, chamava Clarinda, pensando que ainda dormia, mas, na maioria das vezes, já ela estava agarrada aos livros, a estudar alguma das matérias exigidas no exame do primeiro ciclo, o segundo ano dos liceus.

Agora Clarinda, na aldeia
Ocupava-se a costurar
Usando certa maneira
Trocava jeira por jeira
P'ra quem não podia pagar.

As dificuldades eram gerais
No tempo de Clarinda e Mário
As coisas melhoraram mais
Agora, na casa dos Azinhais
O café já era diário

DE VOLTA A LISBOA

A vida de Clarinda era um mistério. Ninguém sabia que ela estudava por correspondência, nem mesmo a própria mãe. Quando esta lhe perguntava a razão porque tanto lia, dizia-lhe que gostava de ler.

Já perto dos exames, visto que as provas tinham lugar em Lisboa, a comadre - com quem a cada semana se correspondia - aconselhou-a a ir mais cedo, para lhe dar as explicações necessárias.

Clarinda explicou à mãe que tinha que ir ver a comadre, e ser possível ter de lá permanecer por algumas semanas. Falou também com o tio Robalo, para a acompanhar à camioneta. Este, era o único na terra que sabia de toda a sua vida. Depois disso, preparou as coisas e, quando chegou o dia, partiu, sem fazer grande alarido na aldeia.

Como levava pouca coisa consigo, desta vez mudou de rota. Apanhou a carreira para a Lousã e, no dia seguinte, a empresa dos Claras, com a chegada a Lisboa prevista para as quatro da tarde.

Foi já nesta vila que viu umas pessoas da aldeia do Brical, suas conhecidas, mas elas não a conheceram. E, como ficara assente com a comadre de o condutor estar à sua espera, para a apanhar, achou por bem nada dizer, não fossem fazer maus pensamentos a seu respeito.

Esta viagem, por ser feita de dia, foi mais agradável, podendo tirar dela muitas notas para armazenar no depósito da sua curiosidade. De vez em quando parava a leitura, para apreciar a paisagem ao longo da estrada. Mas como já ia de cérebro cansado, adormeceu. Só acordou dentro da estação, com o barulho dos passageiros, a preparem-se para sair.

Apenas um carro se encontrava junto do terminal da empresa rodoviária, que Clarinda logo reconheceu, tal como o motorista, já bem seu conhecido. Mas, para tornar a surpresa ainda mais agradável, dentro do mesmo encontrava-se também a comadre. Cumprimentaram-se como duas irmãs amigas e, dali até casa, conversaram de tudo um pouco, até mesmo do seu marido, agora na Venezuela.

Foram direitos a casa da mãe Dionilde. E, tanto ela, como o compadre Amândio, a receberam com muita amizade, carinho e estima, dando-lhe os parabéns pelo esforço feito para vingar na vida. Sentiram muito a saída do marido para o estrangeiro, mas também não era o fim do mundo.

Claro que, Clarinda, como pessoa inteligente que era, nunca contara aos compadres os fracos do seu marido, nem as causas que o levaram a emigrar. E, se alguém o viesse algum dia a saber, não seria decerto pela

sua boca.

A filha de Madalena tinha agora oito meses e era o encanto de toda a família. Quando a apresentaram a Clarinda, esta quase a confundiu com a sua filha, e disse:

- Mas que coisa tão parecida com a minha Anabela! Se fossem irmãs, não seriam tão iguais!

Tirou da mala um retracto dela, quando fizera um ano e mostrou-a a toda aquela família:

- Vejam se não é verdade!

Madalena foi a primeira a pegar na fotografia, olhou-o em todas as posições e, por fim, disse:

- Na realidade, parecem-se muito, até no cabelo!

Em seguida, pediu licença a Clarinda, para a mostrar aos pais.

- Com certeza! - disse esta.

Ambos olhavam para o retracto e para a neta, e puderam confirmar a semelhança:

- São na verdade muito parecidas!

Nos dias que se seguiram, até aos exames, foi revista toda a matéria que provavelmente iria sair. Nas disciplinas onde Clarinda estava menos segura, as duas professoras ensinaram-lhe algumas regras, que só com muito azar podiam falhar. Estas explicações duraram três semanas, até que chegou o momento de ela mostrar o que aprendera.

Aquelas duas amigas - que sem o seu azar nunca teria a felicidade de ter conhecido - prepararam-na, não só de maneira instrutiva, como também emocionalmente. Assim, mostrava-se confiante e segura de que tudo iria correr bem.

Quando os exames terminaram, foi Madalena que trouxe os resultados, aquilo que tanto ela como a mãe esperavam. Clarinda Azinhais obtivera a terceira qualificação mais alta, dos exames do segundo ano ali prestados.

A jovem mãe saltava de contente, abraçando as suas protectoras e agradecendo a Deus por as ter conhecido. Agora, com o segundo ano, já estava mais habilitada a poder concorrer a regente escolar e poder vir mesmo a dar aulas na escola na sua aldeia. Fora esse o incentivo que lhes deram as comadres, mesmo antes de começar a estudar. Agora, estava mais perto dessa realidade.

No tempo, havia os professores primários, que tinham que ter o quinto ano liceal e mais dois do magistério. E havia também as regentes escolares,

usualmente colocadas em postos de ensino. Às vezes, até em escolas oficiais, nas faltas dos professores primários. Quando nestes lugares, ganhavam o mesmo, ou coisa aparecida. Era uma das poucas coisas justas que existiam no governo de Salazar. Para se ser regente, bastava apenas ter a admissão aos Liceus.

Em altura apropriada, Clarinda enviou o requerimento para o concurso de regente. Restava esperar pelo exame, que era, de longe, mais fácil do que aquele que acabara de fazer.

Os exames de candidatura a esta carreira iam começar dentro de um mês, por isso, as comadres aconselharam-na a não ir para a terra, para ter de voltar em seguida. E, mesmo tratando-se dum exame bem mais fácil, era sempre um exame, pelo que teria todo o interesse em ir segura da matéria.

Clarinda também o entendia assim, mas custava-lhe causar mais incómodo, mesmo que fosse delas a grande insistência. Assim agradeceu, e aceitou o conselho e a estadia. Ainda nesse dia, foi escrever à mãe, para ela ter paciência, pois teria que ficar por mais um mês.

No dia seguinte, preparou-se para ir ao Hospital, ver a amiga Elizabete e também para contactar com o irmão, visto ainda o não ter feito, por falta de ocasião e de tempo. Agora estava mais livre para o fazer. De repente, o telefone tocou e, como D. Dionilde não estava, foi uma das criadas que atendeu:

- Está lá?

- Está, sim! Olhe... diga-me, por favor... é da casa do senhor Amândio Junqueiro?

- É sim! Quem fala? E com quem deseja falar?

- Meu nome é Mário Azinhais, um senhor que já aí esteve.

- Não diga mais... senhor Mário! Sei de quem se trata. É o irmão de Clarinda... não é verdade?

- É isso mesmo! Obrigado....

- Ela está aqui! Eu vou passar-lhe o telefone. Clarinda... venha atender esta chamada, que é do seu irmão.

Clarinda aceitou-o e agradeceu:

- Está lá?

- Está, sim!

- Oh, Mário, como estás tu? Eu estava neste momento para sair e ir ter com a Elizabete, ao Hospital...

A conversa entre os dois irmãos prosseguiu, mas não foi muito extensa. E, como ambos estavam de folga, ficaram de passar por ali, para a levarem.

Clarinda apercebera-se, pela voz e pelas palavras do irmão, que este não estava no seu normal. Denotava alguma inquietação. Ela desconfiou da razão do seu estado, e também por ele querer falar pessoalmente consigo. Já tinha recebido uma carta do tio Robalo, que lhe contava dos falatórios que pairavam nos ares de Penedais a seu respeito.

Uma hora depois, chegou ali o futuro casal, Mário e Elizabete. Esta parecia-lhe cada vez mais simpática e linda, talvez pelo desejo de a ver na família.

Cumprimentaram-se com toda a amizade, para depois conversarem, sem mostrarem grande pressa em abrir o diálogo. Foram andando pela rua fora, quase em silêncio, e foi Elizabete que começou:

- Sabes Clarinda? O teu irmão e eu, temos andado um pouco apreensivos com as coisas que se dizem a teu respeito! Mas o teu irmão que fale...

- Sim! Tal como Elizabete disse, andam uns falatórios na aldeia a teu respeito, pouco dignificantes. Falam de ti e não sabemos bem o que se passa. Será que há alguma razão para o fazerem?

- Não! - disse Clarinda. - Há gente na nossa terra que gosta de saber tudo e, quando assim é, não lhes devemos dizer nada... É isso o que eu tenho feito. Como sabes, o meu casamento com o Justino foi uma inocente leviandade. Ou talvez uma ilusão, como tantas que querem fugir do serviço do campo. Por isso, não ouvi os teus conselhos, nem os da mãe... e as coisas não deram certas.

E prosseguiu:

- Como pessoa, ele é excelente, mas, como pai e marido... não dá. Falta-lhe o principal... a acção familiar. Por isso tive que ir à luta, para fazer de mãe e pai. Com ele não posso contar! Depois do meu grande azar, tive muita sorte em conhecer esta gente, de aceitarem ser padrinhos do meu filho, e serem meus amigos. Que tanto me têm valido, quer em ajuda monetária, quer na orientação da carreira que quero seguir.

Depois, baixando um pouco a voz, prosseguiu:

- Vou-vos contar, mas com a promessa de nada dizerem, pois só o tio Robalo sabe. Eu comecei a estudar por correspondência, e vim fazer o exame do primeiro ciclo dos liceus. Fui a terceira com a nota mais alta nesse exame. E, como também meti o requerimento para regente escolar,

estou à espera desse exame. Eu sei que sou algo misterioso na nossa aldeia. Até já o Padre me chamou à atenção. Queria que entrançasse o cabelo, de novo e que descesse a bainha das saias e vestidos. Mas nada disso fiz! As minhas comadres deram-me muitas roupas e sapatos, razão porque ando sempre bem vestida e com roupas diferentes. Há já quem diga que tenho um amante rico, e que vim ter com ele. Também dizem que o Justino se foi embora por vergonha do meu porte. Mas, como nada me pesa na consciência... pouco me importa do que falam.

Mário ouviu a irmã com toda a atenção. Não esperava por tão boas surpresas. Orgulhoso, abraçou-a, assim como Elizabete, cheios de alegria pelas notícias que lhes acabava de dar.

- Estou muito feliz por tudo o que me contas, e agora vou-te contar algo a meu respeito, que só Elizabete sabe. E tu nada vais dizer! Sabes que eu também ando a estudar, e acabo de fazer a secção de letras, do quinto ano. Se Deus me ajudar... concluirei no próximo ano a parte de ciências. E depois casaremos...

Também Elizabete já tinha concluído o quinto ano, por isso, esperava que o Mário o fizesse, para juntos darem entrada na Escola do Magistério. Deixara a terra como pastor e gostava de lá voltar como professor.

Também Clarinda fora, quase à morte, para Lisboa, para voltar como costureira. Agora, se as coisas lhe corressem como esperava - mesmo não sendo professora oficial - voltava com um diploma de regente, para poder dar escola. Ambos seriam "os professores misteriosos!"

Nos Penedais, a vida de Clarinda incomodava muita gente. Eram as mulheres bisbilhoteiras, com seus mexericos de má língua, a espalharem aqui e ali as suas alcovites. Outras, mesmo sem nada dizerem, também o seu silêncio as confundia.

Em qualquer lugar onde se juntassem, fosse nas fontes, nos fornos, lavadouros, ou nas barreiras, bastavam apenas duas delas para começarem a inventar coisas a seu respeito.

Mas a maioria das pessoas continuava a considerá-la com estima e dignidade, aquilo que ela sempre fora. Era apenas uma jovem mãe, que tinha os pés bem assentes no chão e a cabeça no seu lugar.

Mas, como não contava a sua vida a ninguém, e a viam bem vestida e calçada, sem mais voltar a amolhar, fazia confusão para muitas. E, assim, começaram a apontar-lhe o que pensavam.

Gente desta, sempre existiu - e há-de existir - não apenas em Penedais,

mas em qualquer aldeia, vila, ou cidade, não importa quem, quando, nem aonde.

Linhas acima, falou-se da "barrela", outra coisa típica das aldeias, que a maioria dos meus leitores mais jovens por certo desconhecem. Mas o que é isso de barrela?

A barrela era um processo para desencardir as roupas brancas, em especial de linho. Era um procedimento muito usado em todos os lugares, não apenas nas aldeias rurais do nosso país, como até nas cidades, e em muitos nações do mundo.

Tal método de limpeza vem já do tempo dos gregos e romanos. Em Portugal, deve ter terminado nos fins da década quarenta, princípios de cinquenta, quando a lixívia chegou a quase todos os lugares.

E como se fazia uma barrela? Mesmo não sendo perito nestes aspectos de limpeza, vou dar uma ideia como era feita, embora não fosse totalmente igual em todas as partes.

Primeiro, aquecia-se a água num caldeiro. Quando bem quente, ou a ferver, juntava-se-lhe cinza de lenha, já peneirada - para não passarem quaisquer partículas de carvão - juntamente com algum sabão, raspado. Depois, era tudo mexido com um pau. Em muitos lugares, também lhe juntavam urina, assim como até borras de azeite, que depois eram derramadas sobre a roupa encardida, dentro duma selha, ou cestos de vime, apropriados para esse fim.

A roupa era depois posta a corar, ao sol, mas regada de vez em quando, para não secar. Ao fim dum dia, tinha adquirido a sua brancura original.

É provável que não seja uma explicação muito detalhada, mas dá para entender a grande diferença entre ontem e o hoje. E nem por isso as pessoas do passado andavam menos limpas do que as do presente.

A barrela foi um invento
Duma limpeza natural
Usada em todo o tempo
Fosse qual fosse o local.

Uma maneira de desencardir
E dar à roupa outra brancura
A fim de quem a vestir
Tivesse mais digna postura.

O modo desta operação
Está atrás explicada
Água a ferver, em fusão
Junto com cinza peneirada.

Posta no estendal, a corar
De vez em quando molhada
Sem a deixar enxugar
P'ra não ficar manchada.

Este método muito usado
Deu lugar ao detergente
Já quase não é falado
Em especial na nova gente.

CLARINDA NOVA REGENTE

Como o relógio do tempo não pára, chegou o dia de Clarinda ir a exame. Tudo lhe correu bem e ficou despachada para voltar à terra. Mas, antes de o fazer, concorreu para a Direcção Escolar de Coimbra para, em seguida, conseguir colocação na escola de Penedais.

Havia outros lugares, mesmo dentro do Concelho, que eram anualmente preenchidos por regentes escolares, por serem postos de ensino. Mas não era isso que ela desejava. As duas escolas da terra eram oficiais e, na maioria das vezes, ocupadas por regentes, por faltarem os professores de carreira nesses lugares. Neste caso, a diferença de salários era quase nula, sendo isso que ela desejava.

Se não lhe tivesse calhado, continuava na costura e a estudar, tal como vinha fazendo. Já não lhe faltava trabalho, tendo mesmo que rejeitar alguns, por falta de tempo. Com os miúdos ainda pequenos, não dava para sair da terra. Continuaría como estava, sentindo-se já muito feliz.

Terminada a tarefa, voltou a escrever ao tio, para lhe dar conhecimento do seu regresso à aldeia e pedir o favor de a ir acompanhar. Levava dois fatos e alguns pares de botas que o seu compadre Amândio lhe dera para ele - por já não os usar - mas tudo em muito bom uso. O Ti-Robalo ia ficar feliz. Quem, ao tempo, se podia dar ao luxo de ali usar roupa tão fina?

Clarinda voltou de novo ao seu berço, mas, desta vez, não teve nenhuma recepção, como tivera antes. Os cumprimentos a si feitos, eram apenas os de quem passava e nada mais. Também ninguém a fora ver pela noite, como sempre se fazia a um recém-chegado de Lisboa, ou de outra parte.

E porque fizeram isto? É que ela também não se despedira de ninguém, quando partira. Costumava dizer-se: “Conforme se toca... assim se dança!” Ela bem sabia que era assim e era assim que ela queria, para não lhe fazerem perguntas sobre isto ou aquilo, a que não desejava responder. Mas, por isso, não ia perder a amizade da gente amiga.

Sempre que algum homem ou mulher vestisse uma roupa diferente, a sua estreia era feita aos Domingos, na hora missa. Nessa celebração, o tio Robalo apresentou-se na Capela-Mor, de fato fino, que logo deu para perceber ter sido a sobrinha quem lho trouxera de Lisboa. E quem lhe daria a ela o dinheiro para isso? Foi mais uma pergunta que ficou no ar.

Também ela se apresentou de sapatos finos, com saia e casaco, nunca antes vestidos. Isto fez com que algumas já não ouvissem a missa com

devoção, nem prestassem atenção às palavras do abade.

Clarinda tinha vinte e um anos. Os dois filhos, até parecia que ainda lhe tinham dado mais formosura. Nunca estivera tão bonita e airosa. Mesmo sem ser livre, não lhe faltavam pretendentes a desejarem-na. Os seus cabelos longos e negros sobressaíam debaixo do véu azul, tal como seus olhos grandes e pretos, a irradiarem a pureza sincera da sua dignidade. Quando a caminho de casa, depois da missa, os rapazes e homens pareciam querer devorá-la com os seus olhares, numa atracção cobiçosa.

Esta moça era um mistério para aquele povo indiscreto, que tudo queriam saber da vida alheia. Por isso, era olhada com uma certa admiração e curiosidade, e logo ficavam a falar de dela. Imaginavam o que não existia, mas o oculto viria à luz no tempo apropriado.

A sua mãe era quem mais sofria com os falatórios a seu respeito. Ainda que as pessoas não falassem à sua frente, bem via que falavam dela.

A Ti-Amália, nesse Domingo, depois da missa, disse à filha:

- As pessoas dizem tanta coisa de ti... Umás que tens um amante rico, que te dá todas essas roupas e sapatos que tens.... que o teu marido fugiu por vergonha do teu mau porte, e agora foste mais uma vez ter com ele. Dizem tanta coisa minha filha! Eu também não sei bem o que foste fazer a Lisboa, desta vez...

- Não se preocupe minha mãe. Em breve não vai haver mais mistérios sobre mim. A minha vida é honesta e limpa... mas também não tenho que estar a dar explicações sobre se me dão... ou se compro... ou quem dá, ou deixa de dar. Ou o que é que fui... ou não fui... fazer a Lisboa. A mãe sabe quem me dá tudo isto. E também soube que fui para casa das minhas comadres. Só não lhe disse o que fui fazer, mas eu lhe contarei tudo... se me prometer não dizer nada a ninguém...

Nesse tempo, as aldeias estavam cheias de povo, e o maior número eram as crianças. Nos Penedais havia duas escolas, uma para cada sexo, e o mesmo acontecia em todas as freguesias, não só deste concelho, como dos vizinhos.

Escolas não faltavam, porque havia pessoas que doavam as suas casas para esse fim. Faltavam era professores para ensinar por estas paragens, por serem lugares sem condições. Para os professores, habituados a uns certos confortos, o interior era como um desterro, razão porque não se faziam velhos por estas escolas.

Raro era o ano em que uma escola se mantivesse aberta por todos os

meses de ensino. Quem para aqui vinha, logo pensava em se ir embora. Os que se iam aguentando, ainda eram as regentes, mas nem todas. Por isso Clarinda tinha fé de conseguir aquela escola, em menos dum ano.

O ano escolar começava em Outubro, mas um mês antes já se sabia quem eram os novos professores. A Direcção Escolar enviava circulares para a junta de freguesia e para o padre, para que as mesmas fossem fixadas nas portas dos respectivos edifícios.

Ainda no mês de Agosto, Clarinda recebeu uma carta registada da Direcção Escolar, a dar-lhe a notícia de lhe ter calhado aquela escola. Com uma nota para assinar e a devolver ao mesmo local, num prazo de poucos dias. Foi o que ela fez. Ainda naquela manhã, devolveu a confirmação exigida.

A nova professora era alguém muito feliz, que logo contou à mãe a novidade que acabava de receber. Mas pediu-lhe para nada dizer a ninguém. De seguida, foi a casa do tio Robalo para lhe dar a nova, deixando-o também muito feliz.

Poucos dias depois a Direcção recebeu a confirmação de Clarinda e, no princípio de Setembro, como era usual, chegava ali o nome dos professores que iriam dar aulas às crianças de Penedais. O professor, também um regente - que namorava ali uma jovem - era o mesmo do ano anterior. Só a professora era misteriosa.

Ninguém imaginava, e muito menos acreditava, que aquela Clarinda Azinhais, anunciada na porta principal da igreja e na casa da Junta como a nova professora, pudesse ser a vítima das más línguas, a filha da Ti-Amália Tecedeira.

Sempre que os novos professores eram destacados para estas aldeias, vinham antes conhecer a escola e arranjar casa, e só depois voltavam. Geralmente, vinham uma semana antes de começarem as aulas, para se ambientarem ao local. Mas, como nada disso acontecera dessa vez, já se falava na aldeia que iriam mais um ano a começar mal, no que respeitava ao ensino. A nova professora era algo misterioso, pois ninguém contava com tal surpresa.

No meio deste silêncio, os pais das crianças pensavam ser mais uma, igual a tantas que já tinham conhecido. Até as lingüareiras da terra parecia terem esquecido a jovem mãe, para mudaram o disco contra a professora, que não dava sinal de vida. Mas, para não deixarem escapar a oportunidade, sempre iam acrescentando: “Também é Clarinda...”

Estava-se já a três dias de começar a escola e a professora sem dar

sinais da sua presença. Para evitar que as crianças das aldeias vizinhas não fossem ficar em casa devido a essa incerteza, Clarinda quebrou o silêncio e foi falar com o Padre - por quem não morria de amores- para que fizesse o anúncio da abertura da escola feminina, na missa dominical do dia seguinte, sendo ela a professora.

Esta notícia foi para o sacerdote pior que uma blasfémia ultrajante, dita no confessionário em dia de confissões.

- Repita lá o que me está a dizer, que eu não ouvi bem!...

- Que faça o favor de anunciar na missa, deste Domingo, que eu, Clarinda Azinhas, nascida e criada nesta terra, vou ser a nova professora, por enquanto regente! Da escola feminina de Penedais! Para que as crianças não falem à escola!

O padre, que nunca lhe constara ela ter pegado num livro ou numa caneta, para além das cartas que usava escrever às pessoas analfabetas da aldeia, perguntava-se como é que aquilo podia ser.

Também nunca tinha saído da terra, senão aqueles sete meses que estivera em Lisboa a tratar-se, e agora, estes três meses que andara por lá, sabe Deus com quem... “E vem-me falar que é professora, se até o pouco que aprendeu foi já com treze anos! Será que está doida... ou quer fazê-lo de mim? Eu vou é passar parte ao regedor e ele que se entenda com ela...”

Clarinda, depois desta ameaça do Cura, pediu-lhe se a podia acompanhar até ao exterior da porta principal. Ali, mostrou-lhe a circular colocada na porta, vinda da Direcção Escolar, em que se lia: “Clarinda Azinhas, Professora de Penedais, para o próximo ano lectivo...”

Depois, ainda lhe disse:

- Se não quiser fazer o anúncio, não o faça. Tenho muita consideração pelo senhor, pelo que não vou estar a discutir consigo...

Depois disso, virou-lhe as costas, sem acrescentar mais nada.

Não tardou meia hora que esta conversa, entre o padre e Clarinda, não fosse notícia no povo. Já pela noite, alguém bateu à porta da Ti Amália.

- Quem lá está, entre! - disse a senhora, tal como era costumes nas aldeias.

A pessoa que entrou era o Regedor, a perguntar por Clarinda.

- Clarinda, anda cá, que está aqui o senhor Joaquim!

- Boa noite, senhor Joaquim!

- Boa noite Clarinda! Ora diz-me o que é que se passa, com essa coisa... que disseste ao padre Coimas!

- Senhor Joaquim! Nesta terra de gente boa, humilde e hospitaleira, que

tanto estimo e respeito, há também algumas pessoas com o desígnio de caluniar, sem medirem os danos que fazem àqueles que difamam. O senhor sabe bem o quanto me têm acoimado! Que sou amante dum rico... que me dá tudo. Ou que o meu marido se passou para o estrangeiro, por vergonha do meu mau porte. Agora voltei a Lisboa ter com ele... Isto e tudo mais tem servido para difamar uma jovem mãe que, de maneira honesta, luta para fazer de mãe e de pai na criação dos seus filhos. Tenho estudado por correspondência e fui a Lisboa fazer os meus exames. Depois de aprovada, esperei pelo concurso de regente escolar, que também tinha requerido. Isto tudo debaixo da orientação dos padrinhos do meu filho, que são professores do liceu, e me têm orientado.

E ainda acrescentou:

- Todas as roupas que visto e os sapatos que calço, são-me oferecidos por elas... Eu não tenho dinheiro para isso, nem marido com quem possa contar. Essa é a razão porque tive que me fazer à vida, enquanto vão falando de mim, apontando-me o que não sou... nem quero ser!

Clarinda foi buscar os seus diplomas e mostrou-os ao regedor:

- Tome! E pode levá-los, para mostrar ao padre, se também não acreditar em si!

O Ti-Joaquim "regedor" pegou nos diplomas e leu, para, em seguida, lhos devolver, com a seguinte frase:

- És uma moça formidável! Surpreendes-nos com a tua força de vontade. Dou-te os parabéns... e que as pessoas que te têm blasfemado tenham vergonha delas próprias.

Com respeito, deu-lhe as boas-noites e saiu, para ir ter com o padre, que ali o mandara.

Na casa paroquial, o pastor das almas esperava o regedor. Ao vê-lo chegar, perguntou-lhe:

- Então... que novas me traz, senhor Joaquim?

- Que a rapariga está bem assente no que diz, e devemos sentir-nos orgulhosos por ela e pelos seus feitos. Trabalhava na costura e estudava ao mesmo tempo. E esta ida a Lisboa foi fazer as provas... e está autorizada a ensinar.

E explicou-lhe tudo o que agora sabia a seu respeito.

Na missa daquele Domingo a igreja Matriz dos Penedais estava cheia como um ovo. As gentes das aldeias em redor não quiseram perder aquela missa, para saberem se havia escola e mandarem as filhas nessa segunda feira. Clarinda estava junto dos filhos e da mãe, quase no fundo, lugar que

ultimamente ocupava, para não tirar a atenção das pessoas de má língua.

A prática da missa, o Padre usava fazê-la do altar; e só subia ao púlpito em casos muito especiais. Desta vez, foi lá acima, para que todos o pudessem ouvir, e começou, com as seguintes palavras:

- Não direi, perdoai-lhes, pai... porque eles não sabem o que dizem! Direi, antes... perdoai-nos, pai... porque nós não sabemos o que dizemos, ou mesmo o que pensamos. Digo “nós”, e não “eles”, porque me encontro com a mesma falta! E quem sou eu? Sou também um pecador! Foi isso que ainda ontem provei, ao tomar uma atitude nada cristã, para com a nova professora.

E prosseguiu:

- Publicamente peço desculpa, à nossa Clarinda, não porque alguma coisa tivesse dito em seu desabono, mas por aquilo que de si posso ter pensado, erradamente. Coisas se têm falado a seu respeito, não porque alguém a visse cometer alguma falta, mas por arrancarem equívocas imaginações ao seu consciente, e tentarem dar-lhe a falsa luz da calúnia e da mentira. Essas calúnias contra o próximo ferem, por vezes, mais do que uma espada de dois gumes. Tantas vezes fazem danos morais, que nunca mais podem ser reparados... Espero que tal não tenha acontecido a esta jovem mãe! É impossível evitar-se um mau pensamento, mas não pode ser tolerada a sua divulgação. Espero que todo aquele... ou aquela... que esteja dentro do âmbito desta falta, que faça um exame de consciência e tenha a mesma humildade que eu tive, e vá pedir perdão à ofendida. Porque só ela pode perdoar esse pecado, e não me peçam a mim para o fazer!

O Padre apontou o dedo para onde estava Clarinda:

- Que sejas muito feliz, na carreira que com tanta vontade escolheste e com sacrifício a ela te aplicaste. Que possas dar toda a tua energia e inteligência, para ajudares a lançar na vida estas crianças, que serão o futuro do amanhã.

Terminou, pedindo a Clarinda para esperar um pouco depois da missa, para lhe pedir desculpa, em pessoa, apelando à mesma humildade àquelas que a tinham ofendido, ali presentes.

Clarinda levou a sério...

Os conselhos que recebeu.

Passando a ser um mistério

Na aldeia onde nasceu.

Essas roupas e calçado,
Que as comadres lhe deram
Deixaram o povo alvoraçado
E difamações lhe fizeram.

Manteve a sua dignidade
Sem disso fazer reparo...
Mas veio a hora da verdade
E tudo ficou bem claro!

O PRIMEIRO DIA DE ESCOLA

Nessa segunda-feira, Clarinda levantou-se bem cedo, ainda que a entrada para as aulas só tivesse início às nove horas. Às sete, já ela se encontrava na escola. Queria pôr tudo em ordem, antes das alunas chegarem, para o que tirou da gaveta da secretária o livro das matrículas, pronta para fazer a primeira chamada.

Ainda antes da entrada das alunas, Clarinda ajoelhou-se ao lado da secretária, em frente do grande crucifixo exposto entre as fotografias de Salazar e Carmona - então os ditadores que governavam a nação - para fazer uma prece a Deus, a fim de ter a sua bênção nesta nova carreira. Quando se levantou, olhou Cristo de frente e disse-lhe, em voz baixa:

- Tu, que tudo fizeste para salvar o Mundo... a paga que te deram foi matarem-te, por queres a paz, a justiça e o amor. Para mais te humilharem, fizeram-no entre dois malfetores. E, como se isso não bastasse, continuam a manter-te no meio deles. Que grande descaramento! Mas eu vou tentar evitar isso, nesta escola.

Dito isso, subiu sobre uma cadeira e, como era alta, não teve dificuldade em remover a cruz do seu lugar, e colocá-la à direita dos ditadores.

Como ninguém a viu fazer tal mudança, se não fosse chamada à atenção, seria ali que ficava. Pelo menos enquanto ela fosse a professora. Se dessem por isso, fora alguém, aquando da limpeza, que não a pusera no sítio certo.

Agora, que tudo tinha em ordem, foi escrever no quadro o que queria das suas alunas.

“Primeiro, não zaragatearem, nem se ofenderem mutuamente;

Segundo, não se rirem ou fazerem troça de quem der erros, ou seja menos inteligente;

Terceiro, não bulir no alheio, sem autorização do dono;

Quarto, não copiarem uns pelos outros. Sempre que não saibam perguntem, para não fazerem errado;

Quinto, o que se passa em casa de cada aluna, não se deve contar na escola, nem em parte alguma.”

As nove horas chegaram e Clarinda foi abrir a porta às crianças. Estas pararam de brincar e todas se aproximaram da entrada, para saudarem a nova professora.

Já dentro da sala, a mestra mandou cada uma tomar o seu lugar e pediu

para permanecerem de pé, até serem feitas as separações. Primeiro, começou por chamar as da quarta classe. Eram sete. Mandou-as sentar na fila ao longo das janelas. Depois as da terceira, que eram nove, sentaram-se ao lado das da quarta. As da segunda, em número de treze, ficaram na terceira fila.

Depois desta separação, ficaram sete pequenitas de pé, para quem era o primeiro ano de escola. A professora foi junto delas e, com um sorriso nos lábios, perguntou àquele grupinho:

- E vós, minhas queridas?

Com um sorriso, meio envergonhadas, algumas apenas encolheram os ombritos. Mas logo uma, mais espavetada, atirou:

- Nós, é a primeira vez!

- Oh! Então... e como é o teu nome, meu amor?

- Eu sou a Ana de Jesus Figueira de Carvalho Matias, mas chamam-me Anita! E quando se zangam comigo, chamam-me Ana-Rabana!

- Mas isso é muito feio?

- Lá feio é... mas é assim que me chamam!

- Pois aqui ninguém te vai chamar assim, porque eu não deixo.

A professora fez o seu registo no livro e, em seguida, beijou-a no rosto, fazendo o mesmo às restantes seis. Depois da inscrição feita, foi acomodá-las na fila que restava.

Em seguida, apresentou-se, antes de fazer a chamada.

- O meu nome é Clarinda Azinhais. Mas chamem-me de "Clara!" Estas são algumas das coisas que eu exijo! – disse, apontando para o que escrevera no quadro.

De acordo com o livro, faltavam três alunas. Eram, na realidade, muitas crianças, para serem ensinadas por uma só professora. Clarinda, ao ver tal responsabilidade sobre os seus ombros, quase que perdeu as forças. Mas logo reagiu. “Se as outras são capazes, eu também tenho que ser!”

Levou dias a pensar na maneira de melhorar o processo de instrução, dentro das fracas possibilidades de que dispunha. Por fim, decidiu fazer suas ajudantes duas alunas da quarta classe - por sinal de Penedais e bastante inteligentes - dando-lhes depois, em casa, as horas necessárias para não ficarem elas para trás. Mas isso, em vez de as prejudicar, ainda as ajudou a ficarem mais habilitadas. É que, como a ensinar também se aprende, até acabou por se tornar mais fácil.

Muitas das alunas não dispunham de livros, nem os pais dinheiro para lhos comprarem. E tão pouco a escola os tinha, para lhos emprestar. Por

essa razão, tornava-se necessário estudarem duas e três pelos mesmos.

A fim de poder remediar a todas, e também para uma melhor aprendizagem, formou grupos de três e quatro alunas, nas diferentes classes, para se juntarem depois das aulas e fazerem os trabalhos de casa. Dessa maneira, punha mais restrição nos pais, para não fazerem trabalhar os filhos, nas horas que deveriam ser reservadas aos deveres escolares.

Infelizmente, nem todos as crianças tiveram o apoio dos pais, por eles não aderirem a esta ideia. Nas filhas daqueles que aceitaram, era bem visível o avanço, em comparação com as restantes. Clara tinha assim alguma felicidade, mas não era total.

Como a jovem professora voltara a ter a amizade do senhor Abade, certo dia conversou com ele a esse respeito. Via que, no entender de alguns pais, a escola não passava de uma brincadeira, de um passatempo, e não um lugar de instrução dos filhos, para os lançar no caminho da vida.

A muitos progenitores não lhes passava pela cabeça que as letras eram a melhor enxada, para conseguirem obter o pão mais abundante, e menos difícil e amargo. O Padre prometeu a Clara que iria fazer disso o tema da sua homilia, na missa do Domingo que se avizinhava.

Aquele pastor de almas, era pessoa muito estimada e respeitada e, quando falava, todos o ouviam com atenção. Tinha o dom de fazer chorar as pessoas com os seus sermões, e também de incutir na mente de cada um o que desejasse. Os seus paroquianos já sabiam que, quando subisse ao púlpito, a coisa era para levar a sério. Nesse domingo, abriu assim a sua prática:

- Segundo o evangelho de S. Mateus, no tempo em que Jesus andava a pregar a palavra de Deus, certo dia vieram a si os discípulos e perguntaram-lhe: “Porque é que lhes falas usando parábolas?” Em resposta, ele disse-lhes: “A vós é concedido entender os segredos do reino dos céus, mas a esses não lhes é concedido. Pois a todo aquele que tiver, dar-se-á mais e far-se-á mais abundante; mas, a todo aquele que não tiver, até mesmo o que tiver lhe será tirado.

Caros irmãos... isto é o que se está a passar pelas nossas terras, mais propriamente em Penedais. Por vezes, não temos o que precisamos, mas temos o que merecemos. Por isso, mesmo esse pouco ser-nos-á tirado.

Passam-se anos que quase não temos professores para ensinarem as nossas crianças, porque eles não querem viver no nosso isolamento.

A Direcção Escolar sabe quantos são os alunos e quantos vão a exame cada ano. E, se não houver da nossa parte entusiasmo para aprender,

também eles não terão interesse em mandar professores para os ensinarem. Os anos de escolaridade devem ser somente para os nossos filhos se dedicarem aos estudos, e não trocados pela paveia de mato, ou o braçado de lenha, como tantos fazem.

Alguns pais parecem ter a mente ofuscada pela miopia, que os não deixa ver que os seus filhos são obrigados a andar na escola dos sete aos doze anos, quer eles aprendam muito ou pouco. Mas, se tiverem bom aproveitamento, em vez de cinco, podem andar só quatro, ou mesmo três, consoante o exame que queiram fazer.

Numa conversa que tive com a professora Clara, tive a oportunidade de conhecer a diferença das crianças que têm, e das que não têm o apoio dos pais. Esta incompreensão penaliza não apenas algumas, mas todas as crianças das nossas terras.

Espero que este meu apelo não seja lançado ao vento, mas que fique na mente deste bom povo, de quem eu tenho a certeza de todos quererem o melhor para os filhos. E, esse melhor, é que todo o pai possa compreender que não pode haver Sol na eira, e chuva no lameiro, em simultâneo! Assim seja...

Este aviso do Padre entrou bem na mente e no coração dos pais mais teimosos. Os alunos, quer rapazes quer raparigas, não mais chegaram à escola com os trabalhos por fazer, e já depois da chamada das nove, por terem ido ao carrego, pela manhã. Mesmo as mais fracas, tanto de vontade como de capacidade, também nelas se via muita diferença.

As menos dotadas, quase sempre eram as mais pobres, as que pior se alimentavam. A abundância de comida e a higiene, não são apenas bons condutores para o desenvolvimento físico, mas também para a criatividade de novas células intelectuais. A comida pobre que a maioria das crianças traziam para o lanche, vincava bem a miséria que ia nas suas casas.

Com as coisas a correrem bem na escola, o que agora mais preocupava Clara era a falta de livros. Porque, além de não haver dinheiro para os comprar, também não se viam à venda, por aquelas bandas da serra. Isto irritava-a, por ver tal discriminação contra este povo pobre e humilde. Ou então a incompetência dos professores, que não os requisitavam. Mas, consigo, não iria ser assim.

Como continuava a estudar, muitas vezes precisava das explicações das comadres, razão porque lhes escrevia com frequência. Foi numa dessas cartas que lhes contou toda a miséria desta pobre gente: como se vestiam e se alimentavam, sem um escudo para poderem comprar um simples

caderno. Também a caixa escolar não tinha um centavo para as ajudar. Era isto que mais lhe custava reconhecer, como professora na sua aldeia.

Como estava com as mãos na massa, iria fazer o que já há tempo tinha intenção: escrever ao Director escolar a pedir-lhes livros e, se possível, a vinda dum Inspector, para, com os próprios olhos, analisar a necessidade de abrirem mais duas escolas na freguesia de Penedais. E assim começou:

Clarinda Azinhais (Aos 19..)

*Professora Regente da
Escola feminina de Penedais*

*Ao Ex.mo Sr.
Director Escolar*

Assunto: requisição de livros

Digníssimo Sr. Director.

Com as maiores saudações, e o desejo dos melhores êxitos na missão que lhe está confiada, venho junto de V. Ex.a. para o seguinte:

Não vi, em qualquer dos livros de registos desta escola, que algum dos meus antecessores tivesse feito alguma requisição de livros, a essa Direcção Escolar. Razão porque tais não existem nesta escola. As minhas alunas, têm que se juntar em grupos de duas e três, para estudarem pelo mesmo livro.

Os livros são as alfaías do campo educativo, sem as quais é impossível cultivar a seara. E, como responsável desta lavoura, sinto-me na obrigação de informar V. Ex. das carências existentes nesta escola. Ao mesmo tempo, rogo o envio dos exemplares da lista que abaixo se segue:

Livros de leitura: 5 para a quarta, 7 para a terceira, 10 para a segunda e 15 para a primeira; 20 de História; 25 de Geografia; 25 de ciência; 25 de Aritmética; 8 cadernos de problemas para a quarta e 12 para a terceira. Tabuadas, 15; cadernos de desenho, 10. E algumas resmas de papel, para fazer cadernos para ditados.

E, se possível, agradecia ainda o envio de outros acessórios, tais como algumas ardósias, canetas, ponteiros e aparos, para ofertar às mais pobres, que infelizmente, são a parte maior. Tudo o que vier é bem-vindo, pois tudo é necessário!

Na escola feminina de Penedais - sem que haja grande diferença da masculina - as alunas excedem a meia centena.

Tais números, numa escola da cidade, dariam para vários professores; nas aldeias, tudo está a cargo duma só. Ao menos que nos seja concedida a base, que são os livros!

Esta escola não os tem, como tão pouco a caixa dinheiro para os comprar. Os pais das crianças, na sua maioria, nem dinheiro têm para comprarem umas alpercatas aos filhos, tendo estes que fazer o percurso descalços. Muitos deles têm que fazer mais de duas horas de caminho, para cada lado, enfrentando o frio, a chuva, o vento e até fortes nevadas, sempre mal agasalhados e sem nada nos pés, e com uma alimentação de miséria. O alimento, como se sabe, é o melhor condutor da inteligência. O intelecto de alguém com fome, não pode actuar na força do seu normal. Mas, quanto a isso, nada peço, pois sei não estar nas vossas mãos.

Mas ainda não é tudo! Há também o perigo dos lobos, que nesta altura do Inverno descem aos povoados em busca de comida. E, quando com fome, estes carnívoros não temem nem respeitam ninguém! Muito menos crianças, que não se podem defender. A sua ferocidade não os deixa enxergar se a presa que lhe aparece é vida humana, e tem que ser preservada. A fera não entende assim. É o que pode apanhar! Esta é mais uma das razões porque são necessárias mais escolas, nas terras mais longínquas da freguesia, para que as crianças desses lugares tenham um estudo mais fácil e mais digno.

Recordo-me que, quando aluna, os inspectores escolares só costumavam visitar as nossas escolas nos dias primaveris. Quando a Natureza se veste com a sua cor de gala e nos oferece a doçura da sua beleza, com os montes floridos, as flores a espalharem o seu perfume no ar, escondendo os martírios da gente aldeã. Até mesmo as aves, tais como pintassilgos, melros, rouxinóis e tantas outras espécies, nos seus cantantes, na folhagem ao longo dos riachos, escondem as agruras da estação invernosa antecedente.

Esta é a parte positiva da Natureza, que bem sabe disfarçar os seus espinhos, aos forasteiros que nos visitam nesta época. A Primavera não é a melhor altura para quem quer testemunhar a rudeza e o sofrimento deste povo e analisar e medir as diferenças entre as crianças das serras e das cidades, para poderem obter a almejada luz do Abecedário.

Grata por toda a atenção sou, respeitosamente:

A Regente Escolar

Clarinda Azinhais.

Estava Clarinda a dar uma lição de moral a uma aluna, quando Ti-Valério - carteiro da aldeia - bateu na porta da escola, para lhe entregar uma carta registada. Era das suas comadres, com as correcções habituais referente aos seus estudos, junto com um vale de correio, de certa maneira avultado, para a Caixa Escolar.

Abriu a carta com algum nervosismo e, ao fixar os olhos no valor que acabava de receber, quase se esqueceu das notas que junto vinham, para corrigir. E por pouco não perdeu a respiração, quando viu a soma de tão elevada quantia!

Mesmo sem nada ter pedido àquelas senhoras - pois só lamentava a pobreza das suas alunas, e uma Caixa Escolar sem vintém - sabia, pelo seu humanismo, que tal clamor não passaria despercebido às suas sensibilidades. Apenas não fazia conta com tão significativa doação. Clarinda sabia ser inteligente, por isso, ainda nesse dia escreveu para lhes agradecer.

Como humana, e conhecedora das necessidades com que se debatia o professor dos rapazes, entregou-lhe parte daquela dádiva. Assim, pôde melhorar também a situação daqueles alunos de pobreza.

Mesmo que agora não recebesse os exemplares pedidos à Direcção Escolar, já tinha dinheiro com abundância para os comprar, tal como outros apetrechos escolares. Era só uma questão de tempo e de descobrir onde se vendiam.

Tinham-se passado pouco mais de três semanas desde que expedira a carta para a Direcção Escolar, quando deles recebeu a confirmação do seu pedido.

Segundo a resposta, depois de terem estudado o assunto com atenção, fora dado um despacho favorável, informando-a que a sua encomenda iria ser posta no correio, e em breve chegaria a Penedais.

Talvez uma semana depois, já com o céu a ficar estrelado, Clarinda esperava na venda que tomava conta do correio, pela estafeta postal, para enviar, na mala da noite, alguns trabalhos dos seus estudos. Ficou condoída quando ali viu chegar uma pobre mulher, chorando, debaixo duma carga nada convidativa ao seu débil corpo e avançada idade.

A jovem professora pegou-lhe no saco e mandou-a abrigar-se. A anciã

logo se deitou no chão, a gritar: “Ai minhas costinhas!... Ai minhas costinhas!... Costinhas era a sua alcunha, por se queixar sempre delas, quando a carga era maior que as suas forças.

- Você não deve carregar além do que pode! - disse-lhe Clarinda, com um timbre de piedade.

- Oh, minha rica filhinha... São eles, lá na estação, que fazem a mala... e eu tenho que trazer o que lá põem. E, como são novos e saudáveis, não se lembram de quem é fraco e velho, que já não pode...

- Que idade tem a senhora Maria?

- Tenho sessenta e oito! Já faço este trabalho há quarenta anos. Tinha vinte e oito quando o meu “hômê”, que Deus haja, ficou tísico, com essa doença que agora se chama “verculosa”... ou coisa parecida. Tive que pegar neste trabalho, para mercar os remédios pra ele.

- Quantos anos ele tinha, quando morreu?

- Tinha trinta e cinco! Essa doença da verculosa é muito má... o meu pai também morreu dela, e com a mesma idade!

- Mas diga-me uma coisa: não falam em lhe dar reforma?

- Não, minha filha... Todos os que fazem este serviço trabalham para o governo, mas não são seus empregados! A Direcção dos Correios, a cada dois ou três anos, põe estes serviços a concurso. E quem os arrematar, emprega depois estas pessoas, mas por um salário de fome. Mal dá para o calçado. Mas, como não há onde se ganhe um vintém, não falta quem os sirva... e até de poderem escolher! Mas este processo de servir os Correios não estão só em Pampilhosa, Arganil e Góis. Estão noutros concelhos, quer deste Distrito, ou quaisquer outros... Em qualquer província rural. Não importa aonde, é assim que funcionam. Só somos usados enquanto pudermos. Depois... põem-nos fora. Sem nada! É isso que eu ouço contar... a pessoas que conhecem!

E prosseguiu:

- Mas, tratando-se dum departamento do Estado, que devia dar o exemplo e proteger os direitos de quem trabalha, são eles próprios que mais contribuem para o abuso da exploração, ganância e miséria... No ano em que estamos, já não me queriam dar trabalho, por eu ser velha e já não poder. E nisso eles têm razão! Porque eu já não posso mesmo! Assim, no próximo ano começarei uma nova vida...

- Nova vida? Com a sua idade, que vida pode começar?!

- Pedir umas esmolas... minha filha! Se para isso ainda tiver forças. Quando vejo, na estação, as encomendas para eu carregar, até tremo! E

logo agora chegaram tantas caixas pesadas para as escolas de Penedais, que não vou conseguir trazer nem em três dias... Só em pensar que tenho que as carregar, as minhas costinhas ficam-me logo a doer...

- A Ti-Maria não vai carregar com elas... porque eu não quero que isso aconteça! Eu vou mandar o meu tio Robalo buscá-las, com a mula, já depois de amanhã. Por isso esteja descansada!

- Obrigado, minha filha... mas já não vai dar! Já me foi dito que as começava a trazer amanhã!

Clarinda não podia esconder a sua revolta, mas sem saber contra quem: se do Governo, se dos Correios, se dos arrematantes, ou se dos empregados postais que carregavam mais que as suas forças. Ou mesmo de si própria, por pedir os livros que agora faziam parte do seu sofrimento.

“Ao fim de quarenta anos a trabalhar para um patrão, e quando já sem poder, ser empurrada, sem reforma, com um visto para pedir esmola! É um crime de primeiro grau! Em que malvado sistema estamos nós metidos?!” pensava ela. E faltavam ainda os livros, para mais uma penitência, pelo crime da sua miséria. Não, tal não era justo! E, numa ideia repentina, perguntou à pobre Ti-Maria:

- Como se chama a senhora dos correios?

- Chamam-na de Melinha.

Clarinda tirou da sua mala duas folhas de papel e escreveu nas duas os mesmos dizeres:

Cara Melinha

Eu, professora da escola feminina de Penedais, para quem vêm endereçados vários volumes, que já se encontram nessa estação dos C.T.T., por razões que não interessa divulgar, agradeço que retenham aí tudo o que a esta escola se destina. Eu mandá-los-ei buscar durante toda a semana. E só deverão ser entregues ao portador de um escrito igual a este.

Grata pela atenção, a professora:

Clarinda Azinhais

- Aqui tem! Entregue-lhe este escrito, e o que é da escola fica à minha responsabilidade.

A Ti-Costinhas beijou Clarinda, grata pelo seu senso humano.

- Que Deus nunca se esqueça do seu procedimento...

Clarinda foi pedir ao tio para lhe fazer aquele frete com a mula. Mas, como a caixa já tinha dinheiro, desta vez era para lhe pagar. Assim, o transporte foi feito três dias depois, tendo agora na escola tudo o que lhe pertencia, sem aumentar o sofrimento da Ti-Maria Costinhas.

À Ti-Maria Costinhas
E outras dos correios
Exploravam-nas, coitadinhas
Sem olharem a fins nem meios

Serviu digna esta missão
Com todas as capacidades
Para ter o escasso pão
Tão cheio de dificuldades

Este serviço do Estado
Foi das piores tiranias
Em lanço era rematado
P'ra não darem regalias.

Com cerca de setenta anos
E quarenta de sacola
Eram agora os seus planos
O ir pedir uma esmola.

O INSPECTOR EM PENEDAIS

Estava-se no pino do Inverno, em ano de muito vento e chuva. As crianças das aldeias anexas, em dias tempestuosos, chegavam ali sem fio enxuto. A professora de imediato as encaminhava para se enxugarem em sua casa, aos cuidados da mãe, a boa Ti-Amália Tecedeira.

Numa meia manhã, dum desses dias invernosos, alguém bateu à porta da escola. A mestra ordenou a uma aluna que ficava mais perto da entrada para ver quem era. Tratava-se de um homem, acompanhado duma bicicleta, que dissera querer falar com a professora. A aluna transmitiu-lhe a mensagem e a professora Clara foi ver de quem se tratava.

Aquele senhor era o Inspector Escolar, vindo em missão de serviço, mas foi apanhado de surpresa na serra por uma tempestade que não esperava. O pobre do homem parecia ter caído numa cisterna. Todo o seu corpo tremia, sem saber se de frio, se fraqueza, ou qualquer problema de saúde.

Ao vê-lo assim, ordenou às suas alunas ajudantes, para tomarem conta dos companheiros, enquanto ela ia a casa tratar do senhor. A bicicleta - sua companhia - ficou mesmo ali, abrigada dentro da escola, por ser mais fácil para ele. Levou apenas uma pequena mala que trazia amarrada ao suporte do velocípede.

Já em casa, Clarinda ofereceu-lhe alguma roupa que ali tinha de Justino, para depois lhe enxugar a sua. Mas, como ele trazia uma muda na pequena maleta, e não estava molhada, disse não ser necessário.

Depois de enxuto e ao calor da fogueira, o senhor não parava de tremer. Clarinda fez-lhe um café bem quente, para tomar acompanhado com alguma comida, pois também podia ser fraqueza. Como não visse nele grandes melhoras, foi chamar o seu tio Barbeiro, enquanto a mãe lhe foi preparar a cama para ele se deitar.

O Ti-Robalo calhou estar na aldeia e veio de imediato ver o doente. Depois de lhe fazer um exame, viu não ser nada de cuidado. Tinha sido apenas uma reacção de temperatura interna, mas sem importância de maior. Com uma boa fricção de álcool e tintura, no dia seguinte estaria melhor do que nunca.

O homem perguntou à sobrinha se tinha esses medicamentos, ao que ela respondeu que sim e foi buscá-los, para entregar ao tio. Ele fez a mistura e, em seguida, friccionou-o nos locais que achou apropriado. Recomendou-lhe que não saísse da cama e que tomasse coisas quentes e

que, pela noite, voltaria a vê-lo.

Clarinda incumbiu a mãe de olhar pelo senhor e voltou à escola, onde as alunas a esperavam. No intervalo, quando voltou a casa, perguntou qual era o seu estado.

- Está a dormir! - respondeu a mãe.

Por ser a casa na aldeia que melhores condições tinha e também a maior, era nela onde se albergavam os professores e professoras que ali vinham dar escola. Tinha dois andares com vários quartos, e todos com janelas já envidraçadas. Tinha duas casas de banho, uma em cada piso, com banheira e lavatório fixo, com esgotos a escorrerem para o quintal. Em qualquer delas existia uma sentina, para fazer as necessidades fisiológicas, com canalização para uma fossa.

No tempo, era a única na freguesia em que os ocupantes não tinham que fazer as necessidades no curral dos bácoros, ou no relento, ao ar livre, nas estrumeiras e campos dos montes e milheirais.

As suas comodidades não só eram as melhores de toda a freguesia, mas mesmo acima de muitas da cidade. Razão porque, em dias de ofícios religiosos, ou confissões, era ali que os padres ficavam, vindos de outros lugares.

Esta casa foi mandada construir pelo Ti-Azinhais, poucos anos antes de morrer, quando regressou da América, onde esteve emigrado por vários anos. “Mas pouco se gozou dela...” - como dizia a sua mulher.

Pela noite, tal como dissera, o Barbeiro voltou para ver o doente, e este já não parecia o mesmo da manhã. E, para não incomodar mais, quis levantar-se, para cearem juntos.

O Inspector agradeceu ao Barbeiro pela sua boa consulta e àquela mãe e filha, pelo excelente serviço de enfermagem. Foi naquele convívio, na presença do clínico e professores, que contou a causa da sua vinda a Penedais e às freguesias circunvizinhas. É que os seus chefes haviam achado o escrito de Clarinda um exagero.

Naquela manhã do novo dia, o hóspede visitante foi o segundo a levantar-se, seguido da Ti-Amália. Esta fazia-o ao segundo cantar dos galos, ainda bem escuro. Tinha as suas obrigações matinais, e os seus animais domésticos bem sabiam quando já estava de pé. Cada um no seu uso, davam-lhe o alerta de que estavam prontos para aceitarem a primeira refeição do dia.

Clarinda foi a última a chegar ao andar inferior, onde já era esperada para tomarem o pequeno almoço juntos. O sono carregara-lhe pela manhã, por se ter deitado tarde. Já tudo dormia na casa, ainda ela estava agarrada aos livros, a estudar, razão porque não acordara mais cedo.

O professor - que também ali vivia - conversava com o inspector, junto da janela. A verem cair a chuva e as árvores a abanarem, pelo forte vento que se fazia sentir, naquela manhã de Inverno. Clarinda deu os bons-dias e perguntou ao Inspector como estava, para, em seguida, dizer:

- Temos outro dia péssimo... coitadinhas das crianças!

- Coitadas! - disseram eles.

Em cordial convívio, saborearam o pequeno almoço, para depois cada qual tomar a sua tarefa.

Terminado aquele primeiro trabalho do dia, Clara foi ao quarto dos filhos dar-lhes o beijo habitual. Depois disse ao colega e à visita que ficassem, mas ela tinha que ir. Em caso de algumas alunas chegarem antes das nove e, como não havia onde se abrigarem, não queria que estivessem à chuva e ao frio, até que a escola abrisse.

Poucos minutos passados, o professor fez o mesmo, e o Inspector deixou-se ficar a conversar com a Ti-Amália. Agora, esta, punha mais lanha na fogueira, para manter o ambiente quente. Isto levou o inspector a perguntar-lhe:

- Se já todos se foram... porque faz tal fogueira?

- Oh! Bem se vê que o senhor não está familiarizado com o padecimento das crianças escolares das nossas aldeias. Se ficar aqui um pouco, vai ver o motivo porque faço isto...

E não tardou que ali chegassem meninos e meninas, descalços, rotos e mal agasalhados, regelados, a tinir os dentes com frio, para se aquecerem e enxugarem. Assim como as roupinhas.

- É. Já por anos que estas crianças vindas de fora, aqui encontram o seu refúgio. E os pais, em reconhecimento disso, por vezes trazem lenha, para que não falte, para o conforto dos seus filhos, em dias como este.

O inspector via com os seus próprios olhos a amargura das pobres crianças, e o quão maior seria se não fosse o carinho dos professores e a solidariedade de outros mais que lhes davam abrigo. Mesmo sem ainda ter visto quase nada, já era o suficiente para apresentar um relatório ao chefe, a confirmar que o escrito daquela professora não continha algo de exageros.

O Inspector disse "Até já!" à Ti-Amália e deixou a casa para se dirigir

à escola. Bateu à porta e uma aluna veio abri-la.

- Posso entrar? - perguntou o investigador.

- Faz favor! - disse Clara.

O senhor entrou, foi até junto da secretária, sobre a qual estavam alguns livros e também um cartucho de cinco quilos, que lhe despertou a curiosidade em saber o que era:

- Posso ver o que é isto, professora Clara?

- Com certeza!

O senhor abriu o saco e viu tratar-se de uma guloseima: rebuçados.

- Será que vai dar algum bodo às alunas? – disse, com ar de graça, o Inspector.

- Não! Não se trata de bodo, mas o senhor já vai ver o fim para que isso é.

Tinha acabado de ler um ditado às alunas da terceira classe e começava a rever os erros. A cada escrito que revia, chamava a sua autora para lhe entregar a ardósia e o prémio, se a ele tinha direito.

Várias foram contempladas naquele ditado, umas por boa caligrafia, outras por não darem erros e outras pelas duas coisas. Na presença do senhor, a professora entregou às alunas cerca de duas dúzias de rebuçados. Depois disse-lhe:

- Este é o meu método de lidar com as crianças, em vez de os punir, quando não sabem.

- Dou-lhe os parabéns pela excelente ideia! - disse o Inspector.

Depois, passou de carteira em carteira, vendo livros, cadernos e escritos, e também as roupas e calçado, onde mais de cinquenta por cento estavam descalças.

Valia-lhes a braseira, que sempre mantinha acesa em dias frio, para se aquecerem. Feita a inspecção, o senhor juntou-se à professora, lamentando com ela a situação das pobres crianças. Em determinada altura, quando olhava para o quadro, o seu olhar subiu mais acima e disse a Clarinda:

- Tem graça... é a segunda escola em que eu vejo o Cristo não estar no meio dos dois estadistas...

- Não tinha notado isso! Mas quer fazer alguma mudança?

- Não! Quem ali o pôs... por alguma razão o fez!

E logo mudou de assunto.

Chegou a hora do almoço e, como o tempo continuava mau, a professora ordenou às alunas de fora da aldeia para tomarem o lanche na escola, com a recomendação de não fazerem distúrbios. Tocou a

campanha, e todas saíram das carteiras, umas para irem a casa, outras para ali ficarem.

Como da parte da tarde o Inspector ia para a escola dos rapazes, este e Clarinda ficaram na conversa alguns minutos, a falar de assuntos de carácter escolar. Quando deixaram a escola, já todas as crianças estavam a comer o seu famelzito. Num leve disfarce, ambos repararam no que comiam: algumas a fatia de broa com azeitonas, outras com umas rodelas de cebola e ainda outras sem coisa nenhuma.

Foi já em casa que Clarinda perguntou ao senhor:

- Viu a comida daquelas crianças?

- Vi sim! E isso me chocou...

O professor já ali os esperava, assim como a mesa também já se encontrava posta. A Ti-Amália, que ainda estava a tratar dos netos, ordenou que começassem a comer.

Ao segundo mês de escola, Clarinda meteu uma rapariga, porque os afazeres domésticos eram demasiados para a mãe, que ainda tinha que tratar dos seus filhos. Só que a moça fora para o mercado e ainda não tinha chegado. Dessa maneira, tudo estava sob a responsabilidade da Ti-Tecedeira.

Nas aulas da tarde o Inspector esteve com os rapazes. Ali fez a sua inspecção, e muitos reparos, com coisas diferentes em relação a Clarinda. Uma delas era o crucifixo. Nesta estava no lugar certo - ou errado! Não havia sobre a secretária o tal cartucho de rebuçados para dar aos alunos, nem uma braseira como tinha a professora, para se aquecerem do frio.

Aqui, o inspector chamou-o à atenção:

- Porque é que não faz como a professora Clara, que tem uma braseira para se aquecer?

- A razão é simples, Inspector. A braseira que ela está a usar é sua... e não da escola! E se a Caixa Escolar não tem um centavo, nem mesmo para comprar livros... como o pode ter para comprar carvão, mesmo que tivesse fogareiro?

E continuou:

- Eu tenho muita pena deles... de tanto que sofrem para aprenderem a ler. Ma é a Direcção Escolar que deve prever esses arranjos e não o professor! Quantas vezes já os chamei à atenção para as necessidades existentes, com destaque para os livros que nos faltam... sem mesmo obter uma resposta?

- Nada mais está nas minhas mãos, além de dar todo o meu melhor,

para que tenham um bom ensino!

Mas o professor ainda insistia:

- Até há bem pouco, tinham que estudar em grupos de três e quatro pelo mesmo livro. E se, no presente, já não acontece na maioria dos casos, foi porque a professora Clara cedeu alguns a esta escola, dos que recebeu da Direcção. Como vê, a maioria destes rapazes são filhos de pais pobres, sem posses para os comprarem. Basta olhar para as suas faces enfezadas, e como se apresentam vestidos e calçados, para se adivinhar o que são os seus lares de miséria...

- Mas porque razão os cederam à professora Clara?

- Não me pergunte a mim, Inspector! Mas o que eu assumo é que ela tem o dom de saber pôr nas palavras a ênfase de fazer ouvir a sua voz. Essa a grande razão porque o senhor Inspector por aqui anda!

- Tem razão, professor!...

O Professor foi à secretária e trouxe o livro das cartas expedidas e mostrou-o àquele enviado escolar. E, por fim, concluiu:

- Até para pedir é preciso ter arte! E, nisso, eu não sou um artista. A professora Clara conseguiu algum dinheiro para a sua Caixa Escolar, dando parte dele para esta, dos rapazes. E agora, sim, irei comprar as coisas mais necessárias, para melhorar o bem-estar dos meus alunos.

- Estou esclarecido! - disse o Inspector.

Aquela última refeição foi preparada pela empregada Ana, dando assim algum alívio à Ti-Amália Azinhais. Depois da ceia, e enquanto não foram para a cama, os três membros escolares falaram dos prós e dos contras da educação, nas aldeias. Dos muitos alunos e poucos professores, das muitas carências e dificuldades, sem nenhuns recursos, etc. E, quando já falavam de outros assuntos, Clarinda pediu licença para se retirar, alegando ainda ter muita coisa a fazer antes de dormir.

Depois de mais uma noite, chegou a manhã, e o novo dia mostrou-se lindo, sem chuva, nem vento. Apenas frio. Como sempre, a dona da casa foi a primeira a levantar-se, seguida da Ana. Prepararam a desjejum e, às oito, todos estavam à mesa.

Depois do repasto, seguiram-se as despedidas ao Inspector, que partia na sua missão para outros lugares da zona.

O senhor, que ficara muito grato pela maneira humana e carinhosa como fora recebido naquela casa, disse a Clarinda que, quando fosse a Coimbra fazer os exames, ou em outra ocasião, tinha um lar aberto para a

receber. Clarinda agradeceu muito a oferta e disse aceitar.

Ainda não tinham passado três semanas desde que o Inspector dali saíra e eis que chega a Penedais uma outra regente escolar. Vinha para auxiliar os professores ali colocados com excesso de alunos. A ordem que trazia era a de fazer meio dia em cada escola, a combinarem entre eles.

Esta regente de ensino era duma aldeia banhada pelo Rio Ceira, do lindo concelho de Góis. Era mais qualificada que qualquer um deles, pois já tinha o quarto ano do Liceu. Mas, nem por isso lhe foi concedida a responsabilidade de nenhuma das escolas.

De acordo com o relatório do Inspector, dirigido àquela Direcção Escolar, foi que as escolas mais bem organizadas de todas as que inspeccionara, haviam sido as de Penedais, com mais destaque para a professora Clara.

Por mero acordo entre os três responsáveis pelo ensino daquela terra, ficou decidido que Mélia - assim era o seu nome - ficaria com os rapazes da parte da manhã e com as raparigas pela tarde.

A partir dessa data, ambos os professores ficaram mais aliviados e, para Clara, nem lhe podia calhar melhor, podendo ficar com mais tempo disponível para estudar, mesmo que o trabalho ainda fosse de sobra. Clara e Mélia vieram a ser como verdadeiras irmãs.

Clarinda mulher decidida...
Cheia de humanismo e amor
Foi a sua carta expedida
Que ali trouxe o Inspector.

Este também era humano
Quando voltou à Direcção
Apresentou seu plano
Dando a Clarinda razão.

Quando apresentou aos chefes
O quanto eram sacrificadas
Atravessando lugares agrestes
Descalças e mal roupadas

Levaram o assunto a sério
E o pedido foi aprovado
Por ordem do Ministério
Mais ensino foi criado.

Duas escolas foram levantadas
Em duas terras em redor
Pondo fim às caminhadas
E o ensino ficou melhor!

OS EXAMES

Com o tempo sempre a fugir, os dias, semanas e meses foram passando, e a altura dos exames chegou. Primeiro para a Clarinda, depois para os alunos. Assim, após ter conhecimento dos dias dos exames, escreveu ao Inspector, a perguntar se, na realidade, podia contar com a prometida estadia.

A resposta da confirmação não se fez tardar, e foi aconselhada a ir dois dias antes, com tempo para rever alguma matéria, e conhecer a escola. Clarinda aproveitou a oferta.

Já em Coimbra, a esposa do Inspector - também professora oficial - deu-lhe algumas explicações, onde viu estar menos segura.

No primeiro dia de provas, o teste que lhes saiu não favoreceu os mais mal preparados. Ela, tal como a maioria, também teve algumas dificuldades. Mas, nos restantes exames, tudo foi bem mais fácil. Resultado final: passou com quinze valores. Mesmo dali escreveu às suas comadres a dar-lhes as boas notícias dos seus exames.

Clarinda era uma mulher feliz. Voltava aos Penedais, já despachada daquela parte de letras do quinto ano, para agora se dedicar a fundo com os alunos que iam a exame. Depois começaria a pensar na parte de ciências.

Terminada a última aula, os alunos das duas escolas, candidatos a exame, tanto da terceira como da quarta classes, ficavam na escola mais duas horas, depois dum breve intervalo para tomarem um lanche, que a Caixa Escolar e os professores ofereciam. Como era tempo de calor, juntavam a canalha, e iam para o coreto da música, e ali estudavam ao fresco dos castanheiros.

Divididos em dois grupos, terceira e quarta, assim foram preparados, dia a dia, nas três semanas que os separavam dos exames.

Chegada a altura, aqueles três professores estavam conscientes de terem cumprido a sua obrigação. Restava-lhes agora verem os frutos do seu trabalho.

Primeiro vieram os exames da terceira, que tiveram ali lugar, na escola dos rapazes. Dos dezanove alunos examinados, dos dois sexos, todos ficaram aprovados. Isto deixou alunos e professores muito felizes.

Uma semana mais tarde foram os da quarta, mas estes eram examinados na sede do concelho, em conjunto com os das outras

freguesias.

De Penedais, entre rapazes e raparigas, eram quinze: a freguesia que mais candidatos trouxera a exame naquele ano.

- Os professores regentes, talvez devido à sua inferior cultura, esforçavam-se ainda mais. Isso seria a chave do sucesso, e a razão porque quase sempre chegavam aos exames com os alunos bem preparados. Penedais testemunhou isso mais uma vez. Todos foram aprovados, cinco deles com distinção.

A alegria reinava entre professores e alunos. E, já em Penedais, os mestres do ensino organizaram uma festa, para todos os aprovados. A festa teve lugar na escola dos rapazes, com a presença do Padre e outras figuras da aldeia. E assim terminava mais um ano escolar daquela freguesia.

No ano escolar seguinte nada mudou nas duas escolas. Até a professora Mélia voltou a ficar ali colocada, com a mesma missão. E, como também queria concluir o quinto ano, e morava em casa da Clarinda, passaram a estudar juntas, tornando-se o estudo até mais fácil e convidativo.

Os métodos foram os mesmos, e, como a experiência já era maior, tudo correu sem dificuldades. Também as alunas, já habituadas a si, tudo facilitaram para ser mais um ano de bons resultados escolares.

Foi dado início à construção de duas escolas na freguesia e, quando concluídas, ficaria a funcionar apenas uma escola mista em Penedais, para servir as crianças deste lugar e anexos.

O Inspector continuava a ser o mesmo, com visitas mais frequentes. Quando ali voltou, a seguir aos exames, deu os parabéns aos três professores, pela excelente dedicação posta ao serviço do ensino, nestas aldeias das Beiras.

Desde que começaram as obras das escolas, vinha ali quase todas as semanas, para ver como corriam os trabalhos. Foi ele o grande impulsionador de tal iniciativa, depois de fazer ver aos seus chefes que a carta da professora Clara dizia muito, mas ainda não dizia tudo o quanto era de real.

Interessado em melhorar o ensino, e minimizar o sacrifício das pobres crianças, queria ver essas escolas prontas e a receber alunos no ano seguinte. Tal como dissera um dia, em casa de Clarinda. “Se continuar a ser inspector desta área, tudo farei... para que as crianças tenham algum conforto nas escolas, e não mais estejam sujeitas às intempéries, que tanto se fazem sentir por estes lugares serranos.”

Era naquela casa onde sempre ficava, sentindo-se como se estivesse na sua própria. Recebiam-no e tratavam-no como família. Clarinda fazia sempre o bem sem esperar por recompensas, mas, como é lógico, sempre com mais afecto, às pessoas de quem já o bem recebera. Não se esquecera como fora recebida quando estivera na sua casa.

Quase sem darem por isso, voltou a época dos exames, tanto para os alunos, como para aquelas professoras. Só que, desta vez, havia um contra: ambas iam a exames e a escola não podia fechar numa altura daquelas.

Em altura apropriada, apresentaram este assunto ao Inspector. Este prometeu dar uma solução ao assunto.

Depois de muitas manobras e ideias, a pensar numa professora disponível, para ficar por uma semana neste lugar, não a conseguiu. Mas, como no presente passava uma grande parte do seu tempo em Penedais, devido às obras das escolas, resolveu ele mesmo tomar conta daquela, durante esse período.

Conhecidas as datas dos exames, o Inspector contactou a esposa, para a lembrar das duas visitas que iria ter. E, como os mesmos começavam à segunda-feira, elas foram no fim de semana.

Foram recebidas com toda a cordialidade por parte da boa senhora, para quem Clarinda já lhe era familiar. De novo, deu-lhes algumas explicações naquilo que se mostravam menos seguras, e também o incentivo de que tudo iria correr bem.

Os exames, tal como da última vez, começaram segunda, pela manhã, e nos três dias que se seguiram. Clarinda achou-os mais fáceis que os do ano anterior.

Tudo correu bem, e ambas passaram. Agora, com o quinto ano dos liceus, estavam mais perto da realidade de virem a ser professoras oficiais. Estavam à distância de mais dois anos, no Magistério, que não podiam tirar e a dar escola.

Clarinda voltou a dar a boa notícia às comadres, só que agora era também a Mélia a agradecer.

Alegres e felizes voltaram a Penedais, muito gratas àquela excelente senhora, por tudo o que fizera por elas. E ao seu marido, por as substituir na escola, para não perderem essa oportunidade, a quem agradeceram ao voltarem à aldeia.

Encorajadas com este êxito, retomaram a sua missão, sem olharem a horas nem horários, na preparação dos novos candidatos.

De novo se sucederam os trabalhos extras depois das aulas, como no

ano anterior. O fim era prepará-los bem, para voltarem a obter bom sucesso. Não apenas em número de alunos, como na aptidão dos seus conhecimentos básicos.

Chegaram os exames, e todos os seleccionadas estavam à altura de passarem sem dificuldades. E foi isso que aconteceu. Penedais voltava a ser a escola com mais aprovações do concelho. E assim terminava mais um ano, com um excelente resultado escolar.

Tal como fora planeado, as duas novas escolas estavam prontas para receber os alunos, no princípio do ano escolar. Mélia e Gustavo - respectivamente os dois professores de Penedais - foram os ali colocados. Clarinda ficou na sede de freguesia. Não era a si que competia este lugar, mas sim ao professor, pelo direito de antiguidade.

Mas, como as duas escolas eram também oficiais, sem qualquer diferença de salário. Gustavo, rapaz de bons sentimentos e compreensível, facilitou Clarinda, visto estar ali radicada, com os filhos e a mãe. Sabia que tal mudança seria para ela muito difícil, ou mesmo impossível, tendo que dividir a família. Clarinda ficou muito grata pelo gesto humano do colega.

CLARINDA A JOVEM VIÚVA

Justino escrevera aquela carta quando chegara à Venezuela, mas nunca mais dera sinal de vida, sem lhe importar se a mulher e os filhos tinham ou não pão, e se estavam bem ou mal de saúde.

Como um irresponsável, tudo para ele era normal. Fora assim antes, era assim agora, e assim seria sempre. Clara já sabia disso desde os tenros meses de casada.

Iam passados três anos que estava a viver naquele país, já com sociedade num restaurante, quando chegaram uns rumores a Penedais de que tinha morrido. Segundo a notícia, foram dois assaltantes, para lhe roubarem o dinheiro que tinha levantado no Banco e, quando se dirigia a casa, fora assassinado.

Sempre que ocorrem casos assim, os murmúrios voam à velocidade do vento, chegando a todo o lado, sem se saber quem foi o portador da notícia. Estas começam em sigilo, e em pouco tempo acabam por ser divulgadas em praça pública. Sem que os mais directos tenham disso conhecimento. E, só quando já todos sabiam em Penedais, é que a notícia chegou aos ouvidos de Clara e restantes familiares.

Esta, ao ter conhecimento desses rumores, não perdeu tempo em escrever ao irmão e à cunhada Elizabete - já casados a caminho de dois anos - para lhes dizer do que na aldeia se falava. E irem investigar, se tal tinha algum fundamento. Mas tal, para eles, já não era novidade.

Mário sabia de tudo isso. Ele próprio tivera conhecimento dessa notícia. Mas não queria ser ele a dizer à irmã. Mesmo com pouco tempo livre, pois andava, mais a esposa, na escola do Magistério, a cursar para serem professores, já tinha ido investigar aquele rumor.

Foi à Embaixada daquele país, provou com identificação ser cunhado, irmão da mulher, procurando saber a realidade. E, como se tratava duma autoridade, não lhe puseram qualquer obstáculo, dando-lhe toda a informação sobre o assunto em causa.

Infelizmente, a notícia que procurava saber era verdadeira. A identidade do homem que fora roubado e assassinado confirmava esse nome. Mesmo não estando muito seguro da eficácia das investigações daquele país. Mas era naquela informação que tinham que se guiar em termos da lei. E, como a irmã ia precisar de provas, o agente Azinhais pediu-lhes algo comprovativo, para lhe enviar.

Algun tempo depois, Mário enviou a resposta à irmã, com tudo o que

soubera, e descobrira, com a respectiva comprovação, para tratar do seu estado civil de viúva.

Mesmo não tendo sido um bom marido, nem bom pai, Clara ficou bastante triste, condoída e até chocada, com tal acontecimento.

A maldade é capaz de tudo, mesmo de roubar e matar, só para alimentar os seus prazeres. “Pobre Justino!” – pensava – “Como pagaste cara a tua leviandade...”

Há quem diga que somos guiados pelo destino. Mas, talvez seja mais certo dizer que quem nos guia é a nossa consciência, e a força de vontade. Se esta não nos indicar o caminho que devemos seguir na vida, os prazeres e ansiedades ambiciosas podem-nos levar aos fatais imprevistos. Tal como se diz: "Somos nós que fazemos a cama... para nela nos deitarmos!"

Diante desta confirmação, os sinos da aldeia tocaram a finados e foram feitas todas as cerimônias fúnebres que um defunto requer para a salvação da sua alma.

Clarinda vestiu o preto que a identificava como viúva. Que nas aldeias usava ser vitalício. Não importava qual fosse a sua idade. Só ao fim de vários anos era aliviado o luto, com roupas escuras, já não totalmente pretas.

Mas Clarinda não foi nisso. Durante três meses andou de luto carregado; a partir daí, e até aos seis, passou a usar apenas escuro. Para depois voltar à normalidade. Este luto de raspão, serviu uma vez mais como palco de censura, por parte de alguma gente da terra. Para ela, contudo, mais reparo, ou menos reparo, pouco a diminuíam. Já se havia habituado às críticas do povo, e esta seria mais uma.

Tudo para si voltou à normalidade, sem choros nem paixões, talvez ainda com algumas saudades. Continuava a estudar e a dar escola, a olhar pelos filhos, que iam crescendo, com ela a fazer de mãe e pai.

A escola passou a ser mista - com rapazes e raparigas. Apenas com os alunos da terra e de duas pequenas povoações que ficavam a pouco mais de um quilómetro de Penedais.

Divididos os alunos por três escolas, ficaram à sua parte trinta e cinco, menos vinte que os matriculados no ano findo. Ainda um número acima da média para um só professor. Sentia-se triste, ao ver aquelas carteiras vazias. E também por perder algumas alunas por quem tinha tanta amizade e estima. Mas a vida era mesmo assim!

Clarinda ainda só ia fazer vinte e quatro anos, e, embora viúva e com

filhos, não deixava por isso de ser a mulher mais cobiçada e pretendia da aldeia. Mesmo por aqueles a viverem na cidade. Clarinda continuava linda e bela como nunca!

Parece que, consoante ia crescendo na cultura, ia também ficando mais formosa. Mesmo a viver na aldeia, perdera todos os traços de provinciana. Desde que fora dada como viúva, notava-se ainda mais o seu brilho de mulher fina. Mas algo havia em si que nada mudara: a sua humildade, e o amor ao seu semelhante.

Há quem diga que é o destino
Que nos leva à fatalidade
Eu direi que esse caminho
Depende da nossa vontade.

Justino foi agarrado!
Pelas malhas da loucura
Tendo de emigrar forçado
Deixando Clarinda viúva.

Ela não parou na sua lide
Com a vida sempre a rolar
Voltou a ser mulher livre
Podendo voltar a casar.

O REGIONALISMO E AS ALDEIAS!

Em muitas aldeias dos concelhos "irmãos" de Pampilhosa, Arganil e Góis, devido ao seu isolamento e desprezo a que foram votados pelos senhores dos governos, para as pessoas que viviam nos lugares mais montanhosos, as condições de vida eram piores do que ao que hoje se chama "terceiro mundo"!

- Digo piores, porque esses ainda são ajudados através de várias organizações de beneficência, com dinheiro, alimentos, calçado, vestuário etc. Também temos que ter em conta que muitos deles têm miséria porque não querem nada com o trabalho. O que não era o caso das nossas aldeias, pois não pode haver riqueza nem abundância de alimentos, e o mais necessário à vida, se não houver produção.

A miséria, em muitos casos, é mais mental que física, em que tantos preferem esperar pela comida fácil, do que trabalhar. Mas a caridade nem sempre é opulenta. E, como sem pão não é possível viver, a fome vai matando aos milhões. Uns por aversão ao trabalho, outros que querem trabalhar, e não o têm. E, finalmente, os que trabalham, mas, mesmo assim, morrem de fome, devido à ganância de quem os explora. Há ainda outra miséria, que é reproduzirem-se sem visão, nem controlo.

No tempo, nem mesmo a Misericórdia chegava às aldeias rurais, em especial à gente isolada das Beiras. Tal como Clarinda respondeu àquela que, na Mouraria, esperava pela sopa da caridade. Cada qual contava com o produto do seu trabalho, tantas vezes malogrado. Mas nem por isso baixavam os braços e se entregavam ao desalento. A vida era uma luta, e só comia quem lutava, mas, mesmo assim tantos passavam fome...

Quantos não foram os que trabalharam uma vida inteira, sem interregnos, negando ao estômago o que ele pedia, por não o haver? E acabavam os últimos dias a pedir uma esmola, quando já nada mais podiam fazer...

Para não terem a mesma sina, muitos emigraram para outros lugares, em busca de mais prosperidade e abundância. Foram esses que, mais adiante, enriqueceram as suas aldeias, com o seu dinheiro, o seu trabalho e o seu amor colectivo.

Muitas terras destes três concelhos gémeos, estão cheias de nomes heróicos do progresso: os que deram o melhor das suas vidas, em prol do engrandecimento do berço amado que os germinou, e do bem-estar da sua gente.

Foram esses pioneiros do regionalismo que criaram colectividades com o nome de ligas, comissões, associações regionalistas, etc., que começaram a aparecer nos fins da década de vinte, do século passado, mais em força nos anos trinta, quarenta e até cinquenta.

A primeira prioridade de todos estes organismos era levar uma estrada às suas aldeias, o que todos vieram a conseguir. E muitas delas sem uma simples participação. Mas não foram apenas estradas as suas lutas. Foram também escolas, águas, fontes, electricidade, telefone, calcetamento de ruas, pontes, lavadouros públicos, saneamentos, casas de convívio, etc.

Penedais, mãe de tantos filhos dedicados, foi uma das primeiras ligas destes três concelhos. E também uma das primeiras a ter estrada, electricidade, telefone e outros melhoramentos. Todos, na cidade onde viviam e trabalhavam, se associavam com uma quota mensal, e, nas aldeias, quem não podia pagar, dava um dia de trabalho.

Faziam-se piqueniques, festas e, das ofertas doadas à Liga, eram feitas rifas e leilões. Não faltavam as excursões e tudo mais onde se conseguisse dinheiro, para investir nas necessidades locais.

As serras passaram a mostrar-se cinzentas, com clareiras das estradas em construção, que cada vez se tornavam mais longas. Não tardou que se comesse a ver a poeira levantada nos altos montes, movida pelos rodados dos automóveis, que por ali já se viam passar.

O viver nas aldeias passou a ser mais fácil, com as novas vias rodoviárias e outros melhoramentos. Com estas condições de algum conforto, já se sentiam mais perto das cidades, como até mais seguros e confiantes. E, consoante iam obtendo as coisas necessárias, melhor ia sendo a sua maneira de viver.

MIGUEL EM LIBERDADE

Miguel, que tivera a infelicidade de passar no lugar errado e à hora má naquela noite quando, vinha da escola, sem razão, ou motivo justificado, foi levado para calaboiço, por ter perturbado a ordem pública. Fora, afinal, uma vítima das manifestações populares, em tempo de eleições.

E, mesmo sem um processo formal de culpas - pois nada de concreto fora provado contra si - foi levado à prisão política, por agitador. Ele, alguém pacato e pacífico, que nunca se envolvera em coisas desse género, pois em matérias de política não passava de um leigo. E ali o tiveram por seis meses!

Este rapaz, que estudara no seminário durante nove anos, ao verificar que não possuía os dons que preenchessem os requisitos exigidos pela carreira eclesiástica - como já atrás foi dito - achou por bem não ser ordenado. Não queria ser um mau sacerdote. Talvez por isso fizeram dele um prisioneiro político.

No tempo, em Portugal, como até mesmo nos nossos dias, em qualquer país de regime ditatorial, havia uma grande diferença entre as cadeias civis e as políticas. Tanto no trato, como na repressão e segurança, e até no comportamento dos reclusos.

Os encarcerados nas cadeias civis, na sua quase totalidade, são criminosos, ou malfeitores, a cumprirem a pena por crimes ou maldades. Para alguns destes, a prisão não é um lugar de recuperação, mas antes uma escola de aperfeiçoamento ao crime e iniquidade. E, mesmo nela, se praticam toda a espécie de violências e selvajarias, incluindo violações de natureza sexual.

Nos cárceres políticos, era justamente o contrário. Muito raro ali entrava um criminoso. Antes, ali iam parar alguns dos melhores filhos da Pátria, por defenderem os seus ideais, baseados no bem comum, na democracia, na liberdade e na luta por mais pão. Coisa sempre reprimida e condenada.

Tantos inocentes caíram nessas masmorras, alguns analfabetos, outros quase, tanto nas letras, como na política. Mas ao saírem de lá, traziam consigo os conhecimentos políticos e literários, e também mais revoltados contra as injustiças.

Alguns, ali tiraram cursos secundários e superiores! É que nestas prisões não faltavam professores para ensinar, nem alunos com tempo e vontade de aprender. Miguel não foi uma excepção. Não só aprendeu,

como ensinou.

Saíra do Seminário aos vinte e um anos, para, em seguida, ir cumprir a tropa. No círculo da vida, tudo para si era natural: ricos, pobres, intelectuais, analfabetos, trabalhadores e patrões, sem se opor à liberdade de se explorar, e de se ser explorado.

Na prisão, os seus novos mestres mudaram-lhe o foco das suas ideias, passando a ver e a apreciar as coisas pelo prisma da realidade. Esse presídio político, foi a escola que mais lhe ensinou a conhecer o mundo maléfico do ser humano.

Quando por engano o prenderam, ele sentia-se diminuído, envergonhado, triste e preocupado pelo que pensariam e diriam a seu respeito. Mas isso não mais existiu na sua mente. Sentia-se até orgulhoso em ter sido preso político, depois de saber que só para ali iam os melhores filhos do povo.

Já em liberdade, foi ter com a mulherzinha, dona da casa onde era hóspede, para fazer contas com ela e que não alugara o quarto, para esperar por ele. O problema, agora, era não ter trabalho, nem dinheiro para lhe pagar.

Nesse mesmo dia, foi-se apresentar ao serviço, mas ficou para morrer, quando viu outro no seu lugar e lhe foi dito, pelo chefe, ter sido despedido. Isto era o testemunho e a confirmação daquilo que aprendera acerca do sistema da ditadura.

Sem trabalho, sem dinheiro, nem meios de subsistência, viu como único reduto ir passar algum tempo na aldeia. E depois se veria! Talvez até nos escritórios das minas arranjasse emprego, sem a necessidade de voltar para a capital.

Miguel agradeceu à senhora por lhe ter guardado o quarto, e lamentou não poder ali ficar, visto ter perdido o emprego. Pediu-lhe também o favor de esperar, até ter dinheiro para lhe pagar os meses em que estivera detido.

Era da renda que recebia dos seus hóspedes que ela pagava ao senhorio. E, com o que restava, se alimentava, vestia e calçava, e pagava as suas despesas. Já na terceira idade, não tinha qualquer pensão, nem outros meios de subsistência. Razão porque, durante os meses que Miguel estivera preso, e como nada recebia daquele quarto, tivera que ir à sopa dos pobres, para amparar a vida. O ex-presidiário sabia disso, pelo que prometera a si mesmo que, do primeiro dinheiro que conseguisse ter, lho entregaria, para saldar a dívida.

Já na aldeia, escreveu ao seu amigo David - da sua terra e ex-colega do

Seminário, empregado numa grande companhia em Coimbra - se não teria uma possibilidade em lhe arranjar ali colocação.

A resposta do amigo foi rápida e positiva. E assim Miguel voltou à cidade que o vira crescer, quer física, quer intelectualmente. Voltou a ser um trabalhador-estudante, como já o tinha sido em Lisboa.

Tal como prometera, o primeiro dinheiro ganho foi para enviar à pobre senhora. Sabia que ela não estava à espera dele tão cedo, ou mesmo sem mais fazer conta em o receber, mas isso não aconteceria com Miguel. A honestidade era algo que ele não fora aprender à prisão, em especial para com quem lhe fazia bem, tal como fizera a mulherzinha.

Miguel foi solto da prisão
Onde esteve de cativo
Foi lá que soube a razão
De haver tanto prisioneiro

Voltou ao quarto que tinha
Mas sem dinheiro p'ra pagar
Pois a pobre mulherzinha
Quis por Miguel esperar.

Do trabalho foi despedido
Por ter estado na cadeia
E, neste dilema vivido
Voltou de novo à aldeia.

Pensou muito p'ra consigo
Antes de qualquer decisão
Por fim, escreveu ao amigo
E dele obteve colocação.

A FESTA EM PENEDAIS

A trabalhar e a estudar, o tempo ia correndo, com as idas à aldeia a cada ano, sempre que tinha férias. Foi numa dessas alturas, em que ali se encontrava com o amigo, que foi convidado pelo seu tio - mestre da filarmónica da sua terra - se queria ir a Penedais, onde iriam actuar na festa da sua padroeira. Como o amigo ia, ele aceitou também.

Penedais e Aldeia das Secas, são duas terras de diferentes concelhos, ainda que ligados geograficamente. A distância que separa estas duas localidades ronda os vinte quilómetros, por caminhos de cabras, a subir e descer por serras íngremes. Mas, para gente que estava acostumada a fazer alpinismo todos os dias, carregados de mato e lenha, isso era uma brincadeira. E mais, quando se tratava de festa!

A alvorada tinha início ao nascer do Sol, com uma salva de vinte e um morteiros. Quando esta teve lugar, os elementos musicais estavam a chegar ao alto da serra daquele lugar, a menos de uma hora de caminho. Como também traziam algum fogo consigo, corresponderam com dois morteiros, anunciando a sua chegada ao território penedense.

Os foguetes voltaram a estalar nos céus daquela aldeia, e muita gente, em especial rapaziada, foram ao encontro da banda, para lhes darem as boas-vindas. Esta terra era bem familiar à maioria dos músicos, que ali vinham com frequência.

Já na localidade, a banda exibia algumas peças musicais, percorrendo as ruas principais. Havia algumas paragens aqui e ali, nas casas dos mordomos, ou noutras, onde usavam tomar a primeira refeição do dia.

Nesta festa, Penedais estava repleta de gente de fora. Não apenas os seus emigrantes, como muitos forasteiros que vinham de outros lugares, para assistirem a esta romaria. A casa da Ti-Amália Tecedeira estava cheia como um ovo, como há muito tempo não se via.

Mário e Elizabete também vieram à festa. Para ele, era a primeira vez que voltava, desde que deixara a terra quando fora para o serviço militar. Ele e a esposa acabavam de concluir o curso de professores. E, tal como prometera a si mesmo, saíra como pastor, para voltar como professor primário. Era agora o senhor professor Azinhais!

Tal como Clarinda, que nunca se sentara nos bancos dum liceu, a não ser para fazer exames, terminara o terceiro ciclo, ou seja o curso completo liceal. Dois irmãos, duas inteligências, condenados ambos a morrer analfabetos, ele se não fosse pela tropa e ela por um mau parto. E tantas

outras se perderam, por não terem uma oportunidade. Esta era a sina de quem tinha a infelicidade de nascer por estas bandas.

Quando a música parou à porta da Ti-Amália, filho e nora tinham ido ao Santuário, cumprir uma promessa. Só Clarinda se encontrava em casa, para receber os festejantes.

Preparada para aquele evento, tinha como trajo um vestido claro, com algumas pintas escuras, que lhe caía mesmo a matar. Com um corpo elegante e esbelto, uma cara de rara beleza, e o cabelo estendido pelas costas, confundia-se com uma princesa.

À entrada da sala, junto da mesa, ia cumprimentando as pessoas que vinham petiscar. Não apenas os músicos, como os acompanhantes, que apresentavam as saudações aos donos da casa. Estes, por sua vez, insistiam com cada um, para que se servissem do que estava exposto na mesa, onde não faltavam variedade e abundância.

Em certo momento, entrou um magote, uns músicos, outros que vinham juntos. Um deles não tirava os olhos de Clarinda. Mas esta também os não tirava dele. Nos constantes olhares disfarçados, às vezes havia atropelamentos no ar. O rapaz veio junto dela e fez-lhe a seguinte pergunta:

- Eu tenho a impressão de que a conheço... e até de já ter falado consigo... mas não sei onde! Talvez esteja a confundi-la com outra pessoa...

Mas, assim que ele abriu a boca, Clarinda reconheceu-o de imediato, e disse-lhe:

- Eu também o conheço! E sabe de onde?

- Não faço ideia! - respondeu ele...

- Então escute esta! “O meu nome é Miguel... e a menina como se chama?” “O meu é Clarinda!” Lembra-se desta frase?

- Oh, se me lembro!... Você a Clarinda! Será isto possível? Mas que coincidência! Foi na rua da Madalena, quando ia carregada com um embrulho e a puxar o carrinho do bebé, e eu a ajudei a levar as compras. Mas você está ainda mais linda e já sem a aparência de pessoa da aldeia! Foi isso mesmo...

Clarinda já não era mais aquela pessoa envergonhada que Miguel conhecera. Beijaram-se, de maneira cordial, para em seguida começarem a falar, cada um das suas vidas, com tanto que ambos tinham para dizer.

A anfitriã foi a primeira a contar-lhe a sua, tão cheia de coisas boas e más. Com muito trabalho e aventuras, mas também algum sucesso.

Contou-lhe do seu casamento sem sorte, e da sua presente viuvez. Falou-lhe dos êxitos dos seus estudos e daquilo que gostava de vir a ser.

A música continuava a tocar pelas ruas da aldeia, mas já sem a companhia de Miguel. O som do bombo e dos restantes instrumentos, como tão pouco o estalar dos foguetes, em nada os incomodavam. Miguel começou a contar a sua vida, sem falhar os seis meses que estivera na prisão.

Ao fim de muito conversarem e adquirirem uma certa amizade, Clarinda fez questão que Miguel viesse almoçar junto com a família. Disse-lhe estar ali um irmão seu, que viera de Lisboa, assim como a esposa, mas isso em nada iria opor-se à sua presença. Mesmo que não fosse do seu agrado.

Estavam os dois ainda a falar, quando chegaram os dois filhos de Clarinda, Anabela e Amândio - respectivamente com cinco e quatro anos de idade. Ambos eram muito espertos e engraçados, e sobretudo muito dóceis e meigos, e logo ficaram a brincar com ele. Foi nessa altura que Mário e Elizabete entraram porta adentro.

- Aí vêm o meu irmão e a minha cunhada! - disse Clarinda.

Miguel, no seu estilo educado e de trato fino, levantou-se da cadeira, para os cumprimentar.

Mas, quando os dois homens se olharam de frente, ficaram suspensos por segundos, sem nada dizerem um ao outro, tal como se uma cratera abismal se abrisse entre eles, para, em seguida se abraçarem. Isto deixou as duas senhoras confusas, e deu para perceber que entre eles havia uma forte amizade.

Depois desse interregno de silêncio, foi Mário quem abriu o diálogo:

- Não pode ser verdade! O Miguel em minha casa! Ou será que estou a sonhar?

- Não estás a sonhar... não! É mesmo o Miguel que está aqui contigo!

E ambos se voltaram a abraçar na mais ampla felicitação. As mulheres que nada conheciam acerca destes dois homens, estavam extasiadas e ansiosas por saberem o motivo de tanta intimidade.

Os dois amigos nunca mais se haviam visto, desde que Miguel fora preso, por isso nada sabiam um do outro. Contudo, Miguel foi sabedor de Mário e os colegas tudo terem feito, para provar a sua inocência. Por isso lhes estava grato.

Mário começou por explicar, mas a fazê-lo por meias palavras, pois não queria dizer a elas que Miguel tinha estado preso. Para não fazerem

ideias erradas acerca da sua pessoa.

Miguel compreendeu o amigo, mas disse-lhe para contar tudo direito, pois não sentia qualquer humilhação em ter estado preso na cadeia política. Até porque a irmã já o sabia.

- Então vais tu contar a história! - disse o Mário - Mas antes também gostaria de saber como conheceste a minha irmã...

- O nosso conhecimento foi devido ao acaso, por fazer um pequeno favor, que mais à frente ela irá explicar. E o nosso encontro aqui, é uma mera coincidência, ou talvez uma casualidade.

Em seguida contou ela o elo que a ambos os ligara.

Na casa dos Azinhais nunca antes se vivera, duma só vez, tanta felicidade. Elizabete sentia-se ditosa em se ter ligado a esta família. Lembrava-se, anos atrás, quando viera buscar Clarinda e pensar que ela lhe iria morrer no caminho. Quem diria, então, que ela ainda havia de ser sua cunhada! Ou quem suporia que a pobre moribunda, além de recuperar toda a sua saúde, iria encontrar o caminho para pôr em prática o potencial da sua inteligência. e capacidade?

Clarinda nunca se deixou envaidecer ou superiorizar por exercer o cago de professora, nem pelos muitos estudos já conseguidos. Era aquela mulher recta e justa, briosa, digna e aprumada, que se mantinha sempre ao nível do mais pequeno.

Mesmo em casa, não tinha uma má palavra para a rapariga que a servia. Quando as coisas não estavam à sua maneira e vontade, ajudava-a, e ensinava-a nas coisas que tinha que aprimorar. Mas sem alterar o tom de voz, ou usar atitudes incorrectas e humilhantes. E, quando tinha que fazer qualquer advertência, nunca o fazia em frente de outras pessoas.

Os colegas, professores das outras escolas da freguesia, também estavam na festa e faziam parte dos convivas da casa. Como era muita gente, não queria deixar tudo ao cuidado da mãe e da rapariga. Mandou que todos fossem viver o ambiente festivo, e ela ficaria para ajudar no serviço, demasiado para duas pessoas.

Tanto a cunhada Elizabete, como a sua colega Mélia, queriam também ficar. Clarinda recusou, dizendo não ser necessário. Assim todos saíram, ficando apenas ela, a mãe e a rapariga.

Como era a primeira festa em que, por ali, já ali se faziam chegar os carros, fez desta a mais concorrida de sempre. Não apenas pelos que ali vinham chegando de automóvel, mas das muitas pessoas das redondezas, que aproveitaram para verem esta novidade.

O casario dos Penedais ficou vazio, envolvido num profundo silêncio humano. Quase toda a população se deslocou para aquele Santuário. Mesmo os que ficaram, para confeccionar os almoços, tinham também sintonizado as suas atenções aos altifalantes da capela, para ouvirem a missa e o sermão do pregador.

Nessa missa, cantada e acompanhada pelos instrumentos musicais, o ponto mais relevante era o sermão do pregador. E sempre mais, quando punha nas suas palavras a emoção que fazia os fiéis puxarem do lenço, para limparem as suas lágrimas.

Ainda que o padre Coimas fosse um pregador excelente, tal missão estava a cargo de um outro sacerdote, a quem o padre local deve ter dado alguns tópicos, para uma maior afectividade ao povo protegido por aquela Santa Padroeira. O sermão começou assim:

“Caríssimos irmãos... A verdadeira doutrina que devemos professar, é aquela que está emancipada na fraternidade, na compaixão, na tolerância, na igualdade, no perdão e no amor. Sem estes dons, não pode haver fé... o único caminho que leva à salvação das almas.

É baseado nestes princípios que tantos filhos e filhas desta terra vêm, anualmente, à aldeia que os viu nascer, para realizarem e celebrarem mais uma festividade, à sua Santa Padroeira.

Ela é a nossa esperança! Tanto para nos guiar na espiritualidade, como para dela recebermos a luz da sua graça, e nos iluminar nas veredas dos seus caminhos. Pois somos tão pequeninos... e tão frágeis... que nada seríamos sem a sua protecção.

Este vosso orago, cuja imagem está exposta em frente de todos nós, é quem tem extraído da mente dos seus filhos fiéis, a sabedoria dos grandes êxitos da vida, quer no mundo económico, quer intelectual e humano.

Quantos não foram os filhos desta aldeia que deixaram o seu berço sem instrução, sem profissão, emigrando em busca duma vida mais abundante, próspera e digna? Foram tantos... e, felizmente, muitos o conseguiram! Penedais é um palco destes exemplos.

É pôr os olhos naqueles que há dez, quinze, vinte e mais anos, deixaram a terra mãe, com apenas a roupita do corpo, porque nada mais tinham para levar consigo. Hoje, temos o prazer de os ver chegar de carro. Outros deixaram a vida de pastor, semi-analfabetos, para cumprirem o seu dever militar e, sete anos depois, entram na aldeia já formados em professores! Mas há mais:

Aquela enferma - que todos julgaram perdida, devido ao seu problema maternal - depois de recuperar a saúde, dedicou-se aos estudos. E é hoje umas das pessoas mais cultas deste lugar, ao concluir o curso liceal.

São estas e outras razões que nos fazem ser devotos, e nos atraem a este Santuário, para venerarmos, juntos, os favores imerecidos que a cada passo obtemos.”

O sermão continuou. E, depois destas reais ilustrações, usadas como aperitivo para abrir o apetite dos ouvintes, virou para o sentimentalismo, a exuberância que nunca faltava a um bom pregador.

A sala da casa dos Azinhais era grande, como também era a sua mesa, onde se acomodavam à vontade catorze pessoas. Feitas as contas, não foi preciso fazer alterações, pois era esse número que estava previsto para o almoço daquele dia.

Como já tudo estava preparado, Clarinda disse à sua serviçal se queria ir consigo até ao Santuário. Esta, que nunca recusava a companhia da sua patroa e amiga, aceitou, sem excitações, esse pequeno passeio a caminho da Capela. Ana - assim se chamava a rapariga que já há vários anos servia Clarinda. Ainda não tinha os quinze, quando viera para casa dos Azinhais, logo após lhe ter morrido a mãe, já órfã de pai.

Quando para ali veio servir, só pediu como solda, comer, vestir e calçar, e que a ensinassem a ler, escrever e contar. Coisa que nunca estivera ao seu alcance. Não queria ficar analfabeta, como tantas, por ver na instrução a luz que mais brilhava.

Agora, com quase dezanove, já tinha a instrução primária, que a sua ama preparara e a levava a exame. Para si, era como uma irmã mais velha, de quem recebia conselhos, conforto e toda a protecção.

Clarinda nunca explorou a moça e entregava-lhe o seu salário a cada mês, com a recomendação de guardar o dinheiro para o seu enxoval. Esta jovem, uma linda e jeitosa mocetona, nada fazia sem se consultar com a sua protectora.

No percurso que separava a casa da ermida, quase toda a gente cumprimentava Clarinda. E, se eram rapazes, ou homens, os olhos não resistiam ao olhar de avidez de quem sabe apreciar mulheres formosas e perfeitas. Elas sabiam que eram notadas, coisa que não as envaidecia, ou as tornava orgulhosas, em especial a jovem mãe.

Os actos religiosos tinham terminado, dando lugar ao leilão das

fogaças, que os mordomos e outros encarregados das vendas carregavam à cabeça, andando à volta do recinto, no seu apregoar:

- Está em cinco escudos!... Quem dá mais?

E logo um oferecia mais um escudo.

- Está em seis! Está em seis! Quem dá mais? Quem dá mais?

E assim por diante.

Havia sempre muitas e variadas ofertas, pois era uso cada terra da freguesia trazer a sua, mais aquelas vindas das promessas pelas bênçãos concedidas.

Clarinda usava comprar destas oferendas, para depois dar às pessoas mais pobres da aldeia. Nestas disputas de “quem dá mais”, poucos arredavam pé dali, até que a última fosse leiloada. Depois sim, todos iam ao almoço.

Estavam Ana e Clarinda junto do coreto da música, quando viram os familiares sentados a uma mesa, debaixo da copa de um frondoso castanheiro. Como já tinham comprado o desejado, foram ao seu encontro, onde permaneceram juntos por alguns minutos, para, em seguida, tomarem o caminho de casa, pois eram horas do almoço.

De volta, este grupo composto de quatro senhores, e o mesmo número de senhoras, todos respiravam um ambiente de alegria e de felicidade. Ana, que acompanhava Clarinda, notou que Miguel queria conversar com a patroa, pelo que pediu desculpa em ter que os deixar, mas tinha que ir mais depressa, para tratar dos meninos. Ana via as coisas ao longe.

Meteu-se pelo atalho da levada do regadio que a levava à fonte debaixo. Subiu a quelha e estava em casa. Ao chegar ali, os pequenos, Anabela e Mandito, já tinham comido e brincavam cá fora com outras crianças. Ana entrou em casa e foi ver se alguma coisa faltava, mas a Ti-Amália já tinha tudo pronto.

Alguns minutos depois, as visitas começaram a entrar, aos pares. Primeiro, o Mário e Elizabete, seguidos pelo professor Gustavo e namorada, a professora Mélia e o David, amigo de Miguel. E só alguns minutos depois chegaram Clarinda e a sua companhia.

Quando os filhitos avistaram a mãe, correram ao seu encontro, para a abraçarem e beijarem, fazendo o mesmo ao Miguel, como que já fossem velhos amigos. Isto deixou Clarinda ainda mais feliz. E, finalmente, chegaram também os músicos que ali vinham comer.

Ana insistiu que se sentassem, mas ninguém o quisera fazer, até que Clarinda chegasse. Era ela agora que ordenava às suas visitas que

tomassem os seus lugares, sendo ela a última a fazê-lo. Prontos para iniciarem o repasto, Clarinda reparou haver uma cadeira vaga, que era a destinada à Ana. E de imediato a chamou.

- Falta alguma coisa na mesa?

- Penso que não! - disse a Ana.

- Então venha tomar o seu lugar!

- Não... eu como na cozinha!

- Diga-me, Ana! Quantas vezes já aqui houve divisões?

- Nunca!

- Sim...nunca! E comigo nunca haverá! Por isso, tome o seu lugar, para começarmos a comer.

E assim deram início ao almoço.

Clarinda contestava e condenava tudo o que não fosse justo e humano. Copiava as coisas boas, para amar e ser amada. Vira assim fazer à sua comadre, e era assim que desejava fazer também. A fraternidade, liberdade e igualdade, devem ser repartidas, tal como o pão.

Miguel estava sentado ao lado de Clarinda, e gravava na mente aquelas palavras, e no coração o procedimento e os dons daquela mulher. Pela sua maneira de ser e actuar, até dava a ideia de já ter sido uma prisioneira política. Isto o atraía!

Também o seu colega parecia estar a entender-se bem com Mélia. Na suavidade com que ambos falavam, mostravam estar num lugar de sonho, a muitas léguas de distância.

Fora um dia de muitas surpresas e coincidências. Tudo seria possível, até mesmo novos romances.

Desde que os carros começaram a vir aos Penedais, além da música, era também contratada uma aparelhagem sonora, para abrilhantar a festa.

E, enquanto a luz eléctrica não chegou a este lugar, este, ou outro qualquer que viesse abrilhantar a festividade, trazia um gerador de corrente, para alimentar a aparelhagem, assim como as lâmpadas expostas no recinto, e pelo caminho, até à aldeia, que agora parecia uma cidade em miniatura.

Tal como sempre acontecia, após terminadas as cerimónias religiosas, os elementos da banda iam almoçar, ficando o conjunto sonoro em actividade. Os altifalantes, virados à povoação, atiravam para o ar as lindas canções populares da época, dando a chama e vida ao que eram as festividades nas aldeias.

A música, já há algum tempo que actuava no coreto, sem que os convivas da casa Azinhais dessem por isso. Esse barulho não chegava ali, por isso, cada par sustentava a sua própria conversa. Apenas Mário e Miguel se ouviam, com este último a contar as peripécias da sua detenção.

Gustavo, que ainda pouco tinha dito durante o repasto, e parecia nada ouvir, virou-se para eles e disse:

- Mas quem é que foi preso?

- Fui eu! - disse Miguel - E estou muito orgulhoso em o ter sido, ainda que fosse inocente. Mas digo-vos que foi a melhor escola que eu já tive na minha vida!

Mário era o que melhor conhecia a sua história.

Agora todos escutavam os dois colegas estudantes. Um a contar como fora detido, e o outro o que tudo fizera para comprovar a sua inocência.

Miguel descrevia aos presentes o que era uma prisão política, quem eram os seus hóspedes e o que faziam. Ali se encontravam desde os mais distintos catedráticos dos variados ramos académicos, até aos mais humildes analfabetos camponeses. Todos pela causa dum ideal: o de mais pão, justiça e liberdade.

- Ainda que não fosse o meu caso... pois eu era um leigo nessas doutrinas.

Foi um morteiro, que rebentou a pouca altura da casa – e que alguém lançara de propósito, para os chamar para a festa - que os fez despertar para a realidade que se vivia no exterior e dar por findo aquele diálogo tão interessante.

Antes que alguém saísse da mesa, Clarinda chamou a atenção de todos, para saber os que estariam para o jantar e quem ficaria para o dia seguinte. David mostrou interesse em ficar, sabendo que Mélia também ficaria. Miguel interpôs:

- Eu também gostava de ficar... até porque todos estamos de férias... mas não devemos fazê-lo, por duas razões: primeira, se viemos com os músicos, é com eles que devemos voltar! Para não ficarem a falar de nós... tanto aqui... como na nossa terra. O povo aldeão é boa gente... mas muito pessimista em coisas que lhes fazem confusão. Eu não quero que nada pensem de nós, nem da família Azinhais. Ainda temos cerca dum mês ainda, para podermos voltar. E como temos as bicicletas... não existe problema em nos fazermos deslocar. Segundo ponto: pelo muito trabalho que já demos, e outro mais que iríamos dar. Por isso, não contem connosco esta noite. Mas talvez nos próximos domingos...

Clarinda, num olhar sorridente, disse:

- Dar-nos-ão um grande prazer com a vossa visita!

Como todas as mulheres fizeram questão em ajudar, deram início ao trabalho doméstico, para depois seguirem até ao Santuário de Penedais.

Ao passarem pelo adro, muitas crianças ali jogavam com uma bola de trapos. Mas sempre com o olho no Padre Coimas. Outras, mais pequenas, ocupavam-se com outros entretenimentos, onde também se encontravam os filhos de Clarinda. Estes, ao verem os familiares, deixaram os companheiros, para se juntarem ao grupo da casa, e lá partiram, a caminho da Capela.

No recinto da festa, a quermesse era o local mais concorrido pela canalha miúda. Ali deixavam ficar todos os tostõezitos que apanhavam deste e daquele, na mira dum dos brinquedos expostos na barraca e tão cobiçados pelos olhares inocentes.

Clarinda ia comprando rifas, na mira de ir buscar um deles, mas não estava em maré de sorte. Miguel foi mais afortunado, pois, com menos gasto, conseguiu logo obter o mais desejado dos miúdos, que em seguida lhes ofereceu. Como agradecimento, estes beijaram-no, com algum afecto.

A tarde chegou e a banda de música tocou o seu último número - a despedida - mas a festa continuou. E, no céu dos Penedais, voltava a relampejar a pólvora dos foguetes e morteiros que, lá no alto, iam estalando.

Como Miguel e David eram acompanhantes da banda, tinham também que partir. A música, no seu compasso, foi tocando até à saída da povoação. E ali se despediram da mordomia e outros presentes.

Um grupo dos Azinhais fez-lhe companhia, para depois voltarem à festa. Mélia e David retiraram-se um pouco, para dizerem qualquer coisa a sós, voltando para dar o adeus.

Miguel começou por beijar os dois inocentes, seguidos da Ti-Amália, a quem deu um abraço fraternal. Depois a Ana, e assim os levou a todos, deixando os dois irmãos para último.

Miguel e Mário abraçaram-se uma vez mais, com a vivacidade de grandes amigos. E, finalmente, despediu-se de Clarinda, com um longo aperto de mão, que escreveu no coração de ambos a palavra "amor".

Mário e Elizabete deram uns passos em frente, deixando a irmã e Miguel mais a vontade. Este tirou do bolso um pequeno papel dobrado, que lhe deixou ficar na mão, quando lha apertou pela última vez.

O grupo recolheu a casa, para prepararem a ceia, e não perderem o arraial. Clarinda, assim que ali chegou, foi directa ao seu quarto, para ver o que o papel dizia:

“- O meu nome é Miguel!... E a menina como se chama?

- Meu nome é Clarinda!

Pois, Clarinda...encontrar-nos-emos de novo! Vou, mas prometo voltar, se Deus quiser! Será que sou bem-vindo?

Adeus!”

O meu nome é Miguel

E o seu é Clarinda?

Deixe que eu seja fiel

A essa cara tão linda!

O seu cabelo de Madalena

Dessa Santa arrependida

A sua linda cor morena

Fazem parte da minha vida.

Clarinda beijou aquele pedacito de substância vegetal, guardou-o junto às coisas de estimação, e voltou muito feliz para junto dos familiares e amigos. Todas as mulheres estavam ocupadas a preparar a comida. Mário e Gustavo falavam acerca das aldeias e das suas dificuldades.

Depois da última refeição, nem todos voltaram à festa. Clarinda e Mélia ficaram. Mas todos os restantes foram, mesmo a Ana e Ti-Amália, movidas pelo entusiasmo de verem o fogo preso, cada ano diferente. Ambas preferiam vê-lo da janela. Com as duas amigas sós, elas conversaram sobre os dois rapazes. Ambos bastante cultos, estavam no último ano da Academia. David em finanças e Miguel em advocacia.

Estas duas amigas eram da mesma idade: vinte e quatro anos. Ambas acabavam de concluir o curso dos liceus. Mélia, mesmo não sendo tão linda e vistosa como Clarinda, era também muito jeitosa e bastante simpática. E era livre! Quem a tomasse por esposa, levava uma bela rapariga, sem ter que se envergonhar em a apresentar em qualquer lado.

Mélia contava à sua amiga que David lhe tinha pedido namoro. Mas tivera receio em lhe dizer “sim” sem saber mais a seu respeito. Aceitar à primeira vista, seria uma precipitação, e até uma falta de personalidade. Disse-lhe que ia pensar.

- Fizeste muito bem! Se estiver interessado em ti, ele virá saber a tua

resposta. E, quando vier, aceita! Eu peço ao meu irmão para falar com o Miguel a seu respeito.

- Obrigado, Clarinda, pela tua estima!

Clarinda não quis ser cínica para a companheira e contou-lhe o que sentia pelo Miguel. E descreveu-lhe toda a história de como o conhecera. Era assim que gostava de ter arranjado um homem, mas não tivera essa sorte. Reconhecia ser uma viúva com dois filhos, e talvez não estar à altura dum homem nas suas condições.

- Nunca se sabe! - disse Mélia. - Há sempre alguém que dá valor a quem o tem, e isso é coisa que não te falta.

Ao acaso, Miguel e Clarinda
Num encontro de ocasião
Ela viu nele alguém que tinha
Dignidade no coração.

Havia festa em Penedais
Grande evento de romaria
Coincidências e coisas mais
Tudo se viveu, naquele dia.

Miguel acompanhou a banda
Que àquela terra foi actuar
E se é o destino que manda
Veio uma esposa encontrar

Bem longe do pensamento
De naquela localidade
Ambos terem o momento
Da mais pura felicidade.

MIGUEL E CLARINDA

No recinto da Capela deram início ao fogo preso, e as duas amigas foram para a janela apreciar o arraial.

A festa chegou ao fim, e a terra ficou mais vazia, ainda que alguns já ali ficassem de férias. O lar dos Azinhais ficou também reduzido aos da casa. Clarinda estava ansiosa para falar com o irmão, em relação ao Miguel. Estava esperançosa de que ele lhe ia falar, e se tal viesse acontecer, queria estar preparada, para não fazer asneira.

Mário ouviu a irmã, para depois a aconselhar, de acordo com seus conhecimentos e experiência. Sentia pena dela, não por razões económicas - pois ganhava como professora oficial - mas sim pela sua situação familiar e emocional. Era nova, bonita, culta, bondosa, livre e não lhe faltavam pretendentes. E os filhos? Essa era a questão!

Quem era o homem que se ia sujeitar a ter o nome de padasto, e criar filhos que não fossem seus? Claro, que sempre os houve - e há-de haver - mas teria que ser uma paixão muito grande. Poderia um homem praticamente formado em Direito, pretender casar com ela? E não haveria oposição dos seus familiares? Tinha que ser realista com a irmã, mesmo que isso lhe custasse muito! E, por isso, começou:

- Minha irmã! Ninguém gosta mais de te ver bem e aos teus filhos do que eu! Mas quanto ao Miguel... não debes ter ilusões... Ainda que isso, para mim, fosse a maior alegria. É um rapaz quase formado... a quem não faltarão raparigas livres e com igual formação... mesmo que tu já não sejas nenhuma inculta.

- Mas eu penso que ele gosta bastante de mim!

E foi buscar o escrito que ele lhe entregara, à despedida. O irmão leu e voltou a ler, para depois lhe dizer:

Não tenho o Miguel como pessoa de se querer aproveitar da tua situação, para o uso dos seus prazeres e te humilhar. Se isto fosse dum indivíduo vulgar, era, quanto a mim, uma bajulice. Mas, do Miguel...

Mário voltou a ler o papel e, por fim, disse à irmã:

- Se te falar em casamento, não te debes fazer rogada... como tão pouco oportunista! Sempre com os pés bem assentes no chão, debes ser sincera e franca, apresentar-lhe aquilo que por certo ele não vê. E, se já viu, tanto melhor! Como o caso de vir a ser um padasto... criar filhos que não são seus.... oposições familiares, etc. Para que amanhã, ele não te possa apontar nada. Se isso viesse a ser verdade, seria muito bom para ti... e todos

nós ficaríamos felizes. Deus te ajude e proteja!

- Obrigado meu irmão! Se ele me procurar, é isso mesmo que irei fazer.

Como o relógio do tempo não têm interregnos para descanso, chegou mais um domingo, e as ruas de Penedais voltavam a encher-se de gente, com pessoas das aldeias da freguesia e outras terras próximas, para assistirem à missa dominical.

Este acto começava ao meio dia e, uma hora antes, os sinos do campanário faziam o primeiro anúncio desse evento. Meia hora mais tarde voltaram a fazer o segundo, com o mesmo estilo de badalar:

Nestes dois toques, era usado apenas o sino grande, com uma badalada, e logo três seguidas: Tom!... tom, tom, tom... tom!... tom, tom, tom... e assim por diante, durante três ou quatro minutos. O último - o chamado toque da entrada, era quando o padre já se encontrava na igreja e ordenava ao sacristão para o fazer.

Neste toque eram usados os dois sinos, em simultâneo, num repenicar suave, badalando intermitentemente, com duas badaladas no sino grande e uma no pequeno. Não era uma arte ao alcance de qualquer um! Mesmo dum sacristão.

O sino começou a dar o segundo aviso. Clarinda mandou a filhita levar algo a uma senhora pobre e viúva que morava para os lados da Igreja. A mãe usava os filhos nestes actos de caridade, para os ensinar e acostumar a serem humanos, e Belita estava sempre pronta para estas missões.

À vinda, e ao passar no adro, viu ali Miguel e David, para quem logo correu e os beijou. Depois daquele cumprimento, correu para casa, muito feliz, para contar à mãe.

- Sabe quem eu vi... mãe? Foi aquele senhor que gosta muito de nós... e o outro, que gosta da Professora Mélia!

- Obrigado minha filha! - e fez-lhe uma carícia.

Clarinda chamou o irmão - que se encontrava no quintal, mais Elizabete, e contou-lhe o sucedido, e pediu-lhe para os ir convidar para casa. Mário não perdeu tempo a fazer o que a irmã lhe pedira.

Trouxe os dois consigo, a quem serviram o desjejum, junto com o convite para almoçarem todos. Clarinda foi ter com Ana, para fazer arranjos... em caso de a comida feita não chegar. Ao voltar à sala, Mélia já ali se encontrava, junto dos homens. Num gesto despercebido, chamou Mélia, para uma fala em particular.

- Cara amiga! Provavelmente ele vai-te perguntar o que decidiste... e tu dizes sim! Não te faças rogada... mas sim segura. Entretanto eu vou

saber mais a seu respeito e depois logo te digo. Compreendido?

- Sim... compreendi! Obrigado, amiga!

Agora só Mélia voltou para a sala, para não haver suspeitas de conversas privadas. Os sinos anunciaram o começo da missa e todos seguiram para a Igreja, deixando a casa vazia.

Após cumprido este dever cristão, com a duração de uma hora, todos voltaram, para saborearem um almoço abundante, mas não tão longo, e com menos gente do que o do domingo anterior. Terminada a refeição, Mário e Elizabete disseram ir sair um pouco, para deixarem os visitantes mais sós, e à vontade para poderem expor os seus intentos.

Alguns minutos após, foi a vez de Mélia e David. E, finalmente, de Miguel e Clarinda, mas esta quis levar os filhos por companhia.

No percurso que tomaram, não lhes faltavam sombras, da folhagem das grandes cerejeiras e outras árvores existentes à beira do caminho.

Os montes e campos ainda se mantinham com muitas flores. As mais relevantes eram as dos verdes milheirais, e outras plantas, nos cultivos agrícolas. Ouvia-se o zumbir das abelhas e outros insectos, extraindo delas o néctar, que deixavam o odor no ar.

E, enquanto os dois adultos iam apreciando a Natureza, as duas crianças não paravam de correr, ora à frente, ora trás, numa energia sem fim.

Num abrunheiro, junto de uma cerejeira que ainda tinha algumas cerejas, já meio secas - à beira dum riacho - Miguel parou um pouco, para apreciar uma cena pouco familiar, de seis rouxinóis. Respectivamente os pais e quatro filhotes. Estes, já saídos do ninho, mas ainda pouco experientes no voar... como também em procurar o seu próprio alimento.

As jovens aves dependiam dos pais para a sua sobrevivência. Razão porque ambos os progenitores andavam numa roda viva, a depenicar os frutos da cerejeira, para irem depositar os pedacitos naqueles bicos sempre abertos, que não paravam de piar, chamando a atenção dos pais para receberem mais um ciballo.

Sentaram-se no muro da levada, onde conversaram por alguns minutos, sem que Miguel perdesse o sentido daquela tão ocupada família. Mas não tardou a deixarem de se ouvir. Foi então que disse a Clarinda:

- Não sei se reparou naquela ninhada de rouxinóis!

- Não!... Não reparei. Porquê? - perguntou Clarinda.

- É que nós podemos aprender muito da Natureza e do reino animal.

Estes passarinhos, tão alegres e cantantes, são os eternos reis das melodias silvestres, mas os seus cantares nunca se ouvem, nesta época procriativa. Apenas se ocupam em alimentar os filhos, protegê-los e criá-los, pelo instinto do amor. O que tantos pais racionais se renegam a fazer...

Ao encarar com Clarinda, viu-a a limpar as lágrimas que lhe rolavam pelo rosto.

- Desculpe! Não foi minha intenção magoá-la?

- Eu sei!...

Os filhos de Clarinda brincavam um pouco mais adiante, e chamavam pela mãe, muito felizes por terem apanhado um gafanhoto. Miguel e Clarinda levantaram-se, para prosseguirem a caminhada.

Ao passarem o pequeno riacho, Miguel trepou sem qualquer dificuldade, mas ela não o pode fazer, sem a sua ajuda. Ao segurá-la pela mão, Clarinda sentiu que todo o corpo lhe tremia. Não de receio, mas por sentir o calor e a segurança de alguém que mostrava amá-la.

Ela agradeceu a gentileza e amabilidade, e daqui nasceu a declaração que ele tencionava fazer-lhe, naquele dia. De maneira frontal e sem quaisquer rodeios, Miguel foi direito ao assunto e disse-lhe o que pretendia.

Clarinda escutou-o com toda a atenção, sem nada dizer, ou o interromper, e só depois lhe expôs aquilo que estava acima do seu desejo e interesse. Dominada pela sinceridade, começou, da seguinte maneira:

- O casamento é algo muito complexo, que nem sempre resulta... Em especial quando é o resultado duma conveniência, ou leviandade, sem a noção da responsabilidade do que se vai fazer. Talvez tenha sido o meu caso, por não ter dado ouvidos aos meus familiares. E assim fiquei presa, aos dezassete anos, porque também queria ir para Lisboa.

E prosseguiu:

- Tal decisão deve fazer-se com os pés bem assentes no chão, e só por amor. Não devemos fingir o que não somos, para não enganarmos o companheiro, ou mesmo a nós próprios. Por isso, lhe vou ser sincera. Eu quero que saiba tudo o que sou. Como pessoa... já sabe que sou viúva e mãe de dois filhos, que tanto estimo e adoro. Chamam-me professora, mas não o sou... Sou apenas uma regente escolar. Ainda que já tenha concluído o curso dos liceus. E tudo isto já foi tirado desde que nos vimos pela primeira vez. Sou pobre... e é ao lado da pobreza que sempre estarei, como também da justiça e da razão.

Depois duma pequena pausa, continuou:

- A proposta que acaba de me fazer, é boa demais, para mim... e sentir-me-ia muito feliz se viesse a ser sua mulher. Mas quero que reconheça e pondere se tal será um bom casamento para si. É aqui que está a chave da minha sinceridade... e que está acima dos meus interesses. Já pensou que vai casar com uma viúva, mãe de dois filhos? E na grande pressão que irá ter dos seus familiares? De ir criar filhos que não são seus... e ter o nome de padrasto? Mesmo que os ame como seus, e eles o adorem como pai, um pai que eles nunca tiveram, nem conheceram! Também já analisou que tem possibilidades e o direito de arranjar uma esposa em primeira mão, no padrão da sua igualdade cultural... mesmo que eu já não seja uma analfabeta? Não sei se pensou bem nisso! Mas esta é a realidade, que não deve nem pode ser confundida com a emoção da fantasia. Acredito na sua honestidade... mas não quero ser oportunista! É que estou bem ciente de que tal solução seria a ideal, para mim, mas não o é para si! O que é que eu tenho, para lhe dar em troca... além da promessa sincera de tentar ser uma boa esposa, uma boa mãe dos filhos que me venha a dar, uma boa amiga e companheira, para os bons e maus momentos?

De cabeça baixa, com voz arrastada, prosseguiu:

- Eu quero que pense bem nos meus pontos, mesmo que seja eu a principal interessada. A minha pouca sorte, não tem o direito de estragar a felicidade de alguém. E creia que lhe estou muito grata, mas, acima de tudo, quero ser sincera!

A mãe recomendou aos filhos para não saírem do seu alcance visual, pois temia que aquele dia, que lhe parecia ser de felicidade, viesse a ficar manchado por recordações tristes. Havia altos muros e fundos poços, que já registavam algumas histórias amargas. E o perigo está sempre à espreita, para fazer das suas.

As suas crianças eram bem ensinadas e obedientes. Só tinham liberdade de brincar e de correr dentro do limite estipulado pela decisão materna. Clarinda era uma mãe dócil e carinhosa, mas também sabia disciplinar.

A caminho do local escolhido, naquele arranca e para, Miguel ouviu as palavras mais sinceras, já alguma vez ouvidas de uma mulher apaixonada, mas não oportunista. Contou-lhe toda a sua vida, até o que dela falaram, quando fora a Lisboa fazer os exames. Sem darem por isso, chegaram ao lugar desejado.

Ficava junto duma velha capelinha, bastante desprezada, quase

esquecida pelas pessoas que junto dela passavam a cada dia. Estava rodeada de penedos e algumas árvores, entre as quais uma acácia, já sem flor. Ali se sentaram de novo, e ela deu o seu ponto final, com esta afirmação:

- Se mais alguma vez vier a casar, o meu casamento será celebrado nesta ermida.

Em seguida, deu a palavra a Miguel, que concluiu:

- Ouvi alguns pontos bastante importantes que, em tais circunstâncias, só podem sair dum coração que põe acima dos seus interesses, a felicidade dos outros. Isso só dignifica e engrandece o seu carácter de mulher, e é sobre isso que me quero debruçar.

E logo prosseguiu:

- Para mim, um casamento não é, nem nunca pode ser, um negócio, mas sim um laço conjugal entre duas pessoas que se amam...se compreendem, se estimem e se saibam respeitar! Quanto a ser ou não ser livre, para mim, qualquer mulher o é, logo que não esteja casada, ou ligada por laços conjugais a outro homem. O que não é o seu caso, no presente. Era, isso sim, quando a conheci. Em tais condições, nunca tentaria uma mulher ligada a outro homem! O ter sido casada e ter filhos, não lhe tira o direito de ser livre e tentar a sua sorte. Quanto ao ser uma mulher de segunda mão, como disse, para mim não há mulheres em primeira, segunda ou terceira mão. Simplesmente mulheres. Mulher não é um instrumento, ou objecto, que se avalie pelo facto de já ter sido casada.

Com ar compenetrado, continuou:

- Não! Uma mulher não pode ser medida dessa maneira, mas sim pelos seus actos nobres, dignos e humanos, que nunca se gastam... nem pelo tempo, nem pelo o uso, o que as torna ainda mais valiosas. Quanto à sua formação cultural, tenho até que lhe dar os parabéns, por ter feito em quatro anos, e a trabalhar, o que eu só consegui em sete, sem nada mais fazer. E quantos nunca o conseguem... No que respeita a essas mulheres de que me fala... sei que não teria dificuldades em arranjar uma delas. Mas não devemos confundir a formação literária com a formação moral, quando tantas desconhecem tal dom, sem capacidade de saberem tratar dum filho e de prepararem os alimentos para a família. E outras coisas mais... Por certo não terão a sua dignidade! Sempre apreciei as mulheres do campo, por estarem preparadas para todas as eventualidades. Lembra-se do que lhe disse, há muito tempo, ao princípio daquela rua íngreme?

- Tal como se tivesse sido há um minuto atrás! E como me visse

envergonhada... disse-me o seguinte: “Aquilo que lhe disse à menina, foi com todo o respeito e sinceridade, para que nunca se sinta inferiorizada às pintadinhas da cidade”. Aqui tem o que me disse, sem mais ponto nem menos vírgula! E uma vez que me falou disso, vou dizer-lhe que nunca mais o esqueci... ficando a sua imagem na minha mente, e as suas palavras no coração. Sempre que ali passava o recordava... sem mais ter tido o prazer de o ver.

A resposta dada à pergunta feita, mostrou a Miguel o quanto ela o amava, mesmo sem esperar por tal coincidência. O futuro magistrado, disse ainda a Clarinda:

- Eu aceito-a tal como é. Só quero ouvir da sua boca, que me quer ter por seu marido.

Aquela mãe nada disse. Chamou os filhos que ali perto brincavam com um formigueiro, e, em seguida, perguntou-lhes:

- Vocês gostavam que o senhor Miguel casasse com a mamã?

- Para dormir com a mamã... como o tio Mário e a tia Beta?

Clarinda ficou um pouco trémula e embaraçada, sem saber bem o que responder aos filhos. Por fim disse-lhes:

- É isso mesmo! Para dormir com a mamã, como fazem os tios...

- E depois não se vai embora para longe e deixa-nos ficar sozinhos?

- Não meus filhos... ele vai ficar sempre connosco!

- Então, assim, nós gostamos!

E logo se abraçaram a ele, e Clarinda abraçou os três. Mas, quando se despegarem, viam-se nos olhos dos adultos algumas lágrimas.

Os miúdos voltaram às suas brincadeiras, correndo em volta da pequena ermida, entoando, em jeito de melodia, a seguinte lengalenga: “O sô-Miguel vai casar com a Mamã... O sô-Miguel vai casar com Mamã...” E assim por diante. Clarinda ia chamar os pequenos, para os mandar calar, mas Miguel entrepôs-se-lhe, para dizer que o não fizesse.

A partir daí, não mais se trataram por senhoria, e, ainda contra os hábitos e costumes da aldeia, e mesmo sem entre eles existir coisa alguma, os seus cumprimentos, quer nas chegadas, quer nas despedidas, passaram a ser dois beijos, um em cada face. Tanto em público, como em privado.

Clarinda falou ao Miguel do seu tio Robalo, pessoa por quem tinha muito respeito e estima, a quem nunca escondera nada da sua vida. Se não se importasse, passavam por sua casa, para lhe darem a boa novidade, e para lho apresentar. Ele achou ser uma boa ideia.

E, como as horas de voltar se aproximavam, deixaram aquele lugar,

tomando um caminho diferente. Este levá-los-ia ao cruzamento da estrada que dava para a terra onde Mélia dava escola. Foi por se lembrar da amiga, que inquiriu a Miguel, se sabia que David lhe pedira namoro.

- Sei, sim!

- E quais serão as suas intenções?...

- Ele contou-me que gostou muito dela e da sua maneira de ser... Por isso lhe pediu namoro. Mas ela disse ir ponderar o assunto, e depois lhe diria o que decidira. Ele é um excelente moço, mas com pouca sorte com as namoradas. Talvez por ser simples e pouco exibicionista, o contrário das raparigas que tem tido. Sempre o tive por muito respeitador, leal e cumpridor da sua palavra. Se a Mélia for possuidora destes dons, decerto iremos ter casamento.

- Obrigado Miguel! - disse Clarinda. - Fico feliz em saber das qualidades que lhe atribui e que são boas as suas intenções. Irei transmitir isso mesmo à minha amiga, quando tiver uma oportunidade...

Naquele cruzamento havia umas alminhas e, segundo se dizia, ouviam-se ali coisas estranhas, não só durante a noite, mas até à hora do meio-dia. Razão porque se erguera aquele nicho, para que quando ali passassem, as pessoas descobrissem as cabeças e fizessem uma prece, para o sossego das almas penantes.

Ainda à distância, viram ali uma mulherzinha sentada, com uma pequena sacola à sua beira. Quando já perto, Clarinda reconheceu a senhora. Era a Ti-Maria Costinhas, que por mais de quarenta anos fizera o correio por aquelas aldeias e, quando já inválida, pela debilidade e velhice, o corpo gasto naquela missão, tivera como último reduto ir pedir esmola. Isto transtornou-a e, num tom de revolta, sem se lembrar que Miguel a acompanhava, exprimiu a sua dor e cólera contra a injustiça.

- Malvado seja tal sistema, que nos domina... e escraviza, obrigando-nos a trabalhar uma vida inteira, para morrer a pedir esmola!

Ao mesmo tempo que lhe saltavam dos olhos lágrimas de dó e de indignação, por tamanha crueldade. Ao cair em si, e ver Miguel, pediu-lhe desculpa pelo seu desabafo.

- Não me peças desculpa por aquilo que mais aprecio em ti, e por partilharmos os mesmos ideais e sentimentos. São esses os dons que te tornam ainda mais digna, e me fazem sentir orgulho de te ter escolhido para minha companheira. Eu tenho reparado como lidas com as pessoas, mesmo aquelas que te servem. É uma grande lição de civismo e de amor, mantendo-te ao nível da mesma igualdade. É assim mesmo que eu gosto

que tu sejas!

Quando chegaram junto da mulherzinha, ela não deu por eles, sendo Clarinda a quebrar o silêncio da pobre:

- Então, senhora Maria, o que está aqui a fazer?

- Oh! É vomecê... minha filha! Desculpe que não via a vomecê! Eu estou a descansar um bocadito... p'ra me ir. Pois já não é cedo e vou p'ra longe. Estou velha e doente... já não posso caminhar à pressa... não valo nada! Tanta vez vomecê me lembra p'ró que me fez daquela esmolinha dos livros, que mandou o sê tio buscalos ca besta... p'ra eu não carregar com eles. Deus áde ajudála por essa esmola que me fez. Vomecê é uma santa!

Clarinda já há muito sabia que a Ti-Maria Costinhas não fazia mais o correio. Há cerca de três anos que ali vinha um senhor, no seu lugar. Como nunca mais a vira, julgava até que tivesse morrido. Até ficara surpreendida, ao encontrá-la ali, pelo que lhe perguntou:

- Mas a senhora ainda não me disse o que anda por aqui a fazer!

A ex-estafeta do correio - por mais de quarenta anos - como que envergonhada pelo crime da sua pobreza, levantou-se com alguma dificuldade, para lhe segredar, quase ao ouvido:

- Como já não posso trabalhar... e não tenho ninguém... a quem me atenha, vou pedindo uma esmola, enquanto puder, para não morrer de fome!

Mas as suas lágrimas eram agora mais contínuas.

- E porque nunca veio pedir aos Penedais? - perguntou Clarinda?

- Eu não peço aqui... nem em terras que me conheçam... porque tenho vergonha!

- Vergonha? O que é que fez de mal para ter vergonha?! Vergonha devem ter esses que exploraram a sua juventude e os melhores anos da sua vida. E quando já não mais podia, foi corrida, como algo desprezível e abominável. Será que esses senhores do Ministério, os que gerem estes serviços postais, desconhecem essa crueldade para com quem os serviu com zelo e dedicação? Que tristeza! Isto é um verdadeiro insulto a quem trabalha...

- Pois é! É uma vergonha, minha filha... mas que hei-de eu fazer? Que Deus nos dê paciência e seja tudo em desconto dos nossos pecados...

- Você hoje vai ficar aqui... nos Penedais!

- Não minha filha... Eu vou p'ra casa! Vomecê não me leve a mal... Se pedisse ao sô-Manel, ele até me deixava ficar no palheiro... Mas eu tenho muita vergonha...

- Você não vai ficar em palheiro nenhum... vai ficar em minha casa!
- Não... não... eu ando muito suja!
- Não faz mal! Suja, ou limpa, é lá que vai ficar! E sempre que passe por aqui... procure a minha casa e alguma coisa lhe será dada.
- Obrigado minha filha! Mas custa-me tanto... Vou aceitar, p'ro saber que vomecê e sua mãe têm coração de santas. Desculpe! Este senhor é o seu irmão?

- Não! O meu irmão também cá está, mas este senhor é uma pessoa de família.

- Tenho prazer em conhecer vomecê... - e estendeu a mão a Miguel.

Este, correspondeu, com todo o respeito e estima:

- O prazer é todo meu, minha senhora!

Clarinda ia pegar no saco da pobre, mas Miguel opôs-se a isso e foi ele que o carregou. A mulherzinha - contra a sua vontade - ali ficou, para no dia seguinte, pela manhã, seguir o seu itinerário, grata pela hospitalidade recebida, e também pelas dádivas de Clarinda e dos restantes.

No dia seguinte, Clarinda escreveu uma carta ao Ministro dos Correios e Comunicações, relatando esta injustiça. Ao fim de quarenta anos de trabalho, quando já velhinha e cansada, ter que pedir esmola, para não morrer à fome, era demais!

Clarinda veio a saber, meses depois, que fora internada num asilo de velhinhos em Coimbra, onde ali a fora ver depois.

Os dois trabalhadores e universitários, ainda em férias, deixaram Penedais à meia-tarde desse domingo, felizes por tudo parecer ficar assente com aquelas duas mulheres, que queriam tomar por esposas.

Mélia ainda não voltara à sua terra - onde desejaria estar até ao fim das férias - devido àquele pedido de namoro que lhe parecia sincero. Resolveu permanecer em Penedais, com a amiga, enquanto eles não voltassem para Coimbra. Só depois iria à sua aldeia.

Após a refeição final do dia, Mélia percebeu-se que Clarinda tinha algo para contar ao irmão. Com o pretexto de ter algo para fazer, pediu licença para se retirar. Clarinda avisou-a para não adormecer sem que fosse falar consigo. Agora, que estava a sós com a família, contou-lhes o que se passara com Miguel.

Mário, Elizabete e a mãe ficaram muito felizes com o que ela lhes dizia. O irmão achava tudo isso sorte demais para uma viúva, com filhos, sem com isso querer pôr de parte o mérito da irmã. Mas também acreditava na

sinceridade de Miguel. Contudo, iria falar com ele, na próxima vez que ali voltasse. Era uma felicidade duvidosa, para toda aquela família. Só o não era para aquela jovem mãe, que confiava nele em absoluto.

Depois da reunião familiar, Clarinda foi ter com Mélia ao seu quarto, para lhe falar do que soubera de David. Depois de a ouvir, Mélia ficou a saber o que desejava. Durante algum tempo, as duas amigas falaram sobre os acontecimentos daquele dia, dos seus noivos, e dos futuros planos. E ambas respiravam felicidade.

Um domingo se foi, e outro veio. Os dois rapazes voltaram a Penedais. Mas desta vez já não ficaram no adro. Foram logo direitos à casa dos Azinhais. Bateram à porta e foi Ana quem veio responder. Ao vê-los, mandou-os entrar e sentarem-se, encorajando-os a ficarem à vontade.

Os dois amigos foram à janela e viram Mário no quintal a apreciar os figos duma figueira temporã. Como as três mulheres tivessem ido à capela pôr algumas flores no altar da padroeira, David disse ir ter com elas, ficando ali apenas Mário e Miguel.

Mário perguntou a Miguel se não queria ir tomar alguma coisa, ao que este não se fez rogado. Foi nesta ocasião que lhe falou acerca da irmã.

- A minha irmã contou-me, no passado domingo, que a tinhas procurado, para casarem!... Claro que não duvido das tuas boas intenções... e todos nós teríamos muito gosto em que o vosso casamento fosse uma realidade! Mas, o que me faz confusão... e é isso que temo... é tu teres tantas raparigas, livres e ao teu nível Académico, sem responsabilidades familiares, e vires procurares a minha irmã! Ela já sofreu tanto... coitada... não a queria ver sofrer mais!

- Meu amigo Mário! Comigo ela não irá sofrer. É a mulher que eu amo, partilhamos os mesmos sentimentos e ideais, e essas qualidades eu ainda não encontrei noutra. A tua irmã irá ser a minha esposa! É verdade que não me faltam as mulheres de que falas... só que não me interessam! E tudo isso... e muito mais... já Clarinda me fez ver! Incluindo a forte oposição que vou ter dos meus pais, quando o souberem... Mas isso tão pouco me importa... ou preocupa! A minha decisão está tomada! Pode o meu futuro cunhado estar descansado, que, se Deus quiser... nada acontecerá connosco, além do casamento. Tão depressa termine o meu curso, que, se tudo correr como espero, será já no próximo ano. E agora vamos ter com elas!

- As tuas palavras deixam-me muito feliz... porque acredito em ti, e

nelas. - disse o Mário.

Os dois amigos abraçaram-se, felizes e confiantes, e foram ao encontro das duas mulheres.

No tempo - mais nas aldeias do que nas cidades - ai da rapariga que beijasse um rapaz, ou vice-versa. Era como se de uma indecência escandalosa se tratasse! E toda aquela que fosse vista a beijar o namorado, se não fosse com ele, dificilmente casaria com outro na aldeia. Usava-se dizer: “Rapariga beijada... na terra já não seria casada!”

Era muito comum, nas desfolhadas aldeãs, quando ele ou ela eram contemplados com a espiga encarnada, que tinha que ir beijar a assistência. Mesmo sendo uma tradição, algumas se recusavam a fazê-lo. Haveria nisto algum mal, meio mal, ou mal algum? Claro que não! Prova isso que o mal não estava no beijo, mas na maldade que os outros lhe queriam pôr!

Quando as mais conservadoras diziam que beijar era uma obscenidade, Clarinda enfrentava-as, por tal maneira de julgar, e dizia:

- Existe mais malícia nos que julgam, do que nos que beijam. É, por vezes, mais fácil sentir-se desejo sensual num aperto de mão, do que num beijo na face.

Já viúva, quando se falava em beijos usava dizer:

- Se vier a ter algum noivo, não mais irei ter preconceitos tão mesquinhos. Há duas maneiras de beijar: há o beijo vicioso e libertino, que eu detesto... e o do respeito e amizade, que deve ser usado como guia do bom entendimento.

As três mulheres, e David, já estavam no adro, a conversar com alguns presentes - entre outros algumas beatas da sacristia - que ali estavam a preparar as flores nas jarras, para enfeitar os altares, quando Mário e Miguel vieram ao seu encontro.

Como Clarinda ainda não tinha visto o seu noivo, foi junto dele e ambos se cumprimentaram com dois beijos, um em cada face. Devido à restrição de tal condenável acto, até isso provocou alguma instabilidade nos presentes. E o padre Coimas ainda o viria a saber nessa manhã.

Ao chegarem a casa, Mário advertiu a irmã, por ela ter beijado Miguel, em público. Não porque isso tivesse qualquer mal, mas pelo que as pessoas pudessem dizer.

- Meu caro irmão... eu compreendo o teu ponto de vista, e agradeço o aviso, mas como sabes... sempre soube ocupar o meu lugar... quer como

solteira... casada... ou viúva. Contudo, quando fui a Lisboa fazer exame, só porque não disse o que ia fazer, tu soubeste o que falaram de mim... Ao ponto de o Padre dizer na Igreja para me pedirem desculpa pelo que sobre mim levantaram. Mas tal em nada diminuiu a minha dignidade e maneira de ser. Razão porque tão pouco o vai fazer agora. Foi este o cumprimento que combinámos... e será assim que faremos!

- Não é isso, Miguel?

- É isso mesmo!

- Eu sei que o Padre ainda o vai saber antes da missa! Mas, para que não fique à espera de mais novidades das beatas, quando à meia tarde ele vier para o adro, ler a oração do dia, é lá que nos vamos despedir. Ao mesmo tempo que te vou apresentar a ele. Achas bem, Miguel?

- Excelente!

E, se bem o disse, melhor o fez. A seguir ao almoço, os três casais levaram as cartas e foram até ao coreto da música, que ficava em frente da povoação, junto do Santuário. Ali se mantiveram por algumas horas.

Já à meia tarde, viram o Padre, no adro, no cumprimento das suas orações – o que lhe durava uma hora - voltaram para casa, por também serem horas para os rapazes voltarem à sua terra.

Assim, em vez de seguirem o caminho do adro, foram pelo sentido oposto, para não passarem por ele. Em casa, tomaram alguma coisa, para depois seguirem a viagem. Já com as bicicletas pela mão, lá foram todos a caminho da Igreja, para ali se despedirem.

O bom padre Coimas, ao ver ali aquele grupinho de seis, com dois desconhecidos, parou a leitura, para lhes falar. Foi então que Clarinda lhe apresentou Miguel, como seu futuro esposo, E Mélia fez o mesmo. Ambos os rapazes palraram com ele por alguns minutos, dando-lhe a saber que tinham sido seminaristas até ao nono ano, o que deixou o Padre satisfeito.

Depois despediram-se do Vigário, para em seguida o fazerem com os restantes. E ainda que Mélia e David não fossem além dum aperto de mão, Clarinda e Miguel fizeram-no com dois beijos no rosto.

O pastor das Almas, ao vê-los escapar por detrás do outeiro, chamou Clarinda e, à frente do irmão e da cunhada, repreendeu-a. Beijar em público não era próprio duma cristã, e ainda para mais professora, com responsabilidades de senso moral.

Clarinda, que era espontânea, frontal e sem papas na língua, retorquiu:

- O senho Padre acha que é uma imoralidade beijar-se alguém... quando esse beijo tem o sentido do respeito, da estima, carinho e amor? Não se

esqueça que há duas maneiras de beijar: o beijo da luxúria, que eu também condeno... que geralmente tem lugar às escuras, ou às escondidas... e o da amizade, que se usa praticar em público, às claras, porque nada nele existe de obsceno. Este é o sentido dos beijos que o senhor viu!

- As tuas palavras até fazem sentido! Mas... tu sabes como as pessoas são... e do que são capazes... E tu até sabes disso por experiência própria!

- Eu sei, senhor Padre... e agradeço o seu aviso. Mas num beijo respeitável, só há nele maldade se lha quiserem dar!

A OPOSIÇÃO FAMILIAR

A caminho da Aldeia das Secas, os rapazes iam falando sobre as suas namoradas e tudo com elas relacionado. Das suas intenções e planos, dos prós e contras do casamento. Neste caso particular, quanto melhor eles conheciam as namoradas, mais delas se agradavam.

A maneira de ser de Mélia condizia bem com a do David. Ambos eram simples, calmos, vendo as coisas pelo lado do deixa-andar. Ao passo que Clarinda e Miguel reagiam à primeira oportunidade contra as injustiças, oportunismos, maldades, discriminações, etc.

Em determinada altura, Miguel disse ao amigo:

- Esta decisão não vai ser pacífica. Os meus pais, se ainda não o souberem, não a vão aceitar às boas. Em especial a minha mãe, ao saber que a Clarinda é viúva e tem dois filhos! Se ao menos eles conhecessem o seu coração...

- És capaz de teres razão! É muito provável que até façam uma ideia errada a seu respeito. Mas isso é problema deles. Se tu gostas dela, é o quanto basta.

- Se gosto! Desde a primeira vez que a vi...

Estavam a tocar as Trindades, quando chegaram à aldeia. Foram arrecadar as bicicletas, para depois se juntarem aos familiares, a fim de tomarem a última refeição daquele dia.

Já sentado à mesa, Miguel notou na cara da mãe não estar em dia sim. Também o pai, que costumava a ser um bom palrador, estava amuado, sem nada dizer. Foi o rapaz que quebrou o silêncio paterno.

- O que é que aconteceu aos meus pais? Porque estão tão calados?

O pai manteve-se em silêncio. Mas a mãe, numa atitude pouco amistosa, e em género de investigação - a lembrar a PIDE - perguntou ao filho:

- Para onde é que vocês têm ido... estes domingos?

- Para os Penedais! Por que é que a mãe faz tal pergunta?

A Ti-Rita abanou a cabeça, puxou o lenço para trás, para começar a mastigar, enquanto ia falando:

- Penedais... Penedais! Então sempre é verdade o que hoje ouvi! Sim senhor! Estás um menino esperto... lá isso estás!

- O que é que lhe disseram, minha mãe?

- Que tu andas lá a namorar uma viúva, cheia de filhos, com idade de poder ser tua mãe! Uma tal regentezinha, do a, e, i, o, u, que deu cabo do

marido... e que também quer dar cabo de ti!

- Mãe... na realidade ela é viúva e tem dois filhos, mas é uma senhora por excelência. Gostava que os meus pais a conhecessem! E como pode ela ter idade para ser minha mãe... Se é mais nova quatro anos do que eu? Deixe que eu a traga aqui, para a mãe a conhecer!

- Aqui? Nesta casa? Enquanto eu for viva... nunca! Ouviste bem? E se vier a ser tua mulher, nem ela... nem algum filho que venha a parir essa (p... de m...) põe aqui os calcanhares! Ela deve ter-te dado água do cu lavado, para ficares dessa maneira!

Tantas mulheres lindas e cultas, algumas até ricas, que morrem por ti, e vais-te misturar com uma mulher sabe-se lá de quantos... que te irá tirar o prestígio e até a tua própria dignidade.

- Não fale assim, minha mãe! Um dia ainda vai arrepender-se do que está para aí a dizer! Nunca encontrei mulher tão pura como ela... e que me merecesse tanto respeito... e confiança!

- Não digas pura... diz antes batida! Aqui no povo é do que se fala e dos "rabos de Palha" que tem. Ainda em vida do marido já tinha um amante rico, que fez com que ele fosse para o estrangeiro, com a vergonha. E já quando sozinha, ia ter com ele a Lisboa. Tu julgas que não se sabe tudo?

Miguel recordava, uma vez mais, as palavras de Clarinda, e disse à mãe:

- Tal calúnia foi-lhe levantada quando ela foi a Lisboa fazer o segundo ano e tirar o curso de regente. Incentivada e orientada pela comadre - uma doutora bastante bondosa e rica- e onde esteve a viver. Eu estou ao corrente de tudo minha mãe! E como é que tal chegou à Aldeia das Secas... e não chegou também o aviso de condenação feito pelo padre, na Igreja. Para as caluniadoras lhe pedirem desculpa, pelas difamações levantadas! Será que também não lhe contaram isso? Parece impossível... minha mãe!

- Tu viste quantos são os dissabores que já nos deste... e ainda continuas? Olha bem! Saíste do seminário quando já poucos anos te faltavam para cantares missa; depois, tiveste que ir para a tropa; seguidamente, a tua prisão, por político. E, agora, que estás quase a sair advogado, podendo limpar a má imagem do teu passado, queres casar com uma viúva... cheia de filhos? Um coiro qualquer! Onde é que está o teu juízo e raciocínio, que tantos desgostos nos dás?

- Mãe! Essa mulher que odeia, sem mesmo a conhecer... não é nada do que lhe aponta! Talvez um dia a vá adorar, e se arrependa, com vergonha

dos nomes que lhe chama, e do que diz em seu desabono... Que nada têm com a realidade. Mas quer a mãe aceite, ou rejeite, será ela a esposa do seu filho!

- Podes casar... isso podes! Mas que eu a aceite como família... isso nunca! Como tão pouco aqui porá os pés... enquanto eu for viva!

Miguel já não comeu a ceia e foi ter com o amigo. Esperaria que o tempo passasse, para curar uma ferida, que ainda só estava a abrir. Também a noite estava apenas a começar, para trazer mais uma manhã e voltar um novo dia. E, nesta roda do vai e vem, aproximou-se mais um domingo. O último das suas férias, daquele ano. Assim, deixariam a Aldeia das Secas, para voltarem ao trabalho e aos estudos.

Na véspera, os dois amigos combinaram a hora da partida e disseram adeus às pessoas mais íntimas. A, mãe como já sabia da ida do filho, tratou-lhe das coisas para ele arrumar na pequena mala que o acompanhava. Como saíam cedo, Miguel despediu-se dos pais, antes de se deitar.

Pela manhã, quando Miguel se levantou para deixar a casa, já a mãe lhe tinha a desjejua feita, para ele tomar. O filho agradeceu-lhe a gentileza, mas disse não lhe apetecer comer tão cedo. Apenas pegou no lanche que ela lhe arranjava. O pai - que apenas se mostrava triste, mas sem nada dizer ao filho - ao pressenti-lo, levantara-se, para mais um adeus. E apenas lhe disse:

- Que Deus te acompanhe, filho e te dê o melhor que tu desejas.

Mas a mãe manteve-se dura e fria.

- Volta quando quiseres... mas só!

Miguel não lhe deu resposta. Beijou-os a ambos e saiu, para ir ter com o amigo.

Os dois rapazes amarraram as pequenas malas ao suporte das bicicletas, e seguiram a caminho de Penedais. Ali iriam estar até às quatro da tarde, visto que só às cinco e meia passava na serra a camioneta que fazia a carreira para Coimbra.

Se Miguel não tivesse passado por aquela prisão política, tudo isto o teria deixado de certo modo confuso, perturbado e inseguro. Talvez apanhado pelas amarras dos preconceitos. Assim, estava consciente de fazer o que desejava... e não o que lhe queriam impor. A liberdade de escolher é um justo direito de cada cidadão e, neste ponto, ele era um homem livre.

Por voltas das dez horas, já estavam em Penedais, onde eram esperados

e sempre bem-vindos. Para Miguel, aqueles ares pareciam-lhe mais puros, como também as árvores mais jubilosas, as suas sombras mais atraentes e as águas mais apetecidas. Naquela casa sentia o carinho, o conforto e a amizade de alguém que só o dava por amor.

Os beijos que recebera da Clarinda, no cumprimento dessa manhã, tiveram para ele o doce sabor da felicidade. Miguel pensava para consigo: “Que pena a minha mãe não conhecer os dons desta mulher!”

A conversa amena na casa dos Azinhais foi interrompida pelo repenicar dos sinos, anunciando o começo de mais uma celebração religiosa. O diálogo ficou para a hora do almoço. E todos partiram, para mais uma missa dominical. E, pela primeira vez, Clarinda e Miguel estiveram juntos naquela casa do Senhor.

Terminada esta acção, os ex-seminaristas, acompanhados das suas namoradas, foram cumprimentar o Padre, que se mostrou grato por tal comportamento. Em género de parodia, pergunta-lhes:

- Não me digam que já vêm para marcar o casamento?

- Ainda não! - disse o Miguel. - Mas, se nada correr em contrário, talvez para o ano, por este tempo...

- Então vou já assentar isso na minha agenda...

Todos se riram e foi Miguel quem concluiu:

- Não se esqueça de marcar também o do David e da Mélia!

- Oh, fez bem lembrar-me... - e logo se despediram.

Para a Ti-Amália e Ana não houve empates depois da missa. Já tudo tinham preparado para o almoço daquele domingo - o último das férias daqueles dois amigos. Para Mário e Elizabete era o penúltimo.

Comendo bem, e bebendo moderadamente, visto nenhum gostar de excessos, davam a conclusão final da palestra, que ficara em meio, quando os sinos os chamaram. Terminada a refeição, e como ainda faltava algum tempo até à hora de partirem, todos saíram até ao santuário, mas logo se dividiram em grupo de dois.

Assim, fizeram ajustes, como iriam ser os seus contactos, quer escritos quer pessoais. E, como tanto Clarinda, como Mélia, não estudavam nesse ano, tenham mais tempo para se dedicarem aos namorados. Porque, quando se namora, o tempo não corre, voa!

E assim chegou a hora da partida.

Desta vez, todos foram até ao adro, para lhes dizerem adeus. Até a Ana e Ti-Amália não falharam. Os dois académicos despediram-se de todos, ficando as namoradas para último. Miguel abraçou e beijou os pequenitos

e, em seguida, trocou os dois beijos com Clarinda. E, pela primeira vez, Mélia e David fizeram o mesmo! No meio das saudades dos que partiam e dos que ficavam, assim deixaram Penedais, para mais um ano de estudo e de trabalho.

Mélia, dias depois, voltou para a Lacivea - uma aldeia goiense que segredava os seus encantos ao Rio Ceira - a sua terra Natal, onde ficaria o resto das férias. Fez o convite a Clarinda para ir consigo por umas semanas, e esta agradeceu, mas não podia aceitar.

Tinha que dar aos filhos toda a prioridade dos seus tempos livres, que, devido ao excesso de horas gastas nos seus estudos, nunca lhes pudera dar. E, mesmo a viver, comer e falar com eles todos os dias, quase não tinha um minuto para eles. Agora, visto não ter a preocupação dos estudos, queria-se dedicar mais, não só eles, mas também à sua mãe, e aos trabalhos da costura.

A sua velha máquina *Singer*, que já havia anos quase não trabalhava, voltava a ouvir-se, juntamente com o tilintar das tesouras. Durante o resto das férias assim foi, mas também muitas vezes, depois disso.

Clarinda tinha que ter algo para se ocupar. O estudar era já parte da sua rotina. Mas, este ano, estaria impedida de o fazer. Por isso, aproveitou para dar folga ao seu cérebro. Gastaria mais tempo com os pequenos, e daria seguimento a certos afazeres de costura, que tinha em vista.

Terminaram as férias e começaram as aulas. Mélia e Clarinda voltavam a conviver a cada fim de semana, na sua casa em Penedais.

Eram duas colegas muito amigas, que se entendiam melhor que algumas irmãs. E, mesmo sendo da mesma idade, e com o mesmo grau de educação, Mélia não só aceitava, como até pedia conselhos à sua amiga.

Reconhecia nela uma maior experiência de vida, e um alcance mais alongado, nas coisas que tinham que ser previstas à distância. Clarinda não era apenas bondosa e inteligente, era alguém a quem a vida ensinara a ser determinada e realista.

Tentava ajudar toda a gente, mesmo os que sabia que a tinham caluniado e que continuavam na pista duma pequena falta, para o voltarem a fazer. Mas nem por isso ela lhes regateava os seus préstimos.

Não existia nos seus olhos o raiar da vingança, nem no coração o ódio e o rancor. Estava sempre disposta a ajudar os que a ofendiam, quando vítimas dos infortúnios.

Quando certas pessoas se lastimavam ao padre das suas fatalidades e imprevistos, procurando uma ajuda do governo, através de um pedido escrito, logo eram enviados para Clarinda, porque sabiam ser ela a única que punha no papel a sensibilidade da compaixão, para enternecer a alma de quem lia.

Clarinda e Miguel combinaram, entre ambos, de se corresponderem uma vez por semana. Ele só ali voltaria no primeiro interregno das aulas, que seria pelo Natal. Mas com fortes dúvidas quanto à ida à sua terra. Era coisa que iria ser vista e analisada mais tarde.

Para Mário e Elizabete, as férias também tiveram o seu termo. Voltaram à capital, para retomarem as suas actividades profissionais. Ela continuava a exercer funções no campo da saúde, e ele como agente da autoridade. Mas já planeavam regressar à aldeia, quando isso fosse oportuno.

Os pais dela residiam agora numa linda aldeia, banhada pelo Alva. Havia já algum tempo que para ali se tinham mudado. Fora lá que um deles nascera, e era por isso que ali desejavam viver. A filha, que era a única da família, gostava de estar mais perto deles, como era óbvio em qualquer bom filho.

Com Clarinda e Miguel, tudo corria conforme o previsto, sem se registarem grandes alterações: ela a dar escola e a fazer algum serviço de costura, e ele a trabalhar e estudar, coisa que já acontecia há vários anos. Este era o fulgor de alguém que nascera pobre, mas que queria vencer na vida.

Na grande velocidade do tempo, aproximou-se mais um Natal. A Universidade, assim como todos os lugares de ensino, encerraram por duas semanas, e, no trabalho, por alguns dias. Tal como nos anos anteriores, os dois amigos desejavam ir passar aqueles dias com as famílias, mas, desta vez, devido à oposição dos pais do Miguel, estavam indecisos.

O tempo era pouco, e o dia de Natal era apenas um, para poderem estar com as namoradas. E, estarem com elas, e não irem aos pais, era pôr mais achas na fogueira, já de si tão ateadas. Por outro lado, ficarem com os pais, e desprezarem as noivas, também não achavam isso muito bem. Estavam ambos um pouco confusos.

Depois de ponderarem as várias alternativas, os dois amigos escreveram às noivas, para as informarem de que iriam a Penedais, mas

apenas por algumas horas, no dia após ao Natal. E este seria passado em Coimbra.

Assim, já ninguém os podia acusar de tendenciosos, em o terem passado com uns, e desprezado os outros. Viriam na camioneta que passava na serra às nove da manhã, para voltarem a apanhá-la às cinco e meia. Ficavam com mais de seis horas, tempo suficiente para almoçarem e dizerem muitas coisas.

Clarinda, na sua carta, dissera a Miguel tal não ser a melhor opção. Mais tarde ou mais cedo, os pais viriam a saber da sua vinda, deixando-os ainda mais furiosos e molestados. E até com alguma razão. Virem ali e não os visitarem, não seria uma boa ideia. Em tais circunstâncias, seria mais aconselhável se não viessem.

“Eu sugeria” – escreveu Clarinda – “fazer o que sempre fizeram: irem directos à Aldeia das Secas, passarem ali o Natal com os familiares, e vinham no dia seguinte, ou no outro, para Penedais. Como só vão trabalhar na segunda-feira, ainda têm tempo de aqui permanecerem dois ou três dias, antes de voltarem à cidade.

Claro que não irão ficar em minha casa, para que as pessoas não falem, mas os arranjos estão feitos, para os dois pernoitarem na casa do meu tio.”

Os amigos viram ser esta a melhor solução, para manter a boa harmonia e a paz entre todos. E aceitaram a ideia.

Tal como Clarinda dissera a Miguel, nada mais lhe podia oferecer, além das suas qualidades e a promessa de lhe ser fiel e de o respeitar. Mas casar com uma mulher, já com filhos, não era um bom investimento para ele. Por isso, compreendia e respeitava as razões da sua mãe. Também não gostaria de ver um filho casado com uma viúva. Clarinda aceitava como justa a opinião da pobre senhora, magoada e triste com o facto.

Sabia que era acoimada de acções que não correspondiam à verdade, mas não fora ela que as inventara. Não iria tomar isso como represália, ou com actos de vingança. Não. Consigo, tal nunca iria acontecer! Sabe Deus o pranto que ia no coração daquela mãe, ao ver o filho a tomar por esposa uma mulher viúva, e receber o nome de padraсто. Clarinda tinha pena deles.

Vem de séculos recuados
A injusta lei do morgadio
Que causou tantos sarilhos
Para os bens não se afastarem
Eram os pais a ditarem
Os casamentos dos filhos.

Tal não se via só nos nobres
Até em famílias pobres
Existia tal predicado
Isto era o puro veredicto
Para o rico ficar mais rico
E o mais baixo depenado!

MARCAÇÃO DO CASAMENTO

Estava quase a escurecer, nesse dia, véspera do Natal, quando Miguel e David apareceram de bicicleta, ao outeiro da Portela. Como traziam no suporte as pequenas malas, as pessoas que se encontravam no adro, a tratar da fogueira, julgaram serem eles ourives ambulantes, a caminho de Febres, Cantanhede, a capital destes negociantes de ouro.

Os dois rapazes foram arrumar as pedaleiras e ver os familiares, para voltarem àquele convívio anual. Era uma tradição já de muitos séculos, com assento nos adros de todas as sedes de freguesia das Beiras.

Em algumas terras, tal como em Penedais, estas eram mantidas acesas até ao Dia de Reis. Todos os anos a rapaziada se juntava, para rolares os cepos dos castanheiros até ao adro. Esta, era a lenha preferida para estes eventos. Por vezes, ali se cozinhavam grandes tibórnias e outras patuscadas, onde todos comiam à luz e ao calor do braseiro.

Também na Aldeia das Secas havia o mesmo uso. A fogueira era mantida por vários dias, depois do Natal, onde não faltava o espírito vivo e alegre da mocidade, sempre hospitaleiro para com todos quantos por ali passavam. Mas o calor amigo da fogueira, era só num raio muito pequeno.

A poucos metros, nos muros do adro e à volta da Igreja, onde as águas escorriam durante o dia, as temperaturas negativas da noite criavam pendurões de gelo, que se confundiam com pequenos castelos de cristais. Isto era a alegria das crianças, na sua maioria descalças, e esfarrapadas, para quem o frio fazia parte do viver.

Esperavam pela chegada do Sol, para partirem à pedrada todos esses fusos congelados, para, no dia seguinte, voltarem a repetir a mesma proeza. Miguel e David conheciam bem estas façanhas, tal como toda a juventude que crescia nas terras altas e frígidas destes lugares beirões.

Eram dias gélidos, mas não tanto quanto os corações da família Mingães. Parecia que nem o espírito do Natal, nem o calor da fogueira do adro, chegava ao lar desta família. A mãe recebeu o filho com alguma frieza e desdém, dando a ideia de não ter sido bem-vindo. Respondiam apenas ao que ele lhes perguntava, sem que fosse estabelecido qualquer diálogo, sobretudo entre mãe e o filho.

Miguel já estava arrependido de ter vindo. E, se não fosse por ter ali o seu colega de sempre, iria ter com Clarinda, a Penedais, ou voltava para Coimbra. Mas, uma vez que David ali estava, tinha que se adaptar àquele ambiente de caturrice. Ter paciência e calma, para evitar confrontos

desagradáveis. Era Natal, dia da família e não os queria magoar mais.

Com o proceder dos pais, Miguel passou mais tempo com a família de David do que com a sua. Estes, aceitaram bem o namoro do filho com Mélia. Claro, porque esta era solteira e livre. Mas também não era caso para os pais dele tomarem tamanha atitude! Não conheciam Clarinda, essa mulher bela e pura, de qualidades excepcionais.

Sem ter havido grandes conversas entre pais e filho, chegou a hora da partida. Miguel não os queria deixar, sem lhes fazer ver que não estava a cometer nenhum crime. Por isso disse-lhes:

- Não era minha intenção vir à terra, mas fi-lo... pensando que a minha presença vos desse alguma alegria e prazer. Mas tal não aconteceu! Será que fiz alguma coisa que ofendesse o nosso bom nome, a minha reputação, a minha personalidade, religião, ou a minha dignidade? Então porquê é que me fazem tudo isto? Simplesmente porque quero tomar por esposa uma mulher digna, bondosa, humana e inteligente, que possui os mais puros ideais, e nobres qualidades? Não procedam assim!

E prosseguiu:

- Se ela também fosse uma doutora e rica, o ter filhos e ser viúva não seriam nenhum entrave para ser bem aceite no seio da nossa família. Ainda que as suas qualidades não fossem as melhores... Mas, como se trata duma regente do à, é, i, o, u, como disse... já é uma indesejada! Talvez um dia ainda possa ser querida... Se cometer um erro... só eu, e apenas eu, pagarei por ele! E, se alguma vez ouvirem que estive aqui perto e não vim à terra, já sabem a razão porque o fiz!

Sem mais palavras, beijou-os, e saiu, para ir ter com o amigo.

Quase em todo o caminho podiam usar a bicicleta, não levando mais que duas horas para chegarem a Penedais. Estavam a entrar no adro, quando o sino deu os primeiros badalares das Trindades.

Apearam-se e rezaram também, junto dos assistentes da fogueira, ainda bem viva. Ali tiveram alguns minutos de conversa, para depois seguirem para casa de Clarinda, onde já eram esperados, desde essa manhã.

Foi para todos uma grande alegria a presença dos dois moços, pois até já pensavam que não viriam naquele dia. Mélia não fora passar o Natal com os pais, para esperar pelo David. Agora, que ele estava ali, sentia-se radiante.

Miguel, mesmo que magoado com o proceder da família, mostrava-se exteriormente alegre e feliz. Escondia o que lhe ia na alma. Não queria que Clarinda soubesse que as diferenças existentes entre ele e os pais, eram

por sua causa.

Queria viver esse convívio jubiloso, para que a luz da felicidade entrasse no seu coração. E esquecer o que se passara na Aldeia das Secas, fazendo com que esses três dias ali vividos fossem cheios de prosperidade.

Tanto David como Miguel iriam marcar a data dos seus casamentos. Mas, como Miguel não iria voltar antes de terminar do curso, resolveu ir com Clarinda falar com o Padre, para acertarem o dia.

Clarinda estava cônica da grande oposição familiar, mesmo sem ele nunca nada lho dizer. Amava Miguel como nunca amara ninguém, mas, em tais condições, preferia mesmo não casar. Não queria ser uma sombra negra entre ele e os seus pais.

Também não queria para os outros o que não desejava para si. Sabia das desavenças existentes por sua causa. E, agora, que Miguel lhe falara em irem ter com o padre, para casarem, voltou à carga:

- Vou repetir, uma vez mais, o que sempre disse sobre a nossa ligação conjugal. A minha situação civil não assenta bem nos moldes dum homem solteiro, e com um curso académico. Nisto, os teus pais têm toda a razão! Na tua companhia... eu nunca serei uma mulher bem olhada... mas sim uma a infusora de um veneno que não existe em mim. Por isso, antes de irmos falar ao padre... pensa bem no passo que vais dar! Amo-te como nunca ameie alguém... mas prefiro não casarmos, do que ser por toda a vida odiada. Talvez até vista como uma meretriz, só porque sou viúva e tenho dois filhos.

Ele ouviu-a com atenção, para logo responder:

- Somos dois adultos, esclarecidos, responsáveis e cultos, com idade madura, para sabermos para onde caminhamos, e o que desejamos. Mesmo que o futuro seja um imprevisto, temos que ser nós a escolher os parceiros das nossas vidas, e não os nossos pais a ditarem os nossos casamentos, de acordo com os seus desejos, conveniências ou vontades. Não te rejeitei por seres viúva e com filhos... mas também não foi por isso que te escolhi! Escolhi-te pela tua beleza e, sobretudo, pelas tuas qualidades pessoais, tão nobres e humanas. Não vamos pensar, nem falar mais no que já está dito. É assunto encerrado!

E prosseguiu:

- O hoje, é o presente... em que temos que planear o futuro do amanhã. Por isso veste o teu casaco... e vamos ter já com ele, antes que saia.

Em mútuo acordo dos três - Padre, Miguel e Clarinda - o evento ficou assente para o primeiro sábado de Setembro.

Quanto a David e Mélia, fá-lo-iam quando ali voltasse nas férias da Páscoa. Altura em que ele iria apresentá-la aos pais. Depois, sim. E como o casamento teria lugar em Lacivea, terra dela, era lá que seriam feitos os preparativos do casamento.

Como ambos tencionavam levar as esposas com eles, e uma vez que o desejo delas era entrarem na faculdade, deixaram-lhes tudo o que era necessário, para prepararem o referido exame de admissão, e eles fariam o resto.

Com todo este envolvimento, num abrir e fechar de olhos chegou o domingo, à tarde, e também a hora das despedidas, para mais uma etapa da vida.

O primeiro convite - deste seu segundo casamento - foi para as suas comadres, com quem sempre mantivera contacto e boas relações, mesmo já não se vendo há quatro anos. Este convite tinha um duplo sentido: convidá-los para o casamento, e pedir-lhes para serem seus padrinhos. Já não era uma coisa impossível, visto os carros poderem agora chegar a Penedais.

O segundo, convite foi para o irmão e cunhada, com a informação de que tanto ela como Mélia iam deixar as escolas, após o casamento. Caso quisessem concorrer, teriam uma oportunidade de o fazerem.

Em Coimbra, os dois amigos sempre tinham vivido juntos, sem nunca terem a mínima diferença entre eles. Como elas também eram amigas, resolveram arranjar uma casa para ambos os casais viverem. Além de ser mais acessível, também era mais conveniente para todos. Tanto nos convívios, como na facilidade de poderem estudar juntas.

Com as semanas vieram os meses, com tudo a correr dentro do previsto e sem se registarem alterações, quer nos planos dos casamentos, quer nas carreiras universitárias. Nem mesmo as relações entre pais e filho se haviam alterado, ou se mostravam promissoras. Ao chegar a Coimbra, após as férias do Natal, Miguel escreveu-lhes, mas não recebera qualquer resposta.

Se lhe tivessem respondido, e de maneira convidativa, era bem capaz de voltar à terra pela Páscoa - como quase sempre fazia - mas, assim, nem pensar.

Chegou o dia e a hora
Do casamento ser marcado
Fez-se assim o convidado
E para ninguém ficar de fora
Escreveu à futura sogra
No mais puro procedimento
Falando-lhe do evento
Mas não teve o seu favor
E como nada vence o amor
Teve que esperar pelo tempo.

A APRESENTAÇÃO DE MÉLIA

As novas férias chegaram e, pela primeira vez, David subiu à serra sem a companhia do seu amigo. Tal como sempre fazia, despachou a bicicleta na camioneta onde viajava, para depois ter o seu próprio transporte. Como sabia que Mélia o esperava em Penedais, desceu na Catraia, a mais perto desta aldeia, e para ali se deslocou.

Como a primeira prioridade era ir apresentar Mélia aos pais, no dia seguinte, depois do almoço, fizeram-se à serra. Mas, para que as línguas do povo não falassem, tanto as dos Penedais, como das Secas, Clarinda cedeu-lhe a Ana para os acompanhar, na ida e na volta.

Estava-se nos finais de Março. A Páscoa, nesse ano, era em Abril, por isso era alta. Quando acontecia em Março, era baixa, e havia até mau agouro, porque se dizia, nas Beiras, que "Páscoa em Março, ou muita fome, ou muito mortacho!"

O dia estava lindo, com o Sol a atingir o seu pino, quando os três caminhantes trepavam o mais alto monte destes lugares.

Sem mostrarem grande pressa, lá foram subindo calmamente, até chegarem às pequenas assentadas no cume da serra, onde os gados pastavam a erva dos verdes lenteiros.

Agora era seguir uns três quilómetros de viso, para começar de novo a descer até chegar à Aldeia das Secas.

Lá no topo da serra, com os horizontes claros, o raiar dum Sol amistoso sobre as imensas manchas de flores campestres fazia saltar o perfume do seu incenso primaveril. Os campos mostravam a sua mais linda veste do ano.

Em todo o alcance visual só se viam serras e cordilheiras e, lá no fundo os riachos, ribeiras e rios, mostrando ainda as fortes correntes das muitas águas que para eles corriam, vinda das nascentes das íngremes encostas.

Não se viam terrenos planos, além dos pequenos planaltos onde se erguiam pequenos lugares e aldeias, no sopé das encostas altaneiras. Estas, eram habitadas pelos rebanhos e pastores, que davam vida e cor àqueles montes alpinos da Beira Baixa e Litoral.

Ali se apresentava, a cada Primavera, a mais fecunda qualidade de vida do reino vegetal, onde se juntavam a cada dia os pastores, com os seus rebanhos, vindos das terras dos diferentes concelhos daquela zona montanhosa.

A verdura dos campos, as melodias dos insectos a cruzarem-se com os

da passarada, o tilintar dos chocalhos e campainhas dos gados, aliados ao eco do berrar caprino, a chamarem as suas crias, faziam um cenário do mais alegre e mais belo que a mãe Natureza podia oferecer.

Mas nem tudo era positivo para aqueles pastores. Os lobos era o que mais temiam, e, ao menor descuido, atacavam os rebanhos, às vezes sem darem por isso. Quase sempre estas feras andavam em alcateias, para se dividirem em pequenos grupos, quando queriam atacar. Uns escondiam-se, para surpreenderem as suas presas; outros, à vista, iam uivar à distância, para enganarem os pastores. Era a lei da selva, na luta pela sobrevivência.

Quando chegaram à terra de David, ainda o Sol raiava nos cabeços mais altos do seu lugar. Aquela hora, a aldeia encontrava-se quase deserta, com o pessoal válido ocupado no amanho dos campos. As sementeiras estavam na sua força, e o dia só terminava ao escurecer. A aldeia das Secas conhecia bem estas regras.

Na casa de David também não se encontrava ninguém. O já quase doutor, foi ao encontro dos pais, levando a namorada e Ana consigo. Foram dar com eles numa horta, onde também andava o seu irmão mais novo, que estava na tropa e ali se encontrava de licença.

Os pais de David, ao contrário dos de Miguel, eram pessoas comunicativas, alegres e liberais, com quem dava gosto conviver. O pai ao ver o filho já próximo de si - com aquelas duas lindas moças - não esperou que ele lhe fizesse a apresentação. No seu estilo humorístico, disse ao filho:

- Que duas lindas raparigas tu trazes contigo! Tenho muito prazer em ter uma por nora, mas... e se fossem as duas? Então é que eu ficava feliz! As raparigas, com um sorriso venturoso, agradeceram o elogio do ancião, que até era sincero.

Depois de David ter apresentado a sua noiva ao pai, era a sua vez de entrar com ele:

- Se também quer aqui a Ana para sua nora, ela é solteira... e que eu saiba... ainda não tem compromisso. Como o meu irmão é solteiro... tudo é possível! E olhe! Moças como ela, não se encontram em qualquer parte...

- Tens razão! Não é em qualquer parte... - e passou a chamar a mulher e o filho mais novo, que andavam noutra horta, a pouca distância.

Quando a mãe e o irmão ali chegaram, David apresentou-lhes a futura mulher, assim como Ana. Os olhos desta cruzaram-se com os do rapaz, e quase produziram faísca. Os olhares dele jamais perderam o alvo, dessa

tão encantadora jovem de dezanove anos, que tinha tanto de bonita, como de simples, meiga e esperta.

O Ti-Ferreiro, pai de David - assim era conhecido na Aldeia - tal como a família, deixaram as hortas mais cedo, nesse dia. Pai e filho seguiram à frente, conversando, deixando para trás as três mulheres e o filho mais novo. Esse grupo de quatro, depressa ficou dividido em dois, com a futura sogra e nora, e Ana e o irmão, que pareciam querer fazer germinar mais um namorisco, com toda a bênção dos pais.

Nesse percurso a casa, David perguntou ao pai se sabia algo do comportamento dos Mingães, em relação ao filho.

- Olha meu filho! Como sabes... as nossas relações, desde que vós deixastes o Seminário, nunca mais foram saudáveis. Eles ficaram sempre com a impressão de seres tu o causador de ele não querer seguir. Um dia, soube de algo que a mãe dele dissera... de que não gostei... e, a parti daí... é só bom dia... boa tarde... e pouco mais! Mas não vejo razões nem motivo para procederem daquela maneira.

- Pai! Ela não é uma velha viúva, nem uma regente do "à, é, i, o, u", como lhe pretendem chamar. E também não é nenhuma "curta"! Ela é alguém a quem se pode chamar de senhora, honesta e digna, duma beleza encantadora. É simples, mas nobre e humana. Tem dois filhos, isso tem! Mas tem feito de mãe e de pai na sua criação... E tudo o que já conseguiu, foi feito por ela só, sem que ninguém, com verdade, lhe possa apontar o mais pequeno defeito em desabono! Não foram as artes mágicas que encantaram o Miguel, mas sim a sua beleza e qualidades pessoais e humanas, sempre usadas em favor do seu semelhante. Qualquer homem... por mais ilustre que seja, jamais se sentirá inferiorizado a seu lado.

A casa dos Ferreiros era um céu aberto. As três mulheres, todas elas, colaboravam nos preparos da ceia, como se se tratasse de velhas amigas. Estes conhecimentos de pouco mais duma hora, faziam um ambiente duma só família. Até mesmo a jovem Ana estava a cair na simpatia daquela boa gente. Estava previsto voltarem no dia seguinte pela manhã, mas, devido à boa harmonia ali existente, em vez de um, ficaram dois dias. E não ficaram mais porque as férias de David eram curtas, e ainda tinha que ia à terra de Mélia, conhecer os seus pais.

Com a saudade de uns e outros, e uma amizade total, David e as duas mulheres tiveram que deixar a Aldeia das Secas, trocando beijos e abraços, com a esperança de se voltarem a encontrar, o mais tardar em Setembro,

na altura do casamento.

Já de volta em Penedais, viviam a felicidade daquela boa gente, compartilhada com Clarinda. Tal como ela usava dizer, “a felicidade dos outros... é a nossa felicidade também!” Para Mélia, faltava-lhe agora ir à sua terra, uma hora de tempo mais do que para a Aldeia das Secas.

No dia seguinte, de manhã, lá partiram de novo, a caminho de Lacivea e Ana voltou a ser a dama de companhia do futuro casal. Até gostava de ir conhecer outros lugares, mas se lhe dessem à escolha, seria a Aldeia das Secas, onde parecia estar germinado o seu primeiro namorico.

Cinco horas depois de terem deixado Penedais, chegavam finalmente à terra de Mélia. Ficava a pouca distância de Góis, sua sede concelhia. Como eram horas de almoço, todo o agregado familiar se encontrava em casa, tanto os pais, como as duas irmãs ainda solteiras.

O senhor Laranjeiras, pai de Mélia, fora em tempos idos emigrante na América. Quando um dia a filha lhe falou do senhor Azinhais, pai de Clarinda, depois de pensar por instantes, logo dissera: “Conheci-o muito bem...até fomos colegas e amigos. Era um excelente senhor, com perfil de dignidade.”

Este senhor era homem de poucas falas, mas dum carácter digno e de bom trato, por todos muito respeitado. Escutava mais do que falava e, sempre que abria a boca, fazia sentido o que dizia. Ao contrário da esposa, que era na realidade excelente, mas gostava mais de palrar do que de escutar.

Também aqui, os familiares de Mélia ficaram com boa impressão de David, e este dos futuros sogros e cunhadas. Os beirões, regra geral, são amistosos, dotados de grandes virtudes, tais como o ser sincero, humilde e hospitaleiro. Contudo, no seu estilo rústico, quando na defesa da razão e da verdade, antes preferem quebrar que torcer. David, como beirão, conhecia bem estes predicados.

Como tinha que ir embora domingo à tarde, apenas ali estiveram dois meios dias, voltando a Penedais depois do almoço do dia seguinte - sábado. Todos os arranjos foram feitos com o padre, ficando a data marcada para a terceira semana de Setembro. No fim das despedidas, os três viajantes deixaram Lacivea, mas, desta vez, tomaram o atalho que seguia à beira do rio. A fim de encurtarem o caminho e o tempo, sem a necessidade de subirem e descenderem tanto como tinham feito na vinda. O velho Laranjeiras ensinou-lhes estes carreiros, que ele bem conhecia.

Os frondosos salgueiros e vimeiros, nas margens do Ceira, não

despegavam, nem o constante chilrear da passarada, alguns já saídos do ninho, com os pais a ensinar-lhes as leis da Natureza e a prepará-los para a sua auto-determinação.

Estes carreiros seguiam as levadas que traziam as águas dos açudes para os regadios das agriculturas nas margens do rio, onde não faltavam campos viçosos nas encostas ribeirinhas.

Eram sete da noite quando entraram na terra desejada, fazendo o percurso em menos de uma hora. Tanto David como Mélia sentiam-se aliviados por terem a missão cumprida.

Durante e depois da ceia, quase só se falou destas viagens, à Aldeia das Secas e a Lacivea. Mas não tardou que os três viajantes, estafados, se ficassem a dormir, para logo tomarem o caminho da cama, mais cedo que o previsto. Só Clarinda e a mãe ficaram despertas por mais algum tempo.

Era Domingo de Páscoa. Logo pela manhã, os sinos do campanário retomaram o seu fadário dos anos anteriores. Só paravam uma hora antes da missa, e até esta terminar. Depois, começavam de novo, durante todo o dia, com os rapazes mais jovens a pagarem com amêndoas aos mais velhos, para estes os deixarem tocar.

Terminado o almoço, começava o beijar do Jesus Menino, de casa em casa. Os fiéis seguiam em procissão junto das crianças, que tocavam as suas campainhas, atrás do Padre, do homem da caldeirinha com a água benta e do sacristão, com a imagem do Menino salvador.

Em cada casa que entravam, estava uma mesa exposta com coisas diversas para o Padre. O chamado folar! Este, nem sempre era levantado, além dumas amêndoas, para espalhar cá fora no chão, para a miudagem apanhar.

Quando tudo estava no melhor da festa, David teve que os deixar. Mélia, Clarinda e Ana foram-no acompanhar, até ao campo da bola, e ali fizeram as despedidas, por mais quatro meses, e a cinco do casamento.

Nessas férias de Páscoa
David veio a Penedais
Apresentar a noiva aos pais
Na sua Aldeia das Secas
Como não havia bicicletas
Calcorream ladeiras
Com as lindas companheiras
Pelo cume dessas colinas
Lá no fundo das ravinas
Viu a sua terra amada
Desceu pela velha estrada
Que dava à povoação
Na terra estava um irmão
Que agora era militar
O pai, ao vê-los chegar
Parou logo a actividade
Na mais pura felicidade
Chama o rapaz e a mãe
E todo o agregado vem
Para viverem em amizade.

A FORMAÇÃO DE MIGUEL E DAVID

A empresa para a qual trabalhavam Miguel e David era de grande dimensão e prestígio, com algumas filiais no continente português e também nas colónias ultramarinas.

Dado o empenho zeloso e dedicado com que estes dois trabalhadores estudantes sempre se dedicaram à Companhia, no cumprimento dos seus deveres, os directores tinham por eles um certo respeito e estima.

Quando entraram para o último ano académico, foram chamados à directoria, a fim de lhes fazerem uma oferta de trabalho, de acordo com as suas carreiras, após concluírem as formaturas. Não teriam assim necessidade de procurar emprego noutros lugares.

Os exames chegaram ao fim e, desta maneira, não tinham que se preocupar em arranjar novos patrões, uma vez que ali tinham colocação garantida. Isto não era apenas bom para os novos licenciados, mas também para a companhia empregadora, por já saberem quem eles eram.

Coimbra voltou a ficar engalanada para mais uma queima-das-fitas, para festejarem os novos doutores. David e Miguel concluíam as suas formaturas: um em Economia; o outro em Direito.

No salão de reuniões da companhia, colegas e directores fizeram uma festa aos novos licenciados. Foi também nesse convívio que receberam a nomeação dos novos cargos que iriam exercer na empresa.

Tinham sido anos de sacrifício e de luta para conseguirem vencer, mas viram os seus esforços coroados de êxito. Agora, eram os senhores doutores!

Como já tinham casa e trabalho, só lhes faltava casarem, o que iriam fazer poucos meses à frente. E, para que não tivessem problemas de tempo a fim de prepararem as coisas, a directoria, além do mês de férias a que tinham direito, concedeu-lhes mais um, como prémio das suas vitórias.

Os dois amigos resolveram tirar o mês extra que lhes fora oferecido, em Setembro. Altura em que iriam dar o enlace matrimonial. Agora, já sem a responsabilidade universitária, tinham tempo suficiente para tratarem dos seus assuntos, e de mobiliarem a casa, pronta para nela viverem. Quando chegou o mês das férias, já tudo estava arranjado.

Coimbra flor do Mondego
Pelos estudantes amada
Ao acordar de manhã cedo
Estava linda, engalanada.

Esta a festa principal
E o fim de toda a folia
Dizer Adeus ao Choupal
E à velha academia.

Dizer Adeus às namoradas
O fim das promessas banais
Tantas que foram enganadas
Por neles confiarem demais.

Mas, para David e Miguel
Que tinham diferente pensar
A sinceridade era fiel
Pois em breve iam casar.

O SEGUNDO CASAMENTO DE CLARINDA

Já com tudo em ordem, mesmo os convites enviados aos convidados, chegou a data das férias. David e Miguel só iriam começar no seu novo cargo no primeiro dia de Outubro. Clarinda e Mélia também já tinham ido fazer os exames à Faculdade, para nela darem entrada, ainda naquele ano.

O novo advogado, que desde o Natal não mais vira os pais, ou recebera alguma letra deles, escreveu-lhes, para lhes dar a notícia da sua licenciatura, e também a do seu casamento. E pedia-lhes mais uma vez para não o desprezarem. Mas voltara a não ter resposta.

Quando entrou de férias, foi direito à Aldeia das Secas, para falar com eles, e tentar saber qual a sua intenção, quanto a irem ou não irem ao casamento. Mas a resposta foi a que já esperava: negativa!

- Nós não iremos... como tão pouco a receberemos em nossa casa, se aqui a trouxeres algum dia! Ficámos ainda mais tristes e humilhados quando o teu amigo, o filho do Ferreiro, aqui veio apresentar a dele, aos pais. Aquela sim! Além de ser livre, é bonita e bem formada, que ele não deve ter vergonha em a apresentar seja aonde for. O meu filho sempre fez o que não devia! Chegou a doutor, mas não passa dum asno! Só se encontra bem no meio dos ascóforos abomináveis, com os olhos inclinados à remela...

Miguel não foi capaz de sustentar as lágrimas, não de ira e asco, mas por ver tanta ignorância e atraso no coração daquela mãe. Não sabia o que dizia! Num acto da mais sincera humildade, agradeceu-lhes tudo quanto tinham feito por ele, e também lhes pediu perdão, por mais aquele desgosto que lhes dava. Tirou da carteira um cartão e nele rascunhou algo, para deixar sobre a mesa. E, sem mais dizer, saiu.

Miguel A. Mingães
(Advogado)
Rua ...? N.º .. ?) Coimbra

- Esta é a minha nova morada, para tudo o que for necessário!

Sem outras palavras, montou na bicicleta e foi a casa do Ti-Ferreiro, para se despedir do amigo, e informá-lo da sua ida para Penedais. O ambiente em casa era tenso, por parte da mãe e não se sentia bem debaixo do mesmo tecto. Por isso ia embora.

Tanto o Ti-Ferreiro como o filho ainda tentaram convencê-lo a ficar com eles. O jovem Advogado agradeceu, mas disse não poder aceitar. Isso apenas iria incendiar mais a fogueira, e dar origem a falatórios, coisa que tanto detestava.

Assim, tomou o caminho da serra, que já bem conhecia, que o levaria à terra amada. Essa, que já tanto lhe dizia. Como viajava de bicicleta, pouco tempo depois estava em Penedais.

Clarinda não fazia conta com ele tão cedo, sendo uma surpresa quando bateram à porta e deu de caras com ele. Leu na sua expressão não estar bem. Não dava para esconder a sua dor. E, pela primeira vez, ele desabafou um pouco sobre o procedimento da mãe. Não porque fosse má, mas por ignorância e teimosia, não acreditando nas palavras do filho, magoando as pessoas com as suas teimosias.

Clarinda, no seu dom de altruísmo e de apaziguadora, fez com que Miguel limpasse aquele ressentimento que lhe ia na alma. Pediu-lhe para não levar a mal por a sua mãe actuar assim. No fim, era ela, de todos, aquela que mais sofria.

Como sempre acontecia, o seu dormitório era em casa do tio Robalo. Como ia precisar de mais quartos para acomodar as visitas que esperava, o bom do Barbeiro cedeu-lhe os que tinha disponíveis.

Finalmente, entrava-se na semana do casamento. Mário e o seu agregado foram os primeiros a chegar. Seguiu-se a família do David, pais e irmão – este, que acabava de deixar a tropa e agora andava a namorar a Ana. E também um tio de Miguel. O pai e a mãe, como era de esperar, não apareceram. Mélia também já ali se encontrava.

Sexta-feira à tarde chegavam os compadres de Clarinda, um grupo composto pelo condutor, o senhor Amândio e esposa, Madalena, e Nelinha, a filha de Madalena. Paco, marido desta, não os pôde acompanhar, por andar em viagem de serviço.

E, finalmente, sábado de manhã, chegaram de carro os padrinhos de Miguel, um dos directores da empresa onde trabalhava, mais a esposa e a filha. Em outros dois carros, vieram alguns companheiros de trabalho e colegas de curso.

Também alguns ex-alunos e alunas de Clarinda fizeram questão de assistir a este acto. Para desejarem as melhores felicidades àquela sua amiga, que tanto admiravam, quer pelos seus actos nobres, quer pelas suas qualidades profissionais.

O Padre, ao ter conhecimento de tanta gente, falou com Clarinda, para

que a cerimónia tivesse lugar na Igreja, em vez de na Ermida dos Penedos. Mas ela rejeitou prontamente tal ideia. Não queria recordar, naquele altar, o outro casamento, que não lhe dera felicidade.

É certo que a Capelinha era pequena para receber tanta gente, mas, tal como dissera ao sacerdote, há um largo em redor e, se se abrirem as janelinhas, tudo se ouvirá, cá fora. E, como existe, junto à entrada, uma pedra tipo altar, até aí podia ser celebrada a cerimónia.

De acordo com os regulamentos da Santa Madre Igreja, desse tempo, quem pretendesse receber a hóstia com o Senhor, não podia comer nem beber, absolutamente nada, desde a meia noite, até receber esse Sacramento da Eucaristia. Razão porque, às vezes, crianças, e até adultos, desmaiavam por debilidade, a caminho da Igreja. Algumas vezes, as cerimónias iam até às três da tarde, depois de fazerem uma caminhada de duas e mais horas.

O casamento estava marcado para o meio dia, mas, com todas as exéquias religiosas, não viria a acabar antes da uma. Tarde demais para se estar em jejum até essa hora. Assim, à excepção dos noivos e pouco mais, quase todos comeram uma boa desjejua, antes de irem para a cerimónia.

Chegou finalmente a hora dos sinos anunciarem o casamento, e dos noivos se encaminharem para a Capelinha. Ao contrário das cidades, nas aldeias, e em especial quando um deles era de fora, ambos saíam do mesmo local, dando o braço e juntos entravam na Igreja, a caminho do altar.

Foi assim também com Clarinda e Miguel. Saíram de casa, na companhia dos padrinhos e familiares. Cá fora, eram esperados por uma boa assistência - mulheres, na sua maioria - trazendo consigo flores, para depois do casamento brindarem os nubentes.

Com os noivos à frente, seguidos pelos padrinhos de ambas as partes, familiares, e os assistentes, o cortejo tomou o caminho da Ermida - onde tudo estava preparado - com o Padre e o Sacristão já à espera.

Clarinda mostrara sempre o desejo de simplificar o mais possível esta formalidade, devido ao seu estado civil. Vestia saia e casaco, de um cinzento claro, que ela própria fizera. A sua cabeça era coberta por um véu branco, deixando aparecer o seu lindo cabelo, caído até ao meio das costas.

Os seus filhos, Anabela e Amândio, eram os portadores das alianças, e Leninha - a meia irmã, no segredo dos Deuses e no coração de Madalena - levava os dois raminhos de flores.

Anabela e Leninha eram tão iguais, que se não fosse pelos dois anos de diferença nas idades, a fazerem-se notar no tamanho, todos diriam serem gémeas. O cabelo, as feições da cara, os olhos azuis, o formato do corpo, as atitudes... e até um sinal no braço, ambas o tinham. Todos faziam alusões a estas vivas semelhanças.

Madalena ocultava esta analogia. Por um lado sentia-se feliz, ao ver a sua filha brincar com os irmãos, que todos desconheciam. Por outro, sentia de certo modo um peso na sua consciência, por aquela filha ter sido o fruto, não sabendo bem se de um desejo de ser mãe, se de uma traição conjugal. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se aliviada, pois se não tivesse seguido esta norma, a sua árvore genética tinha chegado ao fim. E não teria tido a oportunidade de ter ajudado esta jovem mãe, no êxito do seu intelecto e felicidade.

Com isso no pensamento, Madalena quase que não deu pelo culto nupcial, nem mesmo de a sua filha ter entregado o ramo de flores aos recém-casados, após a entrega das alianças.

Cá fora, eram esperados por Elizabete, Ana e o namorado, com as cestas das filhós e os garrafões de vinho, para darem início à distribuição da pinga e guloseimas.

Esta dádiva era para toda a gente, quer aos ali presentes, quer às pessoas que encontrassem pelo caminho. Também o Mário dava a "fatia" em dinheiro às crianças que ali se encontravam, e às que vinham ao seu encontro.

Nem todas as terras destas aldeias usavam dar a "fatia". Mas, em Penedais, esta era uma tradição secular. Tal só era dada às crianças com menos de sete anos, quando à saída da Igreja.

Geralmente era um tostão, às vezes dois, consoante as possibilidades de cada um. Mas, desta vez, e nunca antes acontecido na história deste lugar, para a alegria da miudagem, foi dada por "fatia" uma moeda branca, de cinquenta centavos.

Finalmente, faltavam cinco para a uma, o Padre Coimas deu o casamento por concluído. À saída, o entusiasmo foi grande, com os noivos a serem cobertos de flores, beijos e abraços, e o desejo das melhores venturas. E, como o apetite para o almoço já era grande, deixaram a Ermida dos Penedos e seguiram para salão da Junta de Freguesia, onde o repasto já os esperava.

Mas, como ali não podiam acomodar toda a gente, foi improvisado

outro lugar, na escola, onde se aglomeraram cerca de cem pessoas. Aos que, por razões várias, não puderam ir, foi-lhes entregue comida, de acordo com as pessoas existentes em cada casa. Clarinda não queria que no dia do seu casamento houvesse fome na aldeia.

Era um banquete simples sem, sem vaidades ou exageros, mas cheio de variedades, em que nada lhes faltava, quer na qualidade, quer na abundância e sabor. Fora pensado e supervisionado pela Ti-Amália, a quem não faltavam a arte e o gosto culinário.

Chegou o dia do casamento
De Miguel e Clarinda Azinhais
Os sinos anunciaram o evento
Nunca antes noutro tempo
Envolveu todos, em Penedais

Quis este acto celebrar
Naquela velhinha Ermida
Rejeitou na Igreja casar
Pois não queria recordar
O passado da sua vida.

OS JUNQUEIROS EM NOITE DE FARRA

O velho industrial, depois do seu casamento com a Dra. Dionilde, despira toda a sua sovinice de mau patrão, tornando-se um homem liberal, comunicativo, simples e humano. Passou a interessar-se em ouvir as pessoas que antes desprezava. Esta a razão porque começou a conviver com os mais humildes, arranjando sempre um companheiro com quem falar.

Poucos minutos depois de estarem sentados, o Nobre e o Ti-Ferreiro entraram em conversa, e não tardou que se comesçassem a ouvir as gargalhadas na sala. É que o pai de David era como o tio do Justino. Cómico natural, tudo o que dizia tinha graça. Alguém a quem também não faltavam anedotas, nem jeito para as contar. E o senhor Amândio, sempre bem-disposto para estas paródias, voltou a ter um companheiro à altura do seu desejo.

O ex-odiado por aqueles que o serviam - que a esposa transformara em homem generoso, humano e simples - em breve conquistou a simpatia de toda a gente da aldeia. Rápido se aperceberam tratar-se de gente muito rica, mas que se sentiam confortáveis no seio da gente humildade e pobre

Agora, que o Ti-Ferreiro viu estar com a sua gente, começou a fabricar histórias e anedotas, dando alegria a este convívio festivo. Todos gostavam de o ouvir!

O dia passou a correr e a noite chegou sem quase darem por isso. Mas, como no outro dia era Domingo, e a missa seria tarde, a festa não estava para acabar! Uns iam e já não voltavam, outros vinham para ficar. E, quando todos julgavam já estar no fim, começou uma serenata, na aldeia.

As serenatas - ou rondas - eram sempre feitas aos sábados e geralmente quando as pessoas já estavam na cama. Muitos se levantavam, para nelas tomarem parte. Estas eram menos longas quando o Padre estava na terra e tinha que se levantar cedo. O que não era o caso, naquela noite.

Assim, com quatro guitarras, uma viola, uma harmónica e os ferrinhos, começou uma serenata histórica. Não faltaram também os bons cantadores, de quem se podiam ouvir as vozes mais castiças do fado. No silêncio nocturno, o eco desses cantares até parecia entrar nos corações de quem ouvia.

Este grupo de cantadores e tocadores foram começar a serenata junto da Ermida - onde Clarinda e Miguel se tinham unido naquela tarde - mesmo em frente da povoação. Ali tocaram por alguns minutos, para depois começarem a cantar assim:

Oh, Senhora do livramento
Dá a todos a felicidade
Abençoa o casamento
Que se celebrou esta tarde.

Sem pararem de tocar, subiram a pequena quelha que os levaria ao Santuário, e ali cantaram de novo, como em sinal de aviso:

A minha terra é Penedais
Aqui levei tanto açoite
E se vós não vos levantaiis
Ninguém dorme nesta noite!

Nesse ritual, sem deixarem de trinar as guitarras, tomaram o caminho do povo, em direcção ao adro. E, ao chegar à Timoa, há um que canta e faz um convite:

Venha o recém-casado...
E os que estão p'ra casar
Venham e esperem no Adro
Que ali nos vamos juntar.

Já em poucas casas se viam luzes, mas a sua chama voltava de novo à vida, sinal que a mensagem fora ouvida, com a noite a perder o seu silêncio. Em frente à casa dos Azinhais, onde se encontravam os ilustres convidados de Clarinda, bom do Ti-Ferreiro cantou assim:

Nós somos um povo ordeiro
Acompanhe-nos quem quiser
Venha o ilustre Junqueiro
E a sua família, se puder!

O Ferreiro mais novo, que também tinha voz de fadista e assento na poesia, cantou assim:

Sou apenas um forasteiro
Que até devia estar calado.
Mas apelo ao povo inteiro
Para nos juntamos no adro.

Aqui ficaram por alguns minutos, sem pararem de tocar, entoando certas quadras rotineiras já conhecidas do povo. Em determinada altura, o chefe deu ordem para voltarem à aldeia. Ao chegarem ao adro, ficaram como que estupefactos, ao verem tanta gente ali à espera, sem faltar o milionário e a família, juntamente com os nubentes, bem assim como a Elizabete, a Mélia, David e quase toda a gente da terra, incluindo o próprio Regedor.

Mário, o chefe da farra, subiu sobre o pequeno muro do adro, e ali, à luz das estrelas, com um céu limpo e claro, pediu a atenção dos muitos presentes, e disse:

“Caros conterrâneos, presentes e amigos!

O que eu vou dizer a todos vós, à luz das estrelas, era para o ter feito no salão da Junta, na ocasião do almoço. Mas não o fiz, porque, naquela sala, apenas se encontrava uma parte do nosso povo, dividido em duas salas - por não haver lugar para se acomodarem numa só. E eu queria que todos, ou o maior número possível, ouvissem o que tenho para vos dizer. Aqui sois mais do que os que estiveram nas duas salas juntos e isto me alegra.

Estou muito feliz e quero compartilhar convosco essa felicidade, que não teria o mesmo vulto, se a mesma não existisse em todos vós. Com o reconhecimento e apreço a quem nos tem dado essa felicidade. E sois vós, os pais de filhos escolares, quem mais tem usufruído desse carinho.

A nossa terra está mais válida, desde que alguém a ela se ligou, por laços humanos, e hoje também por laços de amizade. Estou-me a referir aos nossos ilustres visitantes - a família Junqueiro - que nos deram o grande prazer em os termos junto de nós. Mas quem é esta nobre família?

Pela sorte, ou mera força do destino, a nossa terra foi premiada com a excelência do humanismo, desta digna família.

Que bom é haver quem tenha, mas com o dom de saber distribuir parte do que têm, por aqueles que necessitam. Este é o primeiro sentido do amor.

A nossa Caixa Escolar por muitos anos que deixou de conhecer o valor do dinheiro. Nem mesmo para comprar um caderno, ou um simples aparo, às crianças mais carenciadas da freguesia. A minha irmã conhece bem esta verdade!

Em certa ocasião, numa carta que Clarinda escreveu aos seus compadres, falou-lhes desta pobreza, mas nada lhes pediu, como tão pouco foi preciso! Semanas depois, recebia deles uma dádiva bastante significativa. E, a partir daí, não mais deixaram de contribuir, o que tanto tem beneficiado as crianças pobres da nossa freguesia. Ouve-se tantas vezes perguntar, “Mas quem será essa bondosa família, que provavelmente nem nos conhece?”

Sim, não nos conheciam! É a isto que se deve chamar de amor ao próximo!

Esta generosidade para muita gente era um mistério, por vezes com pensamentos errados. Assim, não será mais apenas uma afirmação, mas uma certeza, de quem dá aos pobres empresta a Deus. Os membros dessa generosa família, tão amiga das nossas crianças, chamam-se Amândio e Dionilde Junqueiro, juntamente com sua filha Madalena, respectivamente compadre e comadres de Clarinda.

E, como nada lhes podemos dar, porque, felizmente, de nada precisam, oferecemo-lhes assim o que temos de mais valioso, que é a nossa sincera gratidão, juntamente com a mais pura amizade. Para eles, eu peço uma grande salva de palmas, junto com os votos das maiores felicidades.”

Clarinda e o marido foram os primeiros que os foram abraçar, seguidos do seu irmão, Elizabete, e depois, um a um, todo o povo ali presente lhes foi agradecer. O senhor Junqueiro e família estavam deveras emocionados com aquela gente humilde, mas nobre de sentimentos.

Mário voltou ao seu lugar e conclui:

Uma terra sem valores, é como um deserto sem água. E a nossa acaba de adquirir, além do já apresentado, o meu cunhado, Dr. Miguel e o Dr. David, que também aqui ficará ligado por laços de amizade e muitos outros.

A Dra. Dionilde Junqueiro chegou-se junto de Mário, e disse querer também dizer duas palavras:

- Em nome de toda a minha família, quero a agradecer o vosso

estímulo, e dizer-vos que todos nós temos algo que podemos dar. E nem sempre as dádivas mais volumosas são as mais valiosas. Depende daquilo que cada um tem para poder oferecer. O estímulo é, de todas, a maior! Para nós, essa vossa dádiva de tanto afecto e carinho, em que sois tão ricos... é de longe mais importante que esse pouco que vós de nós recebestes. A prova está nos aplausos que acabamos de receber. Nós é que estamos gratos a todos vós.

A assistência fechou com nova e forte ovação.

E Mário concluiu:

- A serenata vai continuar, por cerca de mais uma hora, com a permissão do Regedor, correndo as ruas da aldeia. Quem nos quiser acompanhar, dar-nos-á muito prazer! Os que se quiserem ir deitar... são livres de o fazerem.

Mas, nem um só foi para a cama, enquanto não terminou a farra.

A família Junqueiro preparou as coisas para partirem logo após a missa, mas todo o agregado se opôs a isso. Se não queriam, ou não podiam estar por mais tempo, era justo e aceitável, mas saírem dali sem almoço, isso é que nunca!

A missa começou à hora costumeira de quando era tarde. O Padre Coimas, na altura da homilia, voltou a subir ao púlpito, como sempre fazia, em anúncios especiais. Depois de saudar os fiéis, disse:

- O povo de Penedais deve-se sentir ditoso, por ter tido no seu convívio, tão distinta família, como a do senhor Junqueiro.

Pedem-me os pais das crianças para, em seu nome, lhes agradecer o quanto os seus filhos têm beneficiado com a sua generosidade. Para vós, vai um bem-hajam! E que Deus os recompense com muitas graças... junto ao desejo duma óptima viagem.

Agora chamava a atenção dos pais, com alunos nas três escolas da freguesia, que as mesmas iriam abrir na primeira segunda-feira de Outubro. Mas já não iam ter como professoras Clarinda nem Mélia. Em toda a Igreja ouviu-se um sólido Ah!

- Mas não fiquem tristes... porque os seus lugares serão preenchidos por outros bons professores, Mário e Elizabete Azinhais, respectivamente marido e esposa. Esta, como até agora exerceu o cargo de enfermeira, vai ser muito útil para a gente da nossa terra. Aos dois desejamos os melhores êxitos e os parabéns, com destaque ao Mário, por nos ter deixado como pastor, e hoje o termos de volta como professor. Isto mais uma vez nos

prova que, quando existe o ser... e o querer.. tudo na vida pode ser possível.

Houve ainda outros anúncios, mas já de importância menor. Depois voltou ao altar, para concluir a cerimónia religiosa.

Pouco passava das duas quando os Junqueiros se dirigiram ao adro, para partirem. Mas ficaram atónitos, ao verem tanta gente à espera, para deles se despedirem.

Emocionados, mais uma vez, com tal recepção, a esposa, Dra. Dionilde, disse àquela multidão:

- Todos vós ficais ligados às nossas almas e Penedais aos nossos corações. Prometemos estar convosco nas horas boas e más. Nós vamos voltar!

Com os lenços abanar, e o carro a deslizar na poeira da estrada, desapareceram para lá do outeiro da Portela, onde ainda se viram duas mãos, a acenar, num último adeus àquele povo.

Todos iam radiantes pela maneira como tinham sido recebidos e tratados por esta gente beirã, pobres e carenciados em valores materiais, mas tão alegres e ricos em valores humanos e morais. Não esquecendo quem lhes faz bem, como tão pouco os que os desprezam e abandonam.

Os Junqueiros nunca antes tinham vindo às Beiras, por isso desconheciam por completo estas serranias, com as suas pequenas aldeias, como altares alcandorados nas encostas. Agora, diziam a cada instante ter sido esta a viagem mais bela, de todas as feitas em Portugal.

Duas semanas mais tarde, foi o casamento de David e Mélia, em Lacivea, sua terra natal. Tal como Clarinda, também ela ali era muito adorada e querida, o que motivou a ter um casamento muito assistido. Vieram também vários colegas de David, quer da universidade, quer do trabalho. Clarinda e Miguel foram os padrinhos dela. Só não estiveram os Junqueiros - que também foram convidados - por ainda ali não irem os carros.

Nunca antes, alguma vez
Os Junqueiros ali passaram
Mas por certo que gostaram
O gesto que o povo lhe fez
Até o fado português
Para eles fora cantado
E pelas guitarras tocado
Com um silêncio atento

No Céu estrelado, ao relento
Saudaram aquele agregado.

Clarinda, mulher amada...
Tinha nobreza sedutora
Nessa missão de professora
Que em Penedais ensinara
Para outra gente passara
O cargo que bem ocupou
Ali aprendeu e ensinou
Por força do querer vencer
Razão que não iria esquecer
Da terra que a germinou.

AS DUAS AMIGAS NA CIDADE

Alguns dias depois do casamento, seguiram para Coimbra, onde já se encontrava o casal Mingães, deixando os miúdos em Penedais, ao cuidado dos tios e da avó. Foi assim que planearam ser nos primeiros tempos. Até porque Clarinda gostava que os filhos ali tirassem a instrução primária, e só os trazer para a cidade quando entrassem no liceu.

Os dois casais foram viver juntos, e juntas as esposas deram também entrada na Universidade, seguindo a mesma carreira de David: "Ciências Económicas e Financeiras". Isto as favorecia, visto terem um explicador em casa.

Com as coisas a correr bem na cidade do Mondego, Clarinda e Miguel, agora também já com carro, passaram a ir a cada duas semanas à aldeia, para verem os filhos e a família. E verificar como tudo por ali corria.

Mário fora ocupar o lugar de Mélia na Aldeia dos Moinhos. Ia e vinha todos os dias de bicicleta – trajecto \que fazia em oito minutos. Enquanto Elizabete tomou o lugar de Clarinda, que seguiu à risca todos os métodos deixados por ela. Assim, e por estima, deram-lhe o "epíteto" de "Betaclara".

Três anos estavam decorridos, e Clarinda e Mélia com três degraus subidos na Academia, em busca do canudo desejado. As duas colegas amigas eram as melhores alunas da turma, quer no comportamento, quer em matéria de estudos.

Estavam a dois anos do final do curso e, como tinham três meses de paragem, resolveram ir arranjar um trabalho, mesmo contra a vontade dos maridos. Eles tinham já uma posição social estável, bem remunerados, sem a necessidade de elas se sacrificarem.

Mas, segundo diziam e com uma certa razão, um Universitário deveria arranjar um trabalho numa boa firma, enquanto estudantes, para depois treparem nesse caminho que já conheciam. Uma vez assim, eles deixaram-nas decidir.

Numa certa manhã, depois de tomarem o pequeno almoço, meteram-se no carro e foram à procura dum trabalho.

Preencheram alguns formulários de admissão, mas logo eram rejeitadas, devido aos seus altos estudos. Estava-se ainda no tempo em que muitos funcionários públicos não tinham a quarta classe. E até muitos chefes de secção, que tinham isso, ou pouco mais.

Voltaram no dia seguinte, mas com uma tática diferente: não

mencionavam os estudos que tinham. Entre outros lugares que procuraram, um foi no Hospital. E, tal como noutros lugares, ficaram de lhes dar uma resposta pelo correio.

Iam passadas três semanas, quando ambas receberam uma carta desse lugar, para ali se apresentarem, a fim dum possível trabalho. As cartas vinham de secções diferentes.

Na data exposta, as duas amigas ali se apresentaram, cada qual na divisão referida. Mélia, nos registos e Clarinda na administração. Qualquer uma delas preencheu os requisitos, e, poucos dias depois, começaram a trabalhar.

Como aplicadas que eram e cumpridoras dos seus deveres, e com uma qualificação muito acima do exigido, não tardou que comesçassem a ser notadas nos seus respectivos lugares.

Quando surgiam erros, ou falhas humanas, mesmo não sendo seus, não desistiam sem que tudo ficasse clarificado. Sem o uso da exaltação, coisa que as tornava mais estimadas e dignas. E até mais conhecidas pelos chefes.

Certa vez, o chefe de Clarinda já há semanas que tentava descobrir um erro na contabilidade, mas sem obter qualquer êxito. Conhecia esta como sua funcionária, e já lhe tinham falado de alguns dos seus feitos, mas nada mais sabia a seu respeito.

Desconhecia as suas capacidades e aptidões, por isso a chamou e lhe apresentou o problema, pedindo-lhe se era capaz de dar um jeito. Clarinda e o chefe começaram a dar volta aos livros e papéis, e, ao fim de uma hora, estava finalmente esclarecido, o que já vinha sendo tentado há semanas.

O chefe, um homem de meia idade, com apenas o segundo ano dos liceus, perguntou-lhe:

- Quais são os seus estudos?
- Estou no quarto ano de Ciências e Económicas!
- No quarto ano Universitário?! Mas na ficha só consta o segundo ano!
- É isso mesmo! É que se eu dissesse o meu grau de educação, por certo que os senhores não me davam trabalho! Ou será que davam?

- Tem toda a razão!

- Pois então, meu chefe... não importa os estudos que eu tenha. Sou sua subordinada... aceitarei sempre com humildade as suas ordens, e tentarei cumpri-las o melhor possível. Quer seja o senhor o meu chefe, ou qualquer outro! E, sempre que os meus conhecimentos possam ser úteis... não hesitem em me chamar. É para isso que aqui estou, e para isso me pagam!

O homem ficou encantado com a sua maneira de ser, e logo disse para os seus botões: “Deixa, que não vais perder nada com isso!”

Como já acima se disse, por conveniência familiar, Elizabete ficara colocada em Penedais, e Mário na Aldeia dos Moinhos. Ela não só dava escola, como praticava enfermagem, sempre que necessário. Apenas por amor de bem servir. Trabalhava em colaboração com o Barbeiro, agora seu tio. A terra estava melhor servida do que nunca, neste campo.

Anabela ia concluir a instrução primária em Penedais, e sua mãe a licenciatura na cidade dos estudantes. No final desse Verão, juntar-se-iam, para ingressar no Liceu. No ano seguinte seria a vez de Amândio. Entretanto iria nascer mais um irmão, agora filho de Miguel.

Tanto Clarinda como Mélia iriam ficar a trabalhar no Hospital depois das suas licenciaturas. Mélia já há tempos tinha sido promovida a chefe. Clarinda continuava à espera duma vaga na administração, que veio a obter meses depois.

Aquelas amigas continuavam a viver juntas, com a família a crescer. Mélia tinha também já uma menina. Desta maneira, tinham que meter mais uma serviçal, a juntar à já existente. Depois de conversarem entre os quatro, decidiram ser melhor ir buscar uma à aldeia. Pensaram na Irene, irmã da Ana - uma linda mocetona - que fora servir o irmão, quando a Ana casou. Mas raparigas que quisessem servir estas famílias, era coisa que não faltava em Penedais. Assim, quando ali foram, contrataram uma, que trouxeram com eles.

Tanto Clarinda como Mélia estavam em lugares chave, para poderem ajudar muita gente, que ali davam entrada. Por vezes, alguns pobres, sem recursos, tinham que pagar o que não deviam, fora das suas possibilidades. Mesmo os da parte médica tinham por Clarinda muita estima e consideração.

Na Aldeia das Secas tudo corria sem grandes alterações, com a Ti-Rita na teimosia de não querer aceitar Clarinda como nora. Pela parte do pai, até não havia dúvidas, mas quem mandava em casa era a mulher, e esta era da qualidade de casca-de-carvalho, de antes quebrar que torcer. Assim, viviam ainda de costas voltadas.

Em quase todas as aldeias rurais, por ignorância, ou talvez por dificuldades de sobrevivência, muitos pais gostavam de arranjar os casamentos aos filhos. A base da escolha estava nos teres, e também nas

qualidades, claro. Mas tal escolha nem sempre dava certo! Foi o que aconteceu com João - irmão de Miguel, residente no Brasil - que também casara contra vontade da mãe.

Os que tinham alguns bens, estavam de olhos e mente nos que também tinham alguma coisa. Parecia ainda seguirem a lei dos morgadios, e que não queriam ver as fortunas divididas. A prova de que o egoísmo não estava só na alta sociedade. Assim, as relações com o filho João, eram idênticas às do Miguel.

A família Mingães era uma das que mais propriedades e olivais tinha na freguesia. Além do maior rebanho de gado da Aldeia. Tinham um criado pastor, e uma serviçal para trabalhar na casa e no campo. Era uma casa de fartura, tanto em comida, como em trabalho.

Estas duas companheiras
Eram simples, sem vaidade
Mas com certa dignidade
Dotadas de boas maneiras
Também filhas das beiras
Sabiam o que era lutar...
A estudar e a trabalhar
O desejo do querer ser
Com a vontade de vencer
Assim as viram formar.

TI-RITA NO HOSPITAL

A Ti-Rita até nem era má mulher, só que era tenaz nas suas convicções e teimosias. Com ela, um “não”, raramente volta a “sim”! E era muito difícil alguém convencê-la por palavras. Só as obras, contavam para ela.

Para trabalhar, não havia quem a vencesse. Na apanha da azeitona, usava vestir umas calças do marido e subia às oliveiras mais altas, onde muitos homens não se atreviam a ir.

Já muitas vezes tinha sido advertida do risco das suas aventuras. Raro deixava ficar uma azeitona na oliveira, mesmo que tivesse que subir uma segunda vez aos ramos mais altos e perigosos. Mas, “tantas vezes vai o cântaro à fonte, que um dia lá deixa a asa...” Ou mesmo todo. Foi isso que aconteceu à Ti-Rita.

Certa vez, andava ela na apanha duma dessas oliveiras, na ponta duma escada de madeira, quando perdeu o equilíbrio e veio parar ao chão. Além do azar, ainda andou com sorte, por ter caído em terreno cultivado. Se calhasse a ser em cascalheiras, ou penedos, nem um ai dizia! Mas, mesmo assim, a queda foi de tal ordem que todos a julgaram morta.

Com grande aflição dos presentes, deitaram-na numa pequena escada, amarrada com uma corda, para a carregarem até à Aldeia, a fim de a fazerem chegar ao Hospital. Por sorte, ou coincidência, encontrava-se na terra um senhor com carro - que viera de Lisboa ver os pais - e que de imediato a levou para o Hospital de Coimbra.

Nas Emergências do Hospital, logo foi posta numa maca e conduzida ao lugar que se impunha, seguida por um dos seus acompanhantes. Um segundo, ficou no registo, a dar os dados e a explicar as causas do acidente. Mélia, que estava por ali perto, reconheceu o senhor. Foi cumprimentá-lo, para saber o que se passava, o que logo foi comunicar a Clarinda, e pô-la ao corrente do que acontecera com a sogra.

Clarinda não se fez tardar, e logo veio ter com Mélia, para um melhor esclarecimento. Também a preveniu para nada dizer à doente, ou aos seus acompanhantes, das suas funções ali.

Iria contactar Miguel, para o informar do que se estava a passar com a mãe e, ao mesmo tempo, expor-lhe o seu desejo. Pediu ainda à amiga para fazer chegar esta mensagem ao David. Queria fazer tudo por ela, mas no anonimato. E tudo assim seria feito.

A Ti-Rita, acompanhada pela odiada e desconhecida nora, foi examinada e radiografada. O resultado era um braço e uma perna partidos,

assim como algumas costelas e outros danos internos. Isto a levaria a um internamento por vários meses.

A sinistrada mulher - que nunca tinha dado entrada num Hospital - ainda que coberta de pesadas dores, estava cónscia de si, do que lhe faziam e do carinho recebido daquela senhora que a acompanhava.

E via os médicos e enfermeiros falarem com esta, sobre o seu estado, dizendo-lhe tudo irem fazer para aliviarem o seu sofrimento e apressarem a sua recuperação.

Esta mulher, tão linda e amorosa, rápido entrou no coração daquela doente, reconhecendo-a como o seu anjo protector. Agora, que tudo estava arrumado e à atenção dos cuidados intensivos a Dra. Clara - como no Hospital era conhecida - disse adeus à doente, prometendo voltar.

Sempre que possível, aquela chefe administrativa ia ver a senhora e perguntar pelas suas melhoras, e se necessitava de alguma coisa e dando-lhe conforto pelos seus sofrimentos. Não lhe faltava encorajamento para voltar a ser o que era.

Como o tempo é o grande médico, que tudo cura, a Ti-Rita foi melhorando, e, algumas semanas depois, deixou os cuidados intensivos, para ingressar nos normais.

Sempre que Miguel ia ver a mãe, ou mesmo Mélia e David, a doente não fazia outra coisa que era enaltecer aquela que fora sua protectora. Tudo fizera para lhe aliviar o sofrimento. E, por seu intermédio, todos lhe davam uma atenção e carinho de que não era merecedora.

Tudo estava a correr bem à doente, e esta começou a ter vontade de falar, o que antes raramente fazia, além de responder ao que lhe era perguntado. Com os constantes contactos que tinha com a sua protectora, a Ti-Rita passou a ser franca, a abrir-se com ela e a contar-lhe parte da sua vida.

Do muito que trabalhara, mais o marido, para terem alguma coisa. Dos muitos sacrifícios que fizeram, para darem um pouco mais de estudos aos filhos, e dos seus maus casamentos. Ambos contra a sua vontade...

Certa vez, o filho estava-lhe a fazer uma visita, quando Clarinda chegou junto dos dois. Deu a salvação ao senhor, tal como que de um desconhecido se tratasse, para em seguida lhe perguntar:

- Como vão as suas melhoras... e como é que está a ser tratada?

A Ti-Rita disse tudo ir bem, para logo adiantar:

- Sabe, senhora doutora? Este senhor é meu filho e é advogado!

Miguel estendeu a mão:

- Muito prazer! E muito obrigado por tudo o que tem feito pela minha mãe!

- Não tem que agradecer. Tudo farei por ela, e tantos mais que necessitem dos préstimos que estejam ao meu alcance. Quero que a Ti-Rita saia daqui boa e possa apanhar mais azeitonas, para um dia me dar lá um almoço bem azeitado.

Clarinda tirou o pente da sua bata e ajeitou-lhe o cabelo, enquanto dizia:

- Quero ver a minha querida amiga sempre jeitosa!

- Ai, que alegria me dava... se um dia lhe pudesse dar esse e muitos mais almoços, em minha casa!

- Pois então deixe estar, que, quando menos esperar, tem-me lá, à sua porta! Agora, como vejo estar tudo bem, fiquem à-vontade, que eu voltarei mais tarde.

Dito isso, beijou a senhora e retirou-se.

- Mais uma vez obrigado doutora, por tanto afecto que tem dado à minha mãe... - disse Miguel.

- De nada, doutor! Ela ainda vai precisar de mais ajuda... mas deixe isso comigo!

Ao despedirem-se, ambos os olhares falaram, e disseram o que os lábios não puderam.

Já fora da presença de Clarinda, aquela mãe não fez outra coisa que não fosse enaltecer a bondosa senhora, que tanto estava a fazer por si. O filho, que estava a gostar do que ouvia, disse à mãe:

- Era assim que gostava de ter uma nora?

- Não gozes com a tua mãe! Os meus filhos não souberam arranjar mulheres destas...

Consoante a Ti-Rita ia recuperando a saúde, ia também subindo a sua preocupação acerca do quanto iria pagar por tão longa estadia no Hospital. Além dos serviços médicos, havia ainda as outras despesas. Num desabafo, preocupada, perguntou ao filho:

- Será verdade, que se eu tiver que pagar tudo ao Hospital... o que temos não nos chega?

- Infelizmente é verdade! Só que isso não irá acontecer! Terá que pagar uma boa importância... mas não a ponto de ter de vender o que tem! Essa senhora, que a mãe gostava de ter por nora, é a chefe dos serviços administrativos, com a responsabilidades de mandar investigar os seus

teres, para depois lhe atribuir a conta. Mas estou crente de que ela não vai fazer a si, o que a mãe era capaz de fazer a essa nora que tanto odeia!

Na próxima vez que a Dra. Clara esteve com a Ti-Rita, esta começou a falar-lhe dos filhos. Do João, que estava no Brasil, e com quem há muito tempo não contactava. De que casara contra a sua vontade, e que este, que agora conhecera, fizera o mesmo. O outro, o mais novito, ainda vá que não vá. Pelo menos arranjava uma rapariga solteira, sem terem nada que lhe apontar. Mas este!

A doente estava longe de saber que estava a falar com a própria nora! E ali desenrolou o rol das suas diferenças com o filho, por causa dessa mulher que arranjava. Não gostava dela, não apenas por ser viúva e com filhos, mas por aquilo que falaram a seu respeito.

- Disseram-me que o marido fugiu para o estrangeiro, com vergonha do seu mau porte. E por lá morreu! Também dizem que teve um amante, um ricaço qualquer de Lisboa, com quem ia ter relações, já depois do homem estar fora. Depois, parece que se emendou...

A nora pensava agora naquelas palavras do Padre, quando falou na Igreja sobre o que diziam de si: "As calúnias podem fazer um dano moral irreparável..."

Clarinda, depois de ouvir tudo aquilo, e muito mais, perguntou à senhora:

- Você conhece a sua nora?

- Não! Não conheço... E nem tenho vontade de a conhecer! Já disse ao meu filho: enquanto eu for viva, ela não põe ali os pés, nem os filhos que venha a parir!

- Não diga isso senhora Rita! Devia tentar conhecê-la! Tudo isso pode ser um falso testemunho levantado contra a pobre! Quem sabe se não é até boa pessoa, mas vítima das línguas sujas da maldade. Às vezes dizem-se coisas que nunca se passaram... mas logo as vemos no nosso consciente cobertas de lascívia. Por vezes, na realidade, até são puras. Olhe! A mim também já me acusaram de infâmias que nunca pratiquei... Mas quem pode parar as más línguas?

- Mas essa minha nora não presta! O meu filho vem-me ver quase todos os dias e nunca me disse que ela tivesse interesse em me vir visitar. Por aqui, já a senhora doutora pode ver a qualidade daquela bicha!

- Mas será que você a recebia, se ela cá viesse?

- Não! Nunca a vi... nem estou interessada em a ver! Também nunca dela falei, nem de bem, nem de mal, para ninguém. Apenas para o meu

filho, a quem tenho dito tudo o que a seu respeito ouvi. E ele tudo lhe deve ter contado! Isso me faz vergonha de a encarar.

- Então, se não a quer ver, para que é que o seu filho havia de falar nela? Não seja assim, senhora Rita! Dê uma oportunidade ao seu filho para que se possam encontrar, e virem a ser amigas e tudo irá dar certo... Vai ver! Recordo-me de me ter dito que ela tem um rapazito do seu filho... nem esse quer conhecer?

- A criança não tem culpa nenhuma... mas prefiro não o ver!

Clarinda sentiu vontade de chorar, mas susteve-se. Não o queria fazer junto dela. Apelou para que tivesse paciência, e esperar pelo tempo, para este resolver a questão. E nesses modos se despediu da doente, quase a ter alta.

Já longe da sogra, até compreendia as suas razões, pois não fora ela quem inventara tudo aquilo, mas sim o que lhe disseram. E tudo saíra de Penedais. Reconhecia o quão difícil seria, para uma mãe, aceitar alguém como nora, com tamanho descrédito.

A mulherzinha não sabia ser hipócrita, nem suave. Fora talhada assim, e era essa a sua maneira de ser. Clarinda até achava que ela tinha alguma razão, e não foi por isso que deixou de ser sua amiga e de a ajudar.

Agora, o que mais preocupava a doente não era a nora, mas sim a conta que o carteiro lhe faria chegar a casa. Em certa ocasião, quando Clarinda ali voltou, quase que em segredo, perguntou-lhe quanto iria pagar. A desconhecida nora, num sorriso amistoso, ao mesmo tempo que lhe passava o braço pelos ombros, sossegou-a:

- Será que confia em mim?

- Em si!? Tanto ou mais do que se fosse minha filha.

- Mas já me disse que não tem filhas ... que só tem noras...

- Pois só! Mas era como a senhora que eu gostaria de ter uma!

- Mesmo que eu fosse uma viúva com filhos e com essa má fama que dizem ter a mulher do seu filho?

- Sim! Com tudo isso e muito mais... me daria um grande prazer ser minha nora. Vossemecê é um anjo, que eu tive a sorte de encontrar neste Hospital.

A Ti-Rita teve alta, para ir para a sua terra, em convalescença. Clarinda ainda tentou, mais uma vez, levá-la a sua casa, para ali se apresentar como nora e lhe mostrar o neto. Mas ainda não foi dessa! O filho foi à terra levá-la de carro, para voltar no dia seguinte.

A caminho da Aldeia, a conversa entre os dois era pouca amistosa.

Razão porque a maior parte do tempo foram calados. E, sempre que a mãe abria a boca, era só para enaltecer aquela linda senhora, que fora tão sua amiga, ao mesmo tempo que dizia mal da mulher do filho.

Miguel, mesmo a gostar de ouvir aquilo, ia furioso com ela, por não querer ir a sua casa conhecer o neto e saber quem, na realidade, era aquela outra mulher de quem tão mal falava.

O resto da conversa concentrava-se na conta a pagar, ainda que confiante na promessa daquele Anjo - que tivera a sorte de conhecer. Mas só descansaria quando visse o papel do Hospital. E, com estas coisas no pensamento, chegaram à Aldeia das Secas.

O filho ajudou a mãe a sair do carro e amparou-a até casa. Aqui, apoiada num bastão, deu uma volta completa à sua residência, a ver como tudo estava. O Miguel, entretanto, fora ao encontro do pai, para o cumprimentar.

Filho e pai beijaram-se, e, em seguida, o Ti-Mingães, quase que com medo, perguntou ao rapaz:

- Como é que está a tua mulher... e o teu filho?

- Estão bem, meu pai!

- A tua mãe é assim! Tu já sabes...O que eu tenho sofrido com ela, por causa disso! Na sua boca, eu é que sou o culpado... Há uns tempos atrás, alguém me disse que ela era muito linda e boazinha, e que tudo o que dizem dela é uma mentira! Tentei contar isso à tua mãe, mas ela nem me quis ouvir... E ainda me tratou mal!

- Eu sei, pai! E isso que ouviu é a verdade! A minha mulher não é aquela pessoa má, que a mãe tem na sua mente. Ela vai apanhar uma surpresa... e vai-se arrepender das suas tolices!

Estavam todos na sala, quando ali chegou a serviçal, com um cântaro de água, que foi poisar na cantareira, para logo vir junto da patroa e beijá-la, perguntando-lhe pelas melhoras. Depois foi junto do filho:

- Como está o senhor Miguel e a restante família?

- Está tudo bem, Maria!

A Ti-Rita não deve ter gostado que a serviçal tenha falado em família, por isso, em jeito de repreensão, disse à moça:

- Não é o senhor Miguel! É o senhor doutor!

- Não é doutor nada! É Miguel! – disse este. - Como sempre me conheceu e me tem chamado... Não quero que alguém me trate por doutor nesta casa! Hoje sou o mesmo que sempre fui. E era bom que a mãe tivesse mais brio, não apenas em eu ser doutor, mas em outras coisas de sentido

moral e humano, insistindo em ignorar e maltratar quem só a estima e lhe quer bem. Devia ter respeito pelos meus familiares, e aceitá-los como seus... também. Não usar duma atitude que quase me leva a ter vergonha em a ter como mãe... A casmurrice também tem os seus limites, que a senhora não tem escrúpulos em ultrapassar. Estou a ficar cansado e doente com o seu procedimento!

Ao contrário do que planeava, Miguel ainda voltou para Coimbra nessa tarde.

A Dra. Clara mandou preparar a conta da Ti-Rita pelas vias da legalidade, em que era atribuída a verba a pagar, de acordo com a décima anual paga às Finanças, e não pelo valor do que tinham, como a sogra pensava. O valor aplicado, foi de cerca de trezentos escudos. Bem menos do que a Ti-Rita julgava pagar.

Mesmo não parecendo muito dinheiro, para aqueles que não tinham dez tostões para comprarem um pão, quando estavam doentes, já era um grande rombo nos orçamentos familiares. E era aqui onde entrava a lei da consciência, em reduzir a conta a pouco mais de nada, aos que não podiam. Era isso que a Dra. Clara usava fazer. Mas não foi o caso da sua sogra, que pagou de acordo com a legalidade.

Às vezes determinava-se a conta a pagar pelos valores das terras, ao invés de ser pelo que pagavam de décima. E era aqui que residia o desastre, para quem tinha que pagar. Por vezes tinham que vender as propriedades donde tiravam o pão de cada dia, para saldarem a importância pedida.

A Dra. Clara, se quisesse, poderia reduzir aquilo a quase nada. Mas não o fizera. A sua consciência acusava-lhe de isso ser uma mentira, porque a sogra podia pagar aquela importância. E não pagou ela, mas sim o filho, mandando-lhe depois um aviso de que nada devia ao Hospital.

Foram-se passando os anos. Agora, já com os dois mais velhos no Liceu, e o mais novo quase a entrar para a escola, Clarinda e Miguel continuavam a ir passar as férias à terra dela. Mas as visitas eram menos frequentes.

Sempre que a família subia a Penedais, só o Dr. Mingães ia à Aldeia das Secas, visitar os pais, mas nunca lá ficava mais de um dia. A teimosia da mãe, em referência à nora, mantinha-se inalterável. Apenas falava daquele anjo, que nunca mais vira!

Insistia com o filho para ali trazer aquela boa senhora, e sempre a teimar para que ele lhe levasse alguns queijos, um garrafão de azeite, assim

como frascos de mel e outras coisas do seu lavrado. Miguel sempre recusou.

João, irmão de Miguel, estava a viver no Brasil há cerca de catorze anos. Os dois filhos que tinha, uma rapariga com treze anos e um rapaz com onze, já ambos lá tinham nascido. E, como nunca mais voltara a Portugal, tinha planeado fazê-lo em Julho, desse ano, e regressarem no fim de Agosto. Para verem os familiares e para os avós conhecerem os netos.

Quando o tempo chegou, Miguel e Clarinda foram a Lisboa esperá-los, e dali vieram para Coimbra, onde estiveram por alguns dias, para depois seguirem o seu programa de férias. Mas ficou assente juntarem-se todos em Penedais, na primeira semana de Agosto.

Agosto chegou e as férias grandes também. Assim, tanto a família dos Ferreiros, como a dos Mingães, deixaram Coimbra e subiram às serranias dos seus lugares, onde ficariam até ao fim do mês.

David e Mélia usavam repartir as férias entre a Aldeia das Secas e Lacivea, tirando alguns dias para ficarem com os Mingães, em Penedais. Estes, apenas tinham um lugar de férias: ali, na terra amada de Clarinda. Aqui vivia a mãe, o seu único irmão, Mário, e a sua cunhada adorada, Elizabete, com os dois filhos do casal.

Para si, este era o melhor lugar do Mundo, onde tinha tantas recordações, algumas más, mas, na maioria, muito boas. O tempo ali não corria: voava! Em especial quando se juntavam os familiares e casais amigos.

A casa dos Azinhais foi sempre o albergue da aldeia. E mais uma vez voltava a estar cheia: Lena - filha de Madalena - que ali vinha todos os anos- também já ali se encontrava com os irmãos, que ainda desconhecia o facto de o serem. Apenas a atracção, de ambos os lados, os ligava. Penedais tinha fortes razões para ser uma sala de visitas de familiares e pessoas amigas.

Depois de três meses internada
A sogra ficou recuperada
Com alta de poder voltar
A sua preocupação agora
Não era o filho nem a nora
Mas sim o que iria pagar

Foi por isso que falou
Àquele Anjo que a ajudou
O que ouviu em certo lado
De que quem cai no Hospital
Depois tem um segundo mal
O de ficar liso e depenado.

REUNIFICAÇÃO FAMILIAR

Como já se disse, João casara contra a vontade de sua mãe, motivo porque esta não fora ao seu casamento, nem tão pouco deixara ir o pai.

Tal como Clarinda, nora e sogra eram pessoas estranhas, como também desconhecia os netos. João tinha pena do pai, e queria-lhe apresentar os seus familiares. Mas, como a mãe jurara que nem a mulher nem os filhos ali entrariam em sua vida, achou melhor não insistir.

Não fazia sentido chegar ali com a mulher e os filhos, para serem mal recebidos por uma avó que eles gostavam de conhecer. Ainda pensou em ir buscar o pai e verem-se em Penedais.

Mas, Clarinda - sempre Clarinda - teve uma ideia melhor, que expôs aos cunhados:

- Ela odeia de morte a mulher do Miguel. Mas, como desconhece que eu sou a nora, e me vê como se fosse um Anjo, hoje vou-me apresentar e dizer-lhe quem sou! Se me aceitar como o tal Anjo de asas brancas, também a vai aceitar a si! Se as asas se transformarem em chifres, então deixá-la-emos viver nas suas convicções, porque nada mais haverá a fazer. Mas isso não vai acontecer! Porque eu já conheço o seu coração. Ela não é má... mas sim uma pessoa dura, que não sabe ser hipócrita, e nem conhece o verbo torcer! A vossa mãe, na sua argúcia de camponesa, não é qualquer um que a sabe compreender! Com uma persuasão realista, não se importa que a razão esteja ou não do seu lado.

E continuou:

- Nós vamos todos juntos, para que não existam falhas, em caso negativo. Vocês ficam em casa do David; eu, mais o meu marido e o nosso filho, vamos ter com ela. O Miguel apresenta-me à mãe, como o tal anjo, e volta para junto de vós. Eu vou ficar com ela e logo sabereis o resultado.

- Está bem? E assim partiram para a Aldeia das Secas.

As duas freguesias ficavam separadas por pouco mais de quatro léguas, levando a pé próximo de quatro horas, para cada lado. Mas, como não havia estrada directa, se fossem de automóvel tinham que percorrer à volta de sessenta quilómetros, ou seja doze léguas. Três vezes mais!

Por estradas de terra, o carro, no seu deslizar, deixava para trás uma nuvem de pó, que se conservava no ar por algum tempo, dando a ideia duma tempestade de pouca gravidade.

Os montes não tinham agora a mesma graça e beleza da Primavera. As flores davam lugar aos rebanhos e suas crias - os principais habitantes

destas serras de colinas e vales - a pastarem nas verduras dos lenteiros. Estes gados eram o principal recurso de subsistência da maioria das gentes aldeãs.

Muitos destes animais, de raça caprina, que pastavam à beira da estrada por onde passavam, juntavam-se, em remoinhos, tal como se tivessem visto uma fera perigosa. Também as aves e os animais selvagens se intimidavam, ficando como que atordoados, sem saberem o caminho a tomar.

As cotovias - rainhas das altitudes - eram as que mais chamavam à atenção de quem atravessava essas serranias. Nos seus voos saltitantes, como que a subir uma escada vertical, lá iam cantando: -“vou ver Deus... vou ver Deus... vou ver Deus...” e assim escapavam no infinito, sem mais se verem ou ouvirem. Mas, se umas subiam, outras desciam, já com uma música deferente: “já o vi... já o vi... já o vi...”

O automóvel, com os quatro adultos e as três crianças, lá ia avançando, perante a admiração dos pastores, que não deixavam de olhar, até o perderem de vista à distância.

Ao fim de tantas curvas e contracurvas, subindo e descendo montes, chegaram à Aldeia das Secas, onde já eram esperados pelos Ferreiros.

Para o João, com os catorze anos de ausência, tudo tinha um aspecto diferente. Até as pessoas não lhe pareciam as mesmas. Mas, depois de alguns dias, tudo voltaria a parecer o que era, assim esperava.

Tal como ficara assente, Miguel deixou o irmão, cunhada e filhos com os Ferreiros, que moravam à entrada da povoação. Ele e os seus foram a casa dos pais, mas prometeu não se demorar.

Chegado ali, parou o carro junto à porta, e disse à mulher para esperar que a mãe a viesse buscar. Miguel entrou e foi dar com os pais sentados na sala. Beijou o pai e, meio a medo, este perguntou-lhe como estava a família?

- Está tudo bem, meu pai!

A mãe ficou logo a resmungar. Miguel ignorou o mau humor e foi junto dela, beijá-la, e saber como ia a sua recuperação, e também se tinha recebido alguma carta do Hospital.

- Sim... recebemos uma carta, com um papel lá dentro, a dizer que nada se devia! Foi aquele Anjo... tenho a certeza. Até nisto! Que Santa mulher... que tanto fez por mim! Nem uma rainha era mais bem tratada, tanto por médicos, como por enfermeiros e até pelos outros trabalhadores. E, finalmente, ainda fez que nada pagássemos. Querida amiga! E tu nem uma

garrafinha de azeite lhe quiseste levar...

- Se lhe quiser agradecer, tem agora uma boa oportunidade. Ela está ali no carro, mais um filhote. Como lhe disse que vinha à Aldeia, pediu-me se a trazia...

- Mas o que é que me estás tu para aí arengar?

- Que a doutora Clara está ali, no carro! Será que a minha mãe não ouviu?

A Ti-Rita deu um pulo da cadeira, como que fora de si, enquanto discutia com o filho:

- És um tolo varrido!... É esse o teu procedimento, em deixar ficar no carro aquela que tanto bem fez à tua mãe, sem a mandares entrar? Que qualidade de gente és tu? Que vergonha, meu Deus!

E, com toda a excitação, foi passar a cara por água, para ir receber a doutora, enquanto filho lhe dizia:

- A casa é sua, e ela não é minha convidada!

E saiu para casa dos Ferreiros, sem nada mais acrescentar.

A mãe foi logo atrás, para ir ter com a visita, entoando raios e coriscos contra o filho, por não a levar consigo quando entrara.

Miguel, ao passar por Clarinda, sorriu-lhe, mas ela só saiu do carro quando a Ti-Rita ali chegou. A rude, mas amável, senhora pediu imensas desculpas pela estupidez do filho. E logo a abraçou e beijou, mostrando a grande felicidade que sentia em a ter junto de si. Depois de se terem cumprimentado de maneira afectuosa, a locatária e Clarinda dirigiram-se para o interior da residência, com a Ti-Rita a mandá-la entrar à sua frente.

Clarinda tirou a prova real de que aquela senhora não era parva, pela maneira como exercia a sua cortesia. “A doutora que entre à frente!” Este é o comportamento de alguém que sabe ser cortês.

Já em casa, a Ti-Rita chamou o marido:

- É Manel... vem cá! Esta é tal senhora doutora de que tantas vezes te falo!

O homem, meio, ou de todo envergonhado, aproximou-se de Clarinda, com mão estendida.

- Obrigado, senhora doutora, pelo que fez pela minha mulher... e por nós!

Clarinda aceitou a mão, para o beijar em seguida, e pediu para não a tratarem por doutora, somente Clara.

- A senhora é como o meu Miguel. Também não quer que o tratem por doutor!

- Pois, se somos todos iguais... por que é que não havemos de ser chamados pelos nomes?

A ex-regente escolar chamou o filhito - que brincava com as galinhas - para vir dar um beijo à senhora e ao senhor. A criança aproximou-se, cumpriu o pedido materno, para de novo voltar ao seu entretém.

- Que lindo filho a senhora tem! Até parece o meu Miguel, quando tinha a mesma idade.

- Obrigado! - disse a visita!

A senhora Rita insistia com Clara para comesse alguma coisa, e também o menino, que devia estar com fome.

- Não, obrigado! - disse Clara. - Ainda há pouco estivemos a comer...

- Então, em caso de a senhora, ou o seu rapazinho, quererem descansar um bocadinho... vou-lhe dizer qual é o seu quarto. Venha comigo!

E foi-lhe mostrar toda a casa.

- Não repare para o que está mal arrumado... porque somos gente do campo, e nem sempre há tempo e disposição para termos tudo nos seus lugares.

Conforme ela lhe ia mostrando os aposentos, Clarinda ia registando na sua mente o asseio daquela mulher arisca, mas que também sabia ser meiga. A sua fibra de mulher, não estava só nas atitudes menos boas, mas manifestava-se também no seu gosto em ser arrumada.

Naquela casa grande, onde morava pouca gente, a dona da casa mostrava-a e explicava:

- Este é onde dorme o pastor; este era o da serviçal. Mas está vazio.

E disse-lhe, em voz baixa:

- Tive que a mudar para mais perto de nós. Ele tem dezasseis e ela quinze.... É como se usa dizer: "o lume perto da estopa... o Diabo lhe assopra!" E eu não quero que nada lhe aconteça, debaixo das minhas telhas!

E continuou a mostrar-lhe a casa.

Agora, era o quarto do seu João, todo mobilado para dois. E, aqui, teve um desabafo:

- Nós, os pais, queremos sempre o melhor para os filhos. Só que eles não nos compreendem... ou não nos ligam! Eu queria muito que o meu João se arranjasse com uma filha dum senhor nosso amigo ... bastante jeitosa... e com muitos teres... só que ele parecia andar néscio com uma rabitesca qualquer que conhecera no liceu do Fundão... E sabe o que é que ele um dia me disse, depois de termos uma pega por causa dela? "Quem

escolhe a minha mulher sou eu.! Seja ela aquilo que for. Feia, bonita, pobre, rica, solteira, viúva, divorciada, honesta ou desonesta, ou mesmo que seja uma p... É assunto meu! Se forem ao casamento, vão... e se não forem, também não voltam! E aqui está o quarto, onde ela nunca dormiu...

- Fiquei muito ofendida com o que ele me disse, e jurei-lhe que ela nunca poria aqui os pés... enquanto eu vivesse. Mas isso não o incomodou! O meu Miguel é totalmente diferente... é calmo... paciente e sem guardar reservas. Se o que eu lhe tenho dito, relacionado com essa... fosse com o irmão, ele nunca mais nos vinha ver! O Miguel tem o feitio do pai. Olhe que nunca me deu uma má palavra... sempre que lhe falo dessa reles!

E foi-lhe mostrar outro quarto.

- Este é o do Miguel. Também preparado para dois, que ele nunca quis usar. Preparámo-lo quando andou com o sentido de se arranjar com uma rapariga daqui, que está em Lisboa, filha de pais com bastante teres, e muito culta, que morria de amores por ele. E tanto que nós gostávamos! Mas não sei o que houve neles... deixaram-se! Depois, veio aquela maldita festa em Penedais... e foi...

Aqui interrompeu-se, para não aborrecer mais a doutora com os seus problemas pessoais.

- E é neste que a senhora vai ficar. Ele, como sempre vem só, dorme neste pequeno, aqui ao lado. Essa...que ele arranjou, também não tem ordem de cá entrar. Se tiver receio de aqui ficar vai lá para baixo. Mas o meu filho é muito respeitador...

- Também ainda não tenho a certeza se vou ficar... Mas, se nada houver em contrário, é aqui mesmo que eu fico! O seu filho não me amedronta!

- Também ainda não tenho a certeza se vou ficar... diz a senhora? Ai fica... isso fica! Daqui ninguém a vai tirar!

Terminada a visita aos aposentos, as duas mulheres vieram sentar-se junto do Ti-Mingães, enquanto a serviçal, lá fora, mostrava os animais domésticos ao catraio.

Clarinda fez a sua preparação, para agora entrar na recta final, e concluir a vitória julgada possível.

- Senhora Rita... sem querer ser indiscreta, diga-me uma coisa: há pouco contou-me que nem a mulher do João, nem... essa outra... aqui punham os pés em sua vida. Será que conhece as suas noras?

Não! Porque eu não tenho noras! Não considero as mulheres dos meus filhos, minhas noras!

- Não fale assim, senhora Rita! A senhora é mãe... e toda a mãe tem

amor. Será que não gosta dos seus filhos?

- Dos meus filhos, sim!

- E dos seus netos, que são filhos dos seus filhos e seus filhos duas vezes?

- Dos meus netos... mesmo sem os conhecer, também gosto!

- Mas como é que pode gostar deles, se os não quer conhecer?

A senhora Rita ficou calada... apenas encolheu os ombros... como que indecisa.

- Quando estive no Hospital, algumas vezes a encontrei a rezar. Provavelmente era o Pai-Nosso... não era?

- Era sim!

- Não se importava de o rezar em voz alta, para eu ouvir?

- Sim! Eu vou dizê-lo... - e começou a desfiá-lo em voz alta.

Quando chegou a “perdoai-nos as nossas ofensas... tal como nós perdoamos aos nossos devedores”, Clarinda pediu-lhe que parasse e repetisse essa última parte. Depois de o ter feito, chamou-a à atenção.

- Tal como nós perdoamos aos nossos devedores! Será que as mulheres dos seus filhos já lhe fizeram algum mal?

- Directamente... não!

- E você... a elas?

A mulherzinha voltou a ficar calada, e foi Clarinda quem falou:

- Recordo-me de me ter dito que nunca falou delas para ninguém... mas, para o seu filho, disse-lhe o pior que havia! Contudo, ela é capaz de estar pronta a perdoar-lhe...

- Não sei bem, meu anjo... eu até “pulcra” lhe chamei...

- Isso tudo se esquece! O seu filho Miguel falou-me de estar cá o irmão João... e a família, a passarem férias. Os seus netos devem gostar de conhecer os avós paternos, tal como a sua nora de conhecer os sogros. E o que dizer da família do Miguel?

- Essa, nem pensar! Eu disse coisas dela ao meu filho... que não devia. E isso faz-nos afastar ainda mais!

- Que imaginação faz a senhora dela?

- Uma mulher reles... de pelo na venta!

- E de mim, senhora Rita! A senhora é mesmo minha amiga?

- Nem me faça tal pergunta!

- Se aqui chegasse uma pessoa e lhe dissesse que eu era a tal regentinha do a, e, i, o, u, essa viúva velha, cheia de filhos, com tantos rabos de palha, a tal pulcra, como lhe chamou... ainda que uma pura falsidade e que eu era

a mulher do seu filho.... a senhora aceitava-me para sua nora?

- De braços abertos!

- Então dê-me cá um abraço! Eu sou a sua nora... a mulher do Miguel!
E aquele miúdo que ali anda a brincar, é seu neto!

A pobre mulher estava de pé e, tal como que tivesse recebido uma descarga eléctrica, deixou-se cair sobre a cadeira, sem nada dizer! A nora socorreu-a de imediato, levantando-a, só que a cabeça da mulher continuava baixa, sem a poder olhar de frente. Depois de alguns momentos, encarou-a, por segundos, e inquiriu:

- Não!... Isso não pode ser verdade! A doutora Clara ser minha nora? Não!... É impossível, o que estou a ouvir! É uma coincidência boa demais... para alguém que não é merecedora duma felicidade assim! Eu devo estar a sonhar fantasias!

- Não está a sonhar fantasia nenhuma... senhora Rita. Eu sou mesmo a sua nora! Não aquela que tem na sua imaginação, como má pessoa, que nunca desejou aceitar, nem ver, mas aquela que você conhece... o tal anjo... que diz adorar!

- Oh, meu Deus me acuda! Meu Deus me acuda! Meu Deus me acuda! Mas como é que isto pode ser? Mas que pecado eu fiz... e que estupidez a minha! Como pude acreditar e manter em mim tal perfídia a seu respeito, de ser alguém sem moral e sem honestidade. Quando a senhora é o que está à vista! O meu filho bem tinha razão... que eu me havia de arrepender... do que dizia em seu desabono!

A senhora Rita, que também sabia ser humilde, ajoelhou-se aos pés da nora, a implorar o seu perdão. Esta deteve-a, não a deixando fazer isso.

- A mim, nunca me ofendeu! Se algo disse em desabono da sua nora, foi da imaginária... mas eu sou a nora real. Não se preocupe com o que disse... ou o que não disse... Tudo, a partir deste momento, vai ficar esquecido. Para sempre! Nós vamos ficar amigas, porque eu quero a sua amizade, o seu carinho, o seu amor e também a sua bênção. Tanto para mim, como para os seus filhos, nora e netos! Está bem?

- E porque nunca me disse que era a mulher do Miguel?

- Se lho dissesse, poderia não me aceitar bem, e sentir-se-ia humilhada, e dificilmente seria minha amiga. Era isso que eu não queria que acontecesse...

- Mas isto não será um sonho de fadas?

- Não é sonho, não senhora! Isto é real!

A senhora Rita mandou o marido ir chamar o filho, para lhe pedir

perdão. Mas Clarinda disse que ela mesmo o faria. Antes, porém, perguntou-lhe se aceitava também conhecer a esposa do João.

- Sim! Recebê-la-ei com muito prazer, se ela tiver também o dom de saber perdoar, tal como você, minha filha amiga.

- Não se vai falar mais em desculpas e perdões, mas apenas em compreensão e amizade. E fazer uma família unida. Concorda?

- Concordo, sim, minha filha!

Clarinda, feliz, deixou aquele lugar, para ir ter com o marido à casa dos Ferreiros, onde todos esperavam.

Quando ali chegou, com as boas novas que todos ansiavam, evitaram a presença das crianças, por não ser aconselhável ouvirem o diálogo que iria ter lugar. Miguel abraçou a esposa e deu-lhe os parabéns, por ter conseguido dar uma lição de amor à mãe, e assim trazer a paz àquela família.

Clarinda recomendou a todos que o passado era coisa morta, do qual não se devia falar mais. Apenas do presente e do futuro. Mas sem ressentimentos, nem reservas.

Tal como uma galinha que acompanha os pintainhos à capoeira, assim ela fez com aqueles familiares, trazendo-os de volta ao lar maternal. Ao chegar a casa, chamou o filho, para que ele os acompanhasse. Entraram todos na sala onde estavam os pais e, pela primeira vez, Clarinda chamou-lhe pais.

- Pai... e mãe... aqui tendes todo o vosso agregado familiar. Eles querem ter a vossa bênção, o vosso carinho e o vosso amor. Os pais abraçaram a outra nora, o filho e os netos, para depois festejarem.

As duas mulheres mudaram de roupa e juntaram-se à sogra nos preparativos. E, tal como se de três irmãs amigas se tratasse, foram juntas para a cozinha, para prepararem a ceia dessa noite.

Nunca naquela casa estivera tanta família duma só vez, como também nunca existira ali tanto calor humano, com paz e amor. A rudeza daquela mulher parecia ter dado lugar ao bom senso, e ao entendimento familiar.

Foi uma refeição que viu, em jeito de sobremesa, o renascer da amizade, no seio duma família até agora dividida pelos preconceitos humanos.

Os quartos que os pais haviam mobilado para o noivado dos filhos, tiveram a sua estreia, naquela noite inesquecível, numa casa onde, antes disso, a luz da compreensão parecia não ter lugar.

Estava-se numa noite de sábado. Na Aldeia das Secas, tal como em

Penedais, e na maioria das aldeias das Beiras, as rondas ou serenatas raro falhavam nas noites do fim de semana, especialmente no Verão.

A terra estava cheia de visitantes. Os Mingães, levados pela alegria da reunificação, foram-se deitar, sem se lembrarem desse evento.

Quando já no melhor do primeiro sono, todos foram despertados pelo trinar das guitarras e pelas vozes que as acompanhavam. Junto da sua porta, eram agora chamados, para se levantarem e lhes fazerem companhia, através das quadras que entoaram:

Corre a roda... corre a roda!
Cada um a sua cantiga....
Tendes que vir cá p'ra fora
Cumprir a lei da folia.

João levantou-se e foi bater no quarto do irmão, que ainda não tinha dado pelo acontecimento.

- O que é que se passa, a esta hora da noite? – disse o Miguel ainda ensonado.

- É a malta da ronda e querem a nossa a companhia. Se não formos ter com eles, não mais saem dali!

- Eu, por mim, não vou!

Mas até parece que eles ouviram e logo saltaram outra quadra:

A teimosia é coisa torta!
Há que saber lidar com ela...
Se não nos abrirem a porta,
Entraremos pela janela!

Os elementos da serenata nunca faziam paragem junto daquela porta. A Ti-Rita não era pessoa de dar confiança a estes trovadores nocturnos, por isso passavam ao largo. Mas, como os filhos eram muito queridos na aldeia e amigos da paródia, essa era a razão porque ali estavam e teriam que se levantar.

E logo o Ferreiro mais novo, irmão de David, que também andava com eles, mais a esposa, Ana, se saiu com esta:

Não fiquem pregados à cama
Porque tal coisa não vai dar!
Pois eu mais a minha Ana
Também tivemos que a deixar!

O grupo não era apenas composto por homens, pois nele se incorporavam várias mulheres, entre elas a doutora Mélia, e sua cunhada Ana. Esta era conhecida nos Penedais por rouxinol das hortas, e, na sua linda voz, cantou esta sextilha:

Clarinda, minha ex-patroa!
A mais nobre e gente boa.
Por quem tenho admiração
Mas se não se juntar à Ana
Nós vamos buscá-la à cama
Mesmo em combinação!

João já se tinha juntado à rapaziada, enquanto que Miguel insistia em não se querer levantar. Clarinda, mulher cheia de actividade e amiga destas coisas, já não se sentia bem na cama, mas queria que ele fosse também. A sua ex-serviçal, e sempre amiga, junta com outras ali presentes, estava pronta a fazer o que cantara, se não viessem. Agora, era a vez da Mélia cantar a sua quintilha:

Clarinda, minha adorada...
Anda, junta-te ao nosso bando
Que a noite está linda, estrelada
Vem, não te faças rogada
Porque eu também cá ando!

Clarinda deixou o marido na cama e veio ter com grupo, onde já se encontravam o João e mulher, assim como Mélia, Ana e muitas outras senhoras que acompanhavam os maridos. Mas todos queriam ver ali o Miguel. Este estava a ver se desistiam da sua presença, e até a ver onde chegariam as suas insistências. David, que até ali ainda não se tinha pronunciado, tentou a sua vez:

Não queres sair da gaiola?
Mas quem se vai tramar és tu.
Virás, mesmo de charola,
Quer estejas vestido, ou nu!

Não é regulamento novo
Todos terem que alinhar
Obedece à voz do povo!
Mesmo que seja a cantar.

O assunto fica encerrado
E três minutos te darei!
Mesmo que sejas Advogado
Tens que cumprir a nossa lei!

Miguel tinha a certeza do que lhe iriam fazer. A própria mãe o fora prevenir do que já estavam a planejar. Assim, para evitar males piores, vestiu-se e saiu por uma das portas traseiras, sem que alguém o visse, indo juntar-se a eles no escuro da noite.

O tempo esgotou-se, e ordens foram dadas para o irem buscar à cama, tal como estivesse. Dois dos incumbidos foram postar-se nas traseiras, para guardarem as saídas da casa.

Quando iam para entrar, Miguel, junto deles, no escuro da noite, gritou-lhes, em tom de desafio:

- Sois mesmo uns parvos! Há que tempos eu aqui estou, junto de vós e a ouvir os vossos planos... Não queriam mais nada, se não trazerem-me de charola, mesmo em cuecas? Parvinhos!...

A serenata já não correu mais ruas da Aldeia, nessa noite. Continuaram ali, junto da casa dos Mingães, tocando e cantando, enquanto as mulheres, na cozinha, chefiadas pela Ti-Rita, preparavam os petiscos para satisfazerem toda aquela gente.

Depois de tudo preparado, foram conduzidos para a adega, onde não faltou comida, bebida e animação, até às tantas da madrugada. Foi uma noite inesquecível, daquelas que ficariam na história da Aldeia das Secas.

Na manhã seguinte, da chaminé da casa dos Mingães saía o fumo da paz, e, pelas janelas, usualmente fechadas, entravam a luz e a frescura dum novo dia, carregando com eles o odor da fraternidade, que o tempo nos traz na hora certa e adequada.

Clarinda foi a primeira das visitas a levantar-se nessa manhã. Dirigiu-se à cozinha, onde a sogra e a serviçal já lidavam com o pequeno almoço, para darem de comer a toda aquela gente. Beijou a anciã e, em seguida, a moça, para depois dar a sua ajuda naquela missão.

A Ti-Rita - que transformara o seu aspecto de carrancuda em bem-humorada - pegou no braço de Clarinda, para a chamar à atenção:

- Que bem que você liga com o meu Miguel! Não existe em vós o rancor, o ódio e a vingança, ou mesmo o ego da superioridade, mas sim o sentido da paz, do perdão, amor e simplicidade. A igualdade com que sabeis medir e conviver com pessoas, identifica a vossa humildade, e tudo o que na realidade sois. Estou convicta das palavras que um dia ouvi da boca do meu filho: “se a mãe conhecesse o seu coração...!” Agora que o conheço sim... estou tão feliz!

- Também eu estou... por a ter como sogra!

O pequeno almoço decorreu na maior das harmonias, para depois terem lugar as despedidas. Clarinda e Miguel até gostavam de ficar por mais uns dias, mas Madalena iria chegar nessa tarde, para passar duas semanas de férias com eles, como já vinha acontecendo há cerca de quinze anos. Assim, após a missa, deixaram a Aldeia, e o adro foi uma vez mais o palco de uma enchente, para lhes dizerem adeus. A Ti-Rita foi a última a despedir-se da nora, e pôs no seu coração estas palavras:

- Bem-vinda sejas sempre a esta casa, tal como os teus outros filhos, que eu quero ter o prazer de conhecer.

O carro começou a deslizar no tapete empoeirado da estrada, enquanto os lenços e as mãos se agitavam no ar. Quando já longe da terra, atravessando os vales e as florestas onde o rei era o pinheiro. Miguel manifestou a Clarinda toda a sua alegria e gratidão.

- Como é bom haver quem saiba fazer a paz! Tal como sempre disse à minha mãe que se iria arrepender do que dizia de ti, e que um dia se sentiria feliz por estares na família... E foi isso mesmo que aconteceu. Por isso me sinto tão feliz!

- Também eu! A tua mãe é uma excelente mulher, que nem todos a sabem compreender. Nem ela própria sabe a razão porque é assim. Contudo, tem o dom de não esquecer quem lhe faz bem. A prova-lo está o facto de ela querer conhecer os meus filhos!

- Também reparei nisso!

- E, a viverem esta viagem de felicidade, passaram por várias lugares e aldeias, chegando a Penedais sem quase darem por isso.

Ti-Rita, mulher bem dura!
Na sua maneira de ser...
Era alguém que raro muda
Tinha uma certa postura
De antes quebrar que torcer.

Como nenhum filho casara
Com a sua bênção e parecer
Nunca as noras aceitara
E até a casa lhes negara
E nunca as quis conhecer

Miguel usava dizer...
Com mágoa no coração:
- Um dia, vai-se arrepender
E até lhes pedirá perdão.

MADALENA EM APUROS

A razão porque Clarinda não ficou em Secas mais tempo, foi por esperar, a qualquer altura, as suas comadres - sempre amigas e bem-vindas. Ali vinham uma vez mais, passar duas semanas com a filha, agora já universitária, uma linda moçoila de dezoito anos.

Madalena e sua mãe, Dionilde, estavam já viúvas. O seu pai tinha morrido, havia dois anos, com problemas cardíacos. E o marido, Paco, ia para quatro. Este fora devido a ter sido picado por um mosquito infectado, numa viagem que fizera a África.

Desde que o pai morrera, Madalena deixara o seu apartamento, e também o ensino, para ir viver com a mãe, e tomar o lugar deixado vazio pelo pai, na fábrica, trabalhando as duas lado a lado.

A doutora Dionilde continuava à frente dos destinos da empresa, sem que nada mudasse com a morte do marido. Os operários sentiram muita pena pelo patrão Amândio, há muito bastante querido por eles, mas não sentiram a sua falta, visto tudo continuar como dantes.

Ela fora o cérebro daquele negócio, e o elemento que criara o bom entendimento com os trabalhadores. E estes continuavam a ter por ela grande respeito, consideração e estima. O mesmo que ela sentia por todos eles. O que os operários mais temiam, era que vendesse a companhia, pois talvez os novos donos não viessem a ter a mesma consideração para com os empregados. Mas, como a filha ali estava, também, isso já os animava.

Lena, criada quase a tempo inteiro com a avó, era uma criança meiga e dócil, tal como o fora antes a sua mãe. Era muito querida e adorada por todos quantos ali trabalhavam.

Tinha quatro anos, quando fora pela primeira vez a Penedais, com a mãe e os avós, aquando do casamento de Clarinda. Quase anualmente ali vinha de visita àqueles irmãos, de quem só a mãe conhecia o parentesco.

Lena era já uma perfeita mulher, e cada vez mais se parecia com Anabela. Eram ambas a cara chapada do pai, coisa que muito preocupava Madalena. Por vezes, até ficava sem saber o que responder, quando lhe diziam elas parecerem irmãs. Razão porque lhe custava deixá-la vir a Penedais.

Mas a filha não desarmava. E, sempre que chegavam as férias, insistia em ir ver os amiguinhos. A mãe, que sabia serem irmãos, também não queria estragar aquela amizade.

Assim se foi habituando aos ditos das aparências, coisa que já pouco a

incomodava. O pior, era quando estavam sós, e a filha lhe fazia perguntas, que a deixavam embaraçada.

- Como é possível eu ser tão aparecida com a Anabela? Até os sinais do corpo são iguais...

- São simples coincidências, minha filha!

- Tem graça... Essa é a mesma resposta que a D. Clarinda dá à filha, quando ela lhe faz perguntas semelhantes!

- Pois é, minha filha! Há muitas pessoas iguais... sem serem nada umas às outras. Às vezes mesmo de diferentes países.

Mas, sempre que possível, fugia a tais perguntas, que não queria, e às quais não estava preparada para responder. Madalena sempre temera o pior.

Lena fizera dezoito anos, era já uma caloiria universitária, bastante inteligente, e dotada de uma forte personalidade. Há muito que a mãe deixara de a olhar como a uma criança, vendo-a mais como uma adulta, uma companheira e uma amiga.

Esta jovem universitária, desde sempre manifestara o seu pesar por não ter irmãos. Motivo porque, quando lhe diziam que ela e Anabela parecerem irmãs gémeas, sentia uma certa felicidade nisso. Agora, uma já com vinte anos e a outra com dezoito, a diferença de idades que as separava, tornava cada vez mais difícil de explicar as suas semelhanças.

As duas moças, além de serem muito amigas, eram também muito iguais: na altura, nos contornos corporais, na beleza das feições, no cabelo, nas atitudes e, finalmente, até nos sinais que uma tinha, e a outra tinha também.

Certa vez, numa praia de Lisboa - quando Anabela ali estivera de férias, em casa de Madalena - uns banhistas que passaram junta da tenda onde elas estavam, até haviam comentado: “Estas duas, ainda que queiram, não podem negar que são gémeas!” Madalena sentiu como que um choque no seu corpo, por temer que outros comentários semelhantes pudessem vir a ser feitos, nessa tarde.

Sentia-se na situação dum criminoso, quando investigado, sem que pudesse fugir à confissão. Mais cedo ou mais tarde, receava que tivesse que revelar a verdade que escondia. Sentia que tinha a obrigação moral de contar tudo à filha, até pela ligação familiar. Eram muitas coincidências juntas. Até aí, felizmente, nunca se constara a mais pequenina coisa, para alimentar os pensamentos ou as vozes dos maldizentes.

Também Clarinda, quando olhava para a filha e para a Lena, as via tão

iguais, que logo lhe saltava à mente algo de misterioso. Mas depressa afastava tal ideia, embora sem desprezar por completo a eventualidade de qualquer ligação afectuosa com o seu ex-marido. Para si, até seria uma alegria, se aquelas duas jovens fossem irmãs. Isso em nada iria diminuir a amizade para com a sua comadre, a quem tanto devia.

Tudo continuava envolto em mistério, mesmo o facto de a terem ido buscar à terra. Mas não queria pensar muito nisso! Se isso fosse realidade, até as tornariam para si ainda mais queridas, por saber que, apesar de tudo, fora ela quem a salvara. Só de estar a pensar nessas coisas, já a faziam sentir-se ingrata, para quem fizera de si uma mulher. Até porque nunca nada vira entre ambos!

Nesse Verão, depois de Anabela ter voltado a Penedais, Lena foi levantar uns retratos que tinham tirado juntas, para lhes enviar. Antes de os fechar no envelope, mostrou-os à mãe:

- Olhe só, como somos parecidas!

- Sim, sois. E muito!

E não passou daí. Mas, concluiu, como o marido já tinha falecido, e não tinha mais família, se ela continuasse a insistir, teria mesmo que lhe revelar esse segredo, que até agora julgara possível guardar apenas para si, visto Justino já ter desaparecido.

Madalena olhou a filha de frente e lembrou-se do seu vigésimo aniversário, feito uma semana atrás. Ela acabava de entrar para o terceiro ano de direito.

Estava diante de uma filha madura e inteligente. Só temia qual seria a sua reacção, quando soubesse não ser filha daquele a quem sempre chamara de pai. Isso até podia mexer com o seu estado psicológico. Era melhor não ter pressa!

Lena acabava de fechar o envelope onde depositara as fotografias e disse à mãe:

- Sabe que a Anabela já namora um rapaz?

- Não sei, não, minha filha!

- E tu, também já tem alguém em vista?

- Por enquanto, ainda não. Mas, segundo o que Anabela me disse, o Amândio quer-me pedir namoro. Só que há qualquer coisa que me diz que eu não devo aceitar!

Madalena, ao ouvir tais palavras, foi como se o chão lhe fugisse debaixo dos pés e caísse numa cratera, sem possibilidades de se poder salvar. Compreendeu que não poderia guardar por mais tempo aquele

segredo. E teria de ser agora mesmo, porque amanhã poderia já ser tarde. Mesmo que a sua avó viesse a saber, depois de conhecer a razão, também não a iria condenar. Ganhou alguma coragem, e começou:

- Diz-me minha filha, tu gostavas mesmo que Anabela fosse tua irmã?

- Se gostava! Tenho tanta pena em ser só!

- Minha querida... então prometes que, se eu te contar um segredo, não vais ficar zangada comigo e nem contas a ninguém?

- Prometo, sim!

- Anabela e Amândio são na realidade teus irmãos! Isto é uma história secreta que, no presente, só eu sei, visto que o vosso pai consta-se ter morrido.

- De certeza, minha mãe?

Lena levantou-se e foi abraçá-la, para a encorajar a contar-lhe tudo.

Madalena começou a expor-lhe toda a verdade:

- Casei com vinte e dois anos, e a coisa que eu mais desejava na vida era ter filhos. Eu queria ser mãe! Mas, apesar de muito tentar, nunca vinham quaisquer sinais de gravidez... A deficiência era de um de nós. Aquele que conhecestes como teu pai - e que na realidade foi um bom pai - dizia não ser culpa dele. E isso ainda mais me entristecia... Depois de três anos sem engravidar, falei-lhe em irmos ao médico, mas ele recusou, dizendo não ser deficiência sua. Certa vez, quando ele andava em viagem, fui consultar um especialista, o qual, depois dos exames, me disse não ver quaisquer razões para eu não conceber filhos. Quando ele chegou, depois de mais uma viagem, teimeei com ele, mas a resposta foi a mesma... A partir daí, nunca mais lhe falei nisso.

Depois de uma pausa, prosseguiu:

- Por mútuo acordo entre nós, ficou decidido que, se não alcançasse uma gravidez até aos trinta anos, adoptaríamos uma criança. Acontece que eu estava com vinte e nove anos, e, duas semanas depois de ele ter partido para mais uma viagem, fui à Santa Casa, para colher informações sobre uma possível adopção. Depois de saber o que pretendia, deixei aquele lugar, mas com uma grande tristeza na alma, porque também queria ser mãe! Era uma mulher saudável, portanto não via razões para que não o pudesse ser. Tal como me dissera o médico, daquela vez. E isso mexeu comigo! Saí daquele lugar, e, ao acaso, olhei a encosta da Mouraria, e o Castelo, que fica ao cimo da colina. Recordei aquele lugar, e o meu primeiro namorico, ali iniciado, quando num passeio organizado pelo liceu. Nada houve entre nós, além do meu primeiro beijo, que demos à

despedida. Mas seria esse o grande amor da minha vida, que o destino insistiu em nos separar. Muitas vezes ia àquele lugar, em especial quando pairava no meu coração a negra dor de não ser mãe. Aquele dia foi o mais doloroso da minha vida! Apanhei um taxi e pedi para que me levasse ao Castelo de S. Jorge. Esse banco, que eu nunca mais esqueci – e onde me costumava sentar - estava ocupado. Dei uma pequena volta, e pouco depois ficou livre. Sentada no banco, ia lendo o jornal, sem que as suas notícias tivessem a prioridade da minha atenção. Esta, estava concentrada no passado, e naquela Misericórdia, que ficava em frente, onde tantas mães iam levar os filhinhos à roda, umas por não os poderem criar, outras porque não os queriam.

E continuou:

- Ao despertar desse sonho, levantei a cabeça e vi um bonito rapaz, no outro banco, em frente ao meu, e apercebi-me de que ele não tirava os olhos de mim. Eu, disfarçadamente, ia fazendo o mesmo, por ele ser tão parecido com esse meu primeiro namorado. Se não soubesse que tinha morrido, até juraria ser ele que estava ali, na minha frente, para aliviar a minha dor. Alguns minutos depois, ele veio junto de mim, e, de maneira correcta e delicada, interpelou-me: “Desculpe... eu penso que conheço a senhora, mas não me lembro de onde!” “Talvez!” - disse-lhe eu. E agora via que até no falar não havia diferença. Era possuidor dum porte fino e de uma grande simpatia. Depois de algumas palavras, perguntou-me se se podia sentar ali. Travámos um pequeno diálogo, onde me disse ser casado e ter a mulher na aldeia. Tinha uma filhita com um ano, e estava à espera de um segundo. Como mulher casada que era, não queria que alguém me visse ali a falar com um homem desconhecido, na ausência do meu marido. Mas, como estava a gostar de ouvir o jovem senhor, disfarcei-me um pouco, com o chapéu e os óculos escuros, para depois o deixar, com a promessa de nos voltarmos a encontrar. Tivemos alguns encontros, sem nada ter havido entre nós, sempre debaixo de muito cuidado e secretismo. Via naquele rapaz as mesmas qualidades daquele outro, que eu nunca pude esquecer na vida, e a sua imagem e simpatia atraíram-me. Depois de o conhecer melhor, meti na minha cabeça a ideia de termos um caso, em altura certa, a fim de conseguir o filho desejado, que o meu marido não me podia dar. Mutuamente concordámos em nada ser revelado deste desajustamento conjugal, e também de nada mais haver entre nós, após uma gravidez confirmada. E foi isso que aconteceu!

Com um suspiro, prosseguiu:

- O teu pai verdadeiro foi um homem de palavra, num segredo que ficou enterrado, até hoje! Esta é a razão porque tu existes... e também porque vós sois irmãos. És tu a única a conhecer este dilema... e espero que nada contes a ninguém... ou só depois da minha morte, a menos que surja qualquer eventualidade. Foi nesse dia feliz, em que eu soube estar grávida e lhe fui dar a novidade, que tive conhecimento de a esposa dele estar à morte, devido ao mau parto do filho. Estava condenada a morrer, por falta de meios e assistência, e sem dinheiro para irem buscar a pobre para um Hospital... Fui eu que tratei secretamente de tudo, e paguei todas as despesas, para que a jovem mãe não morresse com a idade de dezanove anos. Eu e os teus avós, mesmo sem eles nunca sonharem deste caso, é que a orientámos e a auxiliámos nas suas dificuldades. Nunca os deixámos passar miséria. E, como Clarinda é a bondade por excelência, essa é a razão porque sempre fomos tão amigas. Mesmo que um dia ela venha a ser sabedora deste episódio, e da razão porque aconteceu... e que fui eu que estive por detrás dos acontecimentos na sua fatalidade, estou crente que não me condenaria. E continuaria a ser o que sempre tem sido. Aqui tens, minha filha, o que pretendias saber... Tu, a Belita e o Mândio, são de facto irmãos! Se ele te falar para namorarem, terás que te saber desculpar, porque, como acabas de saber, é teu legítimo irmão.

Lena, que tudo ouvira, sem qualquer interrupção, disse:

- Obrigado minha mãe... por tudo o que fez, para me trazer ao mundo. Eles irão saber, em data oportuna, que sou sua irmã! Mas de maneira que isso a não desrespeite, a diminua, ou a humilhe.

Lena levantou-se e foi abraçar a mãe. Sobre a face de ambas escorriam algumas lágrimas de felicidade, ao mesmo tempo que a filha dizia sentir-se muito feliz.

- Que bom é ter mãe e ter irmãos!

- E que bom é ter uma filha, que sabe compreender e agradecer a razão porque existe! Agora prepara as tuas coisas, pois sairemos para Penedais domingo de manhã!

Quando os três membros da família Mingães chegaram a aldeia, o adro estava ainda cheio de gente. A missa tinha acabado havia instantes. Miguel estacionou o carro e ficou ali na conversa, enquanto Clarinda e o filho tomavam o caminho de casa. Este homem tinha sempre quem o quisesse entreter, visto ser estimado por toda a gente e também para obterem algum conselho gratuito.

Poucos minutos depois chegou ali outro carro, que o povo já bem conhecia. Eram a Dra. Madalena e a filha, que vinham, mais uma vez, passar as férias no campo com os amigos. Primeiro faziam a praia e só depois subiam até Penedais. Desta vez, além do condutor, vinha também a Dra. Dionilde, que nunca mais ali voltara, desde a morte do marido. Mas para voltar no dia seguinte.

Não tardou muito para que aparecessem também Anabela e Amândio, que logo abraçaram a amiguinha, a quem a mãe revelara o segredo da sua ligação familiar.

Naqueles três jovens, havia apenas a diferença de um ano entre cada um deles: Bela tinha vinte e dois, Amândio vinte e um e Lena apenas vinte. Mas só as raparigas se pareciam. O rapaz saíra ao lado de Clarinda: era outro Mário Azinhais.

Clarinda, ao saber da chegada das comadres, dirigiu-se também ao adro, para ali as abraçar. Iam já para casa quando o Padre Coimas saiu da Igreja e lhe falou. Esperaram por ele e todos o cumprimentaram, sendo a última a Lena, a quem o Padre logo disse:

- A ti já te falei antes da missa!

- A mim não? - disse Lena - Deve ter sido à Anabela!

- Então, se calhar, foi! É que vós sois tão parecidas, que a gente até vos confunde.

Lena, que já bem conhecia as razões, disse ao Padre e aos restantes:

- Toda a gente que não nos conhece diz que nós somos irmãs. Pois então, já que é assim... a partir de hoje, vamos mesmo considerar-nos como irmãs!

- Está bem contigo, Anabela?

- Para mim, o maior prazer da vida seria ser tua irmã!

- E tu, Mândio?

- Sermos todos irmãos, seria excelente!

E os três abraçaram-se e pediram ao cura, e aos pais, que lhes dessem a bênção. Em jeito de reinação, foram pelo sacerdote abençoados. E, a partir desse momento, passaram-se a tratar por irmãos... mas só mais tarde viriam a saber a realidade.

No decorrer da vida, foram sempre amigos e unidos, quer nos bons, quer nos maus momentos. Com Lena a repartir parte da sua fortuna, não apenas pelos irmãos, mas também pelo irmão dos irmãos, o filho de Clarinda e Miguel.

Elizabete, tal como prometera à cunhada, já tinha o almoço feito, a contar também com as comadres de Clarinda, que há muito faziam parte da família. Assim, todos chegaram a casa, para darem início àquele trabalho, que todos gostam tanto de fazer.

Depois de saborearem o apetitoso repasto, ainda com toda a gente a na mesa, a Dra. Dionilde quis explicar o motivo que ali a trouxera.

Queria pessoalmente congratular Clarinda e família pelos êxitos alcançados e por esses vinte anos de convivência, cheios de tão pura amizade. Para comemorar esse evento tão nobre, fizera, mais a neta, um resumo da vida de Clarinda, em poesia, para lho oferecerem, com todo o carinho e afecto.

Depois disso, a Dra. Dionilde foi buscar uma linda moldura, que levantou bem alto, para a mostrar a todos os presentes, dizendo, em seguida:

- Não há nada mais real que a realidade, e, nestas doze quadras, estão resumidos os pontos mais salientes de um ser humano, quase apanhado por uma morte prematura. E, tal como o seu irmão, condenados às trevas do analfabetismo. Estes são apenas dois exemplos da realidade, de quantas inteligências se perderam, por estas aldeias abandonadas do interior beirão. Foram tantos os que não tiveram a luz da oportunidade, que, tal como a saúde, é um direito que deveria chegar a todos. Penedais pode contar comigo, porque eu estarei sempre convosco.

Deu o quadro a Lena, para ela ler em voz alta o conteúdo daquela poesia, que era o resumo duma história real, vivido por uma das mais dignas mulheres que as Beiras viram nascer.

Contou-me a minha mãe
Aqui passado em Penedais
dum parto que não correu bem
À Clarinda Azinhais.

O primeiro fora tudo normal
No segundo, a pobre coitada
P'ra evitar um pior mal
Teve que ser internada.

Transportada num luar...
Subindo a serra alcantilada
A fim de a poderem levar
Onde já havia uma estrada.

Bem no alto da cordilheira
A ambulância a veio buscar
Com uma jovem enfermeira
Prá doente acompanhar.

Quando já hospitalizada
Num cuidado bem a sério
Estava bem recomendada
Por alguém de que é mistério.

Tinha consigo o menino
E a esperança em se salvar
Talvez por sorte, ou destino
Alguém a foi ali visitar.

Eram duas desconhecidas
Que não mais a abandonaram
Ficando suas amigas
E o seu petiz baptizaram.

Do filho foram padrinhos
E ela, já mais esquecida
Teve conselhos e ensinamentos
Para poder vingar na vida.

Sendo esperta e inteligente
E um coração de bondade
Começou como regente
E acabou na faculdade

E assim lá vão vinte anos...
De amistoso conhecimento
A razão que aqui estamos
Para recordar esse evento.

Mas há mais nesta jornada
O motivo de vos vir ver!
São os quinze anos de casada
Que muito em breve vai fazer.

Mário e Clarinda Azinhais!
Autores de feitos gloriosos
Sois o orgulho de Penedais
Os professores misteriosos!

Ao acabar de ler esta poesia, entregou o quadro a Clarinda, juntamente com um grande abraço. E todos a agraciaram de pé, com uma emotiva ovação, enquanto a Anabela, o Amândio e o irmãozito – o filho de Miguel - se juntaram a Lena e, muito felizes, diziam:

- Que bom é ter uma irmã poeta... e uma irmandade unida!

FIM

POST SCRIPTUM***Agradecimento aos colaboradores desta obra!***

Quero começar por agradecer ao meu familiar e muito querido, Eng^o Carlos Manuel A. Branco, pela boa paginação e o tanto mais posto nesta obra. Ao meu grande amigo Dr. Luís Santos Ferreira, pela sua cuidadosa revisão. Ao meu compadre e sempre amigo Dr. António Lourenço, pelo seu contributo e a sua infindável boa vontade. Ao meu amigo e ex-colega David Carvalho Garcia, autor do Prefácio, por bem saber por nele a ênfase da realidade, do que fora o viver das gentes rurais. Para a minha sempre amiguinha, artista e escritora, Maria Antónia Neves, pelo seu excelente trabalho artístico, posto na figura da capa.

Para todos vós que colaboraste nesta obra vai a minha mais profunda gratidão de agradecimento.

Tal como atrás já se disse, os nomes das personagens, assim como os acontecimentos e lugares que aqui se referem, são totalmente da imaginação do autor. E se nisso houver alguma semelhança com outras pessoas, acontecimentos ou lugares, tratar-se-á de mera coincidência e nada mais.

ÍNDICE

PREFÁCIO	5
O NAMORO DA CLARINDA	8
O CASAMENTO DA CLARINDA	14
O PRIMEIRO DOS DOIS FILHOS	17
UMA SEGUNDA MULHER	24
UMA GRAVIDEZ E UM NASCIMENTO	37
CLARINDA É INTERNADA	42
OS PAIS DE MADALENA	63
O BAPTIZADO DO MENINO	81
MIGUEL... UM DESCONHECIDO	98
CLARINDA NA CIDADE	108
AS DESPEDIDAS	123
ENCONTRO COM NATÉIA	126
DE VOLTA À ALDEIA	129
CLARINDA EM PENEDAIS	134
EMIGRAÇÃO DE JUSTINO	142
DE VOLTA A LISBOA	146
CLARINDA NOVA REGENTE	153
O PRIMEIRO DIA DE ESCOLA	160
O INSPECTOR EM PENEDAIS	170
OS EXAMES	178
CLARINDA A JOVEM VIÚVA	182
O REGIONALISMO E AS ALDEIAS!	185
MIGUEL EM LIBERDADE	187
A FESTA EM PENEDAIS	190
MIGUEL E CLARINDA	202
A OPOSIÇÃO FAMILIAR	216
MARCAÇÃO DO CASAMENTO	224
A APRESENTAÇÃO DE MÉLIA	229
A FORMAÇÃO DE MIGUEL E DAVID	235
O SEGUNDO CASAMENTO DE CLARINDA	237
OS JUNQUEIROS EM NOITE DE FARRA	242
AS DUAS AMIGAS NA CIDADE	249
TI-RITA NO HOSPITAL	253
REUNIFICAÇÃO FAMILIAR	262
MADALENA EM APUROS	275
POST SCRIPTUM	285

A Cozinha nas aldeias!

Sobre pedra da lareira
Logo pela manhãzinha
Era acesa a fogueira
Que só findava à noitinha.

De ferro haviam panelas
Duas, três e até mais...
Faziam a comida nelas
Para humanos e animais.

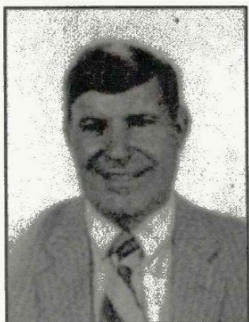
Na trempe do “caldeirão”
Uma caçarola fervia...
O segunda da refeição
Em dias que o havia...

As nuvens do fumo pairavam...
Enfuscando paredes e taipais
As mulheres os olhos limpavam
À barra dos seus aventais.

Nos assentos de tabuados
Sobre uma mesa tripeça
Em pratos velhos já rachados
Comia-se o caldo à pressa.

Pela noite, depois da ceia
Com o sono já a espreitar
À luz mortiça da candeia
A longa reza tinha lugar.

A Deus e Santos pediam...
E a algum anjo querubim
Mas pouco depois adormeciam
Sem a reza chegar ao fim!...



ANTÓNIO DOS SANTOS VICENTE

Nasceu na antiga Vila de Fajão, do concelho de Pampilhosa da Serra, situada na encosta norte da Cordilheira Estrela-Lousã, debruçada ao norte sobre o rio Ceira. É filho de uma das famílias mais pobres e numerosas da região.

Deixou a escola aos onze anos, apenas com a terceira classe, para seguir a vida de pastor. Profissão que desempenhou até cerca dos quinze anos. Nas altas vertentes desses lugares, a norte a perder de vista o Rio Ceira, e ao sul os enormes valeiros do Vidual - a sumirem-se nas profundezas da albufeira da Santa Lusía - ali pastoreou os rebanhos à sua guarda, tanta vezes sofrendo a dor do frio e da fome.

Calcorreou as pedras e penedos agrestes desses montes, umas vezes gelados, outras escaldantes do calor. Assim como os caminhos escabrosos neles rasgados, já gastos e polidas pela passagem de muares e humanos, que por séculos e gerações os utilizaram.

Ficou orfão de pai aos doze anos, e como um dos mais velhos duma família de treze, aos 15 migrou para Lisboa, onde se ocupou como marçano e depois caixeiro. Conheceu toda a espécie de patrões exploradores, sem escrúpulo nem consciência, negando por vezes os proventos do seu trabalho. E assim se manteve até à ida para militar.

Depois deste dever cumprido, ingressou na companhia Carris, onde veio a ser motorista dos autocarros. E por ter desejo em obter um pouco mais de instrução, matriculou-se num colégio, passando a ser trabalhador estudante.

O seu dom de palavra, facilidade de escrita, e espírito colectivista, em breve se tornou conhecido na classe, que logo o escolheram para lider, cargo que desempenhou com zelo, justiça e dignidade. Muitas coisas se conseguiram com a sua luta presistente, e outras ficaram a meio, por ter que fugir à repressão da Pide que o perseguia. O Canadá foi o país de acolhimento.

Nesse país, com princípios bastante difíceis, aprendeu a língua, e tirou alguns cursos, entre outros, contabilidade e navegação. Veio a ser piloto dum barco de carga e passageiros no Lago Ontário, ao serviço daquele governo.

Tal como fizera em Portugal, lutou sempre contra as injustiças, opondo-se à exploração, defendendo os fracos indefesos. Tal como o prova o seu livro, “Vida Difícil do Emigrante”.

Além desta obra “Professores Misteriosos”, é também autor de: “Vida e Tradições nas Aldeias das Beiras”; “Vida Difícil do Emigrante” e “Serras Altas Descampadas”.